

Educar para uma paz



desarmada e desarmante

Diego Antonio Pineda R.





Educar para uma paz

desarmada e desarmante



Educar para uma paz desarmada e desarmante

© 2026 Fundação Santillana Brasil, Rua Padre Adelino, 758, Belenzinho, São Paulo, SP, CEP 03303-000, Brasil, para a tradução em português.

© 2026 Santillana Educación México, S. A. de C. V. Avenida Río Mixcoac 274, 3º andar, Acacias, C. P. 03240, Benito Juárez, Cidade do México, para a edição em espanhol.

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

FUNDAÇÃO SANTILLANA BRASIL

DIRETOR-EXECUTIVO
Luciano Monteiro

DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS
André Lázaro

GERENTE DE PROJETOS
Karyne Alencar Castro

ASSISTENTE
Geane Caroline Costa Silva

TRADUÇÃO
Sandra Possas

SANTILLANA EDUCAÇÃO

DIRETORA DE RELACIONAMENTO — ESCOLAS CONFESSIONAIS
Janaína Pinto Paim

ASSESSOR NACIONAL — ESCOLAS CONFESSIONAIS E REVISOR TÉCNICO
Teogenes Brito

ANEC
PRESIDENTE
Ir. Irani Rupolo

PRESIDENTE DA CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA
Ir. Adair Aparecida Sberga

PRODUÇÃO EDITORIAL
COORDENAÇÃO E EDIÇÃO
Ana Luisa Astiz / ALVA Studio

PREPARAÇÃO
Marcia Menin

REVISÃO
Aline Graça

DIAGRAMAÇÃO
Walkyria Garotti

IMPRESSÃO
LOTE
CÓDIGO

EDIÇÃO ORIGINAL EM ESPANHOL

SANTILLANA EDUCACIÓN MÉXICO

AUTORIA
Diego Antonio Pineda R.

EDIÇÃO
Zamnâ Heredia Delgado

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Ornela Osorio Osornio

REVISÃO EDITORIAL
Alan Esbri Cruz Barrera
Mauricio Rafael del Río Martínez

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO
Catalina Schroeder Torres
Ricardo Sánchez Muñoz

BANCO DE IMAGENS
Getty Images

SECRETARIA-GERAL DA CIEC
Óscar Armando Pérez Sayago

NOTAS

Os trechos de mensagens, discursos, homilias, cartas apostólicas e demais pronunciamentos e documentos pontifícios reproduzidos neste material foram extraídos do site oficial da Santa Sé em português: <https://www.vatican.va/content/vatican/pt.html>. Por concisão, adotamos como padrão nesta obra o masculino para aluno, professor, educador e gestor, mas sempre nos referimos a alunas e alunos, professoras e professores, educadoras e educadores e gestoras e gestores. Todos os links para referências externas estavam ativos no momento de fechamento da edição original em espanhol. No entanto, com o passar do tempo, esses endereços podem sofrer alterações pelas quais a Fundação Santillana não se responsabiliza. Distribuição gratuita.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

R., Diego Antonio Pineda
Educar para uma paz desarmada e desarmante /
Diego Antonio Pineda R. -- 1. ed. -- São Paulo :
Fundação Santillana, 2026.

ISBN 978-85-63489-65-4

1. Cultura de paz 2. Educação 3. Humanidade (Moral) -
Aspectos religiosos - Cristianismo 4. Mudança social 5. Sociedade
I. Título.

26-391677.0

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação para a paz 370.115
Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Peço às comunidades educativas: desarmai as palavras, levantai o olhar, guardai o coração. Desarmai as palavras, porque a educação não avança com a polêmica, mas com a mansidão que escuta. Levantai o olhar. Como Deus disse a Abraão: “Levanta os olhos para o céu e conta as estrelas” (*Gn 15,5*): sabeis perguntar-vos para onde estais a caminhar e por quê. Guardai o coração: a relação vem antes da opinião, a pessoa antes do programa. Não desperdiceis tempo nem oportunidades: “citando uma expressão agostiniana: o nosso presente é uma intuição, um tempo que vivemos e do qual devemos aproveitar antes que nos escape das mãos” [D. ROBERT F. PREVOST, O.S.A., *Mensagem à Universidade Católica Santo Turíbio de Mogrovejo por ocasião do XVIII ano de fundação* (2016)]. Para concluir, queridos irmãos e irmãs, faço minha a exortação do Apóstolo Paulo: brilhai como astros no mundo; conservai a palavra da vida” (cf. *F/2,15-16*).

Papa Leão XIV: carta apostólica
“Traçar novos mapas de esperança”, 11.2

Sumário

Introdução	6
Apresentação - ÓSCAR ARMANDO PÉREZ SAYAGO	14
Um dispositivo para o desarmamento - EMILCE CUDÁ	15
Apresentação - MONS. LIZARDO ESTRADA HERRERA	16
Carta de MARÍA INÉS CASTELLARÓ	17
Atividades para crianças de 5 a 8 anos	18

Paz 1

O poder da transparência: <i>a história de "Tiago de Cristal"</i>	20
--	----

Paz 2

A alegria faz tudo florescer: <i>a história do jardim do Gigante</i>	36
---	----

Paz 3

Momentos para a paz: <i>a queda-d'água</i>	52
--	----

Paz 4

Como um país se une por meio do esporte: <i>Nelson Mandela e o jogo de rúgbi</i>	68
Atividades para crianças de 9 a 12 anos	84

Paz 5

Entrevista com alguém que luta pela paz	86
---	----

Paz 6

Os dilemas de Alexei	102
----------------------------	-----

Paz 7

Planejar para a paz 118

Paz 8

A utopia da paz: *Martin Luther King* 134

Atividades para jovens de 13 a 16 anos 152

Paz 9

A atrocidade da guerra: *a história de Anne Frank* 154

Paz 10

É covarde quem não se defende quando
alguém o agride? 170

Paz 11

O poder do silêncio e da meditação:
a contemplação de um fenômeno natural 186

Paz 12

Construir, em uma cidade violenta,
uma casa para a paz 206

Paz 13

Montagem de uma peça teatral sobre a paz:
adaptação da comédia A Paz, de Aristófanes 220

Paz 14

Montagem de uma atividade artística compartilhada:
*apresentação dos docentes para
um "Dia da Paz"* 230

Introdução

Buscar a paz, alcançar a paz e fazer as pazes são ações imperativas às quais nós, cristãos, e todos os homens de boa vontade aderimos. Os seguidores de Cristo somos, e devemos ser, necessariamente, pessoas de paz, isto é, pessoas que vivem pacificamente em todas as suas relações com o ambiente físico e humano e que promovem a paz em todas as suas ações. E isso porque não apenas Jesus Cristo foi um homem de paz (“Deixo-vos a paz, eu vos dou a minha paz”, diz-nos em João 14,27), mas porque Ele próprio, ao enviar seus discípulos para transmitir sua mensagem aos homens de todos os lugares e de todos os tempos, insistiu para que levassem a paz a toda parte (Lucas 10,1-12).

O Papa Leão XIV, em seu primeiro discurso como Sumo Pontífice, deixou claro que também desejava ser um homem de paz e que sua missão seria levá-la a todos os cantos do mundo. Estas são suas palavras iniciais, pronunciadas da sacada da Basílica de São Pedro:

A paz esteja com todos vós! Caríssimos irmãos e irmãs, esta é a primeira saudação de Cristo Ressuscitado, o Bom Pastor, que deu a vida pelo rebanho de Deus. Também eu gostaria que esta saudação de paz entrasse no vosso coração, chegasse às vossas famílias, a todas as pessoas, onde quer que se encontrem, a todos os povos, a toda a terra. A paz esteja convosco! Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz que desarma, que é humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente.

Desde o primeiro dia de seu pontificado, ele tem dado demonstrações de que a conquista da paz entre as pessoas e os povos é a prioridade que orienta todos os seus pensamentos, ensinamentos e ações. No entanto, e como ele próprio indica em sua carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança”, essa ênfase na paz estabelece uma continuidade com os propósitos do Pacto Educativo Global do Papa Francisco. Não é de estranhar que assim seja, pois a paz e a educação são como as duas faces de uma mesma moeda: se queremos alcançar a paz, precisamos de uma educação que forme nossas mentes, nossos corações e nossas mãos para a construção da paz na vida cotidiana; e, se nos educamos, é justamente porque ela é a condição para que os conflitos que temos entre os seres humanos e com a própria natureza sejam resolvidos de maneira razoável e pacífica. Recorda-nos o Papa:

Esquecer a nossa humanidade comum gerou divisões e violências; e quando a terra sofre, são os pobres que mais sofrem. A educação católica não pode ficar calada: deve unir justiça social e justiça ambiental, promover sobriedade e estilos de vida sustentáveis, formar consciências capazes de escolher não apenas o conveniente, mas o justo. Cada pequeno gesto — evitar o desperdício, escolher com responsabilidade, defender o bem comum — é alfabetização cultural e moral. A responsabilidade ecológica não se esgota em dados técnicos. Estes são necessários, mas insuficientes. É necessária uma educação que envolva a mente, o coração e as mãos; novos hábitos, estilos comunitários, práticas virtuosas. A paz não é ausência de conflito: é força suave que rejeita a violência. Uma educação para a paz “desarmada e desarmante” ensina a depor as armas da palavra agressiva e do olhar que julga, para aprender a linguagem da misericórdia e da justiça reconciliada (Papa Leão XIV, carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança”, 7.2 e 7.3).

Dando continuidade ao caminho aberto pelo Papa Francisco e pelo Pacto Educativo Global proposto por ele, o Papa Leão XIV apresenta três novas prioridades que devem orientar o rumo educacional da Igreja: o cultivo da vida interior, a humanização do mundo digital e a formação dos seres humanos para viver uma paz desarmada e desarmante. Recordemos as palavras do Papa Leão:

Entre as estrelas que orientam o caminho está o Pacto Educativo Global. É com gratidão que acolho esta herança profética, confiada a todos nós pelo Papa Francisco. Trata-se dum convite a estabelecer alianças e redes para educar à fraternidade universal. Os seus sete caminhos continuam a ser a nossa base: colocar a pessoa no centro; ouvir as crianças e os jovens; promover a dignidade e a plena participação das mulheres; reconhecer a família como primeira educadora; abrir-se ao acolhimento e à inclusão; renovar a economia e a política a serviço do humano; cuidar da casa comum. Estas “estrelas” inspiraram escolas, universidades e comunidades educativas em todo o mundo, gerando processos concretos de humanização (Papa Leão XIV, carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança”, 10.1).

E acrescenta:

Às sete vias, acrescento três prioridades. A primeira diz respeito à vida interior: os jovens pedem profundidade; são necessários espaços de silêncio, discernimento, diálogo com a consciência e com Deus. A segunda diz respeito ao digital humano: formemos para o uso sábio das tecnologias e da IA, colocando a pessoa antes do algoritmo e harmonizando as inteligências técnica, emotiva, social, espiritual e ecológica. A terceira diz respeito à paz desarmada e desarmante: eduquemos para linguagens não violentas, para a reconciliação, para a construção de pontes e não de muros; “Felizes os pacificadores” (Mt 5,9) torne-se o método e o conteúdo da aprendizagem (Papa Leão XIV, carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança”, 10.3).

Este livro — continuação de outras duas edições publicadas pela Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC) e pela Santillana em 2022 e 2024* — reúne a terceira das prioridades estabelecidas pelo Papa Leão XIV: educar para “uma paz desarmada e desarmante”. Como nas edições anteriores, busca oferecer um conjunto de experiências e ferramentas que sirvam a esse propósito fundamental e que possam ser utilizadas em diversos contextos educativos: a sala de aula, os momentos de descanso, a interação em família, com amigos, nos diferentes ambientes do país em que vivemos e nas situações de contato com a natureza.

Antes de entrar nos aspectos pedagógicos desta obra, considero necessário dar sentido à expressão elaborada pelo Papa Leão XIV: “paz desarmada e desarmante”. Não se trata apenas de uma expressão retórica, válida somente por sua sonoridade e beleza; há por trás dela uma profundidade muito maior. Para compreender seu significado, convido o leitor a ler atentamente um dos relatos mais belos que podemos encontrar entre os escritos espirituais dos grandes santos da Igreja. Refiro-me à “Florinha XXI”, pertencente às *Florinhas de São Francisco de Assis*, na qual é narrado o encontro desse santo com o lobo de Gúbio, que assolava aquela região da Itália. A grande literatura também imortalizou essa passagem por meio de um dos mais belos poemas da língua espanhola: *Los motivos del lobo*, do grande poeta nicaraguense Rubén Darío. Pode-se encontrar a “Florinha XXI” como anexo ao final desta introdução.

Tentarei, a seguir, oferecer uma explicação da expressão papal com base nesse belo texto da tradição cristã.

* Referimo-nos a *Herramientas pedagógicas para reconstruir el Pacto Educativo Global* (Bogotá, CIEC-Santillana, 2022) e *Creo en el Pacto Educativo Global* (Buenos Aires, CIEC-Santillana, 2024), disponíveis para uso livre dos educadores no site da CIEC. Para melhor compreensão dos propósitos e ferramentas pedagógicas dessas publicações, recomendamos a leitura das respectivas introduções, nas quais são amplamente explicados, visto que aqui não nos aprofundaremos neles.

O relato narra como uma terrível fera vinha assolando toda uma região, devorando tanto outros animais quanto os próprios homens, os quais eram obrigados a viver armados para se defenderem a qualquer momento inesperado. “Todos saíam armados quando deixavam a cidade, como se fossem para a guerra”, conta-nos o autor das *Florinhas*. Porém, tal como expressa tão belamente em seu “Cântico das criaturas”, Francisco era o mais pacífico dos homens, aquele que via todas as criaturas (o sol, a lua, a água, o fogo, os animais e as plantas) como suas irmãs. Assim, diferentemente de todos os demais, Francisco não carrega armas e enfrenta um ser armado com garras e dentes, capaz de destruir e matar animais e pessoas... Apesar de tudo, ele não leva nada com que agredir aquele que lhe possa causar violência. No entanto, Francisco conta com uma proteção, segundo nos diz o cronista: “E, fazendo o sinal da cruz, saiu da cidade com seus companheiros, colocando toda a sua confiança em Deus”.

Estamos, pois, diante de uma *paz desarmada*, isto é, de uma paz que nunca recorre às armas, que não se sustenta na força violenta e, sobretudo, que não acredita no poder das armas. Trata-se de algo que vai além de uma paz política, aquela que é alcançada depois de uma longa guerra em que pessoas e povos, após anos destruindo-se e matando-se, assinam um acordo para não se agredirem nos anos seguintes e que, com frequência, dura somente o tempo necessário para recuperar forças e retomar a batalha. A paz que São Francisco nos ensina e que o Papa Leão XIV nos propõe é algo muito mais profundo e integral, pois não busca apenas evitar a destruição causada pela guerra; é um convite a viver em harmonia com o ambiente físico e social em que nossas vidas se desenvolvem, um convite a viver em comunhão com a natureza (a terra, a água, as plantas, os animais), com os demais seres humanos e com o próprio Deus.

São Francisco pode renunciar ao uso das armas porque está armado com algo muito mais poderoso do que aquilo que é capaz unicamente de destruir o outro. Suas armas são a fé, a esperança e o amor que sente por todas as criaturas e criações de Deus, inclusive pelo “irmão lobo”. Quando a fera o recebe com a boca aberta, Francisco apenas lhe diz: “Vem aqui, irmão lobo! Eu te ordeno, em nome de Cristo, que não faças mal nem a mim nem a ninguém”. Dessa forma, e contra todas as expectativas, o lobo fecha a boca, deixa de correr e se deita a seus pés. Por que é possível que algo tão milagroso aconteça? Por uma única razão: Francisco exala paz por todos os seus poros, pois sua paz não é somente um pacto de não agressão; é um sentimento que brota de todo o seu ser, de seu corpo, coração e mãos.

A “paz desarmada e desarmante” é, portanto, o resultado de uma profunda paz interior. Ela não vem de fora de nós mesmos; não está nas pedras nem nas árvores; não é resultado de armistícios ou anistias; não provém de deter tanques nem de silenciar fuzis. Ela surge do cultivo da interioridade; é fruto de homens e mulheres que, dia após dia, promovem relações harmoniosas com seu ambiente natural, enfrentam conflitos sem recorrer à vingança, são capazes de perdoar e buscam sempre reparar as injustiças cometidas. A autêntica paz não vem de fora de nós; ao contrário, irradia-se do interior de nosso ser para os demais seres e objetos. Mahatma Gandhi dizia: “Não há caminho para a paz; a paz é o caminho”. Ou seja, a paz não é o resultado de fazer muitas coisas, de estabelecer metas que nos conduzam ao alcance de um objetivo; a paz é o próprio caminho, o método, o modo de ser, a rota que devemos seguir. Não se trata de realizar coisas para alcançar a paz, e sim de viver em paz com tudo e com todos: o ambiente, os outros, nós mesmos e Deus.

Alguém que cultiva a paz interior não se deixa intimidar pelas armas. Assim acontecia com Gandhi, que não se amedrontava diante do exército imperial britânico, e com Mandela, que suportou com extraordinária fortaleza muitos anos de prisão sem permitir que seu coração se ressentisse ou se enchesse de ódio. O mesmo ocorreu com Francisco, que não se deixou

intimidar pelo lobo que o recebeu com suas ferozes mandíbulas abertas. Ele falou à fera com profunda tranquilidade, e esta compreendeu sua mensagem, não pelo conteúdo das palavras, mas pela paz que carregavam. Então o lobo respondeu em sua linguagem animal: “Diante dessas palavras, o lobo, com movimentos do corpo, da cauda e das orelhas, e abaixando a cabeça, demonstrava aceitar e querer cumprir o que dizia São Francisco”. Esse gesto revela, por sua vez, a simplicidade do animal e a pureza de seus atos. Como diz o poema de Rubén Darío em uma de suas passagens mais belas: “a alma simples da besta é pura”. As armas que o lobo usava contra os demais não funcionam com Francisco, não apenas porque este não demonstra temor mesmo estando desarmado, mas porque o desarma com sua bondade e simplicidade e, sobretudo, porque transforma a maneira como a própria besta se percebe: ela já não será “o lobo feroz” das fábulas infantis; a partir de agora será o “irmão lobo”.

Esta é precisamente a paz desarmante: aquela que desarma quem está armado, mas o faz, mais uma vez, sem recorrer às armas; aquela que fortalece o desarmado, porque este se sente forte ao estar interiormente fortalecido. É a paz dos corajosos, não a daqueles que não temem nada (estes são apenas temerários), mas a daqueles que, mesmo sentindo medo — como é próprio da condição humana —, são capazes de agir com firmeza e determinação guiados por uma causa justa. O homem justo não busca derrotar seu inimigo a qualquer custo, tampouco destruí-lo; busca sua conversão. O homem justo não apela à própria fraqueza, mas a seu senso de justiça e de modéstia. Uma paz desarmante volta-se mais para o futuro do que para o passado e não busca vingança nem recompensa, mas a possibilidade de que aqueles que antes foram inimigos possam viver hoje e amanhã como irmãos que se aceitam e se compreendem em suas diferenças. Uma paz desarmante inspira-se nos princípios do amor ensinados por São Paulo: “O amor é paciente, é prestativo, não é invejoso nem se vangloria, não é orgulhoso nem age com grosseria, não busca os próprios interesses, não se irrita, mas deixa para trás as ofensas e as perdoas; nunca se alegra com a injustiça e sempre se alegra com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo persevera” (I Coríntios 13,4-7).

No entanto, a paz desarmada e desarmante não é apenas um princípio abstrato. Ela deve conduzir a acordos que construam bases materiais. São Francisco compreende que o lobo não mata por prazer, mas por fome, e, por isso, entende que ele só poderá deixar de fazê-lo se os habitantes do povoado de Gúbio se encarregarem de sua alimentação. Propõe então ao lobo que, se ele deixar de perseguir as pessoas e o gado, os habitantes cuidarão dele; em seguida, pede-lhe que levante a pata dianteira como sinal de aprovação do acordo estabelecido. Depois de selar o pacto de paz com o lobo, Francisco o ratifica diante de todos os habitantes da cidade, reunidos na praça central.

A paz desarmada e desarmante de que nos fala o Papa Leão XIV concretiza-se na busca de acordos com implicações concretas na vida das pessoas. Não bastam documentos e gestos, embora sejam muito importantes; são necessários acordos e compromissos efetivos que permitam construir uma paz estável e duradoura, que não se rompa quando surgirem novas injustiças e novas formas de violência. Como diz o Papa Leão XIV: “Se queres a paz, prepara instituições de paz”. A tarefa de todos os cidadãos é precisamente construir todo tipo de instituições que levem à paz possível e sustentável: econômicas, políticas, militares, sociais, culturais e, sobretudo, educativas.

Educar para uma paz desarmada e desarmante: eis nossa tarefa como educadores católicos. Para isso, precisamos diariamente de novas experiências e ferramentas. Além daquelas incluídas nas publicações antes mencionadas, inspiradas no Pacto Educativo Global, as que são oferecidas neste livro têm como núcleo inspirador a ideia de uma “paz desarmada e desarmante”, sugerida pelo Papa Leão XIV e respaldada por muitos séculos de história e espiritualidade cristãs.

Desenvolvemos aqui quatorze experiências distribuídas em quatro seções básicas, três delas determinadas pela idade dos alunos, e uma, pelo papel dos membros da escola. As quatro primeiras experiências destinam-se ao trabalho com crianças de 5 a 8 anos; outras quatro são dirigidas a estudantes de 9 a 12 anos; e outras quatro, a jovens de 13 a 16 anos. A essas doze experiências foram acrescentadas, nesta edição, duas novas: uma voltada para grupos de estudantes, e outra, para professores. Estas últimas são atividades dirigidas ao conjunto da instituição educativa como preparação para a celebração de um “Dia da Paz”.

As doze primeiras experiências estão organizadas em três partes:

- 1. Ferramenta específica para utilização com os estudantes, correspondente a uma das oito com as quais vimos trabalhando nas edições anteriores (narrativas, entrevistas, histórias inspiradoras, exercícios de observação e contemplação, enigmas lógicos, dilemas éticos, folhas de valores e propostas de desafios), nas quais também se explicam seus significados e metodologias.**
- 2. Seção dirigida aos professores, contendo: uma fundamentação do sentido da atividade — e vinculando o trabalho realizado à ideia da “paz desarmada e desarmante” do Papa; uma apresentação tanto da atividade quanto da ferramenta a ser utilizada; e orientações pedagógicas que apoiem os docentes no momento de realizar essas experiências com crianças e jovens.**
- 3. Exercícios e atividades complementares, que incluem: histórias valiosas e memoráveis; textos para leitura; canções e poemas para aprender, recitar ou cantar; e atividades de busca, reflexão e discussão que podem ajudar a complementar o trabalho realizado.**

Nesta ocasião, duas das novidades introduzidas (as experiências 13 e 14) são atividades a serem desenvolvidas pela instituição educativa como um todo, e não para o trabalho em sala de aula ou extracurricular (com a família, amigos, em ambientes naturais etc.). A experiência 13 foi concebida para ser realizada por grupos de estudantes e propõe a montagem de uma peça teatral cujo tema é a paz. A experiência 14 sugere a participação dos professores — embora possa ser ampliada para todos os membros da comunidade educativa: estudantes, professores, gestores, equipe administrativa, ex-alunos, familiares/responsáveis e até convidados especiais — e consiste em uma espécie de “festival de artes pela paz”, no qual se convida a celebrar a paz por meio de diversas manifestações artísticas.

Outra novidade desta edição é o uso de uma estrutura poética muito particular dos países latino-americanos: a décima, composta por dez versos octossílabos com rimas consonantes. Essa estrutura tem sido utilizada durante séculos em muitas obras literárias como estratégia de composição de canções e em festivais de improvisação. Aqui ela é retomada de duas formas: por um lado, no início de cada experiência há uma décima que resume seu conteúdo; por outro, na experiência 14 propõem-se algumas “décimas da paz” como contribuição para um festival de artes pela paz, as quais estudantes e professores poderão recriar de diversas maneiras: em vídeo ou podcast, musicando-as, recitando-as com música de fundo ou utilizando o formato ou estratégia criativa que o grupo sugerir.

Devemos recordar aqui, mesmo que brevemente, algumas das características das ferramentas utilizadas nesta obra:

- 1.** Mais do que fornecer informação ou conhecimento, elas visam promover o crescimento pessoal e interpessoal dos estudantes, inclusive quando articulam competências específicas de algumas áreas do conhecimento, como matemática ou ciências sociais.
- 2.** Buscam propiciar a participação ativa e o compromisso de crianças e jovens, por meio de atividades que fomentem investigações, discussões e ações que os levem a questionar suas formas de vida e seus costumes.
- 3.** Geram experiências que, além das atividades próprias da sala de aula, possam ser utilizadas pelos alunos em outros ambientes: relações familiares, momentos de descanso, encontros com amigos, contato com a natureza etc.
- 4.** Procuram fazer com que os acontecimentos sejam vistos da perspectiva daqueles que são vítimas de injustiça, dos vulneráveis e marginalizados, pois se trata de desenvolver uma atitude fraterna e solidária em relação aos mais frágeis.
- 5.** Expressam uma visão integral da paz, pois não se concentram apenas na paz entre pessoas e comunidades humanas, mas também na relação pacífica das pessoas com a natureza, consigo mesmas, com os demais seres humanos e com Deus. A visão de paz aqui apresentada é aquela expressa sobretudo em alguns dos textos mais famosos de São Francisco de Assis, particularmente em seu “Cântico das criaturas”.
- 6.** Em consonância com essa visão integral da paz, as experiências, atividades e ferramentas aqui oferecidas, embora elaboradas de uma perspectiva concreta — a dos cidadãos e povos latino-americanos hispanofalantes —, são concebidas com base na convicção de pertencermos a uma cultura universal que convoca pessoas e povos de todo o mundo. Por isso, foram construídas de uma perspectiva internacional, inter-racial, interdisciplinar, inter-religiosa e intercultural.

Naturalmente, todas essas experiências e ferramentas serão mais bem aplicadas e aproveitadas na medida em que despertarem as capacidades criativas de professores e estudantes, que serão seus intérpretes mais autorizados. Elas são oferecidas aqui como possibilidades e propostas que podem ser enriquecidas com experiências, habilidades e recursos próprios.

A criatividade é uma condição indispensável e constitui a melhor contribuição que podemos oferecer para a construção de uma paz desarmada e desarmante em nossos ambientes educativos.

Diego Antonio Pineda R.

Professor da Universidade de La Salle (Bogotá) e da Universidade de Antioquia (Medellín)
Diretor do Departamento de Filosofia, Arte e Letras da Universidade de La Salle.

Florinha XXI

Como São Francisco amansou, por virtude divina, um lobo ferocíssimo

No tempo em que São Francisco de Assis morava na cidade de Gúbio, apareceu na região um enorme lobo, terrível e feroz, que não apenas devorava os animais, mas também os homens; a tal ponto que havia aterrorizado todos os habitantes, pois muitas vezes se aproximava da cidade. Todos saíam armados quando deixavam a cidade, como se fossem para a guerra; e, ainda assim, quem se encontrava sozinho com ele não conseguia defender-se. Era tão grande o terror que ninguém se atrevia a sair da cidade.

São Francisco, movido pela compaixão para com o povo, quis sair para enfrentar o lobo, ignorando os conselhos dos habitantes, que tentavam de todas as formas dissuadi-lo. E, fazendo o sinal da cruz, saiu da cidade com seus companheiros, colocando toda a sua confiança em Deus. Como os companheiros hesitassem em prosseguir, São Francisco encaminhou-se resolutamente para o lugar onde estava o lobo. E eis que, à vista de muitos habitantes que haviam seguido em grande número para testemunhar esse milagre, o lobo avançou ao encontro de São Francisco com a boca aberta. Aproximando-se dele, São Francisco fez-lhe o sinal da cruz, chamou-o para junto de si e disse:

— Vem aqui, irmão lobo! Eu te ordeno, em nome de Cristo, que não faças mal nem a mim nem a ninguém.

Que coisa admirável! Mal São Francisco traçou o sinal da cruz, o terrível lobo fechou a boca, deixou de correr e, obedecendo à ordem, aproximou-se mansamente, como um cordeiro, e deitou-se aos pés de São Francisco. Então, São Francisco falou-lhe nestes termos:

— Irmão lobo, tu estás causando danos nesta região; tens provocado enormes males, maltratando e matando as criaturas de Deus sem sua permissão. E não te contentaste em matar e devorar os animais, mas tiveste a ousadia de matar e causar dano aos homens, feitos à imagem de Deus. Por tudo isso, mereceste a força como ladrão e homicida perverso. Todo o povo clama e murmura contra ti, e toda a cidade é tua inimiga. Mas eu quero, irmão lobo, fazer as pazes entre ti e eles, de modo que não os ofendas mais no futuro, e que eles te perdoem todas as ofensas passadas, deixando de perseguir-te, tanto os homens quanto os cães.

Diante dessas palavras, o lobo, com movimentos do corpo, da cauda e das orelhas, e abaixando a cabeça, demonstrava aceitar e querer cumprir o que dizia São Francisco. Este então lhe disse:

— Irmão lobo, já que concordas em firmar e manter esta paz, eu prometo fazer com que o povo da cidade te forneça continuamente tudo de que necessitares enquanto viveres, para que nunca mais passes fome; porque sei muito bem que foi por fome que praticaste todo o mal que praticaste. Mas, depois que eu te conseguir esse favor, quero, irmão lobo, que me prometas que não farás mais mal a nenhum homem do mundo nem a nenhum animal. Prometes isso?

O lobo, inclinando a cabeça, deu claramente a entender que o prometia. São Francisco lhe disse:

— Irmão lobo, quero que me dês uma prova dessa promessa, para que eu possa confiar plenamente em ti.

São Francisco estendeu a mão para receber essa garantia, e o lobo levantou a pata dianteira e a colocou mansamente sobre a mão de São Francisco, dando-lhe o sinal de confiança que ele lhe pedia. Então São Francisco lhe disse:

— Irmão lobo, eu te ordeno, em nome de Jesus Cristo, que venhas agora comigo sem temor algum; vamos concluir esta paz em nome de Deus.

O lobo, obediente, seguiu com ele como um manso cordeiro, em meio ao espanto dos habitantes. A notícia espalhou-se rapidamente por toda a cidade; e todos, grandes e pequenos, homens e mulheres, jovens e idosos, correram à praça para ver o lobo com São Francisco. Quando todo o povo já estava reunido, São Francisco levantou-se e lhes dirigiu uma pregação, dizendo, entre outras coisas, como Deus permite tais calamidades por causa dos pecados; e que se deve temer muito mais o fogo do inferno, que há de durar eternamente para os condenados, do que a ferocidade de um lobo, que só pode matar o corpo. E, se a boca de um pequeno animal inspira tanto medo e terror a tantas pessoas, quanto mais terrível não será a boca do inferno. “Convertei-vos, pois, a Deus, caríssimos, e fazei penitência por vossos pecados, e Deus vos livrará do lobo no presente e do fogo infernal no futuro.”

Terminada a pregação, São Francisco disse:

— Escutai, meus irmãos: o irmão lobo, que está aqui diante de vós, prometeu-me e deu-me sua palavra de fazer as pazes convosco e de não vos causar dano algum daqui em diante, desde que vos comprometais a dar-lhe diariamente aquilo de que necessita. Eu me faço fiador dele e garanto que cumprirá fielmente sua parte no acordo de paz.

Então todo o povo, em uma só voz, prometeu alimentá-lo continuamente. E São Francisco disse ao lobo, diante de todos:

— E tu, irmão lobo, prometes cumprir para com eles o acordo de paz, isto é, que não farás mal nem aos homens, nem aos animais, nem a criatura alguma?

O lobo ajoelhou-se e abaixou a cabeça, demonstrando, com gestos mansos do corpo, da cauda e das orelhas, da maneira que lhe era possível, sua vontade de cumprir todas as condições do acordo. Acrescentou São Francisco:

— Irmão lobo, quero que, assim como me deste garantia dessa promessa fora dos muros da cidade, tornes agora a dá-la diante de todo o povo, para que eu não seja enganado na palavra que dei em teu nome.

Então o lobo, levantando a pata direita, colocou-a na mão de São Francisco. Esse ato, bem como os outros já relatados, produziu tanta admiração e alegria em todo o povo, tanto pela devoção do Santo quanto pela novidade do milagre e pela paz estabelecida com o lobo, que todos começaram a clamar ao céu, louvando e bendizendo a Deus por lhes ter enviado São Francisco, que, por seus méritos, os havia livrado das presas da fera feroz.

O lobo continuou vivendo durante dois anos em Gúbio; entrava mansamente nas casas, de porta em porta, sem causar mal a ninguém e sem receber mal de pessoa alguma. O povo o alimentava com cortesia e, embora andasse livremente pela cidade e pelas casas, nenhum cão lhe ladrava. Por fim, passados dois anos, o irmão lobo morreu de velhice. Os habitantes sentiram muito sua morte, pois, ao vê-lo caminhar tão mansamente pela cidade, recordavam-se da virtude e da santidade de São Francisco.

Em louvor de Cristo. Amém.

FRANCISCO DE ASSIS. *Floreillas*. Buenos Aires: Claretiana, 2015. p. 75-79.

[Tradução livre da versão em espanhol.]

Óscar Armando Pérez Sayago

Secretário-Geral da Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC)

Este livro chega em um tempo no qual a palavra “paz” é pronunciada com frequência, mas praticada com dificuldade. ***Educar para uma paz desarmada e desarmante*** não oferece receitas rápidas, e sim um olhar profundo que nos interpela como pessoas, educadores e sociedade.

Vivemos rodeados de violências visíveis e invisíveis. Diante delas, esta obra propõe uma paz diferente: uma paz que não se impõe, que não nasce do medo nem da força, mas do encontro, da justiça e da dignidade humana — uma paz que desarma a lógica da confrontação e nos convida a revisar nossas próprias atitudes.

Na Confederação Interamericana de Educação Católica, afirmamos que educar é sempre uma aposta pela paz. A escola católica não pode se limitar a transmitir conhecimentos; é chamada a formar consciências, a ensinar a conviver, a transformar o conflito em oportunidade de crescimento. Por isso, a paz não é um tema a mais no currículo: é o coração do projeto educativo.

Este livro dialoga profundamente com o Pacto Educativo Global, que nos convoca a reconstruir o tecido social por meio da educação, colocando a pessoa no centro e promovendo uma autêntica cultura do encontro. Ele nos lembra que a paz se aprende, se vive e se cuida todos os dias, especialmente na escola.

Em um mundo marcado pelo avanço tecnológico e pelas mudanças aceleradas, ***Educar para uma paz desarmada e desarmante*** nos recorda que não há futuro sem ética, nem inovação sem humanidade. A verdadeira paz exige educadores coerentes, comunidades comprometidas e crianças e jovens capazes de construir pontes, não muros.

Apresentar esta obra é renovar nossa confiança na educação como caminho de esperança. Que suas páginas nos questionem e, sobretudo, nos impulsionem a viver uma paz que transforme a vida cotidiana e o futuro de nossas sociedades.

Que este livro nos incomode, nos questione e, sobretudo, nos mobilize. Porque a paz que não transforma a vida cotidiana não é verdadeira paz. E a educação que não forma para a paz perde sua alma.

Muito obrigado.

Um DISPOSITIVO PARA O DESARME

Emilce Cuda

Secretária da Comissão para a América Latina da Santa Sé

O livro é um dispositivo para o desarme. Frequentemente esquecendo o credo que professamos, buscamos soluções para o desarme em organizações governamentais nacionais, regionais e internacionais, em novas economias e em experimentos políticos e/ou religiosos. No entanto, nem sempre levamos em conta a alternativa que temos ao alcance da mão: a história do Povo de Deus, que é a história da Igreja, mãe e mestra.

Essa história milenar não apenas nos diz que o amor salva, mas também nos ensina como amar para nos salvarmos. A história da Igreja, que é a história de um povo que crê que Deus salva, narra êxitos, mas também fracassos na tentativa de resolver o conflito. Os profetas nos mostram como o caminho equivocado, que leva à adoração de falsos deuses em momentos de crise econômica, termina em escravidão, dominação e colonialismo. O Evangelho, na parábola do jovem rico, nos lembra que quem for capaz de se unir salvará sua vida. São Francisco de Assis nos falou que ninguém se salva sozinho. A história do Povo de Deus nos ensina a tomar a decisão de nos unirmos na diferença para alcançar a paz social e a salvação.

Considerando esse ensinamento milenar e somando a isso a profissão de um credo no qual afirmamos que Deus é Pai todo-poderoso, não podemos pensar que a paz possa vir de outro lugar que não seja do amor. Uma paz desarmada e desarmante, como a que o Papa Leão XIV nos convida a alcançar, é uma paz que se obtém com amor. Tudo o mais — economia integral, justiça social, educação e saúde de qualidade, inclusive a alegria do povo — virá como consequência de relações amorosas.

O amor que desarma é um amor ativo, um amor que põe em marcha todos os dispositivos que a humanidade criou para que a vida transcorra em condições dignas para todos. Amar, em sentido ativo, supõe direitos civis e sociais universais; supõe garantir o diálogo social; supõe valorizar o estilo democrático; supõe defender o Estado de direito; supõe cuidar da Casa Comum.

Este livro é um dispositivo para o desarme porque nos fala de amor ativo. Ele nos diz como o amor operou e opera na história, por meio da educação e da formação contínua, para gerar as condições que garantem a paz. O livro percorre desde o Antigo Testamento até os processos de paz do século XX. Vai da história ao esporte, da teoria à experiência. A paz não é só uma palavra; é mais do que isso. A paz requer formação e prática, como um esporte, porque a paz é amor ativo.

A paz não se alcança apenas armando, mas também, e sobretudo, desarmando. O Papa Leão nos fala de uma paz desarmada; contudo, o que isso significa? É possível uma paz armada? Isso não é uma contradição? Não é uma contradição: a paz armada é possível, é a paz dos totalitarismos. Uma paz armada é uma paz sustentada à ponta de fuzil; à custa da ameaça de morte ou da própria morte; à custa de prisões em cárceres privados, deportações e tráfico de pessoas. Essa é uma paz armada. No entanto, Leão nos fala de uma paz desarmada, isto é, de uma paz que não se alcança com armas, e sim depondo as armas, porém armados. Armados como?

Armados com a graça das três virtudes teológicas que Jesus Cristo obteve para nós: a fé em Deus como confiança na humanidade, isto é, como respeito pela dignidade humana; o amor a Deus como amor à humanidade, isto é, como justiça social; e a esperança na vida eterna como esperança de uma vida boa e abundante para todos desde agora (João 10,10). O Papa Francisco disse, em carta dirigida aos movimentos populares na Semana Santa de 2020, que eles eram um exército sem armas que atuava como uma só alma, com a arma poderosa das virtudes teológicas.

Esta publicação constitui um dispositivo capaz de armar nossos jovens para a paz, não para a guerra; capaz de ativar essas virtudes teológicas com as quais estamos armados por graça de Deus para desarmar a violência. Este livro cumpre o objetivo de ser palavra desarmada e desarmante. Ele responde ao pedido do Santo Padre Leão XIV, que cada dia nos convida a trabalhar pela paz.

Mons. Lizardo Estrada Herrera

Bispo Auxiliar de Cusco, Peru

**Secretário-Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano e
Caribenho (Celam)**

A obra *Educar para uma paz desarmada e desarmante*, promovida pela Confederação Interamericana de Educação Católica (CIEC), nos convida a um diálogo necessário e urgente, uma conversa profundamente evangélica que, no seio da escola católica, reveste-se de caráter profético, em comunhão com o Magistério do Papa Leão XIV.

Vivemos em um continente ferido por múltiplas violências: algumas mais visíveis, outras silenciosas e invisibilizadas, e muitas delas estruturais e naturalizadas. São violências que vão sendo assumidas no cotidiano e acabam se tornando parte da “paisagem”. Diante desse cenário, a paz não pode ser um ideal abstrato nem um discurso ornamental. A paz ou é transformadora, ou não é cristã.

Este livro tem a coragem de propor uma paz que não se impõe pela força nem se defende com armas, mas que nasce do desarme interior, do desarme cultural e do desarme das lógicas que alimentam o medo, a exclusão e o enfrentamento — uma paz que não anestesia os conflitos, e sim os atravessa com verdade, justiça e misericórdia.

Falar de uma paz “desarmada e desarmante” é falar de uma paz que interpela. Desarma porque renuncia à violência como método. Desarma porque questiona nossas falsas seguranças. Desarma porque exige coerência entre aquilo em que acreditamos e aquilo que vivemos. E, precisamente por isso, desarma o mundo: porque o confronta com a força humilde do Evangelho.

A educação ocupa aqui um lugar decisivo. Não haverá paz duradoura se não formarmos consciências capazes de diálogo, de pensamento crítico e de compaixão ativa. Não haverá cultura de paz sem escolas que eduquem para o encontro, sem docentes que sejam artesãos da reconciliação, sem comunidades educativas que vivam a fraternidade como projeto pedagógico e social.

A CIEC, com esta publicação, recorda a toda a Igreja na América Latina e no Caribe que educar é um ato profundamente político em coerência com a doutrina social da Igreja: é apostar na dignidade humana, na justiça social e na esperança. Educar é semear paz quando tudo parece conspirar a favor da polarização e do conflito.

Que este livro provoque reflexão, conversão e ação. Que inspire processos educativos concretos, políticas escolares corajosas e comunidades comprometidas com o esplendor de uma paz duradoura que não se rende às trevas nem negocia com a violência.

Precisamos de uma paz que se aprenda, que se ensine, que se comunique e que se viva. Uma paz que, ao nos desarmar, nos faça discípulos missionários do Príncipe da Paz.

María Inés Castellaro

**Secretária-Geral da Confederação
Latino-Americana de Religiosos (CLAR)**

Uma paz desarmada e desarmante é fruto de um encontro profundo no qual cada pessoa se deixa transformar pelo Deus Amor e, por meio desse transbordamento de amor, é capaz de renovar as estruturas sociais e construir uma paz duradoura.

Educar para uma paz desarmada e desarmante convida a reconhecer a riqueza da diversidade, porque o outro não é uma ameaça, mas uma oportunidade; a dialogar com sinceridade e autenticidade, fazendo do conflito um ponto central de aprendizagem; a respeitar a dignidade humana, reconhecendo a liberdade e o valor intrínseco de cada pessoa; a escutar o outro com um coração aberto e acolhedor, buscando sempre a justiça e o bem comum.

Educar para uma paz desarmada e desarmante é um chamado a abraçar a vida ameaçada dos marginalizados e excluídos, é ver com os olhos de Deus e assumir com ternura e decisão a dor da irmã e do irmão, movidos unicamente pelo amor superabundante do Deus Mãe e Pai.

ATIVIDADES

Crianças de 5 a 8 anos

1. O poder da transparência: a história de *"Tiago de Cristal"*
2. A alegria faz com que tudo floresça: a história do *jardim do gigante*
3. Momentos para a paz: *a queda-d'água*
4. Como unir um país por meio do esporte: Nelson Mandela e o *jogo de rúgbi*



Décima 1

*Que la paz es transparencia
enseña Jacobo de cristal;
que, sin ella, no hay tal...
¡no hay allí mayor ciencia!
Nada, nada de violencia...
El secreto es ser certero,
veraz, amable y sincero
con el país, con la ciudad,
con la familia y vecindad...
¡Y serlo siempre el primero!**



* Tradução livre: Que a paz é transparência / ensina Tiago de Cristal; / que, sem ela, não há tal... / não há ali maior ciência! / Nada, nada de violência... / O segredo é ser certo, / amável, sincero e verdadeiro, / com o país, com a cidade, / com a família e a comunidade... / E sê-lo sempre primeiro!



PAZ 1

O poder da transparência:

A história de “Tiago de Cristal”

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Leia o conto a seguir com seus colegas e seu professor.
Depois, compartilhe-o em casa: peça a seus familiares/responsáveis que o leiam com você.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Tiago de Cristal

Uma vez, em uma cidade distante, nasceu um menino transparente.

Era possível ver através de seu corpo como se vê através do ar e da água. Ele era de carne e osso e, embora parecesse de vidro, se caísse não se quebrava em pedaços. No máximo, surgia um galo na testa transparente.

Podiam-se ver seu coração batendo e seus pensamentos, como se estes últimos fossem peixes coloridos movimentando-se inquietos em um aquário.

Certa vez, por engano, o menino contou uma mentira e imediatamente as pessoas viram algo semelhante a uma bolinha de fogo dentro de sua testa. Mas, assim que ele disse a verdade, a bolinha de fogo se dissipou. Pelo resto da vida não disse mais mentiras.

Em outra ocasião, um amigo lhe confiou um segredo. Logo todos perceberam algo semelhante a uma bola preta dando voltas e voltas em seu peito, e o segredo deixou de ser segredo.

O menino cresceu, tornou-se um jovem e depois um homem. Todos podiam ler seus pensamentos e, quando lhe faziam uma pergunta, era possível adivinhar a resposta antes mesmo de ele abrir a boca.

Seu nome era Tiago, mas as pessoas o chamavam de “Tiago de Cristal”. Era apreciado por sua lealdade e porque, a seu lado, todos se tornavam mais amáveis.

Infelizmente, um ditador cruel chegou ao poder naquele país. Começou então um período de intimidações, injustiças e miséria para o povo. Quem se atrevia a protestar desaparecia sem deixar rastro, aquele que se rebelava era fuzilado e os pobres eram perseguidos, humilhados e ofendidos de mil maneiras.





As pessoas permaneciam em silêncio e aguentavam por medo das consequências.

Mas Tiago não podia ficar calado, porque, mesmo sem abrir a boca, seus pensamentos falavam por ele. Por ser transparente, todos podiam ler, no interior de sua mente, seus pensamentos de indignação e de condenação diante das injustiças e da violência do tirano. Em segredo, as pessoas repetiam e comentavam os pensamentos de Tiago, e com isso a esperança renascia.

O tirano mandou prender Tiago de Cristal. Ordenou que o trancassem na mais escura de todas as prisões.

Então aconteceu algo extraordinário. As paredes da cela em que Tiago fora colocado tornaram-se transparentes. Depois, as paredes do pavilhão onde ele estava confinado também. Por fim, ocorreu o mesmo com as muralhas que cercavam a prisão.

Assim, as pessoas que passavam perto dali podiam ver Tiago sentado em sua cadeira, como se toda a prisão fosse de cristal, e por isso continuavam lendo seus pensamentos.

À noite, a prisão emitia uma grande luz a seu redor. Em seu palácio, o tirano mandava fechar todas as cortinas para não vê-la, mas nem assim conseguia dormir.

Tiago de Cristal, mesmo preso, era mais forte do que o tirano, porque a verdade é mais forte do que tudo, mais luminosa do que o dia e mais terrível do que um furacão.

RODARI, G. Giacomo di cristallo. In: RODARI, G. *Favole al telefono*. Edizioni EL, 2006. p. 103-104.
[Tradução livre baseada na versão em espanhol de Diego Antonio Pineda R.]

3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 De que você mais gostou na história? Por quê?
- 2 Quem era Tiago? Por que o chamavam de "Tiago de Cristal"?
- 3 Por que o ditador temia tanto Tiago de Cristal?
- 4 Cite e explique cinco características de Tiago.
- 5 Você gostaria de ser como Tiago de Cristal? Em quais aspectos sim e em quais não?
- 6 O que significa "ser transparente"?
- 7 Você gostaria de "ser transparente"? Justifique sua resposta.


MANUAL
 para os professores

Recursos a utilizar	Narrativas
Âmbito de trabalho	Em família
Textos inspiradores e de referência	"Tiago de Cristal" (conto de Gianni Rodari) - O Natal como sinal de paz (Mateus 10,13 e ss.; Lucas 10,2 e ss.) - Canção natalina "Noite de paz" "Solo tres letras" (poema de Gloria Fuertes)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Dizer a verdade, mesmo que seja difícil, como condição para a paz: "Quando dizer a verdade ou silenciá-la pode implicar que não haja paz entre as pessoas?"
Atitudes geradoras de paz	- Transparência - Sinceridade - Verdade
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Linguagem - Ciências sociais
Duração aproximada	4 sessões de 15 minutos (total: 1 hora)



Fundamentos

Cultivar a paz exige veracidade, sinceridade e transparência entre as pessoas e os povos. Se as pessoas não se dispõem a ser sinceras consigo mesmas e com os outros, a dizer o que sentem e pensam, logo surgirão suspeitas, enganos e mentiras. Algo semelhante acontece com os povos: para viver em paz, precisam estabelecer acordos honestos e sinceros, respeitados por ambas as partes; se houver deslealdade ou se os compromissos não forem cumpridos, virão o ódio e as guerras.

Ser verdadeiro implica dizer sempre a verdade, ser honrado e franco, expressar o que realmente percebemos, sem agir por conveniência ou em função do que os outros possam pensar. Alguém assim não engana a si mesmo, nem mente, nem finge ser o que não é. Uma pessoa sincera é transparente como o vidro, porque permite que a percebam tal como é e porque, como o vidro, deixa passar a luz. Alguém com essas características desperta confiança nos outros. Tudo o que é transparente é claro, diáfano e luminoso; por isso, as pessoas transparentes não dissimulam, nem enganam, nem mentem. Veracidade, sinceridade e transparência são qualidades essenciais para a paz entre os seres humanos.

Só podemos lutar pela paz quando nos desarmamos e nos mostramos aos outros como somos, ou seja, quando tiramos nossas máscaras e deixamos as aparências de lado. Quem confia em alguém que se esconde? Quem confia em quem sempre mente? Quem ousa confiar em quem esconde o que sabe?

A paz só é possível quando desarmamos o coração. Esta foi a mensagem do Papa Leão XIV em 11 de outubro de 2025 diante de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, na Praça de São Pedro, em Roma:

Como já tive a oportunidade de recordar noutras ocasiões, a paz é desarmada e desarmante. Não é dissuasão, mas fraternidade; não é ultimato, mas diálogo. Não virá como fruto de vitórias sobre o inimigo, mas como resultado da disseminação da justiça e do perdão corajoso. [...] não podemos matar por nenhuma ideia, fé ou política. O primeiro a ser desarmado é o coração, porque, se não há paz em nós, não daremos paz.

[...] Deus dá alegria àqueles que produzem amor no mundo, alegria àqueles que, em vez de vencer o inimigo, preferem a paz com ele.

[...] O Senhor cria e difunde a paz através dos seus amigos pacificados no coração, que se tornam, por sua vez, pacificadores, instrumentos da sua paz.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/october/documents/20251011-veglia-di-preghiera.html>. Acesso em: 30 jul. 2026.





Desde pequenos deveríamos aprender que todos podemos cultivar a paz e fazê-lo por meio de atitudes verdadeiras, sinceras e transparentes. Essa é a maneira de cultivar a paz “desarmada e desarmante” de que nos fala o Papa. Por essa razão, “Tiago de Cristal” conta a história de um menino que age com absoluta sinceridade, que nunca mente, e, por isso, sua característica fundamental é a transparência. Para representar essa total veracidade, honestidade e sinceridade, o conto utiliza a metáfora de que o corpo do personagem é transparente como vidro; portanto, todas as pessoas podem ver o que se passa dentro dele e conhecer toda a sua verdade, inclusive seus pensamentos e sentimentos.

Essa história, ao referir-se a virtudes morais essenciais para a paz, opostas à mentira, à dissimulação ou ao engano, está diretamente relacionada com o campo da ética. Também se vincula com o estudo da linguagem e da literatura, por se tratar de uma história fantástica que é possível compartilhar por escrito, verbalmente ou até por

meio de algum formato audiovisual. Uma história desse tipo é ideal para ser lida pelas crianças com colegas na escola, com familiares/responsáveis ou com amigos. Nesse caso específico, a história é tão importante que a leitura deve ser pausada, correta e significativa.

“ **Além de seu valor literário e ético, o conto tem muito a nos dizer sobre um tema comumente abordado nas ciências sociais e políticas: o poder.** ”

Tiago, com sua atitude sincera e transparente, enfrenta uma ditadura, mas o faz sem violência e por meio da única arma capaz de derrotar todos os poderes baseados na força: a resistência pacífica, que consiste em não se deixar intimidar pelos poderosos e agir sempre com verdade, sinceridade, transparência e, sobretudo, justiça, em todos os aspectos da vida cotidiana.



Apresentação da atividade

O conto escolhido nesta oportunidade para reflexão é de autoria do italiano Gianni Rodari, um dos escritores de literatura infantil mais importantes dos últimos tempos. Com o título original “Giacomo di cristallo”, foi publicado no livro *Favole al telefono* [*Fábulas ao telefone*, em tradução livre] (Edizioni EL, 2006, p. 103-104). A tradução em português se baseia na versão em espanhol do professor Diego Antonio Pineda R., feita exclusivamente para este material da CIEC e da Santillana.

“**Tiago de Cristal**” é um texto curto que pode ser trabalhado perfeitamente com crianças de 5 a 8 anos, porque sua leitura não leva mais de cinco minutos e sempre haverá pelo menos dez minutos para comentá-lo, discuti-lo e realizar atividades associadas a ele.

Há dois pontos essenciais para que o trabalho seja mais produtivo. Em primeiro lugar, recomenda-se que o conto seja **lido em voz alta** por um adulto com o tom e o ritmo adequados, pelo menos enquanto as crianças se familiarizam com a história. Em segundo lugar, após a leitura em sala de aula, sugere-se que seja **lido em casa**, na companhia dos familiares/responsáveis ou dos irmãos mais velhos. Mais adiante, poderia ser lido pelas próprias crianças individualmente, à medida que tiverem ou adquirirem as habilidades de leitura necessárias. Além disso, para facilitar e reforçar a compreensão, seria possível fazer um podcast baseado no conto ou uma animação em vídeo que acompanhe a leitura. O professor e os familiares/responsáveis podem decidir sobre essas últimas opções, de acordo com as características dos alunos do grupo. A seguir, nas orientações pedagógicas, aprofundaremos as maneiras de apresentar a história.



■ O escritor italiano Gianni Rodari.





Orientações pedagógicas

O conto usa uma imagem primordial: a da transparência. Como já mencionamos, o protagonista, ao parecer “de cristal”, é transparente. Isso tem ao menos dois sentidos: um literal e outro figurado. Dizemos que algo é transparente quando é feito ou composto de vidro, água, plástico ou tecido translúcido (que deixa passar a luz). No entanto, também consideramos transparente quem não simula nem finge nada, quem não esconde segredos nem conta mentiras. Mas o que implica ser uma pessoa transparente?

Sem dúvida, a imagem inicial de uma pessoa transparente é que é sincera, como ocorre com Tiago, que não consegue mentir porque seu corpo transparente logo emite sinais de que suas palavras são falsas. O mesmo acontece com os segredos: ele não pode guardá-los porque simplesmente não tem como fazê-lo. Ao que parece, desde muito pequeno ele tem muita consciência dessa condição e aceita viver sendo honesto sempre. Portanto, uma pessoa transparente é aquela que mostra seus pensamentos, sentimentos e emoções a todas as outras de maneira natural, sem esforço. A sinceridade é a base da transparência, é o hábito de viver acompanhado da verdade, o que condiciona tudo o mais. Não somos sinceros por sermos transparentes — somos transparentes porque somos sinceros. Em resumo, as pessoas sinceras permitem que as outras o saibam o que elas pensam e sentem.

Pois bem, no conto de Rodari, Tiago de Cristal é sincero e transparente. Embora isso seja apresentado de modo fantástico, seu corpo é transparente por ele ser uma pessoa sincera. Tiago sempre se pauta pela verdade, e seus pensamentos e sua forma de agir não admitem mentiras, fingimentos, enganos, zombarias, abusos, injustiças e tudo o mais que impeça a relação saudável e respeitosa entre as pessoas.

Existe outro aspecto importante na figura de Tiago de Cristal: por ser transparente, ele não só deixa passar a luz, como é fonte de luz para os outros, que se veem refletidos nele quando lhe confiam um segredo ou simplesmente lhe dizem algo, pois tudo aparece em seu corpo. Isso se deve às muitas virtudes de Tiago como pessoa transparente: é sincero, leal, amável, verdadeiro, valente, respeitoso etc. Os alunos, então, podem se identificar e se ver refletidos em um personagem assim, ao encontrarem nele um modelo



de pessoa que encarna as melhores virtudes sociais (generosidade, veracidade, alegria, amabilidade etc.) e que faz o possível para cultivar a paz. Tiago não é uma pessoa triste ou sombria. Na verdade, quando nos referimos a alguém como transparente, sugerimos que tem muitas dessas virtudes e, sobretudo, que tende a ser justa.

Nesse conto é preciso destacar dois aspectos distintos. Em primeiro lugar, seu caráter literário, dado que se trata de uma história fantástica com muitas comparações e metáforas, como a de ser “de cristal”, que caracteriza Tiago como alguém frágil e transparente, como tudo o que é feito de vidro, e, portanto, nos diz que alguém assim não pode ser violento. Por isso, Tiago não se rebela de



“ *Existe outro aspecto importante na figura de Tiago de Cristal: por ser transparente, ele não só deixa passar a luz, como é fonte de luz para os outros, que se veem refletidos nele quando lhe confiam um segredo ou simplesmente lhe dizem algo, pois tudo aparece em seu corpo.* ”

maneira ativa ou agressiva contra o que lhe desagrada, mas se expressa por meio da própria luz interior, ao não poder ocultar o que pensa e sente. Assim, o tempo todo está realmente manifestando sua inconformidade diante da injustiça, “dizendo” sempre muitas verdades.

No momento de comentar a história com as crianças, devemos destacar o aspecto literário, detendo-nos em algumas das grandes comparações e metáforas que aparecem aqui, explorando-as com base em perguntas como: a que nos referimos quando dizemos que alguém é “de cristal”? O que quer dizer a expressão “é uma pessoa transparente”? Como é uma pessoa transparente? O que o conto transmite quando diz que os pensamentos de Tiago

são como “peixes coloridos movimentando-se inquietos em um aquário”? Além dessas, outras comparações e metáforas podem ser descobertas no conto. Por exemplo, sugere-se explorar como as crianças explicam o fato de que os muros da cela em que Tiago foi colocado se tornaram transparentes e que o mesmo ocorreu com as paredes do pavilhão e com as muralhas da prisão. Evidentemente, também vale perguntar por que o ditador não conseguia dormir mesmo fechando todas as cortinas. Ao fazer essas perguntas às crianças e permitir que elas respondam de maneira espontânea, não apenas teremos um diálogo enriquecedor para todos, como nos surpreenderemos com a inteligência e a profundidade de algumas respostas.

Outro aspecto da história que convém examinar com mais cuidado é seu caráter político. O conto “Tiago de Cristal” mostra que a força (representada pela figura do ditador) nunca pode derrotar a verdade e, sobretudo, que a verdade nunca pode ser presa, pois é a condição básica da liberdade. Como diz Jesus no Evangelho: “Conhecerão a verdade, e a verdade os libertará” (João 8,32). A pessoa que se guia pela verdade não finge, não inventa mentiras, é alguém muito mais livre do que quem tem sempre de recorrer à dissimulação, ao engano e à mentira. Sobre esse aspecto, o final do conto é muito claro: a transparência de Tiago de Cristal e, principalmente, a luz que ele irradia do fundo de seu coração são insuportáveis para o poderoso ditador que o encarcerou. Nem mesmo ele, com todo o seu poder e a enorme força violenta de seus exércitos e armas, é capaz de derrotar a luz da verdade representada por Tiago. No final, o ditador acaba vencido porque “a verdade é mais forte do que tudo, mais luminosa do que o dia e mais terrível do que um furacão”.

Há outros aspectos do conto que poderiam ser destacados, mas deixemos que os próprios alunos os descubram e os expressem livremente. Para isso, é necessário que o professor leia a história com eles quantas vezes for preciso, sem se preocupar com a repetição. As crianças costumam gostar de ouvir de novo a mesma narrativa, seja lida pelo professor em sala de aula ou pelos familiares/responsáveis em casa. É fundamental que todos desfrutem da leitura (não deve ser uma tarefa imposta), que ela seja pausada e com boa entonação e feita de maneiras diferentes em cada repetição, para enriquecer a experiência.

A pessoa encarregada de ler em voz alta deve se preparar antes, para adotar o volume e o tom adequados e fazer as pausas necessárias. Para isso, é fundamental levar em consideração que esse conto específico está estruturado em parágrafos curtos com frases separadas por vírgulas. Estes são sinais de pontuação ideais para facilitar a leitura pausada. Em resumo, quem for ler em voz alta deve conhecer muito bem as regras de pontuação para realizar essa tarefa de maneira adequada. Além disso, a leitura deve ser dialogada, ou seja, é importante, depois dela, colocar as questões propostas na atividade. Elas podem ser feitas tanto pelo professor como pelos familiares/responsáveis, e, obviamente, o mais importante serão as indagações formuladas pelas crianças.



“A pessoa que se guia pela verdade não finge, não inventa mentiras, é alguém muito mais livre do que quem tem sempre de recorrer à dissimulação, ao engano e à mentira.”

Sugerimos trabalhar com essa história em quatro sessões, cada uma com 15 minutos.

1ª sessão

Nesse primeiro momento, o mais importante é fazer uma boa leitura em voz alta do conto “Tiago de Cristal” e abordar pelo menos as duas primeiras perguntas da atividade, para ouvir as reações iniciais dos alunos:

- De que você mais gostou na história? Por quê?
- Quem era Tiago? Por que o chamavam de “Tiago de Cristal”?

2ª sessão

Após realizar uma nova leitura do texto ou, ao menos, uma breve retomada em que se pergunte aos alunos de que se lembram do conto e o que lhes pareceu mais significativo, recomenda-se uma interiorização pessoal da história. Para isso, pode-se propor a eles que escolham uma frase de que tenham gostado e expliquem por que lhes chamou a atenção. Nessa sessão, poderiam ser trabalhadas as perguntas 3 e 4 da atividade:

- Por que o ditador temia tanto Tiago de Cristal?
- Cite e explique cinco características de Tiago.

3ª sessão

Para esse terceiro momento, propõe-se fazer novamente uma leitura do conto, dessa vez um pouco mais dramatizada, e centrar a discussão em tentar explicar e definir o que significa “ser transparente”, partindo de exemplos e perguntas que os próprios alunos formulem, além, é claro, das perguntas 5, 6 e 7 da atividade:

- Você gostaria de ser como Tiago de Cristal? Em quais aspectos sim e em quais não?
- O que significa “ser transparente”?
- Você gostaria de “ser transparente”? Justifique sua resposta.

Se o professor, os familiares/responsáveis ou os mediadores que orientam a atividade considerarem pertinente e enriquecedor, sugere-se aprofundar a reflexão por meio de perguntas mais gerais, como as seguintes:

- Devemos sempre dizer a verdade?
- Somos sinceros sempre que dizemos a verdade?

4ª sessão

Quando os alunos já tiverem trabalhado o suficiente com os diferentes aspectos abordados nas perguntas dos encontros anteriores, recomenda-se, na última sessão, pedir-lhes que escrevam, com as próprias palavras, uma história sobre uma criança transparente. A intenção é que, em poucas linhas (no máximo 50 a 60 palavras), criem uma narrativa em estilo de conto. Desse tipo de prática costumam surgir histórias significativas para cada aluno, pois refletem aquilo que ele decide compartilhar. Além disso, quando as crianças contam histórias, produzem belas metáforas, e seus relatos muitas vezes são profundamente originais. Ao escreverem um texto curto sobre o que significa ser transparente e sincero, compreenderão virtudes tão fundamentais como a sinceridade, a veracidade e a transparência, importantes na construção da paz entre pessoas e povos.



Atividades complementares

Para refletir

O Natal como sinal de paz

No Natal, nós, cristãos, celebramos todos os anos o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Essa é uma ocasião muito especial para nós, pois nos encontramos com as pessoas que amamos, especialmente nossos familiares, que vêm de diversos lugares, às vezes distantes, para o encontro e a reconciliação. É um momento para fazermos as pazes. A noite de Natal costuma ser, portanto, um sinal da paz que deve reinar entre os seres humanos. No texto a seguir, São Lucas nos relata o nascimento de Jesus.

Naquele tempo, foi promulgado um decreto do imperador Augusto determinando que todos se inscrevessem em um recenseamento. [...] Todos iam se inscrever, cada um em sua cidade. José subiu de Nazaré, cidade da Galileia, à Cidade de Davi, na Judeia, chamada Belém — pois pertencia à Casa e à família de Davi —, para se inscrever com Maria, sua esposa, que estava grávida.

Estando eles ali, chegou o momento do parto, e ela deu à luz seu filho primogênito. Envolheu-o em faixas e o deitou em uma manjedoura, porque não tinham encontrado lugar na hospedaria.

Naquela região havia alguns pastores que se revezavam no cuidado de seus rebanhos ao relento. Um anjo do Senhor apareceu para eles. A glória do Senhor os envolveu em luz, e eles sentiram um grande temor. O anjo lhes disse: “Não tenhais medo! Eu vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vós um Salvador, que é o Cristo Senhor. Isto vos servirá de sinal: encontrareis um recém-nascido envolvido em faixas e deitado numa manjedoura.”

Naquele momento, àquele anjo se uniu uma grande multidão de anjos, que louvavam a Deus, dizendo: “Glória a Deus nas alturas e, na terra, paz aos homens por ele amados!”

Quando os anjos subiram ao céu, os pastores diziam entre si: “Vamos até Belém para ver o que aconteceu e o que o Senhor nos deu a conhecer”. Foram às pressas e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura. Ao vê-lo, contaram o que lhes havia sido dito. Todos os que ouviram se admiraram. Maria, porém, guardava tudo, meditando em seu coração.

Os pastores voltaram glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme lhes havia sido anunciado.

Lucas 2,1-20.



1. Responda às seguintes perguntas:

- Como você imagina Jesus na manjedoura após seu nascimento? O que você gosta no modo como São Lucas nos relata isso?
- Cite cinco elementos desse relato que lembrem o Natal.
- Como sua família celebra o Natal? Você gosta da maneira como isso acontece?
- Para você, o Natal é um momento de verdadeira paz? Justifique sua resposta.

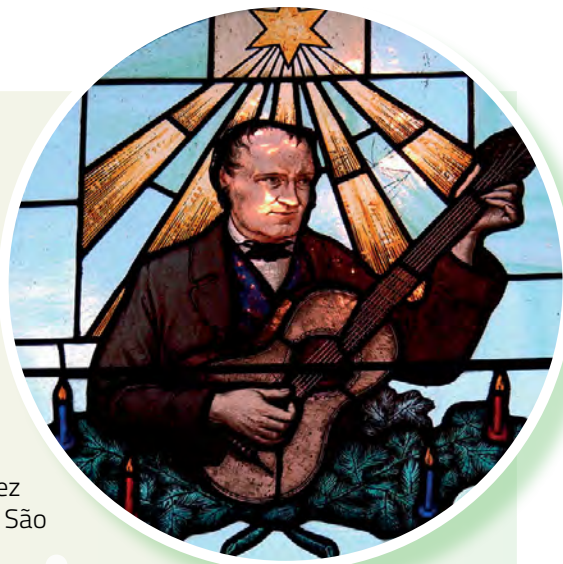
2. Com base nas respostas anteriores, desenhe como você construiria a manjedoura no próximo Natal, para que seja realmente um sinal de paz para sua família. Compartilhe com seus colegas.

Histórias para lembrar

“Noite de paz” talvez seja a canção natalina mais famosa que existe. É cantada milhões de vezes a cada Natal, em muitos países, línguas e culturas. Foi interpretada por artistas famosos, como os estadunidenses Bing Crosby e Elvis Presley. Onde ela surgiu? Qual é sua história?

Foi em 1816, após vários anos de guerras lideradas por Napoleão Bonaparte, imperador da França, que um sacerdote austríaco, Joseph Mohr, escreveu a letra dessa canção de Natal. Mohr encomendou a composição da música a Franz Xaver Gruber, professor e organista. A canção foi interpretada pela primeira vez na missa de Natal de 24 de dezembro de 1818, na Igreja de São Nicolau, em Oberndorf, na Áustria.

Com o tempo, além de ser traduzida para mais de 300 idiomas, a canção ganhou outras versões da letra e variações da música original. Assim, passou a pertencer a toda a humanidade. Em 1914, durante uma trégua de Natal na Primeira Guerra Mundial, foi cantada simultaneamente por soldados de dois lados em combate (o inglês e o alemão), como sinal de fraternidade. Sua importância é tamanha que, em 2011, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) a declarou “patrimônio cultural imaterial da humanidade”. Veja a seguir a versão mais fiel à original em alemão.



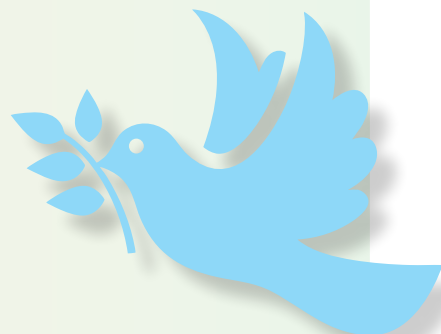
Noite de paz

Noite de paz, noite de amor...
Tudo dorme ao redor...
Entre os astros que espalham sua luz,
Vem anunciado o Menino Jesus.
Brilha a estrela da paz...
Brilha a estrela da paz...

Noite de paz, noite de amor...
Ouve, humilde, o fiel pastor
Coros celestiais que anunciam a salvação,
Graça e glória em grande plenitude
Por nosso bom Redentor...
Por nosso bom Redentor...

Noite de paz, noite de amor...
Vede que belo resplendor
Ilumina o rosto do Menino Jesus;
Na manjedoura, luz do mundo,
Astro de eterno fulgor...
Astro de eterno fulgor...

Noite de paz, noite de amor...
Tudo dorme ao redor...
Fiéis velando ali, em Belém,
Os pastores, a mãe também.
E a estrela da paz...
E a estrela da paz...



3. Aprenda essa bela canção de Natal e, com seus colegas e o professor de música da escola, preparem-se para apresentá-la nos coros de Natal da instituição. Vocês podem se basear em alguma versão disponível no YouTube.
4. Agora, busquem em alguma plataforma da internet o seguinte poema da escritora Gloria Fuertes e desfrutem juntos de um vídeo em que ele seja declamado, lido ou cantado.

Solo tres letras

Gloria Fuertes

*Solo tres letras, tres letras nada más,
solo tres letras que para siempre aprenderás.
Solo tres letras para escribir PAZ.
La P, la A y la Z, solo tres letras.*

*Solo tres letras, tres letras nada más,
para cantar PAZ, para hacer PAZ.
La P de pueblo, la A de amar
y la Z de zafiro o de zagal.
(De zafiro por un mundo azul,
de zagal por un niño como tú.)*

*No hace falta ser sabio,
ni tener bayonetas,
si tú te aprendes bien,
solo estas tres letras,
úsalas de mayor
y habrá paz en la tierra.*

Só três letras*

*Só três letras, apenas três letras,
três letras que você aprenderá para sempre.
Só três letras para escrever: PAZ.
O P, o A e o Z, só três letras.*

*Só três letras, apenas três letras,
para cantar PAZ, para construir a PAZ.
O P de povo, o A de amar
e o Z de zafiro ou de zagal.
(De safira, por um mundo azul;
de menino, por uma criança como você.)*

*Não é preciso ser sábio,
nem ter baionetas.
Se você aprender bem
só essas três letras
e usá-las quando crescer,
haverá paz na Terra.*

* Tradução livre. No original, "zafiro" e "zagal" foram escolhidas por começarem com Z, estabelecendo um jogo com a última letra de "paz". Como esse recurso não tem equivalente direto em português, os termos foram mantidos em itálico neste trecho; entre parênteses, apresenta-se seu sentido no contexto do poema.

Quando dizer a verdade ou calar pode implicar que não haja paz entre as pessoas?

Atividade de reflexão e pesquisa

A seguir você encontrará oito situações em que:

- Você sabe algo que os outros não sabem.
- Você tem consciência de que, se contar, as possíveis consequências podem perturbar a paz entre algumas pessoas.
- Você tem consciência de que, se ocultar, pode ser descoberto e, além de ser ruim para você, pode criar um problema maior.

Escolha uma das quatro opções do quadro e justifique sua decisão.



O que você faria nessa situação?	Não diria nada a ninguém	Negaria, para evitar problemas maiores	Contaria a alguém em quem confio muito	Diria a verdade a quem perguntasse	Motivo da minha decisão
Desapareceu um objeto na sala e você sabe que seu melhor amigo o pegou. Perguntam a você se sabe com quem está o objeto.					
Alguém de sua família foi detido por um crime que não cometeu. Na escola perguntam a você onde essa pessoa se encontra.					
É seu aniversário e você não quer que seus colegas saibam, mas o professor lhe dá os parabéns na frente da turma.					
Você está com dor de estômago, mas, se disser ao professor, não poderá brincar no recreio.					
Relataram a você que um amigo fez algo errado. Você não quer contar a ninguém, mas o diretor da escola lhe pergunta sobre isso.					
Um amigo pegou algo de sua lancheira sem sua autorização. O professor lhe pergunta se é verdade, porque pensa em discipliná-lo.					
Um colega pegou um livro da biblioteca da sala de aula e o levou para ler em casa sem pedir autorização ao professor, mas isso é proibido.					
Você brigou com um colega, que o agrediu. Ambos serão disciplinados e o professor pergunta onde você foi atingido. O que você faria?					

Depois de preencher o quadro, discuta com seus colegas estas duas perguntas:

1. Qual das quatro opções é mais adequada para garantir a paz entre as pessoas?
2. Dizer a verdade é sempre o melhor para que haja paz entre as pessoas? Explique suas respostas.



Décima 2

*Y no es cosa la alegría
de gigantes egoístas;
ni tampoco de extremistas
que son solo algarabía.*

*Bien dices tú, María,
que primero la sonrisa...
y luego no habrá prisa
para tenderle la mano
al judío y al romano;
a Javier, Tomás y Luisa.**

* Tradução livre: E a alegria não é coisa / de gigantes egoístas; / nem tampouco de extremistas / que fazem apenas algazarra. / Bem dizes tu, Maria, / que primeiro vem o sorriso... / e então pressa não é preciso / para estender a mão / ao judeu e ao romano; a Xavier, Tomás e Luísa.



PAZ 2

A alegria faz tudo florescer: *a história do jardim do Gigante*

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

- Leia, com seus colegas e seu professor, o conto de Oscar Wilde que você encontrará a seguir. Depois, compartilhe-o com sua família: peça a seus familiares/responsáveis que o leiam com você.
- Observe a cor com que se identifica o narrador e cada personagem:

Narrador

Meninos e meninas

O Gigante

A Neve e a Geada

O Vento Norte

O Outono

A Árvore

O menino pequeno

2

MÃOS À OBRA

Leitura

O Gigante Egoísta

Todas as tardes, ao voltar da escola, as crianças costumavam ir ao jardim do Gigante e brincar ali.

Era um jardim grande e bonito, coberto por uma relva macia e verde. Havia flores brilhantes como estrelas e, entre todas as plantas, doze pessegueiros que, na primavera, floresciam exibindo tons rosados e perolados e que, no início do outono, produziam seus deliciosos frutos. Os pássaros pousavam nas árvores e cantavam tão docemente que as crianças costumavam interromper suas brincadeiras para ouvi-los.

— Como somos felizes aqui! — diziam umas às outras.

Mas um dia o Gigante voltou. Tinha ido visitar seu amigo, o ogro da Cornualha, e ficara com ele durante sete anos. Ao longo desse tempo, disseram tudo o que tinham para dizer e, como a conversa era limitada, o Gigante decidiu voltar para seu próprio castelo. Assim que chegou, a primeira coisa que viu foram as crianças brincando em seu jardim.

— O que estão fazendo aqui? — gritou-lhes com voz zangada.

As crianças saíram correndo.

— Este é o meu jardim. É o meu próprio jardim — disse ele. — E, como podem ver, não estou disposto a aceitar que alguém brinque naquilo que me pertence.

Depois, ergueu um muro muito alto ao redor do jardim e, na entrada, colocou uma grande placa que dizia:

OS INTRUSOS SERÃO PROCESSADOS

Era um Gigante muito egoísta...

As pobres crianças ficaram sem lugar para brincar. Tentaram fazê-lo nos caminhos, mas eles eram poeirentos e cheios de pedras. Não gostaram. Enquanto isso, costumavam caminhar ao lado do muro depois das aulas e falar do lindo jardim que havia lá dentro.

— Éramos tão felizes ali! — diziam umas às outras.

Quando a Primavera voltou, todo o país se encheu de passarinhos e flores, mas, no jardim do Gigante Egoísta, ainda era Inverno. Como ali não havia crianças, os pássaros não se preocuparam em cantar e as árvores se esqueceram de florescer. Apenas uma flor muito bela decidiu nascer certa vez; porém, quando viu a placa, sentiu tanta tristeza pelo que acontecia com as crianças que imediatamente voltou para dentro da terra e adormeceu de novo.

Os únicos que se sentiam à vontade ali eram a Neve e a Geada.

— A Primavera esqueceu este jardim — disseram. — Ficaremos aqui, então, pelo resto do ano!

Foi assim que a Neve cobriu toda a relva com seu manto branco e a Geada pintou todas as árvores com sua cor prateada. Então elas convidaram seu amigo, o Vento Norte, para ficar com elas durante aquela estação.

E chegou o Vento Norte, envolto em peles, rugindo o dia inteiro pelo jardim, derrubando árvores e chaminés.

— Que lugar delicioso! — disse o Vento Norte. — Deveríamos convidar o Granizo para nos visitar.

E chegou o Granizo, vestido de cinza e com hálito de gelo, que todos os dias, durante três horas, golpeava o telhado do castelo até começar a quebrar as telhas. Também passou a girar ao redor do jardim, o mais rápido que podia e cada vez mais veloz.

— Não entendo por que a Primavera demora tanto para chegar — dizia o Gigante Egoísta ao ver seu jardim coberto de branco e cinza, enquanto estava sentado junto à janela. — Espero que o clima mude logo!

Mas a Primavera nunca chegou... nem o Verão. E o Outono, que deu frutos dourados em todos os outros jardins, não deu nenhum no jardim do Gigante.

— Ele é egoísta demais! — disse o Outono.

Foi assim que o jardim permaneceu para sempre mergulhado no Inverno, com o Vento Norte, o Granizo, a Geada e a Neve dançando livres entre as árvores.

Uma manhã, quando o Gigante ainda estava deitado na cama, começou a ouvir uma música maravilhosa. Soava tão docemente a seus ouvidos que ele pensou que deviam ser os músicos do Rei passando por ali, mas, na verdade, era apenas um pequeno pintassilgo cantando diante de sua janela. No entanto, como fazia tanto tempo que não se ouvia o canto de um pássaro em seu jardim, aquilo lhe pareceu a música mais bela do mundo. Nesse momento, o Granizo parou de dançar sobre sua cabeça, o Vento Norte deixou de rugir e um delicioso perfume chegou até ele através da janela aberta.

— Que maravilha! Parece que por fim a Primavera chegou! — disse o Gigante.

Saltou da cama para olhar pela janela e o que viu foi um espetáculo magnífico.

Por um pequeno buraco no muro, as crianças haviam entrado no jardim e agora estavam sentadas nos galhos das árvores. Em cada árvore havia uma criança, e as árvores pareciam tão felizes por tê-las de volta que se cobriram de flores e balançavam suavemente seus ramos.

Os pássaros, deleitados, voavam ao redor delas, cantando. Enquanto isso, as flores erguiam a cabeça através da relva e sorriam.

Era uma cena comovente.

Apenas em um canto do jardim ainda reinava o inverno. Era o canto mais afastado de todos, e ali estava sentado um menino. Mas ele era tão pequeno que não conseguia alcançar os galhos de uma árvore, por isso andava ao redor do tronco chorando amargamente. A pobre árvore ainda estava coberta de geada e neve, enquanto o Vento Norte soprava e rugia sobre ela, a ponto de quase quebrar seus galhos.

— Suba em mim! — gritava a Árvore.

Ela inclinou seus galhos o máximo que pôde... Mas o menino era pequeno demais.

E ao Gigante pareceu que seu coração estava derretendo.

— Como fui egoísta! — disse a si mesmo. — Agora entendo por que a Primavera não queria voltar para cá. Vou colocar aquele menino na árvore e depois derrubarei o muro. De agora em diante, e para sempre, meu jardim estará aberto para as crianças brincarem.

Estava realmente arrependido do que fizera.

Desceu as escadas, abriu com suavidade a porta da frente do castelo e saiu para o jardim. Mas, quando as crianças o viram, ficaram tão assustadas que saíram correndo. Então o Inverno voltou.

Apenas o menino pequeno permaneceu ali, pois não conseguiu correr. Seus olhos estavam tão cheios de lágrimas que ele não viu o Gigante se aproximar. O Gigante chegou por trás, pegou-o gentilmente nas mãos e o colocou na árvore. De repente, a árvore começou a florescer e os pássaros vieram pousar em seus galhos e começaram a cantar.

O menino pequeno abraçou o pescoço do Gigante e o beijou...

As outras crianças, ao verem que o Gigante já não era malvado, regressaram correndo e, com elas, voltou a Primavera.

— A partir de agora este será o jardim de vocês, crianças! — disse o Gigante.

Pegou uma ferramenta poderosa e derrubou o muro.

Ao meio-dia, quando as pessoas se dirigiam ao mercado, podiam ver o Gigante brincando com as crianças no mais belo jardim que jamais haviam visto. Brincaram o dia inteiro e, quando chegou a noite, todas foram se despedir do Gigante.

— Mas onde está o menino pequeno? — perguntou. — Aquele que coloquei na árvore.

O Gigante gostava mais dele do que dos outros, porque lhe tinha dado um beijo.

— Não sabemos — responderam as crianças. — Ele foi embora sozinho.

— Digam-lhe para vir amanhã — pediu o Gigante.

Mas as crianças lhe disseram que não sabiam onde ele morava e que nunca o haviam visto antes. E o Gigante ficou muito triste.

Todas as tardes, depois da escola, as crianças iam ao jardim e brincavam com o Gigante. Porém o menorzinho, aquele de quem o Gigante tanto gostava, nunca mais voltou. O Gigante era muito bondoso com todos, mas sempre sentia falta de seu pequeno amigo e frequentemente falava dele.

— Como eu gostaria de vê-lo de novo! — costumava dizer.

Os anos foram passando e o Gigante ficou velho e fraco. Já não podia brincar, mas observava as crianças e admirava seu jardim, sentado em uma enorme poltrona.

— Tenho em meu jardim flores muito bonitas — pensava —, mas as crianças são as flores mais belas...

Em uma manhã de Inverno, olhou pela janela enquanto se vestia. Já não odiava o Inverno; havia compreendido que ele era apenas a Primavera adormecida, pois as flores também precisam descansar.

No entanto, de repente, esfregou os olhos, admirado. Fixou a vista em algo realmente maravilhoso: no canto mais distante do jardim havia uma árvore coberta de lindas flores brancas. Seus galhos eram todos dourados e deles pendiam frutos semelhantes a prata... e ali, debaixo da árvore, estava aquele menino de quem tanto sentia saudade.

Cheio de alegria, o Gigante desceu correndo as escadas e saiu para o jardim. Mas, quando chegou junto ao menino e o viu, seu rosto ficou vermelho de indignação e ele disse:

— Quem se atreveu a machucar você?

Nas palmas das mãos do menino havia marcas de pregos... e também havia marcas em seus pés.

— Quem se atreveu a feri-lo dessa forma? — gritou o Gigante. — Diga-me, pois posso pegar minha grande espada e matá-lo!

— Não, não faça isso — respondeu o menino. — Estas são as feridas do Amor.

— Quem é você? — perguntou o Gigante.

Naquele instante, um terrível temor invadiu o Gigante, que caiu de joelhos diante do menino. Então o menino sorriu para ele e disse:

— Uma vez você me deixou brincar em seu jardim. Hoje brincará comigo em meu jardim, que é o Paraíso.

Naquela tarde, quando as outras crianças chegaram, encontraram o Gigante morto debaixo da árvore, inteiramente coberto de flores brancas.

Disponível em: https://www.wilde-online.info/the-selfish-giant.html#google_vignette. Acesso em: 8 nov. 2025. [Tradução livre baseada na versão em espanhol de Diego Antonio Pineda R.]



3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 De que você mais gostou na história? Por quê?
- 2 Indique dez aspectos de que você gostou no jardim do Gigante.
- 3 Como é o Gigante desse conto? Descreva-o com cinco palavras.
- 4 Por que o Gigante não queria que as crianças visitassem seu jardim?
- 5 Por que as crianças eram tão felizes naquele jardim? Por que não queriam brincar em outros lugares?
- 6 Por que no jardim continuava sendo inverno? O que acontecia durante essa estação? Por quê?
- 7 Por que a primavera voltou ao jardim do Gigante? Como isso aconteceu?
- 8 Por que a atitude do Gigante em relação às crianças mudou? Ele era realmente egoísta? Por quê?
- 9 Você gostaria de brincar naquele jardim? De que brincaria?
- 10 O que você aprendeu com a leitura desse conto? Resuma em uma frase.


MANUAL
 para os professores

Recurso a utilizar	Narrativas
Âmbito de trabalho	Em família
Textos inspiradores e de referência	▪ "O Gigante Egoísta" (conto de Oscar Wilde) ▪ A história da <i>Nona sinfonia</i> de Beethoven e do "Hino à alegria"
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	▪ A paz se constrói com alegria: as festas populares que celebram a conquista da paz
Atitudes geradoras de paz	▪ Alegria ▪ Generosidade ▪ Comunhão com a natureza
Relação com outras áreas do conhecimento	▪ Ética ▪ Linguagem ▪ Ciências sociais (Geografia)
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

Dizia **Madre Teresa de Calcutá** que “a paz começa com um sorriso”. É verdade. E é ainda mais verdade se esse sorriso for o de uma menina ou de um menino. O que pode haver de mais belo do que ver uma criança rir e sorrir? Que melhor sinal de paz pode existir em um lugar no qual crianças sorriem e brincam livremente? E, ao contrário, o que pode haver de mais terrível do que ver meninas e meninos sofrerem em guerras ambiciosas que violam todos os seus direitos, os fazem passar fome e os enchem de dor e ressentimento? Uma criança que sofreu os horrores da guerra é alguém que amanhã poderá tornar-se uma pessoa vingativa, um delinquente ou até um terrorista. A paz constrói-se, antes de tudo, por meio das brincadeiras da infância.

Jesus de Nazaré nos deixou, em um de seus excelentes ensinamentos, o seguinte: se há algo que deve caracterizar um cristão é seu profundo amor e respeito pelas crianças. Ele sempre dizia a seus apóstolos que deixassem as crianças se aproximarem dele (Mateus 19,13-15) e em mais de uma ocasião convidou-os a ser como crianças, a ter uma disposição semelhante à delas (Mateus 18,1-5), pois o Reino de Deus, cheio de amor e de paz, é para aqueles que são como crianças. Essa atitude de Jesus é a mesma que vimos o Papa Francisco assumir ao longo de muitos anos, como ficou claro nesta mensagem:



[...] todos vós, meninas e meninos, que sois a alegria dos vossos pais e das vossas famílias, constituís também a alegria da humanidade e da Igreja, na qual cada um representa o elo duma cadeia muito longa, que se estende do passado ao futuro e cobre toda a terra. Por isso vos recomendo que escuteis sempre com atenção as histórias dos adultos: da mamã, do papá, dos avós e bisavós! E ao mesmo tempo não esqueçais quem dentre vós embora tão pequeno já se encontra a lutar contra doenças e dificuldades, no hospital ou em casa, quem é vítima da guerra e da violência, quem padece a fome e a sede, quem vive na rua, quem é forçado a combater como soldado ou tem de escapar como refugiado, separado dos seus pais, quem não pode ir à escola, quem é vítima de grupos criminosos, das drogas ou outras formas de escravidão, dos abusos. Em resumo, todas aquelas crianças a quem, ainda hoje, é cruelmente roubada a infância.

Mensagem do Papa Francisco para a I Jornada Mundial das Crianças, 25-26 de maio de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/bambini/documents/20240302_messaggio-bambini.html.

Acesso em: 6 ago. 2026.

Em um evento posterior, no qual o Papa Francisco celebrou seu octogésimo primeiro aniversário, fez um convite a todos os cristãos: “conservai a alegria das crianças”, “fazei com que elas falem com os avós” e “ensinai-lhes a falar com Deus” com suas próprias palavras. O Papa sabia: só existe paz realmente onde as crianças estão alegres, e um mundo justo e pacífico deve, antes de tudo, garantir um lugar para que os pequenos possam brincar.

É isso que nos ensina, de uma perspectiva literária, um belo conto de Oscar Wilde, um dos mais importantes escritores ingleses dos últimos séculos. Referimo-nos a “O Gigante Egoísta”, relato que escolhemos para ler e comentar pelos valores éticos nele expressos. Esse conto é uma homenagem à alegria das crianças que brincam e um belo esforço para mostrar que somente essa alegria faz florescer a paz no mundo. Wilde nos narra uma história simples e, ao mesmo tempo, profunda, na qual as crianças brincam em um jardim maravilhoso, mas precisam enfrentar o egoísmo do proprietário do jardim, o Gigante, que só mais tarde percebe que, se não permitir que as crianças brinquem em seu jardim, nele sempre reinará o inverno. Sem dúvida, além dos aspectos literários e morais, essa história é uma defesa das atividades lúdicas, ou seja, do reconhecimento da brincadeira como uma atividade central na vida infantil e uma expressão por excelência da paz. Há paz onde as crianças podem brincar livremente em suas casas, nas ruas e nos parques, na companhia de seus amigos ou de outras pessoas da mesma idade e da mesma cidade. Na guerra isso é impossível, porque ela impede a brincadeira e a alegria das crianças.



“*Esse conto é uma homenagem à alegria das crianças que brincam e um belo esforço para mostrar que somente essa alegria faz florescer a paz no mundo.*”



Apresentação da atividade

“O Gigante Egoísta”, escrito por **Oscar Wilde** em 1888, procura mostrar-nos o que pode causar o egoísmo dos adultos que não conseguem compreender a necessidade de brincar das crianças, bem como a importância disso para seu desenvolvimento. Para a leitura do conto, utilizou-se a versão em português da tradução livre para o espanhol realizada pelo professor Diego Antonio Pineda R., com base em um texto em inglês disponível na internet. Essa tradução foi feita exclusivamente para este material didático da CIEC e da Santillana.

O conto não é muito longo e pode ser lido em cerca de dez minutos. O importante é que sua leitura seja significativa para as crianças e, para isso, é necessário lê-lo de maneira pausada e correta na interpretação dos sinais de pontuação, chegando até a dramatizá-lo por meio de uma leitura coletiva em voz alta que envolva tanto adultos quanto crianças. Para facilitar essa leitura dramatizada, as falas dos personagens são destacadas com cores diferentes, devendo ser distribuídas entre os estudantes, enquanto a voz do narrador permanece sem cor, recomendando-se, portanto, que seja interpretada pelo professor ou por um familiar/responsável. É importante que um adulto assuma a maior carga de texto (narrador), conduza o ritmo geral da leitura e indique o momento da intervenção de cada personagem. Os trechos destacados ajudam a distinguir as falas tanto dos personagens coletivos (como meninos e meninas, em amarelo, ou a Neve e a Geada, em cinza) quanto dos personagens individuais (como o Gigante, em vermelho). Sugere-se indicar aos alunos como interpretar cada papel. Por exemplo: o Gigante deve ter voz rouca e áspera, enquanto meninos e meninas podem ser interpretados por um pequeno grupo de alunos falando em uníssono; para os personagens que representam elementos da natureza, como a Árvore, o Vento, a Neve e a Geada, pode-se utilizar uma impoção vocal semelhante ao farfalhar das folhas, ao assobio do vento ou à expiração gelada — tudo isso sem perder de vista que o mais importante é que as crianças compreendam o momento da narrativa em que ocorre sua participação.

Naturalmente, essa história pode ser lida pelas crianças em sala de aula com a ajuda de seus professores e em casa com o apoio dos familiares/responsáveis ou dos irmãos mais velhos. Para cada contexto (sala de aula ou lar), é necessário fazer as adaptações pertinentes, como permitir que apenas uma pessoa leia, distribuir os papéis dos personagens ou garantir que um adulto inicie a leitura, dando o exemplo de entonação, e depois passe a vez a outra pessoa. Afinal, o que realmente importa é realizar uma leitura compartilhada que desperte a imaginação das crianças.

Também é válido, se possível, produzir um vídeo ou podcast com a leitura do conto feita por um adulto e pedir às crianças que a acompanhem individualmente. Para isso, o texto do material deve ser igual à versão aqui reproduzida, para evitar confusões.



■ O escritor **Oscar Wilde**.

“*Só existe paz realmente onde as crianças estão alegres, e um mundo justo e pacífico deve, antes de tudo, garantir um lugar para que os pequenos possam brincar.*”



Orientações pedagógicas

A simples leitura desse texto, um dos contos mais famosos de Oscar Wilde, sempre deixará múltiplos ensinamentos para crianças, jovens e adultos. Contudo, essa leitura será ainda mais significativa para as crianças se for realizada na companhia de outras crianças e se favorecer o exercício da imaginação. Deve, portanto, ser uma leitura compartilhada e imaginativa. Mas como fazer isso?

Deve-se procurar levar os meninos e as meninas a imaginar como é o jardim, tentando recriá-lo em sua mente para depois compartilhar essas imagens com os demais. Para isso, pode-se interromper a leitura em determinados momentos e dar oportunidade aos alunos de expressar aquilo que imaginaram. Também se pode parar a leitura para propor algumas reflexões, por exemplo: como é possível que a Neve, a Geada ou o Granizo tenham emoções? Como ou por que se sabe que chegaram a Primavera, o Verão, o Outono ou o Inverno? Por que as flores despertam na Primavera? No entanto, sobretudo, deve-se enfatizar a importância da brincadeira das crianças como expressão fundamental de sua alegria e explicar por que essa alegria é um requisito essencial para a paz. Outra possibilidade é perguntar aos alunos o que acontece com as crianças quando um país está em guerra e se eles acreditam que seja possível brincar com alegria em meio a um conflito armado. Além disso, pode-se recordar, como faz o Papa Francisco no texto citado anteriormente, que, enquanto algumas crianças brincam, outras sofrem de fome ou de doenças graves ou até morrem injustamente nas guerras que há no mundo.

A história de "O Gigante Egoísta" é, ao mesmo tempo, triste e alegre. Triste porque mostra tudo aquilo que o egoísmo provoca: dor, tristeza e ódio entre os seres humanos; assim, em grande parte do conto, a tristeza é representada pela imagem de um jardim no qual o Inverno reina perpetuamente, como consequência do egoísmo que leva o Gigante a erguer um muro para impedir a entrada das crianças. Alegre porque relata quão belo pode ser um lugar onde todos podem brincar livremente, movimentando-se, rindo e convivendo com os outros. É alegre também porque mostra como o Gigante deixou de ser egoísta ao se comover com um menino pequeno que lhe deu um beijo e, a partir daí, não apenas permitiu que as crianças brincassem em seu jardim, como passou a desfrutar plenamente disso. Em tudo isso deve-se reconhecer uma história de paz e esperança, porque a primeira só é possível quando superamos atitudes egoístas e comportamentos narcisistas que nos levam a negar aos outros seus direitos, e porque a segunda costuma surgir da bondade, da sen-



sibilidade e da misericórdia, qualidades que sempre nos tornam seres humanos melhores. Recomenda-se, então, aproveitar, quando surgirem na história, as atitudes e os gestos do Gigante Egoísta, que ergue muros para impedir a entrada das crianças em seu jardim, uma vez que existem personalidades em vários países do mundo que agem como o Gigante, construindo muros e impondo limites em vez de construir pontes e abrir fronteiras. O objetivo é que os alunos identifiquem essas mesmas atitudes tanto nas pessoas que conhecem e nas situações que vivem no dia a dia quanto em seu país ou mesmo no mundo.

Há dois elementos básicos aos quais se sugere dedicar um pouco mais de atenção: as quatro estações do ano e as personificações que o autor do conto faz de certas forças da



natureza, como o Vento ou a Neve. É importante esclarecer aos estudantes que as estações, embora sejam períodos perfeitamente diferenciáveis para os habitantes dos países dos hemisférios norte e sul, não o são para os dos países tropicais. Por isso, convém recordar de maneira coletiva, durante a leitura, que as estações:

- Constituem um ciclo natural (primavera, verão, outono e inverno) que se repete a cada ano.
- Possuem fenômenos naturais próprios, como neve e frio no inverno, floração das plantas na primavera, calor e dias muito longos no verão e queda das folhas no outono.

“ O conto é alegre também porque mostra como o Gigante deixou de ser egoísta ao se comover com um menino pequeno que lhe deu um beijo e, a partir daí, não apenas permitiu que as crianças brincassem em seu jardim, como passou a desfrutar plenamente disso.

- Costumamos associá-las a certas características, como luminosidade, escuridão, alegria, tristeza, nostalgia, tempo de festa ou de descanso, entre outras.

Alguns desses aspectos podem ser explorados no conto e, embora este tenha um valor ético e literário, pode também constituir uma oportunidade interessante para abordar um tema mais próprio da geografia: as características e diferenças científicas das estações do ano.

O outro elemento essencial são as personificações. Embora no conto existam personagens de carne e osso (os meninos e as meninas), que são o centro da história, outros são personificações de qualidades físicas e morais: o Gigante é a personificação do egoísmo como característica humana, enquanto a Geada, a Neve, o Granizo, o Vento, a Primavera e a Árvore personificam atitudes, emoções e pensamentos exclusivamente humanos, razão pela qual seus nomes comuns estão grafados com inicial maiúscula, da mesma forma que fazemos com os nomes próprios. Também, no final da história, aparece um menino pequeno que é a personificação de Cristo, pois traz nas mãos e nos pés as feridas causadas pelos cravos. Essa última personificação é um recurso literário muito interessante e pode servir para explorar a narrativa em maior profundidade. Por isso, vale investigar com os alunos, sem lhes oferecer previamente uma explicação, quem é esse menino pequeno que fala com o Gigante no final do conto, por que ele aparece e o que pode significar o desfecho escrito por Oscar Wilde.

Por outro lado, recomenda-se convidar as crianças a imaginar outros diálogos entre esses personagens, por exemplo: sobre o que conversariam a Árvore e a Neve? A Geada e o Gigante? O Vento Norte e a Primavera? O que esses personagens diriam às crianças que brincam no jardim?



Também não se deve perder de vista um aspecto essencial dessa história: três atitudes geradoras de paz que nela podem ser descobertas (não são as únicas, mas certamente as principais) — alegria, generosidade e comunhão com a natureza.

A alegria está bem representada sobretudo pela brincadeira das crianças e, como já comentado, um grupo de crianças brincando livremente é um dos melhores testemunhos de que reina a paz. A essa atitude somam-se elementos como as cores das flores do jardim, o sabor dos frutos, o canto dos pássaros, entre outros. Sugere-se que em algum momento da leitura se peça aos estudantes que identifiquem pelo menos cinco ou seis sinais que representem a alegria nesse conto.

A generosidade está ausente na primeira parte da narrativa, uma vez que o Gigante Egoísta não apenas não compartilha o jardim com ninguém, mas também ameaça aqueles que violem seus direitos como proprietário. O egoísmo é certamente o oposto da generosidade. No entanto, quando o Gigante percebe que a Primavera não chega a seu jardim

por causa de sua atitude egoísta, compreende que não pode desfrutar daquilo que possui se não o compartilhar com os outros e, por isso, convida as crianças a brincar em seu jardim. Assim, a paz é um dom que só podemos desfrutar na medida em que compartilhamos o que é nosso com os demais. A paz se constrói com generosidade.

A comunhão com a natureza não é menos importante que os elementos anteriores, pois toda a história tem como cenário um jardim, ou seja, um lugar que as pessoas consideram especial para desfrutar da natureza, pois é no contato e na comunhão com ela que experimentamos uma profunda sensação de paz. O que pode ser mais agradável e pacificador do que o contato com as plantas, o sabor dos frutos da terra ou o canto dos pássaros? Tudo isso nos fala de um universo onde existe harmonia e de um Deus que é seu criador. Não será precisamente essa possibilidade de viver em comunhão com a natureza uma das motivações mais elevadas para buscar a paz todos os dias? Seria interessante explorar com as meninas e os meninos as sensações que experimentam quando vivem momentos de comunhão com a natureza tão significativos para eles.

Sugerimos trabalhar com essa história em quatro sessões de trabalho, cada uma com 20 minutos.

1ª sessão

Para iniciar o trabalho proposto pela atividade, recomenda-se que o professor, em sala de aula, e posteriormente os familiares/responsáveis, em casa, leiam o conto em voz alta, com a entonação e as pausas adequadas, e explorem com as crianças as primeiras sensações que a história lhes desperta. Para isso, são úteis as duas primeiras perguntas que acompanham o conto:

- De que você mais gostou no conto? Por quê?
- Indique dez aspectos de que você gostou no jardim do Gigante.

Nessa sessão, sugere-se acrescentar a seguinte pergunta, um pouco mais polêmica: esse é um conto alegre ou um conto triste?

2ª sessão

Após uma nova leitura do conto, dessa vez até acompanhada de um vídeo ou podcast animado da história de Wilde, propõe-se concentrar a atenção nos personagens e nas situações que eles vivenciam, a fim de buscar semelhanças com pessoas e outras situações que os próprios alunos conheçam. Para isso, podem ajudar as perguntas de 3 a 5:

- Como é o Gigante desse conto? Descreva-o com cinco palavras.
- Por que o Gigante não queria que as crianças visitassem seu jardim?
- Por que as crianças eram tão felizes naquele jardim? Por que não queriam brincar em outros lugares?

3ª sessão

Essa sessão pode ser uma ocasião propícia para a leitura dramatizada e, se possível, para a realização de uma espécie de sociodrama baseado em "O Gigante Egoísta". Contudo, isso só é recomendado à medida que as meninas e os meninos aprofundem a compreensão do sentido da história com a ajuda dos familiares/responsáveis e professores. Para isso, são de grande apoio as últimas perguntas da atividade:

- Por que no jardim continuava sendo inverno? O que acontecia durante essa estação? Por quê?
- Por que a primavera voltou ao jardim do Gigante? Como isso aconteceu?
- Por que a atitude do Gigante em relação às crianças mudou? Ele era realmente egoísta? Por quê?
- Você gostaria de brincar naquele jardim? De que brincaria?
- O que você aprendeu com a leitura desse conto? Resuma em uma frase.

4ª sessão

Por fim, na última sessão, propõe-se realizar com as crianças uma atividade ainda mais lúdica: a recriação do conto, na qual os alunos descrevem como é o jardim de sua casa ou o parque comunitário de seu bairro onde costumam brincar, e o que aconteceria se um gigante egoísta se apoderasse dele. Nesse momento da atividade, todos (professores, familiares/responsáveis, meninos e meninas) podem recorrer a toda a sua criatividade.



Atividades complementares

Histórias para lembrar

Talvez você conheça os primeiros versos da “Ode à alegria”: “Escuta, irmão, / a canção da alegria, / o canto alegre de / quem espera um novo dia”. No entanto, você conhece sua história? Tudo começou com um poema chamado “Ode à alegria”, escrito em alemão, em 1785, por um dos poetas mais célebres da Europa na época: Friedrich Schiller. Encomendado ao escritor pela Sociedade Filarmônica de Londres, o poema foi criado para exaltar a liberdade e a fraternidade entre todos os seres humanos. No entanto, encantou um dos maiores gênios da música clássica: Ludwig van Beethoven, que se inspirou nele para compor o movimento final de sua *Nona sinfonia*, uma das obras musicais mais famosas de todos os tempos, estreada pelo próprio compositor em 1824, quando já estava surdo.

Depois disso, surgiram inúmeras versões da “Ode à alegria” nos mais diversos idiomas e culturas. A mais conhecida em espanhol é a do cantor espanhol Miguel Ríos, que, em 1970, criou uma versão pop da melodia que rapidamente se popularizou e se tornou um sucesso em vários países. Em outra, mais recente, Ríos interpreta a ode acompanhado pela Orquestra Cidade de Granada e por 1.600 crianças e jovens daquela cidade.

Ela pode ser ouvida em: <https://www.youtube.com/watch?v=GD0L6hca2Vg>. Acesso em: 8 ago. 2026.

Ode à alegria

Escuta, irmão,
a canção da alegria,
o canto alegre de
quem espera um novo dia...

Vem, canta, sonha cantando,
vive sonhando o novo sol
em que os homens
voltarão a ser irmãos.

Vem, canta, sonha cantando,
vive sonhando o novo sol
em que os homens
voltarão a ser irmãos.

Se em teu caminho
só existe a tristeza
e o canto amargo
da solidão completa...

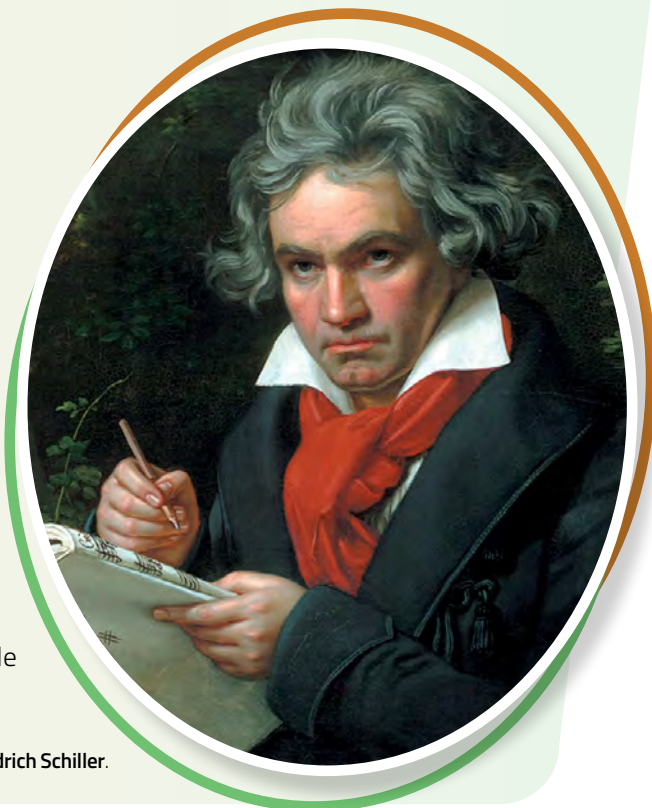
Vem, canta, sonha cantando,
vive sonhando o novo sol
em que os homens
voltarão a ser irmãos.

Se não encontras a
alegria aqui na terra,
procura-a, irmão,
ultrapassando as estrelas.

Vem, canta, sonha cantando,
vive sonhando o novo sol
em que os homens
voltarão a ser irmãos.

[Tradução livre da versão de
Miguel Ríos.]

■ O poeta Friedrich Schiller.



1. Aprenda a “Ode à alegria” e, com seus colegas e o professor de música de sua escola, preparem-se para cantá-la em coro diante de um público convidado por vocês para a apresentação.



A paz se constrói com alegria

As festas populares que celebram a conquista da paz

(atividade de reflexão e pesquisa)

As festas populares representam um lugar e um momento para celebrar a vida e a alegria das pessoas e dos povos. Nelas celebramos algo que é bom para todos e que nos ajuda a viver melhor: uma boa colheita, uma conquista esportiva, a vida de uma pessoa e muitas outras coisas. Além disso, cada festa popular é acompanhada de diversos elementos próprios da cultura que a celebra: comidas típicas, trajes especiais, espetáculos e festivais artísticos, entre outros.

Algumas dessas festas são realizadas para celebrar a paz ou constituem, elas próprias, acontecimentos de paz, como no caso dos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga, pois, durante sua realização, as guerras em andamento eram suspensas. Além disso, em todo o mundo, diversas festas populares são fruto de acordos ou negociações que conduziram à paz.

A seguir você encontrará um quadro que deverá completar por escrito com as seguintes informações:

- O nome de cinco festas populares do mundo. Apenas uma delas pode ser de seu país.
- O lugar onde se celebra, em que data ou época do ano ocorre e o que se comemora.
- Quais são suas características e, sobretudo, por que poderia ser considerada uma festa que celebra a paz.

Festa popular	Onde e quando se celebra?	O que se comemora nessa festa?	Características dessa festa	Por que é uma festa de paz?

Compartilhe com seus colegas o que você escreveu no quadro. Depois, reflitam e comentem com base nas seguintes perguntas:

1. Por que as festas populares são importantes?
2. O que se deve preservar nelas?
3. O que deveria ser eliminado desse tipo de festa? Justifiquem suas respostas.

Décima 3

*¿Qué puede mayor paz dar
que mirar caer el agua,
que nadar en mi piragua
hasta encontrarme con el mar?
Y, si quieres tú soñar,
imagina cataratas...
y, en sus escalinatas
—una a una y con ganas—,
vete tú a mojar las canas
en esas aguas, ¡oh!, tan gratas.**



* Tradução livre: Que maior paz haverá / do que ver a água cair, / do que em minha canoa sair / até encontrar o mar? / E, se você quiser sonhar, / cataratas deve imaginar... / e, por suas escadarias / — uma a uma e com vontade —, / nessas águas tão agradáveis / você vai se refrescar.



PAZ 3

Momentos para a paz:

a queda-d'água

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Leia o texto com seus colegas e seu professor. Se houver algo que você não compreende, comente com eles e peça ajuda. Depois, realize as atividades propostas, seguindo a orientação de seu professor.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

A paz que nos transmitem as quedas-d'água

Existe algo mais pacificador do que ouvir a água cair? Nos momentos em que estamos ansiosos ou desesperados, existe algo que nos ajude mais a encontrar a calma do que nos aproximarmos de uma cascata?

Ver, sentir e ouvir a água cair nos relaxa, nos consola e nos traz uma profunda paz interior. Por exemplo, quando estamos cansados ou preocupados, costumamos tomar um banho, porque a água nos transmite tranquilidade. Além de belas, as quedas-d'água possuem um grande poder apaziguador, pois, diante delas, o ritmo frenético da vida faz uma pausa, a vertigem que sentimos diminui e certa paz se apodera de nós. No quadro a seguir apresentam-se alguns tipos de quedas-d'água.

Tipos comuns de quedas-d'água

SALTO. A água precipita-se verticalmente sem tocar a parede do penhasco.

CASCATA. A água desliza e desce por uma superfície inclinada, às vezes com vários degraus ou níveis.

CATARATA. Queda-d'água de grande volume.

LEQUE. A água desliza pela parede, mantendo contato constante com ela e adotando uma forma trapezoidal.

POÇO OU BACIA. A água cai em um poço profundo e circular. Às vezes apresentam-se múltiplas quedas sucessivas com poços próprios.

SEGMENTADA. A corrente de água é dividida, geralmente por rochas salientes na borda, formando duas ou mais partes que caem paralelamente.

VÉU DE GOTAS OU GAROA. Pequeno volume de água que cria uma cortina de gotas escorrendo pela parede.





Talvez algum desses tipos de queda-d'água exista ou se forme perto de sua casa, escola ou local onde você mora. Você conhece alguma? Gosta de visitá-la? Por quê? O que você encontra ali?

A água pode cair de lugares muito elevados. Um exemplo disso é um rio nas montanhas que despenca das alturas para continuar seu curso por um grande cânion, como o Salto Ángel, na Venezuela, ou o Salto de Tequendama, na Colômbia. Há também poderosas quedas-d'água, como quando um rio de grande vazão se divide em muitos braços que depois se precipitam em direção a regiões profundas, formando um belíssimo acidente natural, como as Cataratas do Niágara, na fronteira entre Estados Unidos e Canadá, ou as Cataratas do Iguaçu, na fronteira entre Brasil e Argentina.

Como se formam as cascatas, cataratas e outras quedas-d'água? Por que são tão belas? Por que nos fascina tanto? Uma resposta a essas perguntas pode ser encontrada em "Cascadas y cataratas, un espectáculo natural", da Fundação Aquae, onde também é possível apreciar imagens das mais belas quedas-d'água do mundo, e que está disponível em <https://www.fundacionaquae.org/wiki/cascadas-y-ataratas-un-espectaculo-natural/>.

A água cura, isto é, possui um forte poder terapêutico. Além de aliviar nossas tensões e oferecer-nos um belo espetáculo visual, as quedas-d'água, com seu som e sua sensação refrescante, provocam em quem delas se aproxima uma comunhão e comunicação entre a vida e a paz.

3

PARA LEVAR COMIGO

Recomendações

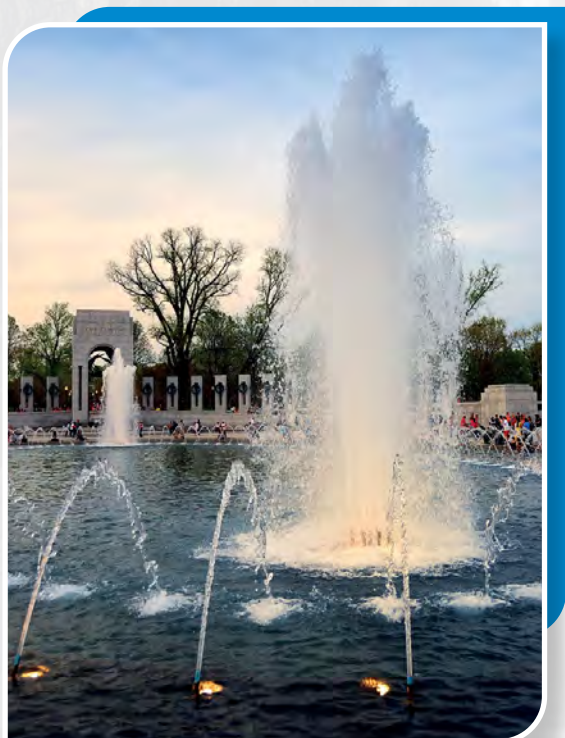
Para responder às questões levantadas pelo texto, siga o guia para observar, descrever e contemplar uma queda-d'água, três aspectos fundamentais para compreender a importância desse fenômeno natural. Antes de realizar a atividade, leve em consideração as seguintes recomendações:

- 1 Trabalhe com muita seriedade e dedique à atividade o tempo necessário.
- 2 Anote em um caderno o que vê, sente e pensa à medida que realiza o exercício.
- 3 Apesar de existirem muitos recursos audiovisuais (fotografias, vídeos e podcasts), nada substitui a experiência de estar diante de uma queda-d'água, mesmo que seja a do chuveiro de sua casa. Trata-se de uma experiência bela, enriquecedora e profundamente espiritual.
- 4 Embora grande parte da atividade deva ser realizada individualmente, compartilhe sempre com seus colegas e seu professor aquilo que for descobrindo. Não se esqueça de que suas sensações, experiências e pensamentos são valiosos para os demais, que se enriquecem com o que você lhes conta.



ROTEIRO

para observação, descrição e contemplação de uma queda-d'água

**1. Como primeiro passo, observe com muito cuidado e registre suas primeiras impressões.**

- O mais recomendável é visitar uma queda-d'água próxima. O ideal seria uma cascata ou queda natural, mas também pode ser uma fonte luminosa em um parque ou até o chuveiro de sua casa. Se preferir, recorra a um vídeo na internet que mostre uma cascata ou catarata que você ache atrativa.
- Observe a queda-d'água durante algum tempo e aprecie-a.
- Escreva em seu caderno uma lista das cinco coisas que mais chamaram sua atenção ou de que você mais gostou naquilo que pôde observar, sentir e ouvir.
- Com que palavras você descreveria o que percebeu? Escreva pelo menos três adjetivos e explique por que os utilizou.
- Que tipo de queda-d'água você observou? Procure identificá-la de acordo com o texto sobre os diferentes tipos de quedas-d'água.
- Observe novamente a queda-d'água e revise o que escreveu. Faltou alguma coisa? Há algo que gostaria de modificar? Se houver, faça as alterações necessárias.

2. Como segundo passo, descreva detalhadamente o que observou.

- Para começar, assista a um vídeo ou observe uma coleção de fotografias das quedas-d'água mais famosas do mundo. No YouTube é possível encontrar muitas delas. Procure, por exemplo, "quedas-d'água" ou "as cataratas mais belas do mundo". Recomendamos os vídeos e documentários da National Geographic.
- Identifique semelhanças e diferenças entre essas quedas-d'água. Por exemplo: de que altura a água cai? Ela cai perpendicularmente ou desce por degraus? Divide-se em várias quedas distintas? Onde a água cai? Que efeitos produz no ambiente ao redor? Todas produzem o mesmo som ou sons diferentes?
- Estabeleça três ou quatro aspectos que ajudem a registrar as semelhanças e diferenças encontradas e utilize-os para elaborar um quadro com as informações das quedas-d'água observadas.
- Redija uma descrição de 50 a 60 palavras sobre uma das quedas-d'água e compartilhe seu texto com os colegas.

3. Agora realize o terceiro e mais importante passo: contemple a queda-d'água.

- Identifique todas as coisas que dispersam sua atenção ou distraem você. Anote quais são e afaste-as de si.
- Faça atividades que ajudem você a relaxar, a se acalmar e a se concentrar (por exemplo: alongar os braços, realizar exercícios de respiração profunda, mover a cabeça para os lados etc.).
- Permaneça em silêncio e escute. Observe uma queda-d'água que ajude você a estar em paz consigo mesmo. Para isso, podem ser úteis alguns vídeos do YouTube com sons relaxantes de diferentes quedas-d'água (saltos, cascatas, cataratas etc.). Alguns são acompanhados por música relaxante, mas evite aqueles em que alguém fala ou aparecem anúncios comerciais. É necessário garantir silêncio suficiente para ouvir o que a queda-d'água deseja comunicar.
- Você deve ficar sozinho, em silêncio, por pelo menos três minutos, ouvindo e observando apenas a queda-d'água.
- Escreva em seu caderno uma breve reflexão (na forma de um pequeno poema) para expressar os pensamentos que vieram à sua mente enquanto observava e ouvia a queda-d'água.

4. Como quarto e último passo, compartilhe sua experiência com os colegas.

- Que dificuldades você teve ao observar, descrever e contemplar a queda-d'água? A que se deveram essas dificuldades?
- Que queda-d'água você escolheu? Por quê?
- Como se sentiu ao contemplá-la? Teve alguma comunicação com ela? Como foi essa experiência? Sentiu que ela lhe dizia algo? O que lhe disse?
- Ao escrever o pequeno poema, que pensamentos conseguiu expressar sobre a queda-d'água? Gostou do resultado ou gostaria de melhorá-lo? Como o melhoraria?
- Você repetiria a experiência de observar e contemplar uma queda-d'água? De que maneira? Gostaria de fazê-lo na companhia de outra pessoa? De quem? Nesse caso, como a convidaria?





MANUAL para os professores

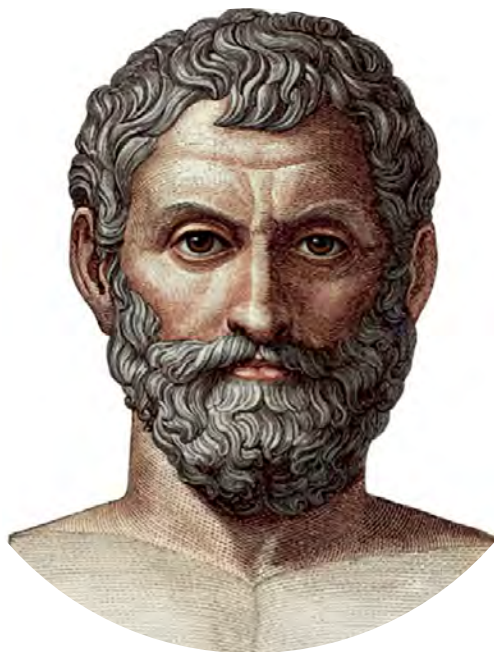
Recurso a utilizar	Exercícios de observação e contemplação
Âmbito de trabalho	Contato com a natureza
Textos inspiradores e de referência	- A água que purifica: o batismo de Jesus (Marcos 1,9-15) <i>Música aquática</i>, de Georg Friedrich Händel "Agua en el agua" e "Pájaro del agua", poemas de Juan Ramón Jiménez
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	O respeito pela água como fonte de vida e a busca pela paz
Atitudes geradoras de paz	- Serenidade - Beleza - Contemplação da ordem da natureza
Relação com outras áreas do conhecimento	- Artes - Ciências naturais - Ciências sociais (geografia)
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia Antiga, disse certa vez que "tudo é água" e que "tudo provém da água". Tinha razão, pois a vida surgiu da água e, portanto, sua presença é essencial em todos os seres vivos. Onde não há água, não há vida. O corpo humano é composto em grande parte de água, e esse líquido é tão importante para nós que as grandes civilizações surgiram e se desenvolveram sempre ao redor de algum grande corpo d'água: um rio, o mar ou uma grande lagoa.

Infelizmente, hoje colocamos em risco nossa sobrevivência como espécie porque temos esgotado as fontes de água. O Papa Francisco, consciente desse grave problema, dedicou uma passagem de sua encíclica "*Laudato si*" ao que ele próprio chamou de "a questão da água".



■ O sábio grego **Tales de Mileto**

Enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado. Na realidade, *o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos*. Este mundo tem uma grave dívida social para com os pobres que não têm acesso à água potável, porque isto é *negar-lhes o direito à vida radicado na sua dignidade inalienável*. Esta dívida é parcialmente saldada com maiores contribuições econômicas para prover de água limpa e saneamento as populações mais pobres. Entretanto nota-se um desperdício de água não só nos países desenvolvidos, mas também naqueles em vias de desenvolvimento que possuem grandes reservas. Isto mostra que o problema da água é, em parte, uma questão educativa e cultural, porque não há consciência da gravidade destes comportamentos num contexto de grande desigualdade.

Uma maior escassez de água provocará o aumento do custo dos alimentos e de vários produtos que dependem do seu uso. Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes. Os impactos ambientais poderiam afetar milhares de milhões de pessoas, sendo previsível que o controle da água por grandes empresas mundiais se transforme numa das principais fontes de conflitos deste século (*"Laudato si"*, 30-31).

O **Papa Leão XIV**, por sua vez, consciente dos conflitos provocados pelo esgotamento dos recursos hídricos no mundo e em um gesto carregado de simbolismo, abençoou um bloco de gelo na Groenlândia, depois transportado para a Amazônia, para expressar seu apoio à luta contra as mudanças climáticas manifestadas na crise dos glaciares que se desprendem do Ártico em razão do aquecimento global. Esse também foi o tema de uma mensagem dirigida à Conferência Internacional "Gerando Esperança para a Justiça Climática", realizada antes da COP30 no Brasil, em novembro de 2025. Com isso, o Papa não só chamou a atenção para um grave problema enfrentado pela humanidade, como destacou o valor simbólico e sacramental da água como condição e fonte da vida.



No entanto, a água não é apenas um sinal de vida; é um elemento fundamental na construção da paz do futuro. Como anunciam muitos geopolíticos, cientistas e defensores da natureza ao redor do mundo, é provável que os conflitos bélicos do futuro sejam "guerras pela água", pois, à medida que esse recurso se tornar mais escasso, surgirão novos motivos para conflitos entre povos e nações. Conservar e valorizar a água será, portanto, parte essencial da busca pela paz, que poderá ser favorecida pelo uso racional nos anos vindouros.

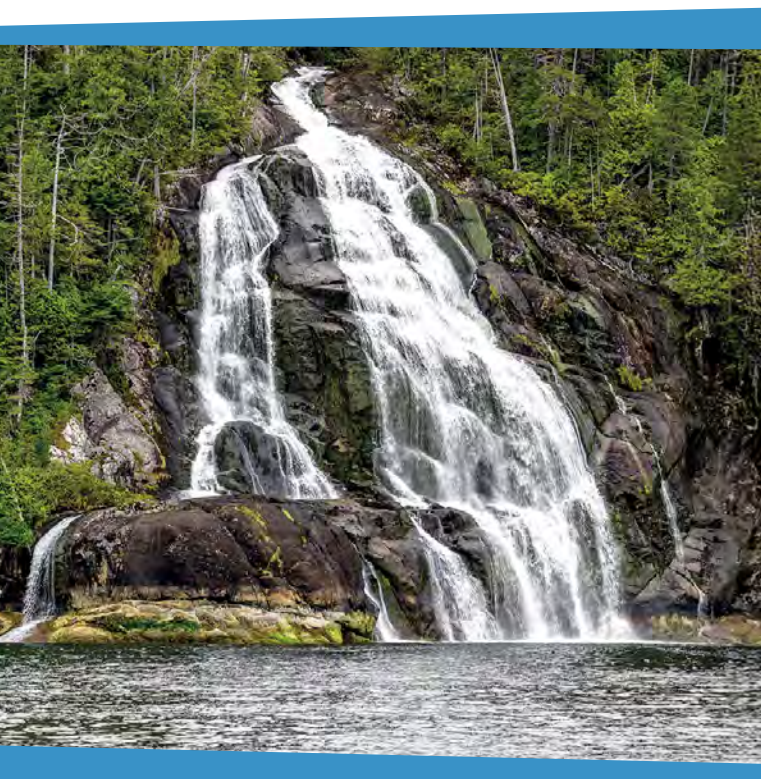
“ *Algo que todos percebemos na vida cotidiana é que a água é um sinal de paz. Podemos observar isso em atos tão simples como beber um copo de água, tomar banho ou nadar em um rio, no mar ou em uma piscina.* ”

Trata-se de atividades que realizamos para relaxar, aliviar tensões e, sobretudo, restaurar nossa paz interior. Deveríamos, portanto, recuperar a sacralidade desses atos elementares, prestando-lhes mais atenção e atribuindo-lhes um novo significado. O exercício proposto nessa ocasião busca precisamente recuperar e valorizar o significado de um fenômeno natural muito simples, mas também muito belo e carregado de sentido: as quedas-d'água.

O objetivo é proporcionar, em torno desse fenômeno transcendental, uma experiência ao mesmo tempo científica e contemplativa, racional e religiosa, capaz de suscitar uma reflexão de profundo conteúdo psicológico e espiritual. Para isso, sugere-se combinar determinados elementos das ciências naturais (como a geografia física ou a hidrologia) com outros de caráter cultural e artístico (como a música, o vídeo ou a fotografia).



Apresentação da atividade



A realização de um exercício de observação e contemplação consiste em uma atividade orientada por meio da qual nos aproximamos de uma apreciação qualificada de um dos fenômenos naturais que nos cercam, os quais, embora sejam por si mesmos maravilhosos e fascinantes, muitas vezes passam despercebidos. Nesse caso, o fenômeno a ser observado são as quedas-d'água de todos os tipos, desde as mais cotidianas — como a água que cai do chuveiro durante o banho ou a que jorra de uma fonte em um parque público — até aquelas que constituem um espetáculo natural repleto de som, cor e movimento, como uma cascata, um grande salto ou uma catarata.

O roteiro preparado para a realização desse exercício de contemplação está organizado em quatro momentos básicos, cada um deles requerendo tempo e dedicação específicos, e deve ser conduzido sob a orientação de um adulto comprometido em acompanhar e orientar os estudantes. O ideal é que a atividade seja realizada diante de uma queda-d'água natural previamente escolhida. Entretanto, caso isso não seja possível, pode ser desenvolvida por meio de alternativas como a fonte de um parque ou com o auxílio de vídeos, fotografias ou podcasts que abordem o tema.



Orientações pedagógicas

A atividade pode ser realizada com alunos de diferentes faixas etárias. Se for destinada a um grupo de crianças entre 5 e 8 anos, deve ser conduzida de maneira bastante tranquila, permitindo que elas desfrutem efetivamente da experiência de observar a água caindo. Para isso, é necessário garantir certo grau de silêncio e o acompanhamento do professor, que deve aproveitar ao máximo o roteiro de observação, descrição e contemplação aqui apresentado.

É importante dar a devida ênfase a cada passo da atividade. Em primeiro lugar, a observação deve ser cuidadosa e detalhada, e não genérica. Solicite aos estudantes que prestem atenção às diferentes características que podem ser percebidas pelos sentidos ao estarem próximos da queda-d'água: as cores, as formas, os sons, a temperatura do ar ou da brisa, entre outras. Esse primeiro contato é também o momento adequado para que as crianças expressem sua admiração pelo espetáculo que observam e manifestem suas emoções. No entanto, recomenda-se não deixar de lado o contexto. Embora o foco seja a queda-d'água, ela está intimamente ligada ao ambiente que a cerca: a montanha, as pedras, o rio etc. Uma boa observação é aquela que considera as coisas em seu contexto. Para facilitar isso, seria desejável deslocar-se com o grupo para observar a queda-d'água de diferentes perspectivas.

A fim de preparar os elementos necessários à descrição, é importante insistir com os estudantes para que façam anotações de tudo o que observarem. Assim, o professor ou mediador responsável pela atividade deve procurar concentrar a atenção deles, fazendo perguntas que os ajudem a apreciar melhor o que estão observando. Para isso, podem ser utilizadas as perguntas do roteiro, mas também outras que o professor considere pertinentes, de acordo com as características das crianças, do local e do contexto em que a atividade for realizada.

Naturalmente, em alguns casos será necessário certo esforço para conseguir que os estudantes escrevam algo, ainda que seja muito breve (o que é normal em crianças com menos de 7 anos). Contudo, a escrita é essencial para que os pequenos tornem seus pensamentos cada vez mais precisos e, nessa fase da infância, embora costumem ser econômicos em sua expressão, essa pequena produção escrita pode, por vezes, revelar grande profundidade e beleza, evidenciando sua capacidade de criar metáforas maravilhosas.

Além disso, para que as descrições sejam mais variadas e ricas, é útil observar diferentes tipos de quedas-d'água (cascatas, saltos, cataratas etc.), mesmo que apenas por meio de fotografias, que servirão para comparar suas características. De todo modo, uma boa descrição exige a obtenção de informações. Assim, se houver dados suficientes sobre o que está sendo observado (por exemplo, a altura do Salto Ángel, na Venezuela, ou a largura das Cataratas do Niágara), os alunos poderão imaginar melhor a dimensão e a grandiosidade do que veem. Para isso, o professor pode convidá-los a estimar as dimensões dessas quedas-d'água por meio de comparações com elementos familiares, como edifícios ou montanhas, dizendo, por exemplo, que “a altura das Cataratas do Niágara é semelhante à de um edifício de dezesseis andares”.



Como se menciona no roteiro, o momento mais importante da atividade é a contemplação, pois a proposta é que a queda-d'água seja percebida pelos estudantes como algo mais do que um fenômeno físico natural. A intenção é que as crianças se comuniquem com a natureza, consigo mesmas e com Deus, por meio da experiência de presenciar um evento tão poderoso e evocativo quanto esse. Para que isso aconteça, não é preciso ter qualidades especiais: qualquer pessoa, de qualquer idade ou religião, é capaz de desfrutar de um momento de contemplação como esse, desde que existam as condições adequadas. Assim, é fundamental seguir todas as recomendações e precauções propostas no roteiro da atividade. Antes de tudo, deve-se evitar qualquer tipo de distração (celulares, câmeras etc.) e alcançar o estado de relaxamento necessário para o exercício, concentrando a mente naquilo que se contempla e, claro, permanecendo em profundo silêncio...

“É preciso acreditar no poder e no valor da contemplação, que nos coloca em profunda comunhão com a natureza e com um Deus criador, que nos comunica sua vontade por meio de fenômenos tão simples e, ao mesmo tempo, tão majestosos, como uma queda-d'água.



Por isso, é importante insistir para que, em pelo menos três momentos da atividade, seja mantido absoluto silêncio, a fim de que cada um possa viver a experiência daquilo que a fonte, a catarata ou a cascata tem a lhe dizer. Nesse momento, é oportuno sugerir: “Escute o que a queda-d'água tem a lhe dizer... Depois você nos contará sobre o que conversou com ela”. Ao término do exercício de contemplação, deve-se reservar um momento para que os alunos escrevam uma primeira impressão, iniciando o texto com uma frase como: “A cascata me contou que...”, “A catarata me pediu que...” ou mesmo “Contei à cascata que...”. Bastam poucas palavras, pois o mais importante é que elas sejam fruto da experiência e da reflexão de cada um e que expressem sentimentos verdadeiramente vivenciados.

Durante toda a atividade, não se podem perder de vista as atitudes voltadas para a paz que a acompanham. Em primeiro lugar, a serenidade, algo que aprendemos por meio do contato direto com a natureza, onde tudo acontece de acordo com uma ordem, um processo e um tempo próprios. A natureza nos ensina a não agir com precipitação, a saber esperar e a não reagir de maneira impulsiva; estar em contato com ela é uma condição para alcançar a serenidade, e esta é uma

condição para promover a paz com os outros seres humanos. Em segundo lugar, a beleza, que nos ajuda a transformar nossas tendências à violência e à dispersão, pois integra nossos sentidos e nossas faculdades. Quando contemplamos uma queda-d'água, é impossível não pensar que estamos diante de um dos mais belos espetáculos que a natureza pode nos oferecer. Quem já visitou as Cataratas do Niágara, de Vitória ou do Iguaçu poderia afirmar o contrário? Expressar a beleza é uma das experiências que mais nos reconciliam com o mundo e com os outros seres humanos. Por fim, há a contemplação da ordem da natureza, que não apenas nos faz compreender que estamos diante de um universo ordenado, harmonioso e belo, mas também nos fala da grandeza de um Deus criador. Para o crente, a contemplação dessa ordem constitui um dos testemunhos mais eloquentes da bondade e da grandeza de Deus e um poderoso motivo para louvá-Lo.

Para concluir o exercício de contemplação, pode-se cantar uma canção, recitar um poema ou fazer uma oração que nos permita celebrar e compartilhar a experiência de ter presenciado um acontecimento tão poderoso, belo e significativo. Nesse momento, é possível recorrer a uma canção infantil conhecida que tenha a água como tema, a um poema que faça uma ode à água (como os do poeta espanhol Juan Ramón Jiménez, reproduzidos mais adiante) ou a uma oração de agradecimento ao Senhor por nos permitir contemplar essas maravilhas.

A proposta é que a atividade completa seja realizada em quatro sessões de 20 minutos cada uma.

1ª sessão

Para o primeiro momento da atividade, basta fazer uma leitura pausada e comentar, em conjunto, o texto “A paz que nos transmitem as quedas-d’água”, como uma meditação introdutória, enquanto se observam fotografias ou algum vídeo de algumas das quedas-d’água mais famosas do mundo. Para isso, recomenda-se consultar o texto “Cascadas y cataratas: un espectáculo natural”, da Fundação Aquae, disponível em: <https://www.fundacionaquae.org/wiki/cascadas-y-ataratas-un-espectaculo-natural/>. Com isso, busca-se alcançar um primeiro objetivo: despertar o fascínio por esse tipo de fenômeno natural.

2ª sessão

Nesse momento, podem ser desenvolvidos os passos 1 e 2 do roteiro, voltados para a observação e a descrição da queda-d’água escolhida. Se for possível realizar esses exercícios presencialmente, diante da queda-d’água, melhor. Caso contrário, devem ser utilizados recursos visuais ou audiovisuais considerados pertinentes, como vídeos, fotografias ou documentários. As plataformas digitais e as redes sociais são excelentes fontes desse tipo de material.

3ª sessão

Nessa sessão, devem ser asseguradas as condições já mencionadas para uma contemplação plena, a fim de que essa experiência seja o mais intensa e significativa possível para os estudantes, permitindo-lhes estabelecer uma comunhão espiritual com esse fenômeno.

4ª sessão

Esse é o momento para que os alunos compartilhem suas experiências com os demais, promovendo um enriquecimento mútuo. Naturalmente, embora o objetivo do roteiro seja conferir sentido às experiências de observação, descrição e contemplação, ele deve ser conduzido com criatividade e flexibilidade, adaptando-se às pessoas, aos lugares e às circunstâncias.

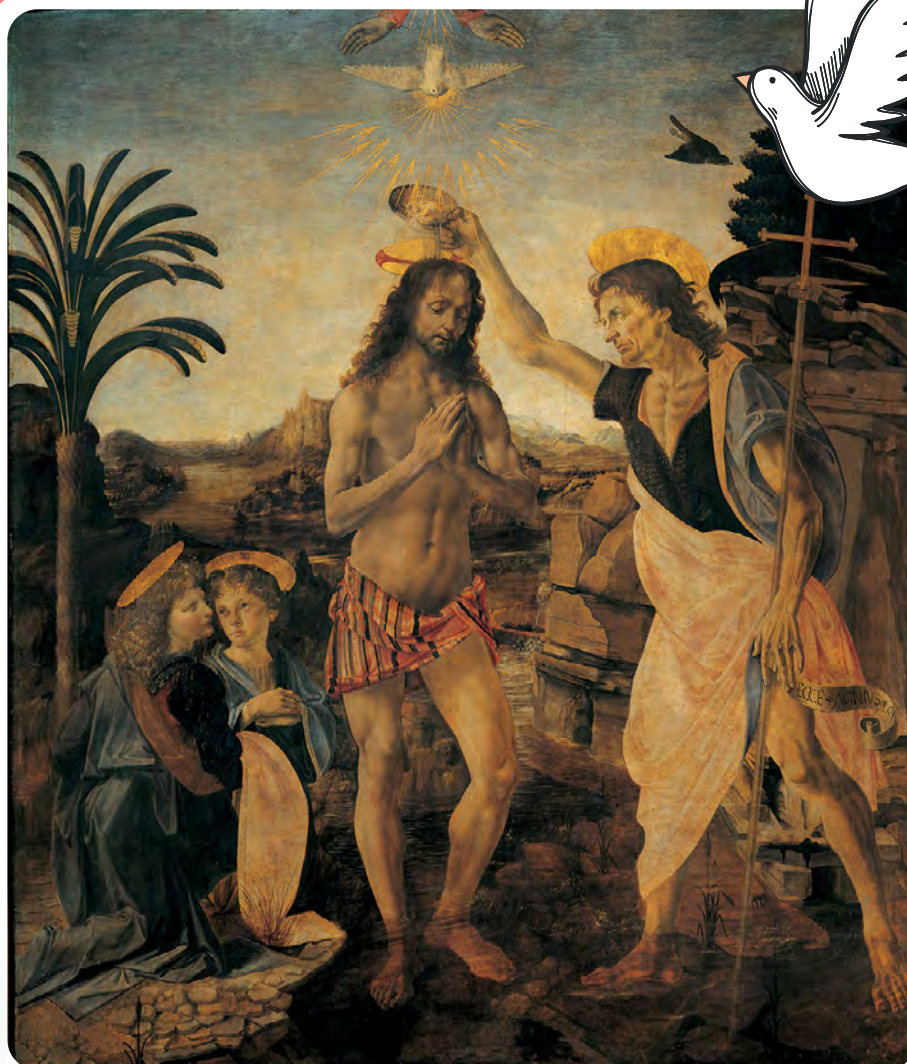


Atividades complementares

Para refletir

A água que purifica o batismo de Jesus

(Marcos 1,5-15)



A água possui características próprias: é incolor, inodora e insípida. Contudo, pode adquirir o sabor ou a cor das substâncias que lhe são acrescentadas: pode tornar-se azul, salgada ou doce e até ficar turva e ser facilmente contaminada. Entretanto, a água sem intervenção humana, tal como a encontramos na natureza, é clara, limpa e cristalina e, por isso, possui um poder purificador.

A água nos limpa e nos purifica. Assim acreditam diferentes culturas, que realizam diversos rituais de purificação baseados na água. Os judeus, por exemplo, viam no batismo um ritual de purificação do próprio corpo e, por isso, mergulhavam no rio Jordão para se purificarem. Jesus também o fez, sendo batizado por João Batista.

Leia o texto em que São Marcos relata como foi o batismo de Jesus e o que aconteceu em seguida. Depois, realize as atividades propostas.

Toda a população da Judeia e de Jerusalém ia ao encontro dele e era por ele batizada no rio Jordão, confessando os seus pecados. João vestia uma roupa feita de pelos de camelo, com um cinturão de couro na cintura, e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre. E pregava dizendo:

— Depois de mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, e eu não sou digno nem de me abaixar para desamarrar as correias de suas sandálias. Eu os batizei com água, mas ele os batizará com o Espírito Santo.

Naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no Jordão.

Logo que saiu da água, viu o céu se abrir e o Espírito descer sobre ele como uma pomba. E ouviu-se uma voz do céu, que lhe disse:

— Tu és o meu Filho amado, meu predileto.

Imediatamente o Espírito o conduziu ao deserto, onde permaneceu quarenta dias e foi tentado por Satanás. Vivia entre os animais selvagens, e os anjos o serviam.

Depois que João foi preso, Jesus dirigiu-se à Galileia para anunciar a Boa-Nova de Deus. E dizia:

— Completou-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo.
Arrependam-se e creiam na Boa-Nova.

Marcos 1,5-15

1. Responda ao que se pede.

- Por que as pessoas da época de Jesus consideravam necessário batizar-se? Por que faziam isso? Onde e como o faziam? Por que naquele lugar?
- Quem era João Batista? Por que Jesus escolheu ser batizado por ele? O que João quis dizer quando afirmou, referindo-se a Jesus: "Eu os batizei com água, mas ele os batizará com o Espírito Santo" (Marcos 1,8)?
- Para que Jesus se batizou? O batismo serviu de preparação para sua vida?
- Você gosta de purificar-se de alguma forma por meio da água? Como faz isso?
- Você é batizado? O que significa, para você, "ser batizado"?

Histórias para lembrar

*Música aquática*de **Georg Friedrich Händel**

A água, com seu poder purificador e sua capacidade relaxante, inspirou inúmeras peças musicais, que vão desde canções populares sobre rios e mares até obras célebres da música clássica compostas por grandes mestres como Schubert, Strauss, Ravel e Debussy, capazes de nos fazer sentir e transmitir essa paz tão especial que o contato com a água nos proporciona. Algumas dessas peças evocam lembranças e sentimentos que associamos à água e a sua queda (paz, serenidade, turbulência etc.), enquanto outras nos convidam a cuidar desse recurso fundamental para a conservação e o florescimento da vida de todos os seres do mundo.

Entre todas essas composições musicais que têm a água como tema, há uma bastante famosa: *Música aquática* (*Water music*, em inglês), de um dos maiores compositores da música clássica, Georg Friedrich Händel (1685-1759), nascido na Alemanha e posteriormente naturalizado britânico. Trata-se de uma coleção de três suítes orquestrais, encomendadas pelo rei Jorge I da Inglaterra para um concerto realizado sobre o Rio Tâmesa, em Londres, em 17 de julho de 1717. O concerto foi executado por cinquenta músicos que navegavam em uma barça pelo rio, ao lado da embarcação do próprio rei, que apreciou tanto a música que pediu que fosse repetida em pelo menos três ocasiões.

Até hoje *Música aquática*, de Händel, é considerada uma importante obra da música clássica e tem sido interpretada por diversas orquestras ao redor do mundo, que utilizam diferentes instrumentos de sopro e de cordas, como trompetes, oboés, flautas doces, flautas transversais e violinos. Você pode ouvir essa composição, interpretada pela Academia de Música de Berlim, em <https://www.youtube.com/watch?v=EVAB2z1RPu4>.



1. Com *Música aquática*, de Händel, ao fundo, recite pausadamente estes dois belos poemas do poeta espanhol Juan Ramón Jiménez:

Água na água

Quisera que minha vida
caísse na morte,
como este alto jorro de bela água
sobre a água serena da manhã;
ondulante, brilhante, sensual, alegre,
com todo o mundo dissolvido nele,
em graça límpida e feliz.

Pássaro da água

Pássaro da água,
que cantas, que encantas?
A mais uma tarde
dás uma saudade
de eterna frescura,
de glória banhada.

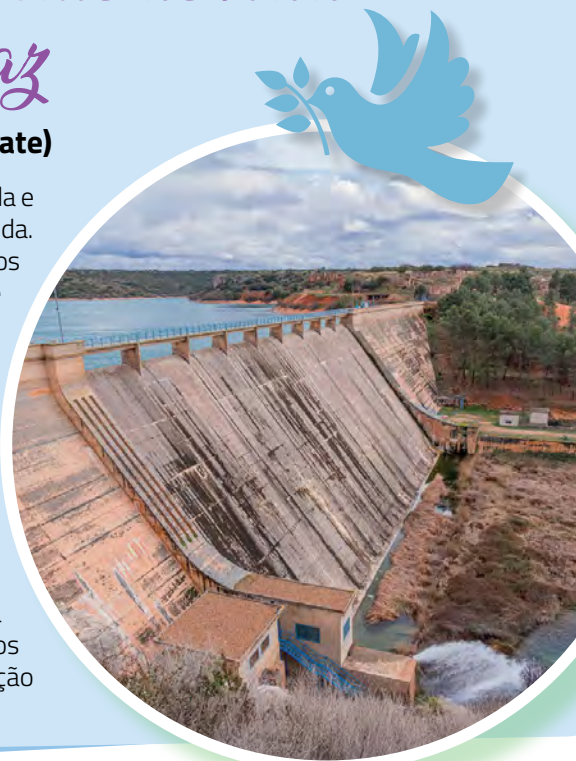
O sol se desnuda
sobre a tua cantata.
Ô pássaro da água!
Das roseiras
do meu jardim, chama
aquelas belas nuvens,
carregadas de lágrimas.
Quisera nas rosas
ver gotas de prata.

O respeito pela água como fonte de vida e a busca pela paz

(atividade de reflexão e debate)

Da água surgiu a vida, e é nela que a vida se conserva e cresce. Toda perda e todo desperdício de água constituem uma perda e um desperdício da vida. Portanto, à medida que degradamos as fontes de água, comprometemos as condições de vida no planeta. Com isso, não é apenas a natureza que sofre, mas também os seres humanos, pois somos parte integrante dela, e é ela que nos oferece as condições necessárias para a vida.

Como denunciou o Papa Francisco, a destruição das fontes de água é um dos problemas que mais afetam nossa casa comum: a Terra. Essa destruição agravou-se nos últimos anos em razão da mineração ilegal, da crescente urbanização, das mudanças climáticas e da inteligência artificial. É provável que, em um futuro não muito distante, a escassez de água seja uma das principais causas de conflitos e guerras entre os povos. Lutar contra a destruição das fontes de água e utilizar de maneira responsável os recursos hídricos de que dispomos é uma das contribuições essenciais que podemos dar para a construção da paz nos âmbitos regional, nacional e mundial.



Para compreender melhor essa questão, você deve pesquisar alguns aspectos e preparar-se para realizar um debate com seus colegas. Para isso, siga estas instruções:

1. Preparação para o debate

- Atualmente, existe escassez de água no mundo? É previsível que ela se torne mais escassa no futuro? Por quê?
- Em sua opinião, quais são as cinco principais causas que ameaçam provocar uma possível escassez de água no mundo?
- Identifique cinco atividades (legais ou ilegais) que consomem água em excesso. Você considera justificável que elas utilizem tanta água? Por quê?
- Quais seriam as consequências da escassez de água para a humanidade no futuro? Cite pelo menos cinco.
- O que você acredita que pode ser feito nas casas, nas escolas e nas cidades para promover um uso mais racional da água?

2. Anote suas respostas no caderno e utilize-as para preparar seus argumentos para o debate.

3. Perguntas para o debate

- As fontes de água do mundo estão em perigo?
- Essa situação é causada pelas mudanças climáticas ou resulta do uso inadequado que fazemos da água?
- Por que o que está acontecendo é tão grave?
- Já estamos presenciando as consequências desse problema? De que forma?
- Trata-se de algo inevitável? Nós, como cidadãos, podemos fazer algo para preservar a água?

4. Realizem essa atividade em sala de aula ou, se considerarem oportuno, organizem e promovam um grande debate envolvendo toda a instituição, com a participação de estudantes de diferentes turmas e níveis de ensino. Sigam as normas e orientações estabelecidas pela escola para a realização da atividade.

Décima 4

*Con el rugby la nación
hizo grande y de verdad
ese sueño de igualdad
que entonaba la canción.
Lo que era una ilusión
se hizo realidad pura;
y en el cielo hoy perdura
la memoria de Mandela...
Allí tiene su parcela...
¡Y es toda una figura!**

* Tradução livre: Com o rúgbi, a nação / fez crescer, de verdade, / o sonho de igualdade / que cantava a canção. / O que era uma ilusão / fez-se pura realidade; / e no céu hoje perdura / a memória de Mandela... / Ali tem sua parcela... / E é uma grande figura!



PAZ 4

**Como um país se une
por meio do esporte:**

Nelson Mandela e o jogo de rúgbi

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Leia o texto. Caso não compreenda algumas palavras, sublinhe-as e, mais tarde, procure seu significado.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Mandela, o rúgbi e o Papa

Nelson Mandela (1918-2013) foi o homem que mais lutou contra o regime do apartheid na África do Sul, que vigorou entre 1948 e 1994. O apartheid impunha uma rígida segregação racial, pois separava abertamente as pessoas de pele negra das de pele branca, sobretudo por meio da exclusão dos negros, negando-lhes o acesso, o uso ou a circulação em diversos espaços (áreas residenciais, escolas, parques, hotéis, praias etc.) e até o direito ao voto. Também impunha leis injustas que afetavam tanto negros quanto brancos, como a proibição dos casamentos inter-raciais.

Mandela formou-se em Direito e atuou como político. Como membro do Congresso Nacional Africano, lutou contra o regime dominante em seu país. Foi preso em diversas ocasiões por participar de atos de protesto e, em 1962, foi detido por conspirar para derrubar o governo sul-africano, sendo condenado à prisão perpétua em 1964. Permaneceu preso por mais de 27 anos, primeiro na Ilha Robben e, depois, em outras prisões. No entanto, mesmo encarcerado, liderou a luta contra o regime do apartheid, sempre defendendo a prática da não violência.



Em 1990, Nelson Mandela foi libertado e participou das negociações com o então presidente Frederik de Klerk para pôr fim ao regime do apartheid e convocar eleições gerais em 1994. Em reconhecimento a sua longa luta, recebeu, em 1993, o Prêmio Nobel da Paz, compartilhado com De Klerk, e foi presidente da África do Sul entre 1994 e 1999. Governou buscando a reconciliação de todos os sul-africanos. Para isso, convidou outros partidos a integrar seu governo e criou a Comissão da Verdade e Reconciliação, encarregada de investigar as violações dos direitos humanos durante o regime do apartheid.

Um dos fatos mais marcantes de sua presidência ocorreu na Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, realizada em seu país. Havia se passado pouco tempo desde o fim do apartheid, e persistia a desconfiança entre negros e brancos. Além disso, o rúgbi era um esporte muito popular entre os brancos, mas pouco praticado entre os negros. Mandela, porém, viu nele a possibilidade de unir o país em torno de um objetivo comum.



■ O presidente Frederik de Klerk.

Naquela época, os Springboks, como é conhecida a seleção sul-africana de rúgbi, vinham de uma série de fracassos e, apesar de serem uma boa equipe, haviam sido excluídos das Copas do Mundo em razão da política do apartheid. No entanto, Mandela aproveitou o fato de que a Copa do Mundo seria sediada na África do Sul e passou a apoiar decididamente a equipe. Convenceu os dirigentes esportivos do país, em sua maioria pertencentes ao grupo étnico negro, a apoiar os Springboks e persuadiu o capitão da seleção, François Pienaar, de que uma grande conquista esportiva poderia ajudar a superar a divisão que ainda existia entre os sul-africanos.

A tarefa não era fácil, pois o rúgbi continuava a ser considerado um esporte “de brancos”, enquanto a população negra preferia o futebol. Assim, os jogadores da seleção de rúgbi passaram a realizar treinamentos com as comunidades negras e, desse modo, a equipe começou a conquistar maior aceitação e apoio.

Após as primeiras vitórias naquele mundial, os Springboks tornaram-se a equipe de todos os sul-africanos. Com o apoio do país inteiro e contrariando todas as expectativas, chegaram à final do campeonato. Nessa decisão, porém, teriam pela frente a melhor equipe de rúgbi do mundo: a seleção da Nova Zelândia.

Antes da final e como forma de motivação para a partida, os jogadores sul-africanos visitaram a Ilha Robben, onde Mandela havia permanecido preso por muitos anos. Foi assim que, em 24 de junho de 1995, no Estádio Ellis Park, em Johannesburg, os Springboks derrotaram os lendários All Blacks, da Nova Zelândia, e conquistaram o título mundial ao vencê-los por 15 a 12 na prorrogação. A comemoração dessa conquista uniu pela primeira vez a população de um país que havia permanecido dividido por décadas.



No mesmo ano, apenas alguns meses depois, um segundo acontecimento faria da África do Sul um país que podia voltar a se apresentar ao mundo sem constrangimento: a visita do Papa João Paulo II, em 17 de setembro de 1995, que serviu para celebrar, ao lado de Mandela e de todo o povo sul-africano, o fim do injusto regime do apartheid.

Los Angeles Times, um prestigiado jornal estadunidense, registrou assim esse fato:

O Papa, na África do Sul, beija a terra que um dia desprezou



■ O Papa João Paulo II.

JOHANNESBURGO, África do Sul

O Papa João Paulo II, ao beijar o solo de uma nação que durante muito tempo desprezou, pôs fim, no sábado, ao distanciamento do Vaticano em relação à África do Sul e abençoou o abandono do regime da

**João Paulo II
enaltece a "nação
arco-íris"**

**O presidente
Mandela elogia
o "repúdio" do
pontífice contra o
apartheid.**

minorias brancas. A visita ocorreu sete anos depois de o Papa ter irritado os líderes do apartheid ao recusar-se a beijar o solo quando o avião papal foi obrigado a pousar no país devido ao mau tempo.

"Hoje minha viagem me leva a uma nova África do Sul... uma 'nação arco-íris', indicando a diver-

cidade de raças, grupos étnicos, línguas e culturas que a caracterizam”, disse o Papa ao ser recebido no aeroporto pelo presidente Nelson Mandela. Quatro órfãos, representando os grupos negro, branco, mestiço e de origem indiana da África do Sul, entregaram ao Papa um cesto com terra quando ele desceu do avião, enquanto o sol começava a surgir entre as nuvens de chuva. Desde que se submeteu a uma cirurgia no quadril no ano anterior, o Papa não se inclinava sobre a pista de pouso em suas visitas para dar o tradicional beijo no solo.

“Dizer que esta visita demorou demais é prestar homenagem a sua própria aversão ao sistema do apartheid”, afirmou Mandela, vestindo um terno escuro em vez de sua habitual camisa de cores vivas. Mandela encontrou-se com o Papa pela primeira vez em Roma, em 1990, pouco depois de ser libertado após 27 anos de prisão sob o regime do apartheid. Os dois reuniram-se em particular, no sábado, na residência presidencial de Pretória, e Mandela declarou que conversaram sobre “a construção da nação e o papel dos fiéis religiosos”.

A viagem do Papa à África — a 67ª viagem internacional de seu pontificado — tem como principal objetivo visitar o clero para apresentar um documento papal sobre a África e o futuro da Igreja Católica no continente. No entanto, a etapa na África

do Sul incluirá um dos encontros festivos de que o Papa tanto gosta.

Os responsáveis pela Igreja preveem que 400 mil pessoas participarão hoje de uma missa ao ar livre em um parque de Johannesburgo. Mandela, meto-

disto, foi convidado a compartilhar o altar. Essa será a única oportunidade para a maioria dos sul-africanos ver o Papa, que recebeu algumas críticas por não ter previsto visitar os bairros negros que se tornaram símbolo do desespero da população negra do país.

Sua chegada, no sábado, foi marcadamente discreta. Um rigoroso esquema de segurança no aeroporto impediu o acesso de quase todos os presentes, com exceção de algumas centenas de simpatizantes, e o trajeto da comitiva papal até Pretória, a cerca de 40 quilômetros de distância,

foi mantido em segredo. Poucas pessoas o saudaram quando deixou o aeroporto, e evitou-se a presença de alguns manifestantes.

João Paulo II chegou procedente de Camarões, país da África Ocidental, primeira etapa de sua viagem de seis dias pelo continente. O Papa prevê seguir para o Quênia na segunda-feira, para uma visita de dois dias, antes de regressar a Roma. Sua próxima viagem será aos Estados Unidos, entre 4 e 7 de outubro. ■



■ Nelson Mandela.

POPE, in South Africa, kisses the soil he once scorned. *Los Angeles Times*, 17 set. 1995. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-1995-09-17-mn-46901-story.html>. Acesso em: 5 jan. 2026. [Tradução adaptada.]

3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 De que você mais gostou no texto? Por quê?
- 2 Escreva com suas próprias palavras quem foi Nelson Mandela e por que ele foi importante para seu país e para o mundo.
- 3 Em que consistia o regime do apartheid, que vigorou na África do Sul por mais de quarenta anos? Você o considera um regime injusto? Por quê? Qual foi a atitude do Papa diante desse regime? Por quê?
- 4 Quais foram as principais ações de Mandela como presidente de seu país?
- 5 Como Mandela uniu seu país depois de tantos anos de divisão? Que estratégia ele utilizou para isso? Você a considera adequada? Por quê?
- 6 O que Mandela conseguiu fazer? Em que se inspirou para alcançar esse feito? Por que foi capaz de fazê-lo?
- 7 Por que foi tão significativa a visita do Papa João Paulo II à África do Sul em 1995?
- 8 Você conhece outros casos em que um país dividido se uniu em torno de uma conquista esportiva?



**MANUAL
para os professores**

Recurso a utilizar	Histórias inspiradoras
Âmbito de trabalho	Em classe ou extraclasse
Textos inspiradores e de referência	"Invictus", poema de William Ernest Henley <i>Invictus</i>, filme dirigido por Clint Eastwood (2009)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	O esporte e sua contribuição para a conquista da paz entre os povos
Atitudes geradoras de paz	- Igualdade racial - Tolerância - Comunhão entre distintas religiões
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Educação física - Ciências sociais (história e geografia)
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

O *racismo* é uma ideologia que sustenta que existem grupos étnicos superiores a outros nos aspectos biológico, social e cultural. Essa ideologia teve muita força e provocou grandes danos nos séculos XIX e XX, dando origem a políticas como o apartheid na África do Sul e as leis Jim Crow nos Estados Unidos. O racismo provoca *segregação* e *discriminação*, ou seja, o tratamento desigual das pessoas, excluindo determinados grupos étnicos (africanos, afro-descendentes, indígenas, ciganos, entre outros) de diversos espaços e direitos. Por exemplo, tanto na África do Sul quanto nos Estados Unidos, as pessoas negras eram impedidas de entrar em determinados locais públicos e obrigadas a ocupar espaços separados daqueles destinados às pessoas brancas ou até a ceder seus assentos a elas nos transportes públicos.

Os Papas têm se oposto ao racismo, e um exemplo disso foi a denúncia das injustiças cometidas pelo regime do apartheid na África do Sul, como fez o Papa João Paulo II. Por sua vez, o Papa Leão XIV, de origem estadunidense, desde quando era cardeal se opôs aos abusos cometidos contra os afro-americanos nos Estados Unidos — sobretudo após o assassinato de George Floyd, em 2020, por um policial — e às políticas migratórias do presidente Donald Trump. Essas posições dos Papas são atitudes coerentes, pois o racismo e a discriminação não apenas constituem flagrante violação dos direitos humanos, mas também contrariam as convicções mais fundamentais do cristianismo, que professa que todos os seres humanos são filhos de um mesmo Deus.

O **Papa Francisco**, em sua mensagem para a Conferência Mundial sobre Xenofobia, Racismo e Nacionalismo Populista no Contexto das Migrações Mundiais, realizada entre 18 e 20 de setembro de 2018, afirmou a esse respeito, no encerramento do encontro:

Vivemos tempos em que parecem retomar vida e difundir-se sentimentos que muitos supunham superados. Sentimentos de suspeita, de temor, de desprezo e até de ódio em relação a indivíduos ou grupos julgados diversos devido à sua pertença étnica, nacional ou religiosa e, enquanto tal, considerados não suficientemente dignos de participar de modo pleno na vida da sociedade. Além disso, estes sentimentos muitas vezes inspiram verdadeiros atos de intolerância, discriminação ou exclusão, gravemente lesivos da dignidade das pessoas envolvidas e dos seus direitos fundamentais, inclusive do próprio direito à vida e à integridade física e moral. Infelizmente, acontece também que no mundo da política se ceda à tentação de instrumentalizar os medos ou as dificuldades objetivas de alguns grupos e de se servir de promessas ilusórias para interesses eleitorais míopes.





Diante desse panorama desolador, o Papa também reconhecia a responsabilidade dos líderes religiosos:

Perante o alastrar-se de novas formas de xenofobia e de racismo, também os líderes de todas as religiões têm uma importante missão: difundir entre os seus fiéis os princípios e valores éticos inscritos por Deus no coração do homem, conhecidos como lei moral natural. Trata-se de cumprir e inspirar gestos que possam contribuir para construir sociedades fundadas no princípio da sacralidade da vida humana e no respeito pela dignidade de cada pessoa, na caridade, na fraternidade — que vai muito além da tolerância — e na solidariedade. [...] A dignidade de todos os homens, a unidade fundamental do gênero humano e a chamada a viver como irmãos encontram confirmação e fortalecem-se ulteriormente na medida em que se acolhe a Boa Nova de que todos são igualmente salvos e reunidos por Cristo, a ponto que — como diz São Paulo — “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois [...] somos] um em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Nesta perspectiva, o outro não só é um ser que devemos respeitar em virtude da sua dignidade intrínseca, mas sobretudo um irmão ou uma irmã que devemos amar.

Uma história como a de Nelson Mandela é inspiradora justamente quando ocorrem fenômenos de exclusão, into-

lerância, discriminação e, sobretudo, racismo. Ele, apesar de ter sido vítima do regime de exclusão de seu país, ao tornar-se presidente não só jamais teve a intenção de se vingar daqueles que lhe causaram sofrimento, como promoveu um processo de reconciliação e convivência entre brancos e negros após muitos anos de discriminação.

A história de Mandela é, por si só, tão inspiradora que dispensa muitas explicações. Basta dizer que uma das mensagens que ela nos deixa é demonstrar que a convivência pacífica entre pessoas que antes se viam mutuamente com ódio e desconfiança pode tornar-se realidade. Isso não é apenas uma lição histórica, mas um exemplo a ser seguido por indivíduos e povos, pois Mandela conseguiu pôr fim a um regime injusto (o do apartheid) recorrendo a um duplo princípio: o da reparação da injustiça (por meio da criação de uma comissão para investigar as violações dos direitos humanos cometidas durante o regime) e o da verdade (com uma comissão encarregada de esclarecer os fatos, a fim de que nunca mais voltassem a acontecer).

A paz só se sustenta sobre princípios tão sólidos quanto estes: justiça, reparação e verdade, que desde o fim do apartheid têm constituído a base das negociações de paz que ocorreram e continuam ocorrendo em muitos outros países, como a Colômbia.



Apresentação da atividade

O texto inspirador “Mandela, o rúgbi e o Papa” reúne três elementos-chave: a vida de Nelson Mandela como símbolo da paz na África do Sul, a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 e sua relevância para o povo sul-africano, e a visita do Papa João Paulo II a esse país. Trata-se de uma breve crônica acompanhada de uma notícia do jornal estadunidense *Los Angeles Times*. Naturalmente, o texto menciona apenas três acontecimentos fundamentais, mas os alunos e o professor poderão aprofundar um pouco mais esses fatos, se assim desejarem, pois fazem parte de uma história inspiradora muito mais ampla, que abrange desde a formação da África do Sul como país, a vida e a luta de Mandela, a história, a importância e as conquistas da seleção sul-africana de rúgbi até a vida e a obra de João Paulo II.

Entretanto, o objetivo não é acumular informações, e sim compreender o significado de um episódio tão transcendental para a história da não violência como o relatado na crônica. Tampouco se deve focar apenas em entender o que aconteceu, mas também em sensibilizar-se com os fatos narrados. Nesse sentido, é possível complementar o texto com imagens e vídeos disponíveis nas redes sociais, que podem ajudar a perceber melhor o impacto que esses acontecimentos tiveram para a África do Sul e para o mundo. Uma opção é exibir o filme *Invictus* (na íntegra ou apenas um trecho), que pode ser encontrado em plataformas de streaming.

Dessa forma, não basta ler a crônica aqui apresentada; é preciso sentir de maneira profunda o que uma história inspiradora pode despertar em nós: admirar a grandeza histórica de uma personalidade como Nelson Mandela e, sobretudo, aprender com ele uma lição de resistência, perseverança, convicção, heroísmo, perdão, solidariedade e dedicação ao bem comum. A humanidade lhe deve um dos mais valiosos exemplos de inteligência e grandeza política; felizmente, o mundo teve a oportunidade de manifestar-lhe gratidão nos últimos anos de sua vida, durante a cerimônia de abertura da Copa do Mundo da FIFA de 2010, no estádio de Johannesburgo, em 2010.





Orientações pedagógicas

Como já mencionado, essa história aborda três aspectos. O primeiro é *a figura de Nelson Mandela como homem da paz e líder político* que foi capaz de conduzir seu país, a África do Sul, de um regime de discriminação e opressão (o apartheid) para uma nação que hoje encara o futuro com maior otimismo. Apesar das dificuldades, reconstruiu as instituições e promoveu uma transformação rumo a uma democracia em que a igualdade e a convivência fossem possíveis. Para a compreensão adequada desse aspecto, é muito importante contextualizar os fatos para que os alunos compreendam em que consistia esse regime injusto, como ele se formou e por que perdurou por tantos anos, pois, com essa base, poderão captar melhor a transcendência da missão de Mandela.

É importante destacar que Mandela pautou toda a sua luta pelos rigorosos princípios da não violência, mesmo tendo sofrido a mais dura opressão do regime que o condenou. Resistiu sem recorrer à força e jamais incitou os cidadãos sul-africanos à violência. Ao contrário, deu exemplo de uma profunda capacidade de reconciliação ao convidar os jogadores da seleção de rúgbi (todos do grupo étnico branco) a realizar demonstrações de seus treinamentos nos bairros mais pobres das cidades, cujos habitantes eram, em sua maioria, negros. Mandela fez seu povo compreender que, dali em diante, a cor da pele nunca mais seria motivo de divisão entre os seres humanos.

O segundo aspecto relevante dessa história é *o uso do esporte como instrumento para promover a convivência entre os povos*. Embora o esporte mais popular na África do Sul não fosse o rúgbi, e sim o futebol, Mandela soube perceber a oportunidade de sediar a Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 e transformar esse evento em um motivo para unir seu povo, sem distinção de raça, em torno de um objetivo comum: conquistar o campeonato e alcançar a vitória como um país unido pelo rúgbi. Somou-se a isso o fato de a seleção sul-africana ter derrotado, na final, a melhor equipe da época, a poderosa seleção da Nova Zelândia.

Trata-se de um acontecimento verdadeiramente emocionante, ao qual Mandela soube acrescentar um toque épico ao presentear o capitão da equipe, François Pienaar, com o poema "Invictus", do poeta inglês William Ernest Henley. Esse poema havia servido de grande inspiração para Mandela durante seus anos de prisão, e ele sugeriu a Pienaar que o lesse com os demais integrantes da equipe. Recomenda-se compartilhar com os alunos



esse episódio específico, retratado no vídeo "La mejor escena de *Invictus*", disponível no YouTube. Também não se deve deixar de mencionar o papel desempenhado por dois sul-africanos brancos: o ex-presidente Frederik de Klerk e François Pienaar, ambos estendendo a mão a Mandela — o primeiro para pôr fim de maneira decisiva ao apartheid, e o segundo atuando como intermediário entre o presidente Nelson Mandela e os demais jogadores da equipe.

O terceiro aspecto que convém destacar nessa história é *a visita do Papa João Paulo II à África do Sul*, poucos meses após a vitória sul-africana, a qual não foi um acontecimento menor, se considerados dois fatos: o primeiro, que anos antes o Papa havia se recusado a beijar o solo da África do Sul (um gesto simbólico que os Papas costumam realizar ao chegar a uma nação) em razão do regime do apartheid; o segundo, que esse país não é católico, assim como Man-



dela também não o era. Ambos os fatos são mencionados na reportagem do *Los Angeles Times*. Isso significa que a visita foi um ato tanto político quanto ecumênico e eclesial. Foi ecumênico por promover o diálogo aberto e sincero entre as diferentes religiões, favorecendo, para além das diferenças doutrinárias, a comunhão entre todos os seres humanos e suas diversas Igrejas. Foi também um acontecimento político porque representou o apoio a uma nação que conseguiu superar um regime de manifesta injustiça. E foi igualmente um ato eclesial porque o convite feito pelos católicos a Mandela para compartilhar o altar constituiu uma demonstração de que a comunhão entre as Igrejas é possível e de que elas podem ser verdadeiras promotoras da paz mundial. Uma prova dessa comunhão é que as guerras motivadas por questões religiosas não devem ter lugar no mundo atual; ao contrário, as religiões devem sempre empenhar-se em promover uma paz sincera entre as pessoas e os povos.

Para ilustrar melhor esses três aspectos, o docente e os alunos podem buscar fotografias, vídeos, infográficos e outros recursos disponíveis nas redes sociais, especialmente no YouTube. Essa pesquisa deve ser orientada pelo professor para evitar que os estudantes tenham contato com notícias falsas ou informações enganosas, bem como com conteúdos marcados por vieses ideológicos que, em vez de contribuir para a construção da paz, promovem o contrário. Além disso, para melhor contextualização, sugere-se que, em algum momento da atividade, os alunos localizem a África do Sul e suas principais cidades em um mapa do continente africano. Também seria desejável apresentar imagens do país que permitam conhecer alguns de seus aspectos geográficos e culturais, como o fato de ser um território maior do que o de vários países das Américas Central e do Sul e da Europa, contar com três capitais distintas, apresentar uma notável diversidade étnica e cultural (razão pela qual costuma ser chamado de “nação arco-íris”), ter 12 idiomas oficiais e possuir pradarias, desertos, montanhas e litorais banhados pelos oceanos Índico e Atlântico. É, além disso, o primeiro e, até o momento, o único país africano a sediar uma Copa do Mundo da FIFA, o que ocorreu em 2010. Conhecer essas particularidades ajudará a compreender muito melhor a importância das ações de Mandela e de todo o povo sul-africano para superar o injusto regime do apartheid.

O professor não deve preocupar-se caso algumas das atividades aqui propostas não possam ser realizadas no tempo inicialmente previsto, pois parte delas poderá ser desenvolvida pelos estudantes em seus momentos de descanso ou em casa, na companhia de familiares e amigos.

Para isso, recomenda-se que os alunos voltem a ler a crônica ou vejam e comentem, em família ou com amigos, o filme *Invictus*, disponível em plataformas como Netflix ou HBO Max. No entanto, é importante que essa atividade não seja percebida como uma tarefa escolar, mas como um momento de lazer, no qual o conhecimento seja adquirido de maneira agradável, desfrutando da companhia das pessoas de maior confiança.

Em essência, a atividade busca algo muito simples: apreciar, por meio de uma história inspiradora, as diversas atitudes que favorecem a construção da paz. Em primeiro lugar, o valor da igualdade entre as pessoas, de modo que não haja distinções de idade, etnia, sexo, condição social, ideologia política etc. Nesse caso, destaca-se a igualdade racial como um princípio fundamental para evitar horrores e injustiças como aqueles gerados pelo regime do apartheid. Em segundo lugar, a importância do respeito às diferenças, como ocorreu na África do Sul entre a população negra, que jogava futebol, e a branca, que praticava rúgbi, respeito que foi alcançado sob a liderança de Mandela e que contribuiu para a reconciliação e o perdão, tornando possível reconstruir juntos a nação. Sem dúvida, esse foi um ato de suprema coragem, como afirmou o próprio Mandela: “As pessoas corajosas não têm medo de perdoar em nome da paz”. Em terceiro lugar, está a comunhão entre as diferentes Igrejas, que pode ser definida como uma atitude de abertura e respeito pelas crenças dos outros e que foi simbolizada pela presença de Mandela no altar durante a celebração da missa católica presidida pelo Papa João Paulo II. Não se deve perder de vista o valor desses gestos, pois eles constituem um testemunho permanente de que a paz entre os povos se constrói na medida em que somos capazes de compartilhar a mesma mesa, apesar das diferenças que apresentamos.



Essa atividade foi planejada para ser realizada em 4 sessões de 20 minutos, embora sua duração possa ser um pouco maior, de acordo com as práticas que cada instituição de ensino adota.

1ª
sessão

Nesse momento inicial, recomenda-se ler a crônica com os alunos, fazendo pausas para explicar de maneira clara os elementos que lhes pareçam difíceis de compreender. Nessa primeira sessão, também é oportuno apresentar uma contextualização que permita compreender melhor o enredo, localizando a África do Sul no mapa, contando algo de sua história e elaborando uma breve cronologia dos acontecimentos.

2ª
sessão

Para essa sessão, sugere-se dedicar tempo suficiente para analisar quem foi Nelson Mandela e por que ele é considerado uma figura importante em seu país e no mundo. Talvez seja interessante reunir alguns episódios marcantes de sua vida, mas, sobretudo, deve-se destacar sua contribuição para a paz mundial e o fato de ter recebido, com Frederik de Klerk, o Prêmio Nobel da Paz em 1993. Também podem ser trabalhadas, de maneira proveitosa, as quatro primeiras perguntas do questionário que se encontra ao final da leitura:

- De que você mais gostou no texto? Por quê?
- Escreva com suas próprias palavras quem foi Nelson Mandela e por que ele foi importante para seu país e para o mundo.
- Em que consistia o regime do apartheid, que vigorou na África do Sul por mais de quarenta anos? Você o considera um regime injusto? Por quê? Qual foi a atitude do Papa diante desse regime? Por quê?
- Quais foram as principais ações de Mandela como presidente de seu país?

3ª sessão

Sugere-se dedicar essa sessão à forma como o protagonismo de Nelson Mandela e de François Pienaar conseguiu unir um país inteiro, profundamente dividido pela discriminação racial, por meio de um esporte como o rúgbi. Esse também é um momento oportuno para ressaltar aos alunos que, embora o rúgbi fosse visto na África do Sul como um esporte “de brancos”, as ações de Mandela e de Pienaar despertaram grande entusiasmo entre todos os cidadãos sul-africanos, independentemente da cor de sua pele, fazendo com que todos se sentissem, pela primeira vez, parte de uma única nação.

- Como Mandela uniu seu país depois de tantos anos de divisão? Que estratégia ele utilizou para isso? Você a considera adequada? Por quê?
- O que Mandela conseguiu fazer? Em que se inspirou para alcançar esse feito? Por que foi capaz de fazê-lo?

4ª sessão

Recomenda-se dedicar essa sessão a examinar com maior atenção o significado da visita do Papa João Paulo II à África do Sul. Para isso, o professor — depois de ler cuidadosamente a notícia incluída na crônica — pode começar propondo aos estudantes as perguntas 7 e 8 da atividade:

- Por que foi tão significativa a visita do Papa João Paulo II à África do Sul em 1995?
- Você conhece outros casos em que um país dividido se uniu em torno de uma conquista esportiva?

Em seguida, para aprofundar o tema, sugere-se que o professor faça outras perguntas aos alunos:

- Por que os Papas não visitavam antes a África do Sul?
- Por que o Papa João Paulo II, em determinado momento, recusou-se a beijar o solo da África do Sul?
- Por que ele visitou a África do Sul e Nelson Mandela justamente em 1995?
- Era adequado que ele se comprometesse de maneira tão clara com as políticas de um governo como o de Mandela?



Atividades complementares

Histórias para lembrar

A história de como Nelson Mandela aproveitou a Copa do Mundo de Rúgbi para unir seu país em torno de um único propósito foi imortalizada no filme Invictus, lançado em 2009, dirigido por Clint Eastwood e estrelado por Morgan Freeman e Matt Damon. O filme recebeu esse nome em referência ao poema “Invictus”, do poeta inglês William Ernest Henley, composição que também inspirou o próprio Mandela durante os anos em que esteve preso. A seguir, apresenta-se o poema original em inglês, seguido de sua tradução para o português.

Out of the night that covers me,
Black as the pit from pole to pole,
I thank whatever gods may be
For my unconquerable soul.

Na profunda noite que me enlaça,
negra como um abismo inevitável,
a quaisquer deuses dou graças
por minha alma insondável.



■ O poeta William Ernest Henley.

In the fell clutch of circumstance
I have not winced nor cried aloud.
Under the bludgeonings of chance
My head is bloody, but unbowed.

Beyond this place of wrath and tears
Looms but the Horror of the shade,
And yet the menace of the years
Finds and shall find me unafraid.

It matters not how strait the gate,
How charged with punishments the scroll,
I am the master of my fate,
I am the captain of my soul.

Nas cruéis garras dos fatos
Não vacilei nem minha voz bradou.
Sob os golpes impiedosos do acaso,
Minha cabeça sangra, mas não se curvou.

Para além da ira e das lágrimas,
O Horror das sombras vejo erguido,
E ainda assim os anos são ameaças
Que sempre me encontrarão destemido.

Não importa quão estreita seja a porta,
Quão carregada de castigos a sentença,
Sou senhor do meu destino,
Sou o capitão da minha alma.

1. Procure o filme *Invictus* e assista a ele com seus colegas para, em seguida, realizar um debate. É possível encontrá-lo em plataformas como Netflix ou HBO Max. Caso não consiga vê-lo na íntegra, assista a alguns trechos disponíveis no YouTube.

2. Prepare-se para o cine-debate com base nas seguintes perguntas:

- De que você mais gostou no filme? Por quê?
- Houve algo que incomodou você ou que você não compreendeu? Por quê?
- O que mais chamou sua atenção em um país como a África do Sul? Em que ele se parece e em que difere de seu país?
- Quais são os personagens principais e que impressão cada um deles lhe causou?
- Qual foi a cena que mais emocionou você em todo o filme?
- O que você aprendeu com o que viu no filme?
- Você recomendaria esse filme a outras pessoas?
- Gostaria de assistir a ele novamente? Com quem?

3. Agora, depois de concluírem o cine-debate, leiam em voz alta este poema de Gloria Fuertes:

Se todos os políticos se tornassem pacifistas

Se todos os políticos
se tornassem pacifistas,
a paz viria.
Que nunca mais haja outra guerra;
porém, se houver,
que todos os soldados
entrem em greve!

A liberdade não consiste em ter um
bom senhor,
mas em não ter senhor algum.
Meu partido é a Paz.
Eu sou sua líder.
Não peço votos;
peço botas para os descalços
— que ainda são muitos.

■ A poeta Gloria Fuertes.





O esporte e sua contribuição para a conquista da paz entre os povos

(exercício de reflexão e discussão)

Além da Copa do Mundo de Rúgbi de 1995, realizada na África do Sul, houve diversos momentos, ao longo dos últimos cem anos, em que o esporte serviu como forma de denunciar injustiças e promover a paz entre os povos, e muitos deles ocorreram durante a realização dos Jogos Olímpicos.

A seguir, você encontrará uma lista de dez acontecimentos marcantes da história do esporte. Pesquise sobre cada um deles e explique, com suas próprias palavras, o que aconteceu em cada caso.

Acontecimento esportivo	O que ocorreu e por que foi tão importante na época?
Os Jogos Olímpicos da Antiguidade	
A vitória de Jesse Owens nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936	
O gesto no pódio de Tommie Smith e John Carlos nos Jogos Olímpicos da Cidade do México, em 1968	
A Equipe Olímpica de Refugiados nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016	
A campanha de Didier Drogba por um cessar-fogo na guerra civil da Costa do Marfim	
Os Jogos Paralímpicos	
A primeira Copa do Mundo Feminina da FIFA, em 1991, na China	
A tragédia aérea da Associação Chapecoense de Futebol, em 2016	
Os Jogos Mundiais dos Povos Indígenas	
Cathy Freeman, a velocista que carregou a bandeira dos povos aborígenes australianos nos Jogos da Commonwealth de 1994	

Para concluir, discuta com seus colegas:

1. De que maneira a prática de esportes pode contribuir para a conquista da paz no mundo?
2. Se você admira muito alguns esportistas, quem são eles? Como você acredita que eles poderiam colaborar para a promoção da paz mundial e da paz entre os povos?

ATIVIDADES

Crianças de 9 a 12 anos

- 5. Entrevista com alguém que luta pela paz
- 6. Os dilemas de Alexei
- 7. A utopia da paz: *Martin Luther King*
- 8. Planejar para a paz





Décima 5

*Son personas admirables
aquellas que por la paz luchan,
que hablan, que se escuchan
y son siempre razonables.
Y es bueno que tú hables
en comunes entrevistas,
y que sigas tú las pistas
de estos grandes personajes
y les hagas homenajes
en tus clases y revistas.**

* Tradução livre: São pessoas admiráveis / as que lutam pela paz, / que falam, que se escutam / e são sempre razoáveis. / É bom que você converse / em entrevistas informais / e que siga os passos / desses grandes personagens, / prestando-lhes homenagens / em suas aulas e revistas.



PAZ 5

Entrevista com alguém que luta pela paz

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

- Sob a orientação de seu professor, preparem, em grupo, uma entrevista a ser realizada com uma pessoa que vocês considerem alguém que luta pela paz.
- Como primeiro passo, leiam o “Guia para a preparação e realização de uma entrevista com uma personalidade”, que contém informações gerais sobre o planejamento, a realização e a avaliação de entrevistas.
- Em seguida, façam o que se propõe nas orientações específicas, que começam com as “Orientações para realizar uma boa entrevista com alguém que luta pela paz”. Lembrem-se de que a qualquer momento vocês podem consultar novamente o guia com as informações gerais.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Guia para a preparação e realização de uma entrevista com uma personalidade

1 Escolha do entrevistado

- Cada integrante do grupo deve indicar uma pessoa que gostaria de entrevistar e explicar os motivos de sua escolha.
- Em grupo, por meio de um diálogo aberto entre alunos e professor, escolham qual das pessoas propostas será entrevistada.
- Decidam, em conjunto, quem ficará responsável por entrar em contato com a pessoa escolhida para convidá-la para a entrevista, verificar sua disponibilidade, sugerir e combinar o local e a data, solicitar autorização para gravar a entrevista e perguntar se prefere que seja gravado apenas o áudio ou também a imagem em vídeo.

2 Preparação da entrevista

- Definam qual função cada integrante desempenhará ou de qual equipe fará parte:
 - equipe de pesquisa, responsável por reunir informações sobre a pessoa entrevistada para compartilhá-las e estudá-las em grupo;
 - apresentador-moderador, responsável por apresentar o entrevistado e o tema da entrevista, anunciar o encerramento, agradecer ao entrevistado e, se for o caso, conceder-lhe a palavra no momento oportuno para que faça uma saudação, apresente algumas considerações finais e se despeça;
 - equipe de entrevistadores, que fará as perguntas e conduzirá a interação com o entrevistado;
 - equipe responsável por fazer anotações, que poderá ser composta de entrevistadores e de integrantes da equipe de pesquisa;
 - equipe responsável pela gravação.
- Com a ajuda do professor, estabeleçam quantas perguntas serão feitas e em que ordem. Peçam-lhe também que os auxilie a verificar se as perguntas estão bem formuladas.



3

Realização da entrevista

- Antes de iniciar, verifiquem se estão reunidas as condições necessárias para a realização da entrevista: boa conexão com a internet, caso decidam transmitir ao vivo ou consultar informações durante a entrevista; bateria suficiente dos dispositivos; funcionamento adequado dos equipamentos digitais para gravação; cadernos e lápis à mão; que todos os participantes estejam presentes e preparados, entre outros aspectos.
- O apresentador-moderador deve fazer uma breve apresentação do convidado, agradecer sua presença e disponibilidade e conceder-lhe tempo para que diga algumas palavras.
- Os entrevistadores farão as perguntas ao entrevistado de acordo com a ordem, a quantidade e a distribuição preestabelecidas para cada um.
- Enquanto o entrevistador da vez conversa com o entrevistado, os demais farão anotações com a equipe de pesquisa.
- Ao final da entrevista, o apresentador-moderador deve agradecer ao entrevistado por ter compartilhado sua experiência com o grupo.

4

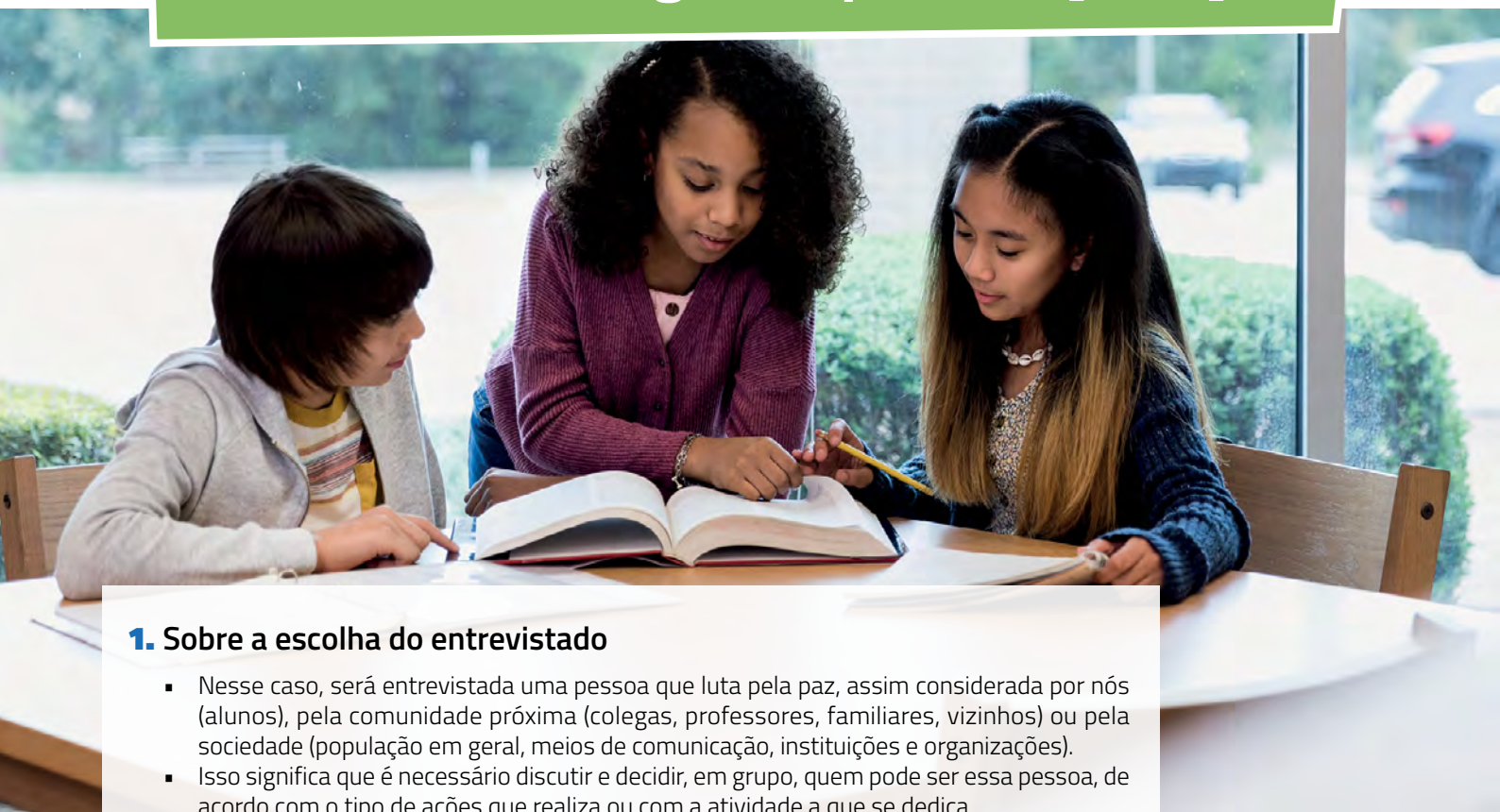
Avaliação da entrevista

- Após o término da entrevista, comentem a experiência em grupo e com o professor.
- Procurem garantir que todos participem com comentários e opiniões na avaliação da entrevista.
- Depois que todos tiverem avaliado a experiência, proponham melhorias a serem consideradas em futuras entrevistas.

A seguir, leia, com seus colegas, as “Orientações para realizar uma boa entrevista com alguém que luta pela paz” e, com base nelas, comecem a organizar o trabalho.



Orientações para realizar uma boa entrevista com alguém que luta pela paz



1. Sobre a escolha do entrevistado

- Nesse caso, será entrevistada uma pessoa que luta pela paz, assim considerada por nós (alunos), pela comunidade próxima (colegas, professores, familiares, vizinhos) ou pela sociedade (população em geral, meios de comunicação, instituições e organizações).
- Isso significa que é necessário discutir e decidir, em grupo, quem pode ser essa pessoa, de acordo com o tipo de ações que realiza ou com a atividade a que se dedica.
- É importante lembrar que ser uma pessoa pacífica (tranquila, que evita envolver-se em problemas) não é o mesmo que ser alguém que luta pela paz, pois, muitas vezes, travar esse tipo de luta implica enfrentar problemas e conflitos.
- Também não se deve esquecer que aqueles que lutam pela paz não o fazem apenas em benefício próprio ou para alcançar sua própria paz, mas buscam promover a paz entre as pessoas com quem convivem. Nesse sentido, quem se dedica a essa causa exerce liderança e possui autoridade moral perante os membros de sua comunidade, que acreditam e confiam nessa pessoa.
- Pensem em quem pode ser essa pessoa que luta pela paz: alguém da escola? Algum familiar? Alguém conhecido nas redes sociais? Onde seria possível encontrar um defensor da paz?
- Pensem também no que gostariam de perguntar a essa pessoa. Como se tratará de alguém que inspira respeito e admiração, é muito importante agir com consideração e cuidado ao formular as perguntas.
- Já têm um candidato ou uma candidata? Apresentem sua proposta ao grupo e expliquem aos colegas por que consideram que essa pessoa luta pela paz. Procurem aceitar e ficar satisfeitos com a escolha da pessoa a ser entrevistada feita pelo grupo; trata-se de uma decisão coletiva que deve ser apoiada por todos.

2. Para a preparação da entrevista

- Agora que já escolheram quem desejam entrevistar, é hora de preparar a entrevista em grupo. Antes de tudo, é necessário entrar em contato com a pessoa que desejam entrevistar e perguntar-lhe, com respeito: 1) se ela gostaria de ser entrevistada e se dispõe de tempo para isso; 2) em que momento lhe seria mais conveniente (o local deve ser a sala de aula, pois se trata de uma atividade da disciplina); e 3) se concorda que a entrevista seja gravada. É fundamental ser muito claro ao explicar a finalidade e o tema da entrevista.
- Depois de obter a aceitação do convite e chegar a um acordo com a pessoa a ser entrevistada, é o momento de buscar e reunir informações básicas e gerais sobre ela, para compartilhá-las com o grupo, de modo que todos possam formar uma primeira impressão dessa pessoa e de sua atuação em favor da paz. Por exemplo: nome e sobrenome, local e data de nascimento, estudos, profissão ou ocupação, estado civil, número de filhos (caso tenha), lugares onde viveu e trabalhou, algumas conquistas e qualidades que fazem dela uma pessoa que luta pela paz.
- Essas informações devem ser obtidas em fontes públicas, ou seja, na internet, em meios de comunicação, nos arquivos de alguma instituição, ou por meio de pessoas próximas do entrevistado. Também se recomenda conhecer um pouco sobre sua vida pessoal ou familiar, sempre respeitando sua privacidade. É preciso ter cuidado para não divulgar informações de caráter confidencial.
- Com base nessas informações, começam a ser elaboradas as primeiras perguntas de apresentação e/ou aprofundamento. Por exemplo, se as informações reunidas previamente incluem o local de nascimento da pessoa a ser entrevistada, pode-se perguntar até que idade ela viveu ali ou o que sua cidade ou povoado natal significa para ela.
- É importante não perder de vista que se interagirá com alguém que luta pela paz; por isso, é necessário explorar questões como: o que significa para ele ou ela a busca pela paz? Por que o que faz é considerado valioso? Quais são suas principais conquistas? Que qualidades podem ser destacadas em sua personalidade? Como recebe a admiração ou o reconhecimento das outras pessoas? Como se sente em relação a isso?
- Em seguida, é preciso preparar as perguntas. Para isso, recomenda-se escolher áreas de interesse, como a história pessoal (origens, infância, estudos, vocação), vida familiar, condição social, interesses e gostos, passatempos, projetos pessoais e, naturalmente, o que faz e como faz para promover a construção da paz entre as pessoas. Depois de definir e organizar esses temas, é o momento de, em grupo, propor perguntas específicas que poderão ser feitas durante a entrevista.
- Entre as perguntas propostas, devem-se escolher aquelas consideradas mais importantes e, com a ajuda do professor, organizá-las na sequência mais adequada.
- Consultem outra vez o guia para a realização da entrevista e certifiquem-se de que todas as etapas necessárias para a escolha do entrevistado e para a preparação da entrevista foram cumpridas.



3. Sobre a realização da entrevista

- Um dia antes da entrevista, deve-se entrar em contato com o entrevistado para lembrá-lo da data, do horário e do local combinados.
- Também é preciso lembrar os responsáveis pela gravação da entrevista de preparar o equipamento tecnológico necessário: um telefone celular ou outro dispositivo digital apropriado para gravar áudio. Isso deve ser feito pelo menos dez minutos antes do início da entrevista.
- Procurem fazer com que a entrevista dure entre 20 e 30 minutos.

- Certifiquem-se de que a pessoa a ser entrevistada esteja sentada confortavelmente, em um local visível para todos e de onde sua voz, bem como a dos entrevistadores, possa ser ouvida com clareza.
- Durante toda a entrevista, deve-se garantir um ambiente de confiança, respeito e cordialidade. Se o grupo desejar, poderá oferecer ao convidado uma pequena lembrança como forma de agradecimento por sua visita (uma mensagem elaborada pela turma, uma caneca com seu nome impresso, entre outras opções).

4. Para a avaliação da entrevista

- Releiam tanto o guia quanto as orientações e anotem, individualmente, os aspectos ou detalhes que foram bem desenvolvidos e aqueles que não ocorreram conforme o esperado. Em seguida, reflitam e registrem como poderiam ser aprimorados.
- Compartilhem suas anotações com o grupo.

3

PARA LEVAR COMIGO

Responda às seguintes perguntas:

- 1 Quem mais você gostaria de entrevistar? Por quê?
- 2 Você saberia como entrar em contato com essa pessoa e convidá-la para participar de uma entrevista?
- 3 O que você gostaria de lhe perguntar? Pense em três perguntas.



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	▪ Entrevista
Âmbito de trabalho	▪ Em sala de aula
Textos inspiradores e de referência	▪ As Bem-Aventuranças como mensagem de paz (Mateus 5, 1-11) ▪ Gandhi e o Sermão da Montanha
Compromisso com a paz entre as pessoas e povos	Reconhecer aqueles que lutam pela paz em diferentes partes do mundo
Atitudes geradoras de paz	▪ Diálogo ▪ Não violência ▪ Respeito às diferenças
Relação com outras áreas do conhecimento	▪ Ética ▪ Ciências sociais ▪ Religião
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

Em todos os países, cidades e comunidades do mundo há pessoas que lutam pela paz, inclusive em nossa escola, em nosso lar, no bairro ou no condomínio em que moramos. Muitas o fazem de maneira discreta, sem alarde; outras, por meio de manifestações públicas, nas quais defendem os direitos individuais, coletivos, dos animais e do meio ambiente. Esses defensores da paz atuam sob diferentes perspectivas: atuando como educadores ou líderes comunitários, ajudando a resolver pequenos conflitos familiares ou entre vizinhos, contribuindo, por meio de seu trabalho cotidiano, para o bem-estar de uma comunidade, reivindicando direitos injustamente negados, defendendo, como advogados, as causas dos mais vulneráveis ou buscando formas de negociação que possibilitem tréguas e o fim de guerras que se prolongam por muitos anos ou que eclodem de tempos em tempos. São pessoas que lutam pela paz todos os dias, e delas é o Reino dos Céus, como promete Jesus nas Bem-aventuranças: “Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus” (Mateus 5,9).

Trabalhar diariamente para construir a paz entre as pessoas e os povos é uma missão que cabe a todos nós, cristãos, e na qual nos identificamos com todas as religiões, pois todas elas são portadoras de uma mensagem de paz entre os seres humanos. Foi isso que o Papa Leão XIV afirmou com muita clareza em um discurso proferido no Coliseu de Roma, em 28 de outubro de 2025, durante o Encontro Internacional pela Paz, promovido pela Comunidade de Santo Egídio, que contou com a participação de líderes de diversas religiões:

Todos os crentes são irmãos. E as religiões, como “irmãs”, devem favorecer que os povos se tratem como irmãos, não como inimigos. Porque “todos têm a mesma origem, pois foi Deus quem fez habitar em toda a terra o inteiro gênero humano” (*Nostra aetate*, 1).

No ano passado, reunistes-vos em Paris e o Papa Francisco escreveu-vos por essa ocasião: “Temos de afastar das religiões a tentação de se tornarem um instrumento para alimentar nacionalismos, etnicismos, populismos. As guerras enfurecem-se. Ai daquele que tenta arrastar Deus para as guerras!” [*Mensagem do Papa Francisco aos participantes do Encontro Internacional de Oração pela Paz*, 17 de setembro de 2024]. Faço minhas estas palavras e repito com veemência: a guerra nunca é santa, somente a paz é santa, porque é desejada por Deus!

Com a força da oração, com as mãos livres levantadas ao céu e com as mãos abertas para os outros, devemos fazer com que esta época da história, marcada pela guerra e pela prepotência da força, termine rapidamente e que uma nova história comece. Não podemos aceitar que esta época se prolongue mais e molde a mentalidade dos povos, não podemos habituar-nos à guerra como normal companheira da história humana. [...]

Este é o apelo que nós, líderes religiosos, dirigimos com todo o coração aos governantes. Façamos eco do desejo de paz dos povos. Demos voz àqueles que não são escutados e não têm voz. É preciso ousar a paz! E se o mundo for surdo a este apelo, estejamos certos de que Deus ouvirá a nossa oração e o lamento de tantos que sofrem. Porque Deus quer um mundo sem guerra. Ele libertar-nos-á deste mal!

Trechos do discurso do Papa Leão XIV pronunciado no Coliseu de Roma em 28 de outubro de 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/october/documents/20251028-meeting-pace.html>.

Acesso em: 12 ago. 2026.



São muitas as pessoas que trabalham pela paz, que o fazem de maneira discreta e que estão entre nós: um familiar que, no exercício de sua profissão, luta pela defesa dos mais vulneráveis; um professor que, por meio do esporte, promove a reconciliação entre os jovens; um sacerdote que se dedica à educação das crianças; e tantas outras.

Entrevistar alguém que luta pela paz busca o reconhecimento dessas pessoas anônimas, ajudando a fazer com que suas vozes sejam ouvidas por meio de uma interação fraterna. Por isso, escolhemos a entrevista como um dos melhores meios para alcançar esse propósito. O essencial para que uma atividade como essa seja bem-sucedida é que a pessoa a ser entrevistada desperte o interesse e incentive a participação dos alunos.

Antes de aprofundar a escolha dessa pessoa e as características que ela deve reunir, é recomendável enfatizar que se trate, de fato, de alguém que luta pela paz. A idade não importa: pode ser desde um jovem que se destaque por sua habilidade esportiva ou por sua liderança comunitária até um adulto com ampla trajetória profissional ou de atuação social. O importante é que seja alguém que se empenhe em resolver conflitos e contribua de maneira decisiva para o bem-estar de uma comunidade, recorrendo sempre a métodos pacíficos, pois é impossível lutar pela paz por meio da violência.

Será preciso perguntar quem poderia ser essa pessoa que procuramos e onde encontrá-la. Estará, talvez, em nossa escola? Entre aqueles que há muitos anos prestam seus serviços como professores, funcionários administrativos ou integrantes da equipe de apoio? Poderia ser a mãe, o tio, a avó, o primo ou a irmã de um dos alunos? Ou seria melhor procurar em um âmbito mais amplo da sociedade e entrar em contato com essa pessoa por meio das redes sociais? Levantar esse tipo de questão não representa um obstáculo; ao contrário, grande parte do valor pedagógico dessa atividade está justamente nessa busca pela pessoa a ser entrevistada, pois leva os estudantes a refletir e a esforçar-se para definir com maior precisão quem pode ser uma pessoa que luta pela paz, bem como a compreender as dificuldades e as ações necessárias para entrar em contato com ela e convidá-la a participar da entrevista.

Essa atividade tem potencial para se relacionar, ainda que de maneira indireta, com diversas disciplinas escolares — uma vez que o conteúdo final compartilhado dependerá da profissão, da formação, da vocação e da atuação da pessoa entrevistada (um atleta, educador, cientista, médico, líder comunitário ou político) — e favorece o desenvolvimento do conhecimento pessoal e interpessoal, aspecto fundamental na formação dos valores de cidadania.



“O contato com pessoas que têm um testemunho de vida a oferecer é essencial para a formação de crianças e jovens.



Apresentação da atividade

Entrevista é um encontro ou uma reunião entre duas ou mais pessoas com o propósito de discorrer sobre um assunto. Como, nesse caso, trata-se de uma entrevista centrada em uma pessoa, o assunto ou tema é sua vida. O objetivo principal não é — como ocorre em uma entrevista jornalística — obter informações ou opiniões especializadas sobre determinado tema, nem promover um debate, mas conhecer a experiência e o testemunho de vida dessa pessoa em particular, sobretudo sua atuação cotidiana em favor da paz na comunidade à qual pertence. Por isso, convém recordar algumas características desse tipo de entrevista.

- Em primeiro lugar, é uma atividade coletiva, no sentido de que é preparada e realizada por todos os integrantes de uma turma ou grupo escolar.
- Em segundo lugar, deve priorizar os interesses dos estudantes, pois são eles que escolhem o entrevistado com base em seus próprios critérios e também formulam as perguntas. Naturalmente, o professor auxilia na coordenação da atividade e na realização da entrevista e atua na supervisão, para que tudo transcorra da melhor maneira possível. No entanto, é importante que ele não assuma um protagonismo excessivo — por exemplo, propondo as perguntas. Também não se recomenda que desempenhe algum dos papéis da entrevista, como o de entrevistador, pois, na medida do possível, todo o trabalho deve ser realizado pelo grupo, considerando sempre que são os próprios alunos que reconhecem na pessoa entrevistada “alguém que luta pela paz”.
- Em terceiro lugar, a atividade deve ser muito bem preparada, sem perder de vista a importância de preservar a naturalidade e a espontaneidade. Recomenda-se que seja planejada para durar cerca de 20 minutos, embora, se necessário, possa ser estendida por mais 10. O importante é que esteja centrada em conhecer o convidado e que as perguntas sejam claras, objetivas, respeitosas e não invadam sua privacidade.





Orientações pedagógicas

O valor pedagógico dessa atividade está justamente no fato de que um grupo de meninas e meninos se organize para entrar em contato com uma pessoa, convidá-la e entrevistá-la, aprendendo com sua história de vida. A entrevista deve estar voltada para a maneira como essa pessoa procura construir a paz em seu cotidiano. Assim, as perguntas de aprofundamento podem explorar quem ela é e quais são suas atividades tanto gerais (profissionais ou de ocupação) quanto específicas (aquilo que faz todos os dias em favor da paz). Se for um grande atleta, por exemplo, será possível perguntar detalhes sobre sua prática esportiva e de que forma sua vocação contribui para fomentar a paz entre as pessoas a seu redor. Se for um educador, poderá ser aprofundado o conhecimento sobre a instituição onde leciona, seu interesse pela educação e como sua atuação educativa contribui para construir a paz na comunidade escolar ou até na sociedade como um todo.

É importante cuidar dos aspectos logísticos necessários para a realização da atividade e considerar, por exemplo, que o entrevistado será convidado para uma sala de aula, onde deverá haver espaço e mobiliário adequados para acomodá-lo. Para esse e outros aspectos, recomenda-se revisar antecipadamente as “Orientações para realizar uma boa entrevista com alguém que luta pela paz”, que convém adotar como protocolo para a realização da atividade.

Se a pessoa convidada for uma figura pública conhecida e houver interesse em estender o convite a estudantes de outras turmas, será preciso providenciar uma sala ou outro espaço maior e fazer as devidas articulações com a direção da escola. Também é indispensável definir com antecedência a data do evento e decidir se ele será presencial, virtual ou híbrido (com o grupo e o entrevistado presentes no local, mas a entrevista transmitida online para outros públicos). Nos dois últimos casos, a organização deverá concentrar-se nos aspectos tecnológicos: equipamentos em perfeito funcionamento, bateria suficiente e boa conexão com a internet.



Sem dúvida, o aspecto mais importante diz respeito às condições da entrevista. Ao longo deste material, enfatizou-se que o convidado ou a convidada deve ser alguém que luta pela paz. Naturalmente, a questão central a ser discutida é o que significa “lutar pela paz” e por que determinada pessoa pode ser considerada “alguém que luta pela paz”. Podemos dizer que alguém luta pela paz quando atende, pelo menos, às seguintes condições:

- É uma pessoa pacífica, ou seja, diante de um conflito, procura sempre resolvê-lo por meios pacíficos. Não se pode considerar “alguém que luta pela paz” uma pessoa que ameaça, intimida, insulta e, de modo geral, provoca mais violência e mais conflitos do que contribui para solucioná-los.



- É reconhecida pela comunidade à qual pertence como alguém com quem é possível dialogar e chegar a acordos. Isso implica ter um forte senso de pertencimento à comunidade e ser vista por ela como um indivíduo que inspira confiança e promove o diálogo. Um indivíduo voltado apenas para o próprio sucesso, fama ou riqueza não pode ser considerado um bom candidato.
- Exerce liderança na comunidade na busca de soluções para os problemas. Afinal, antes de tudo, “alguém que luta pela paz” enfrenta as dificuldades vividas por uma comunidade ou por um grupo humano e utiliza sua influência para convencer, orientar e incentivar os demais a encontrar soluções por meios pacíficos.
- Preocupa-se com as pessoas e lhes dedica atenção. Esse aspecto é fundamental, pois não é possível resolver os conflitos de maneira pacífica sem ouvir os outros e sem promover relações baseadas no respeito e no bom convívio.

Sem dúvida, essas características manifestam-se de maneiras diferentes em cada indivíduo. Cabe ao grupo de alunos, sob a orientação do professor, estabelecer critérios mais específicos para determinar quem, em sua opinião, pode ser considerado alguém que luta pela paz.

Para a preparação e a realização de toda a atividade, são propostas quatro sessões de cerca de 20 minutos.

1ª sessão

Nessa sessão, recomenda-se a leitura dos documentos básicos para a realização da entrevista, começando pelo "Guia para a preparação e realização de uma entrevista com uma personalidade". Em seguida, sugere-se fazer uma primeira proposta de candidatos a serem entrevistados, tendo como premissa básica que sejam pessoas que lutam pela paz.

2ª sessão

Para esse momento, recomenda-se refinar a lista de candidatos, acompanhando cada proposta de uma breve descrição sobre quem é cada pessoa e por que é considerada alguém que luta pela paz. Concluído esse processo, recomenda-se proceder à escolha definitiva do convidado, para entrar em contato com ele com antecedência, convidá-lo para a entrevista na escola e combinar a data e o horário do encontro.

3ª sessão

Essa sessão pode ser toda dedicada à preparação da entrevista, definindo tanto as perguntas que serão feitas quanto a ordem em que serão apresentadas e a distribuição dos diferentes papéis durante a atividade, inclusive quem ficará responsável por conduzi-la. Caso seja designado apenas um entrevistador, o ideal é que essa função seja desempenhada por um dos alunos. Se forem escolhidos dois ou mais entrevistadores, o mais importante é trabalhar a coordenação de suas intervenções, de modo a respeitar o momento adequado e o tempo destinado a cada um.

4ª sessão

Na sessão final, realiza-se a entrevista propriamente dita. É importante seguir tanto o guia quanto as orientações apresentadas, fazendo, porém, os ajustes ou adaptações necessários de acordo com as condições materiais do grupo. Ao término da atividade, depois de agradecer ao convidado e despedir-se dele, pode-se fazer a avaliação da experiência. Para isso, recomenda-se retomar os textos do guia e das orientações, que, nesse momento, podem ser utilizados como protocolos ou rubricas para avaliação e aperfeiçoamento da atividade.



Atividades complementares



Uma das mais belas e conhecidas mensagens de Jesus é a que ficou conhecida como Sermão da Montanha, ou as Bem-aventuranças, pronunciado no início de sua pregação. Nele, Jesus nos ensina que a felicidade não está onde normalmente imaginamos (no sucesso, nas riquezas, no prazer ou no poder), mas na possibilidade de desfrutar, com os outros, da terra que herdamos, em um ambiente de paz. A seguir, apresenta-se o texto do Evangelho de São Mateus sobre as Bem-aventuranças.

Ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte. Sentou-se, e seus discípulos aproximaram-se dele. Tomou a palavra e começou a ensiná-los, dizendo:

- ◆ Felizes os pobres de coração, porque deles é o Reino dos Céus.
- ◆ Felizes os aflitos, porque serão consolados.
- ◆ Felizes os humildes, porque herdarão a terra.
- ◆ Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados.
- ◆ Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
- ◆ Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.
- ◆ Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus.
- ◆ Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.
- ◆ Felizes são vocês quando forem insultados, perseguidos e caluniados por minha causa.
- ◆ Alegrem-se e exultem, porque será grande a recompensa de vocês no céu. Pois foi assim que perseguiram os profetas que vieram antes de vocês.

Mateus 5,1-12

1. Responda às perguntas e realize as atividades propostas.

- A quem Jesus dirige seu Sermão da Montanha? O que ele procura ensinar?
- Faça uma lista das pessoas que Jesus declara “felizes”. Por que ele afirma que elas o são? De que maneira, por exemplo, os aflitos, os humildes e os perseguidos podem ser felizes?
- Jesus se dirige a pessoas que sofrem. O que ele lhes diz as consola? Torna-as mais felizes?
- O que você sente ou pensa ao ler ou ouvir que “os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”?
- Você se considera uma pessoa que luta pela paz?

2. Compartilhe suas reflexões com seus colegas e, em grupo, preparem uma apresentação (utilizando cartazes, PowerPoint ou Canva) ilustrando cada uma das Bem-aventuranças de Jesus com fotografias de pessoas. Escrevam cada Bem-aventurança abaixo da imagem correspondente.

Para refletir

A **"Oração pela paz"** (muitas vezes atribuída a São Francisco de Assis, embora, na realidade, seja muito posterior) é um poema que surgiu no início do século XX, mas que, ao longo do último século, alcançou grande popularidade entre os cristãos por sua mensagem simples e direta. Trata-se de uma profunda prece à qual muitas pessoas recorrem para assumir, diante de Deus, o compromisso de serem construtoras da paz.

Aprenda-a e recite-a com os outros nos encontros de que participarem. Ela é muito poderosa, pois consegue reunir indivíduos de diferentes lugares e religiões em torno de um propósito comum: a conquista da paz entre as pessoas e os povos.

Oração pela paz

Senhor, fazei-me um instrumento da vossa paz.
 Onde houver ódio, que eu leve o amor;
 Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
 Onde houver discórdia, que eu leve a união;
 Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
 Onde houver erro, que eu leve a verdade;
 Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
 Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
 Onde houver trevas, que eu leve a luz.
 Ó Mestre, fazei que eu procure mais
 Consolar que ser consolado;
 Compreender que ser compreendido;
 Amar que ser amado.
 Pois é dando que se recebe,
 É perdoando que se é perdoado,
 E é morrendo que se vive para a vida eterna.



Você também pode aprender este outro poema sobre a paz, escrito pelo apóstolo da não violência, **Mahatma Gandhi**:

Humildemente, esforçar-me-ei por amar,
 por dizer a verdade, por ser honesto e puro,
 por não possuir nada de que eu não necessite,
 por ganhar meu sustento com meu trabalho,
 por estar sempre atento ao que como e ao que bebo,
 por nunca ter medo,
 por respeitar as crenças dos outros,
 por buscar sempre o melhor para todos,
 por ser um irmão para todos os meus irmãos.



■ Mahatma Gandhi

Reconhecer aqueles que lutam pela paz em diferentes partes do mundo

(exercício de pesquisa e reflexão)

O mais alto reconhecimento que pode ser concedido a alguém que luta pela paz é o Prêmio Nobel da Paz. O quadro a seguir apresenta personalidades e instituições que o receberam. Pesquise as informações necessárias para completá-lo.

Personalidade ou instituição que recebeu o Nobel da Paz	Ano em que o obteve	País de origem e causas que defende	Méritos reconhecidos para obtenção do prêmio
Comitê Internacional da Cruz Vermelha			
Martin Luther King			
Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)			
Anistia Internacional			
Menachem Begin e Mohammad Anwar al-Sadat			
Madre Teresa de Calcutá			
Adolfo Pérez Esquivel			
Rigoberta Menchú Tum			
Nelson Mandela e Frederik de Klerk			
Kailash Satyarthi e Malala Yousafzai			



Décima 6

*Alexei tiene dilemas
que le vienen de la guerra...
pues Ucrania es su tierra
y allí hay muchos problemas.
No es soldado con emblemas,
sino simple ciudadano
que extiende hoy la mano
para contarnos sus dudas...
que son grandes y muy rudas...
¡y el tipo un rebacano!**



* Tradução livre: Alexei tem dilemas / que lhe vêm da guerra... / pois a Ucrânia é sua terra / e lá há muitos problemas. / Não é soldado condecorado, / mas um simples cidadão / que hoje estende a mão / para nos contar sobre suas dúvidas... / que são grandes e muito difíceis... / e o sujeito é muito bacana!



PAZ 6

Os dilemas de *Alexei*

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Em grupo, leiam o texto a seguir, que apresenta um dilema ético. Depois, respondam às perguntas que estão no final.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Os dilemas de Alexei

Alexei Ivanovich é um jovem de 26 anos, de nacionalidade ucraniana, que vive na região de Donbas, no leste da Ucrânia, país que faz fronteira com a Rússia. Alexei é engenheiro, começou a trabalhar há pouco tempo para uma empresa estadunidense de desenvolvimento de software e, ao que tudo indica, tem um futuro promissor, visto que é uma pessoa extremamente inteligente e criativa.

Ele é e se sente ucraniano, pois nasceu nesse país e sempre viveu ali. No entanto, seus pais são russos de nascimento, mas se mudaram para a Ucrânia há mais de 35 anos, passando a viver na província de Donetsk. Alexei tem um carinho especial pela mãe, que sempre esteve a seu lado e o ajudou a superar as dificuldades que enfrentou quando criança por causa do bullying que sofria de seus colegas de escola.

Durante toda a infância, não foi um problema ser filho de pais russos; contudo, na adolescência, influenciado por alguns amigos, começou a desenvolver fortes dúvidas e ressentimentos em relação à nação de origem dos pais, ao tomar conhecimento das atrocidades cometidas pelo exército russo no passado contra a população da Ucrânia, como a fome que levou à morte milhões de ucranianos entre 1932 e 1933, dado que o Exército Vermelho, na época de Stalin, requisitou grande parte da produção de grãos da Ucrânia.

Porém, para Alexei, tudo se complicou quando, em fevereiro de 2022, a Rússia invadiu o leste da Ucrânia e ali proclamou a República Popular de Donetsk, separando-a do restante do país. Os crimes das forças russas, então, se intensificaram: além do bombardeio aéreo que destruiu o teatro de Mariupol e causou a morte de mais de seiscentos civis, a destruição atingiu moradias, hospitais, escolas, centros comerciais... Desde aquele ano, os bombardeios têm deixado milhares de ucranianos mortos em cada cidade atacada. Além disso, o pai de Alexei sempre apoiou a Rússia e tomou partido desse país no conflito, enquanto sua mãe prefere permanecer em silêncio.

Nos últimos meses, a situação de Alexei tornou-se ainda mais difícil em razão de dois acontecimentos muito dolorosos: por um lado, um infarto que tirou repentinamente a vida de seu pai e, por outro, a morte de seu irmão mais velho, vítima de uma bomba lançada pelo exército russo sobre o hospital onde trabalhava como médico. Agora, Alexei e sua mãe estão sozinhos e precisam cuidar um do outro. Nesse momento, ele tem duas questões muito complexas para resolver.





Em primeiro lugar, ele não sabe se deve continuar cuidando da mãe, que está se aproximando dos 60 anos, ou juntar-se, por amor a sua pátria, ao movimento de resistência contra a invasão estrangeira. Uma irmã de sua mãe, que vive em uma cidade russa não muito distante de onde eles moram, propôs levá-la para viver com ela por algum tempo, enquanto encontram uma solução melhor, mas ele e sua mãe não sabem se essa seria uma boa alternativa.

Em segundo lugar — e supondo que ambos aceitem a proposta da tia —, ainda resta para ele uma questão ainda mais profunda: que forma de resistência adotar diante dos invasores? Alexei considera duas possibilidades. A primeira é alistar-se como voluntário no exército de seu país e participar das ações militares necessárias para repelir o inimigo estrangeiro. O problema dessa opção é que Alexei é um jovem de profundas convicções cristãs e se opõe ao uso das armas, pois não acredita na guerra como meio de enfrentar os conflitos humanos. Como segunda alternativa, ele cogitou ingressar como monge de clausura em um mosteiro situado em uma região ainda não atingida pela guerra. Sua mãe, também cristã e pacifista convicta, disse-lhe que essa seria a melhor maneira de lutar pela paz em seu país.



- Justifica-se o sentimento de rejeição que Alexei tem em relação aos russos? Explique sua resposta.
- Ele deve permanecer ao lado de sua mãe nesse momento tão difícil, apesar de tudo o que está acontecendo?
- Deve dar prioridade à paz de seu país em detrimento de suas necessidades pessoais e familiares?
- Alexei seria coerente consigo mesmo se decidisse alistar-se em um exército de resistência contra a invasão de seu país? Justifique sua resposta.
- Ele seria coerente consigo mesmo e com a situação de seu país enclausurando-se em um mosteiro? Justifique sua resposta.

3

PARA LEVAR COMIGO

Recomendações

- 1 Identifique cada personagem do dilema e, com base no que você leu, faça uma breve descrição de como são.
- 2 Resuma por escrito os acontecimentos. Faça isso em dez pontos breves. Para redigir os dois primeiros, leia com atenção o texto a seguir, no qual se explica por que há guerra na Ucrânia. Para compreender melhor o assunto, observe cuidadosamente o mapa desse país.

Por que há guerra na Ucrânia?



A Ucrânia é um país situado na parte oriental da Europa, na fronteira com a Rússia. Suas duas cidades mais importantes são Kiev, a capital, e Sebastopol, um porto localizado às margens do Mar Negro. Sebastopol e a Península da Crimeia foram anexadas pela Federação Russa em 2014.

A Ucrânia é uma nação soberana, com mais de 600 mil quilômetros quadrados de extensão territorial e mais de 35 milhões de habitantes. Os ucranianos possuem língua e cultura próprias e são, em sua maioria, cristãos ortodoxos. Como povo, a Ucrânia tem uma longa história que remonta ao século IX d.C. Apesar das muitas dificuldades que enfrenta, é um dos maiores produtores e exportadores de cereais do mundo, graças a suas extensas terras férteis para o cultivo.

Sua história esteve muito ligada à da Rússia: grande parte da Ucrânia fez parte do Império dos Czares entre 1721 e 1917 e, embora tenha declarado sua independência em 1918, em 1919 foi transformada na República Socialista Soviética da Ucrânia e em 1922 passou a integrar a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ficando sob o comando do poderoso ditador Joseph Stalin, que cometeu crimes atrozes contra o país, como a grande fome provocada pelo Exército Vermelho da URSS que, no início da década de 1930, pode ter causado a morte por inanição de mais de 4 milhões de pessoas. Finalmente, a Ucrânia declarou sua independência da URSS em 24 de agosto de 1991.

No entanto, nos últimos anos, a Rússia invadiu a Ucrânia em diversas ocasiões: em 2014, anexou a Península da Crimeia e tomou a cidade de Sebastopol; depois, apoiou a guerra em Donbas, uma região localizada no leste da Ucrânia onde a maior parte da população é de origem russa e que, por isso, buscava separar-se da Ucrânia para unir-se à Rússia; por fim, em fevereiro de 2022, uma invasão em grande escala levou à ocupação cerca de vinte por cento do território ucraniano, dando início à guerra entre os dois países, conflito que, até agosto de 2026, ainda não havia chegado a um armistício.

Como a Ucrânia deseja integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) — uma aliança militar de apoio mútuo entre diversos países europeus, o Canadá e os Estados Unidos —, seus países-membros decidiram apoiá-la com armas e outros recursos. A Rússia, por sua vez, opôs-se firmemente a isso, e, por essa razão, já se passaram mais de quatro anos de uma guerra devastadora para a Ucrânia sem que a Europa, os Estados Unidos ou a Organização das Nações Unidas (ONU) formulassem um acordo que satisfizesse ambas as partes em conflito. Assim, até 2026, ainda não havia sido encontrada uma solução para a paz, e a possibilidade de pôr fim a essa terrível guerra entre duas nações que deveriam ser irmãs parecia distante.

Segundo alguns analistas, trata-se da maior guerra convencional ocorrida na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Não se sabe com exatidão o número de vítimas, mas costuma-se falar em mais de 15 mil civis ucranianos e mais de 200 mil soldados dos dois países mortos em combate, além de mais de 7 milhões de ucranianos que deixaram o país e outros 7 milhões que foram deslocados dentro do território. A guerra também provocou graves danos ambientais e colocou em risco o abastecimento mundial de alimentos.



1. Você conhece pessoas que estão em circunstâncias semelhantes às de Alexei, em que a guerra as colocou em uma situação tão difícil quanto a dele?
2. Depois de analisar todas as circunstâncias, o que você acha que Alexei deveria fazer?
3. O que você faria se estivesse no lugar de Alexei?



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	Dilemas éticos
Âmbito de trabalho	Em todos os âmbitos
Textos inspiradores e de referência	"Os dilemas de Alexei" e "Por que há guerra na Ucrânia?" "Prece pela paz e pela defesa contra a violência e o terrorismo" (proferida pelo Papa Francisco na Igreja de São Francisco, em Cracóvia, Polónia, em 30 de julho de 2016)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Elevemos uma oração pelas vítimas da guerra em diferentes partes do mundo (com ajuda da inteligência artificial)
Atitudes geradoras de paz	- Sacrifício - Resistência pacífica - Cuidado com o outro
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Política - Geografia
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

Os diversos Papas dos últimos sessenta anos (João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, João Paulo II, Bento XVI, Francisco e o atual Papa, Leão XIV) têm-se caracterizado pelos constantes apelos em favor da paz entre pessoas e povos. Isso é natural, não apenas porque se ouve sua voz em todo o mundo e a busca pela paz é uma tarefa essencial de todo cristão, mas também porque eles próprios viveram na pele as atrocidades da guerra e conhecem os horrores que ocorrem em ditaduras belicistas que promovem o ódio entre os seres humanos.

Além do conflito entre palestinos e israelenses e das crueldades que ele tem provocado há muito tempo na Faixa de Gaza, a guerra mais terrível dos últimos anos é a que ocorre, desde 2022, entre a Rússia e a Ucrânia. O Papa Leão XIV condenou esse conflito em diversas ocasiões, classificando-o como uma guerra "sem sentido" e "insensata". Em seu primeiro discurso dominical como Papa, na Praça de São Pedro, em 11 de maio de 2025, afirmou:

A imensa tragédia da segunda guerra mundial terminou há 80 anos [...]. No dramático cenário atual de uma terceira guerra mundial em pedaços [...], também eu me dirijo aos grandes do mundo, reiterando o apelo sempre atual: "Nunca mais a guerra!". Trago no meu coração os sofrimentos do amado povo ucraniano. Que se faça tudo o que for possível para alcançar uma paz autêntica, justa e duradoura o mais rapidamente possível. Que todos os prisioneiros sejam libertados e que as crianças possam regressar às suas famílias.

Estou profundamente consternado com o que ocorre na Faixa de Gaza. Cessar-fogo imediatamente! Que seja prestada ajuda humanitária à população civil extenuada e que todos os reféns sejam libertados.

Por outro lado, congratulo-me com o anúncio do cessar-fogo entre a Índia e o Paquistão e espero que, através das próximas negociações, se possa chegar em breve a um acordo duradouro.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/angelus/2025/documents/20250511-regina-caeli.html>.

Acesso em: 17 ago. 2026.

A guerra entre Ucrânia e Rússia é, nesse caso, o contexto da história “Os dilemas de Alexei”, cujo protagonista enfrenta vários dilemas éticos, pois precisa tomar decisões em diferentes aspectos de sua vida, em meio ao cenário político de uma guerra entre seu país e uma potência estrangeira invasora, algo que ele considera injusto e indesejável.

Os dilemas éticos que nós, seres humanos, enfrentamos não ocorrem de modo abstrato, apenas na consciência; estão associados a circunstâncias pessoais e históricas que muitas vezes não dependem de nós. Embora, sem dúvida, para resolvê-los seja inevitável recorrermos a nossa consciência e aos princípios éticos que inspiram nossos atos, não podemos deixar de lado as circunstâncias das pessoas, das nações e dos povos, pois a paz depende de algo mais do que apenas nossa disposição interior. Não buscamos só uma paz interior, mas também uma paz política, capaz de oferecer condições para uma vida melhor em convivência com outros cidadãos. Naturalmente, Alexei deseja encontrar a paz interior (daí considerar a possibilidade de tornar-se monge) e, ao mesmo tempo, a paz para seu país, compreendendo que essas duas coisas não podem estar separadas uma da outra.

É necessário analisar, partindo de diferentes áreas do currículo, dilemas éticos como os que se apresentam a Alexei. É evidente que uma dessas áreas é a própria formação cívica e ética. Contudo, não se podem examinar os dilemas de Alexei sem compreender adequadamente as circunstâncias históricas, sobretudo porque elas ocorrem no contexto da guerra entre Rússia e Ucrânia, algo que se torna complexo para o personagem, pois ele é de nacionalidade ucraniana, mas descendente de pais russos. Por isso, a análise deve ser feita em relação a áreas como as ciências sociais (geografia, economia, história etc.), que oferecem o contexto geral que nos permite refletir sobre dilemas éticos como os aqui propostos.



Apresentação da atividade



Os dilemas éticos são situações que apresentam conflitos entre diferentes valores, identidades, causas e afetos. Assim, Alexei enfrenta dilemas éticos autênticos, pois precisa resolver vários conflitos que misturam distintos aspectos. Por essa razão, deve perguntar-se, por exemplo, o que é mais decisivo para ele: suas convicções pacifistas ou a resistência armada contra uma guerra injusta? Ele também tem identidades em conflito, pois se considera ucraniano, mas seus pais são russos, e a região onde vive está muito ligada a esse país (de fato, a província de Donetsk, de onde ele é originário, foi anexada pela Federação Russa em 2022). A isso somam-se as ideias pacifistas de Alexei: ele é a favor da paz e se declara pacifista, porém essa postura, por si só, não resolve a guerra.

Do conjunto de seus conflitos — de valores, identidades, afetos e convicções — surgem perguntas que Alexei não consegue resolver facilmente: o que deve fazer diante da guerra? Deve pegar em armas para defender seu país? Isso iria contra suas convicções pacifistas. Qual é, então, a forma adequada de enfrentar uma guerra injusta? Nenhuma dessas perguntas se resolve com uma fórmula genérica, porque todas exigem decisões específicas diante de alternativas concretas. Ao final do texto, apresentam-se algumas dessas alternativas, e convém analisá-las com cuidado, uma a uma, assim como as perguntas que o personagem se faz. O objetivo é que os estudantes ajudem Alexei a encontrar a melhor solução possível para cada um de seus conflitos.



Orientações pedagógicas

A Ucrânia, país de Alexei, está dividida há bastante tempo, especialmente na região onde ele e sua família vivem, pois essa parte do território tende a identificar-se mais com a Rússia, em razão dos costumes que compartilham. Inclusive, muitos dos habitantes dessa região votaram a favor da separação da Ucrânia para integrar a Federação Russa. Essa divisão política provoca em Alexei um profundo conflito interior, porque ele é ucraniano de nascimento, seus pais são russos e ele vive em uma região do país que deseja pertencer à Rússia. Alexei é favorável à independência da Ucrânia, mas, ao mesmo tempo, tem consciência da identificação pró-Rússia de seus pais e de que, em meio à guerra, eles apoiam seu país de origem. Esse pano de fundo, de ter “a alma dividida”, constitui uma parte essencial dos dilemas de Alexei. Por isso, o professor deve apresentar esse aspecto aos estudantes no momento da análise do dilema.

Naturalmente, não se trata de dizer aos alunos o que é certo. Eles devem decidir isso por conta própria. O objetivo é permitir que analisem em profundidade os dilemas, compreendam as condições históricas em que surgem e busquem alternativas razoáveis diante de toda a problemática. Aqui não existem uma solução boa e outra ruim. Em certo sentido, qualquer decisão que Alexei tome será válida, ainda que envolva muitas contradições, pois as ações humanas são sempre ambivalentes. Ao tomar uma decisão, ele escolherá um caminho e, em consequência, renunciará ao outro: se decidir permanecer para cuidar da mãe, não poderá dedicar-se à defesa de sua pátria; se decidir alistar-se no exército para participar da resistência armada, terá de deixar a mãe e agir contra suas convicções cristãs. Qualquer que seja sua escolha, ela implicará contradições, pelas quais ele terá de assumir responsabilidade. No entanto, isso não é motivo para desqualificar sua decisão, pois ele precisa tomá-la em meio à dúvida e à angústia, em circunstâncias que não criou nem teve a possibilidade de escolher.

É muito importante, ao trabalhar essa história em sala de aula, ter sempre presente que se trata de um dilema ético. Portanto, deve-se evitar ao máximo que a análise do caso se transforme em uma discussão de natureza política — por exemplo, em um debate sobre a origem e o significado da guerra entre Rússia e Ucrânia, sobre quem tem razão ou quem age de maneira justa ou injusta nesse conflito. A guerra, em si, não é o tema da análise, e sim o contexto em que surgem os dilemas de Alexei. Da mesma forma, não se



trata de promover uma discussão abstrata sobre a legitimidade da guerra, mas de encontrar a resposta mais razoável possível para os dilemas de Alexei.

Por serem conflitos de natureza ética, deve-se enfatizar cada um dos fatores que os determinam. Em primeiro lugar, é preciso analisar as circunstâncias que dão origem aos dilemas. Por isso, é essencial que os estudantes identifiquem qual é a guerra travada entre Rússia e Ucrânia, como e quando ela começou etc. Também é importante que observem com precisão em que momento ocorre o dilema, onde Alexei vive e qual é seu contexto familiar e político. Em resumo, os alunos devem analisar o quê, quem, como, quando, onde, por quê e para quê, pois esses aspectos são fundamentais para compreender



adequadamente o dilema ético apresentado. Além disso, os estudantes devem procurar compreender as diferentes razões que levam todos os envolvidos (Alexei, seus pais, seu irmão, sua tia e seus companheiros) a pensar, sentir e agir da maneira como o fazem. Por outro lado, há os motivos que Alexei tem para agir de uma forma ou de outra, e é preciso compreender por que ele optaria por uma delas — por exemplo, o amor a sua pátria, suas crenças cristãs ou seu vínculo com a cultura russa. Esses motivos podem ser fundamentais para orientar suas ações. Além disso, é importante considerar as emoções que levam Alexei a agir de determinada maneira: ele é movido apenas pelo desejo de vingança? Age por sede de justiça? Até que ponto sua decisão é influenciada pelo amor que sente por sua mãe ou pelos possíveis conflitos

que teve com o pai, recém-falecido? Motivos, emoções, circunstâncias... Todos são fatores essenciais a examinar antes de agir.

Porém, agir de maneira razoável implica ir além e procurar projetar as ações para o futuro, tentando prever as possíveis consequências de agir de uma forma ou de outra, por exemplo: o que aconteceria se Alexei permanecesse em seu país em guerra para cuidar da mãe? O que se passaria se ele fosse com ela para um lugar seguro? O que ocorreria se a enviasse para a Rússia, para viver com a tia, enquanto ele se alistasse no exército ucraniano? E o que aconteceria se ele se tornasse monge? Essa última decisão representaria um compromisso para toda a vida e, nesse caso, seria justo com sua mãe, que necessita de

sua proteção e apoio? O que ocorreria se...? É preciso ponderar cuidadosamente as possíveis consequências de cada uma das ações.

No entanto, na hora de agir, também não basta considerar apenas as circunstâncias, as consequências e os motivos. É necessário recorrer aos princípios, que nos oferecem as regras fundamentais para estruturar juízos e tomar decisões. Portanto, se Alexei está convencido de ser cristão e pacifista, decerto considerará inviável, do ponto de vista moral, pegar em armas; nesse caso, a alternativa de alistar-se no exército para a resistência armada não é uma opção fácil. Contudo, ele pode considerar participar de uma resistência que não utilize armas, embora isso também o colocasse em grande perigo. Por outro lado, se sua ação é guiada pelo princípio de cuidar dos entes queridos, o amor absolutamente incondicional que sente por sua mãe o leva a colocar em dúvida projetos futuros, como o de tornar-se monge. Quais são, então, os princípios básicos que orientam ou deveriam orientar um homem como Alexei? Todas essas questões têm de ser analisadas com atenção ao discutir o significado de dilemas éticos profundos e complexos.



Na análise e discussão dos dilemas éticos, é essencial que os estudantes escutem uns aos outros e incorporem as razões dos demais em sua própria argumentação. Isso deve ser feito tanto retomando quanto criticando, de maneira respeitosa, os raciocínios e as opiniões dos colegas. Em uma discussão ética genuína, é possível discordar de outras posições, desde que se apresentem argumentos e se levem em conta os modos de pensar dos outros. Para que a discussão ética seja organizada e reflexiva, e não acalorada ou marcada pela paixão e pela defesa intransigente de posições dogmáticas, o professor deve promover um ambiente de escuta entre os alunos, garantir que todos possam expressar seu ponto de vista sem serem desqualificados por isso e incentivar a participação de todos ou pelo menos da maioria.

Nesse tipo de trabalho, a função do professor é essencial, pois deve comportar-se como *árbitro imparcial*, garantindo as condições para que todos possam participar e para que as diferentes posições sejam ouvidas; assim, não pode atuar como um juiz que dá uma sentença, nem como alguém que avalia e aprova ou desaprova. Nesse sentido, recomenda-se que o docente trabalhe em si mesmo a tolerância e o respeito diante das diversas opiniões e, sobretudo, tenha consciência de que sua principal tarefa é levar os alunos a se esforçarem para elaborar um juízo cada vez melhor. O professor deve cuidar para não julgar as posições éticas dos estudantes e tem de ser muito rigoroso na forma como os questiona, pede razões para suas afirmações e os ajuda a examinar as consequências do que dizem.

Os dilemas éticos de Alexei podem ser trabalhados em quatro sessões:

1ª
sessão

Para iniciar a atividade, recomenda-se fazer uma leitura atenta dos textos “Os dilemas de Alexei” e “Por que há guerra na Ucrânia?”, de modo que os estudantes compreendam os fatores históricos que constituem o contexto do conflito no qual se inserem os dilemas de Alexei. Para isso, são úteis as perguntas apresentadas ao final do dilema:

- Justifica-se o sentimento de rejeição que Alexei tem em relação aos russos? Explique sua resposta.
- Ele deve permanecer ao lado de sua mãe nesse momento tão difícil, apesar de tudo o que está acontecendo?
- Deve dar prioridade à paz de seu país em detrimento de suas necessidades pessoais e familiares?
- Alexei seria coerente consigo mesmo se decidisse alistar-se em um exército de resistência contra a invasão de seu país? Justifique sua resposta.
- Ele seria coerente consigo mesmo e com a situação de seu país enclausurando-se em um mosteiro? Justifique sua resposta.

2ª
sessão

Nessa etapa da atividade, recomenda-se insistir na análise cuidadosa dos fatores que determinam as ações das pessoas (circunstâncias, razões, emoções, consequências, princípios etc.). Isso é importante para que os estudantes não respondam de maneira intuitiva ou puramente emocional, mas suspendam, por um momento, seus julgamentos e examinem todos os fatores envolvidos. Antes de tomar uma decisão ou formular um juízo, é necessário analisar muito bem cada um desses elementos.

3ª
sessão

Essa é a etapa mais adequada para realizar uma discussão aprofundada sobre o dilema. Nesse momento, é previsível que já tenham surgido as diferentes posições adotadas pelos alunos diante do problema, mas recomenda-se evitar, tanto quanto possível, posturas absolutas, isto é, aquelas que sustentam uma única opinião sem admitir argumentos contrários. Para isso, sugere-se enfatizar aos estudantes que o objetivo da atividade não é encontrar a posição que cada um considera melhor ou a que lhe parece mais conveniente, e sim aquela que poderia ser a mais razoável de acordo com as circunstâncias.

4ª
sessão

Para esse momento, propõe-se que a atividade adquira um caráter mais reflexivo. Além de chegar a uma solução, busca-se avaliar se o processo para encontrá-la foi adequado e, sobretudo, levar os alunos a expressar de que modo a realização da atividade lhes foi útil: o que aprenderam? A análise do dilema os fez mudar seus pontos de vista? Por quê?



Atividades complementares

Histórias para lembrar

Maximiliano Kolbe (1894-1941) foi um padre polonês que morreu de maneira violenta durante a Segunda Guerra Mundial, em Auschwitz, o mais conhecido dos campos de concentração nazistas.

Nasceu em 8 de janeiro de 1894, em Zduńska Wola, então parte do Reino da Polônia, que, na época, integrava o Império Russo. Seu pai era alemão, e sua mãe, polonesa. Desde muito jovem demonstrou interesse pela vida religiosa e se ordenou sacerdote em 1918. Era um homem de sólida formação intelectual, tendo obtido em Roma o doutorado em Filosofia e em Teologia.

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, retornou à Polônia em 1919, ano em que seu país voltou a ser soberano e independente do Império Russo. Ali dedicou-se ao sacerdócio, ao ensino e à fundação de uma famosa revista católica: O Cavaleiro da Imaculada.



■ O padre Maximiliano Kolbe.

Depois de atuar como missionário por vários anos na China, no Japão e na Índia, regressou definitivamente à Polônia em 1933. Entretanto, tudo mudou com a invasão nazista da Polônia e o início da Segunda Guerra Mundial. Foi preso em 19 de setembro de 1939 e libertado em 8 de dezembro do mesmo ano. Embora pudesse ter escapado da perseguição nazista por ser filho de um alemão, ele e outras pessoas de sua comunidade deram abrigo a judeus perseguidos pelo nazismo.

Por esse motivo, o mosteiro onde vivia foi fechado em fevereiro de 1941. Ele foi preso pela Gestapo e depois enviado ao campo de concentração de Auschwitz, próximo a Cracóvia. Ali recebeu o número de prisioneiro 16670. Certa noite, um detento conseguiu fugir e, como represália, o comandante do campo ordenou que dez presos morressem de fome em um bunker. Um dos escolhidos foi o sargento polonês Franciszek Gajowniczek, de 40 anos, que tinha filhos e acabara de perder a esposa. Maximiliano Kolbe ofereceu a própria vida em troca da do sargento, dizendo: "Não tenho ninguém. Sou sacerdote católico". Os prisioneiros escolhidos foram morrendo aos poucos. Ao final, restavam apenas três, entre eles o padre Kolbe, e todos receberam uma injeção letal.

Maximiliano Kolbe foi proclamado santo pelo Papa João Paulo II. À cerimônia de sua canonização, em 10 de outubro de 1982, compareceu como convidado o sargento Franciszek Gajowniczek, cuja vida ele havia salvo quarenta anos antes.

Foi precisamente em Cracóvia, cidade polonesa onde Kolbe viveu durante alguns anos, que, quase cem anos depois, o Papa Francisco pronunciou sua "Oração pela paz e pelo fim da violência e do terrorismo", que você encontrará a seguir.



Prece pela paz e pela defesa contra a violência e o terrorismo

**Oração do Papa Francisco na Igreja de São Francisco,
em Cracóvia, Polônia, em 30 de julho de 2016**

Ó Deus onipotente e misericordioso, Senhor do Universo e da história. Tudo o que criaste é bom, e a tua compaixão pelos erros do homem é inexaurível.

Hoje vimos a Ti para te pedir que conserves o mundo e os seus habitantes na paz, que afastes dele a vaga devastadora do terrorismo, que restabeleças a amizade e infundas nos corações das tuas criaturas o dom da confiança e da disponibilidade a perdoar.

Ó Dador da vida, pedimos-te também por quantos morreram vítimas de brutais ataques terroristas. Concede-lhes a recompensa eterna. Que intercedam pelo mundo, dilacerado por conflitos e contrastes.

Ó Jesus, Príncipe da Paz, pedimos-te por quem foi ferido nestes atos de violência desumana: crianças e jovens, mulheres e homens, idosos, pessoas inocentes envolvidas no mal só por fatalidade. Cura o corpo e o coração deles e consolida-os com a tua força, cancelando ao mesmo tempo o ódio e o desejo de vingança.

Espírito Santo Consolador, visita as famílias das vítimas do terrorismo, famílias que sofrem sem terem culpa. Protege-as com o manto da tua divina misericórdia. Faz com que reencontrem em Ti e em si mesmas a força e a coragem para continuarem a ser irmãos e irmãs para os outros, sobretudo para os imigrantes, testemunhando com a sua vida o teu amor.

Toca o coração dos terroristas, para que reconheçam o mal das suas ações e voltem ao caminho da paz e do bem, do respeito pela vida e da dignidade de cada homem, independentemente da religião, da proveniência, da riqueza ou da pobreza.

Ó Deus, Pai Eterno, satisfaz na tua misericórdia a oração que te elevamos entre o fragor e o desespero do mundo. A Ti nos dirigimos com grande confiança, cheios de esperança na tua Misericórdia infinita, recomendando-nos à intercessão da tua Santíssima Mãe, fortalecidos pelo exemplo dos beatos mártires do Peru Zbigniew e Michał, que tornaste valorosas testemunhas do Evangelho, a ponto que ofereceram o seu sangue, e pedimos o dom da paz e o afastamento de nós da chaga do terrorismo.

Por Cristo nosso Senhor. Amém.

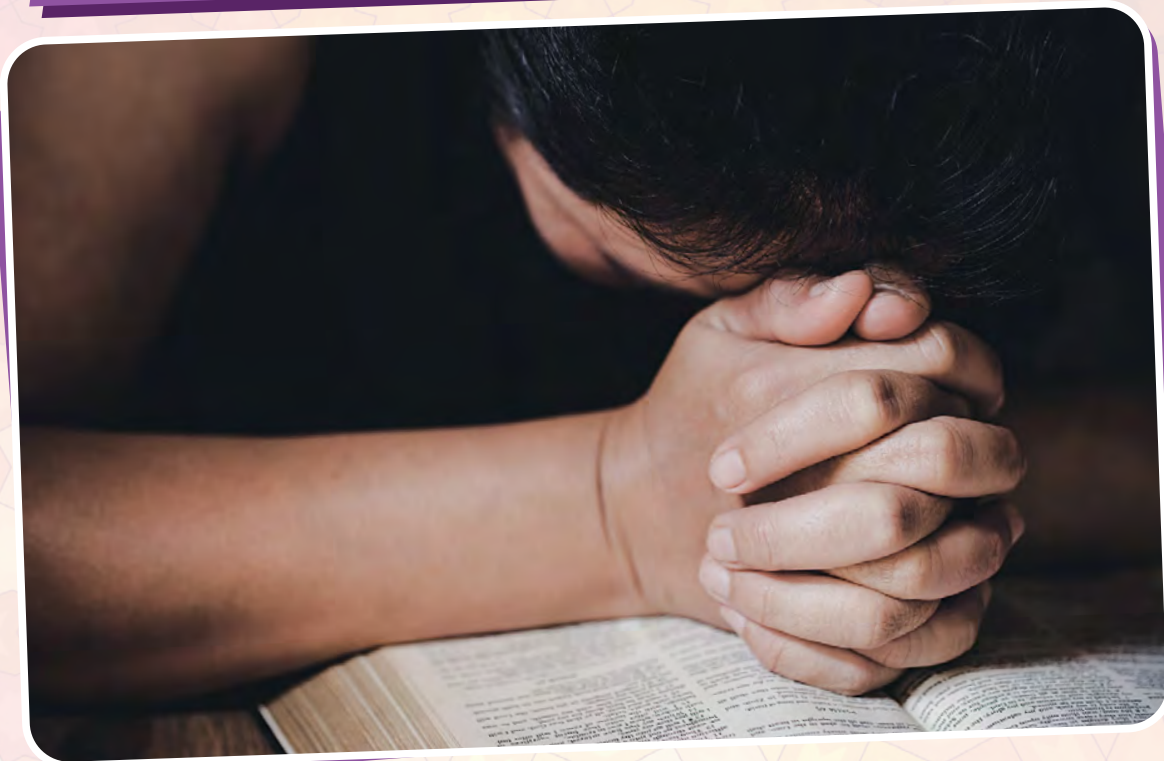
Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160730_polonia-chiesa-san-francesco.html. Acesso em: 17 ago. 2026.

Escrever uma oração pedindo o fim das guerras e a paz mundial

(exercício de reflexão e produção textual)

Pedimos ao aplicativo de inteligência artificial (IA) do Google que nos sugerisse ideias e exemplos para elaborar uma oração pedindo o fim das guerras e a paz mundial. Esta foi sua resposta.

Elementos-chave a incluir na oração



Uma oração eficaz pela paz pode incluir os seguintes aspectos:

- **Reconhecimento do sofrimento:** mencionar a dor, o caos e a perda de vida de inocentes (especialmente crianças, idosos e refugiados) causada pelos conflitos.
- **Pedido de intervenção divina:** pedir a Deus/Ser Supremo que estenda sua mão de paz, inspire a humanidade e traga cura ao mundo.
- **Conversão dos corações:** rogar por uma mudança nos líderes e naqueles que promovem o ódio e a violência, para que escolham a paz e a reconciliação em vez da guerra.
- **Compromisso pessoal:** assumir a responsabilidade de ser instrumento de paz, perdoar, afastar o ódio pessoal e realizar gestos concretos para construir a harmonia social.
- **Visão de um futuro pacífico:** expressar a esperança de um mundo onde floresçam a justiça, a ternura e a fraternidade.

EXEMPLOS DE ORAÇÕES



Oração Universal pela Paz (adaptada)

"Guia-nos do desespero para a esperança, do medo para a confiança; guia-nos do ódio para o amor, da guerra para a paz. Que a paz encha nossos corações, nosso mundo e nosso universo. Amém."

Oração inspirada no Papa Francisco

"Deus de misericórdia, escuta o clamor dos povos que sofrem com a guerra. Conforta os que padecem por causa da violência, consola os que choram seus entes queridos, converte os corações daqueles que pegaram em armas. Dá-nos a coragem de dizer: 'Nunca mais a guerra!' e infunde em nós a determinação de realizar gestos concretos para construir a paz. Amém."

Oração pela Humanidade

"Pai Celestial, diante de Ti derramamos a dor de nosso coração pelo sofrimento de milhares de seres humanos envolvidos em conflitos que não provocaram. Ajuda-nos a tornar a sociedade mais humana, abrindo nosso coração para a cultura da ternura e da paz. Arranca de nosso interior a violência e todo gesto ameaçador que fere o próximo. Que possamos ver e tratar os outros como irmãos e irmãs, a quem devemos amar e respeitar. Que tua paz, não como a que o mundo nos oferece, encha nossos corações. Amém."

Oração breve e direta

"Pai Deus, estende tua mão de paz sobre essa guerra. Protege as vidas inocentes presas nesse conflito, põe fim ao caos e traz tua cura ao nosso mundo. Amém."

Orações elaboradas com o auxílio da plataforma Gemini/Inteligência Artificial.

- Com base nos pontos sugeridos pela IA, escreva uma oração com suas próprias palavras, pedindo a Deus o fim das guerras no mundo e a chegada de uma era de paz duradoura.
- Inclua outros aspectos que você considere significativos. Utilize os exemplos sugeridos pela IA ou inspire-se neles.
- Não se esqueça de que a melhor oração não é aquela com mais palavras, e sim aquela construída com palavras que vêm de seu coração. Anime-se!
- Compartilhe sua oração com os colegas.

Décima 7

*Y ahora todos soñamos
con el sueño de Martín,
que es un sueño de postín
soñar con lo que amamos.
Pues, si todos nos juntamos
a hacer verdad los sueños,
seremos pronto dueños
de deseos e ideales...
Que, si somos tan iguales,
¡estaremos tan risueños!**



* Tradução livre: E agora todos sonhamos / com o sonho de Martin, / que é um sonho grandioso: / sonhar com aquilo que amamos. / Pois, se todos nos unirmos / para tornar os sonhos realidade, / logo seremos donos / de nossos desejos e ideais... / E, se somos todos tão iguais, / ficaremos tão risonhos!



PAZ 7

A utopia da paz:

Martin Luther King

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

- Leia, em grupo, o discurso mais famoso do reverendo Martin Luther King, vencedor do Prêmio Nobel da Paz em 1964.
- Sublinhe no texto tudo o que você não compreender e, para entendê-lo melhor, comente com seus colegas e professor.
- Destaque com marca-texto ou sublinhe com uma cor especial para você as partes de que mais gostou.
- Ao terminar a leitura, realize as atividades propostas.

2

MÃOS À OBRA

Leitura



Eu tenho um sonho

O texto a seguir é o discurso completo pronunciado pelo reverendo Martin Luther King Jr. em 28 de agosto de 1963, em Washington, D.C., diante das escadarias onde se encontra o Lincoln Memorial (monumento a Abraham Lincoln), durante a Marcha por Trabalho e Liberdade. Trata-se não apenas de um dos discursos mais famosos da história dos Estados Unidos, mas também de um dos acontecimentos mais significativos do movimento pelos direitos civis naquele país. Essa marcha foi organizada por diversas entidades sindicais, religiosas e de defesa dos direitos civis, sob o lema "Emprego, justiça e paz". Dela participaram entre 200 mil e 300 mil pessoas, das quais se estima que cerca de oitenta por cento eram afro-americanas.



■ Martin Luther King

Martin Luther King Jr. (1929- 1968) foi pastor da Igreja Batista e o mais importante líder do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, desde 1955 até seu assassinato, em Memphis, Tennessee, em 4 de abril de 1968. Foi um severo crítico da participação de seu país na Guerra do Vietnã, mas tornou-se conhecido sobretudo por sua luta, por meios não violentos, contra a segregação e a discriminação racial nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964.

Hoje estou feliz por me unir a vocês naquilo que passará para a história como a maior manifestação em favor da liberdade na história de nossa nação.

Há cem anos, um grande estadunidense, sob cuja sombra simbólica hoje nos encontramos, assinou a Proclamação de Emancipação.¹ Esse decreto histórico tornou-se um grande farol de luz e esperança para milhões de escravizados negros que haviam sido consumidos pelas chamas de uma injustiça devastadora. Chegou como uma alegre alvorada que pôs fim à longa noite de seu cativeiro.

Todavia, hoje, cem anos depois, os negros ainda não são livres. Cem anos depois, a vida da população negra continua tristemente paralisada pelos grilhões da segregação e pelas correntes da discriminação. Cem anos depois, os negros vivem em uma ilha solitária de pobreza em meio a um vasto oceano de prosperidade material. Cem anos depois, continuam definhando nos cantos da sociedade estadunidense e vivendo como exilados em sua própria terra. Foi por isso que hoje nos reunimos aqui para denunciar uma situação vergonhosa.

Em certo sentido, viemos à capital de nossa nação para cobrar uma dívida. Quando os fundadores de nossa república escreveram as magníficas palavras de nossa Constituição e da Declaração de Independência, estavam assinando uma nota promissória da qual todos os estadunidenses seriam herdeiros.² Tratava-se de um documento que prometia que a todos os indivíduos — sim, a todos, tanto brancos quanto negros — seriam garantidos os “direitos inalienáveis” à “vida, à liberdade e à busca da felicidade”. Hoje é evidente que os Estados Unidos não cumpriram essa promessa em relação a seus cidadãos negros, pois, em vez de honrar esse compromisso sagrado, entregaram-lhes um cheque sem fundos, um cheque que foi devolvido com a seguinte anotação no verso: “Fundos insuficientes”.



1 Refere-se a Abraham Lincoln (1809-1865), presidente dos Estados Unidos entre 1861 e 1865, que governou durante a Guerra Civil Americana, o conflito mais grave da história do país, conhecido como Guerra de Secessão. A Proclamação de Emancipação foi uma ordem executiva emitida por Lincoln em 1º de janeiro de 1863, por meio da qual se concedia a liberdade aos escravizados então existentes nos Estados Unidos. É relevante destacar que esse discurso foi pronunciado diante do monumento a Lincoln na cidade de Washington exatamente cem anos após a Proclamação de Emancipação.

2 A Constituição dos Estados Unidos é de 1787 e faz parte do contexto desse discurso. Contudo, a principal referência feita por Martin Luther King é à Declaração de Independência, redigida em 1776 por Thomas Jefferson (1743-1826). De fato, a passagem citada a seguir sobre os direitos inalienáveis de todos os cidadãos foi retirada desse documento.

Contudo, recusamo-nos a acreditar que o banco da justiça esteja falido. Recusamo-nos a acreditar que os recursos sejam insuficientes nos grandes cofres de oportunidades desta nação. Viemos, portanto, cobrar essa nota promissória que nos é devida, esse cheque com o qual poderemos reivindicar as riquezas da liberdade e a garantia da justiça.

Também viemos a este lugar sagrado para lembrar aos Estados Unidos a urgente necessidade do agora. Este não é o momento de se dar ao luxo da acomodação nem de recorrer à droga tranquilizante do gradualismo. É, antes de tudo, o momento de tornar reais as promessas da democracia. É o momento de elevar-se do vale escuro e desolado da segregação para o caminho ensolarado da justiça racial. É o momento de erguer nossa nação das areias movediças da injustiça racial para a rocha firme da fraternidade. É o momento de fazer da justiça uma realidade para todos os filhos de Deus.

Seria fatal para nossa nação ignorar a urgência deste momento. Este verão sufocante do legítimo descontentamento da população negra não terminará até que seja substituído por um revigorante outono de liberdade e igualdade. Este ano de 1963 não representa um fim, mas um começo. Aqueles que acreditam que os negros apenas precisam desabafar e que depois ficarão satisfeitos terão um duro despertar quando a nação retomar sua rotina habitual. Não haverá descanso nem tranquilidade nos Estados Unidos até que os negros tenham garantidos seus direitos de cidadãos. Os vendavais da revolta continuarão abalando os alicerces de nossa nação até que surja o radiante dia da justiça.

No entanto, há algo que devo dizer a meu povo, que se encontra nesse limiar luminoso que conduz ao palácio da justiça: no processo de conquistar nosso justo lugar, devemos evitar, a todo custo, ser culpados de atos ilícitos. Não permitamos que nossa sede de liberdade seja saciada bebendo do cálice da amargura e do ódio. Devemos conduzir nossa luta sempre no elevado plano da dignidade e da disciplina. Não devemos permitir que nosso protesto criativo degenere em violência física. Repetidas vezes, devemos elevar-nos àquelas majestosas alturas em que se resiste à força física apenas com a força da alma.



Essa nova e admirável militância com a qual a comunidade negra se comprometeu não deve nos levar a desconfiar de todas as pessoas brancas, pois muitos de nossos irmãos brancos — como demonstra sua presença aqui hoje — compreenderam que seu destino está ligado ao nosso e que sua liberdade está inexoravelmente ligada à nossa.

Não podemos caminhar sozinhos.

E, à medida que caminharmos, devemos fazer a promessa de que sempre seguiremos em frente.

Não podemos voltar atrás.

Há quem pergunte aos defensores dos direitos civis: “E vocês, quando estarão satisfeitos?”. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto os negros continuarem sendo vítimas dos indescritíveis horrores da brutalidade policial. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto nossos corpos, exaustos pelo cansaço das viagens, não puderem ser acolhidos nos motéis das estradas e nos hotéis das cidades. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto a mobilidade básica dos negros se limitar a passar de um gueto menor para outro maior. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto nossas crianças forem privadas de sua identidade e tiverem sua dignidade roubada por placas com os dizeres “somente para brancos”. Nunca poderemos estar satisfeitos enquanto um negro no Mississippi não puder votar e um negro em Nova York acreditar que não há motivo para votar. Não, não estamos satisfeitos, e não estaremos satisfeitos até que “a justiça corra como as águas, e a retidão, como um caudaloso rio”³.

Não ignoro o fato de que alguns de vocês chegaram até aqui depois de passarem por grandes provações e tribulações. Alguns acabam de sair de celas estreitas, outros vêm de lugares onde sua busca pela liberdade os deixou marcados pelas tempestades da perseguição e abalados pelos ventos da brutalidade policial. Vocês são os veteranos do sofrimento criativo. Continuem sua missão com a fé de que o sofrimento imerecido é redentor. Voltem para o Mississippi, para o Alabama, para a Carolina do Sul, para a Geórgia, para a Luisiana; regressem aos bairros marginalizados e aos guetos das cidades do norte, sabendo que, de algum modo, essa situação pode ser — e será — transformada.

Hoje quero lhes dizer algo, meus amigos: não nos deixemos afundar no vale do desespero!

Porque, apesar de tudo, e embora enfrentemos dificuldades hoje e amanhã, eu ainda tenho um sonho. É um sonho profundamente enraizado no sonho americano.

³ Alusão ao texto bíblico de Amós 5,24.

Tenho o sonho de que um dia esta nação se levantará para começar a viver plenamente o verdadeiro significado de seu credo: "Consideramos que certas verdades são evidentes por si mesmas, a primeira das quais é esta: todos os homens foram criados iguais".⁴

Tenho o sonho de que um dia, nas avermelhadas colinas da Geórgia, os filhos dos antigos escravizados e os filhos dos antigos senhores de escravizados estarão dispostos a sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

Tenho o sonho de que mesmo um estado como o Mississippi, sufocado pelo calor da injustiça e da opressão, será algum dia transformado em um oásis de liberdade e de justiça.

Tenho o sonho de que meus quatro filhos pequenos viverão um dia em uma nação onde não serão julgados pela cor de sua pele, mas pelo conteúdo de seu caráter.

Eu tenho um *sonho* hoje!

Tenho o sonho de que no Alabama⁵ — com seus racistas impiedosos e com seu governador, de cujos lábios brotam constantemente palavras como "interposição" e "anulação" —, um dia, justamente ali, no Alabama, meninos e meninas negros estarão dispostos a dar as mãos a meninos e meninas brancos, como o fazem irmãos e irmãs.

Eu tenho um *sonho* hoje!

Tenho o sonho de que um dia todos os vales serão elevados e todas as colinas e montanhas serão rebaixadas; que os lugares acidentados se tornarão planos e os caminhos tortuosos serão endireitados; e que "a glória do Senhor será revelada, e toda a humanidade a verá juntamente".⁶

Essa é nossa esperança, e essa é a fé com a qual voltarei ao sul.

Com essa fé, seremos capazes de extrair da montanha do desespero uma pedra de esperança. Com essa fé, poderemos transformar as estridentes dissonâncias de nossa nação em uma bela sinfonia de fraternidade. Com essa fé, seremos capazes de trabalhar juntos, de orar juntos, de lutar juntos, de ir juntos para a prisão, de lutar juntos por nossa liberdade, sabendo, com certeza, que um dia seremos livres.



⁴ Essa citação foi tirada por Martin Luther King da Declaração de Independência.

⁵ Martin Luther King exerceu seu ministério pastoral durante muitos anos em Montgomery, Alabama, sul dos Estados Unidos.

⁶ Todo esse parágrafo é uma paráfrase de diversos versículos do capítulo 40 do livro do profeta Isaías. Ver Isaías 40, 1-11.



E esse será o dia, sim, esse será o dia em que os filhos de Deus poderão cantar esta canção com um novo significado:

Meu país, que também é teu, doce terra da liberdade, a ti eu canto.

Canto à terra onde morreram meus pais, à terra, orgulho dos peregrinos, onde em cada encosta se ouve ressoar a liberdade!

E, se os Estados Unidos hão de ser uma grande nação, isso precisa tornar-se realidade.

Deixem, então, ressoar a liberdade dos magníficos cumes das colinas de New Hampshire.

Deixem que a liberdade ressoe das poderosas montanhas de Nova York.

Deixem que a liberdade ressoe das majestosas montanhas Allegheny, na Pensilvânia.

Deixem que a liberdade ressoe das Montanhas Rochosas, cobertas de neve, no Colorado.

Deixem que a liberdade ressoe das sinuosas encostas da Califórnia.

Mas não só isso:

Deixem que a liberdade ressoe da Stone Mountain, na Geórgia.

Deixem que a liberdade ressoe da Lookout Mountain, no Tennessee.

Deixem que a liberdade ressoe de cada colina e de cada recanto do Mississippi.

E de cada encosta de cada montanha, deixem ressoar a liberdade!

E, quando isso acontecer, quando deixarmos ressoar a liberdade, quando a deixarmos ressoar de cada povoado e de cada aldeia, de cada estado e de cada cidade, estaremos em condições de apressar a chegada desse dia em que *todos* os filhos de Deus, brancos e negros, judeus e gentios, protestantes e católicos, poderão unir as mãos e cantar juntos as palavras do antigo *spiritual* negro:

***Finalmente somos livres! Finalmente somos livres!
Graças a Deus Todo-Poderoso, finalmente somos livres!***

KING JR., Martin Luther. I have a dream. *American Rhetoric*, 1963. Transcrição e áudio do discurso. Disponível em: <https://www.americanrhetoric.com/speeches/mlkihadream.htm>. Acesso em: 28 dez. 2025. [Tradução livre para o espanhol, introdução e notas: Diego Antonio Pineda R.]

3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 Quando e em que lugar foi pronunciado o discurso “Eu tenho um sonho”, do reverendo Martin Luther King Jr.? Por que esse acontecimento foi tão importante?
- 2 Indique os três eventos e documentos históricos dos Estados Unidos aos quais King faz referência em seu discurso. Por que ele os considera tão importantes?
- 3 Por que King julgava inaceitável a condição em que viviam os negros nos Estados Unidos na década de 1960? Cite três fatos dessa época que demonstrem a discriminação racial.
- 4 Em que consiste o que Martin Luther King chama de “justiça racial”? Explique por meio de três argumentos e três exemplos.
- 5 Como King justifica que, em sua luta, é inaceitável recorrer à violência?
- 6 Em que consiste o sonho de Martin Luther King? Você compartilha desse sonho?
- 7 O que significa “liberdade” para Martin Luther King?
- 8 Escolha a frase do discurso de Martin Luther King de que você mais gostou e compartilhe-a com seus colegas.


MANUAL
 para os professores

Recurso a utilizar	Folha de valores
Âmbito de trabalho	Em sala de aula
Textos inspiradores e de referência	“Eu tenho um sonho”, discurso do reverendo Martin Luther King Jr. - Fragmento da Proclamação de Emancipação dos Estados Unidos da América - Fragmentos da Epístola de Tiago (2,1-4; 3,13-18)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Compreender e denunciar as novas formas de exclusão e colonialismo que ameaçam a paz mundial
Atitudes geradoras de paz	- Justiça - Liberdade - Igualdade racial
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Política - Geografia
Duração aproximada	4 sessões de 25 minutos (total: 1 hora e 40 minutos)



Fundamentos

O século XX conheceu três grandes apóstolos da não violência: Mahatma Gandhi, da Índia; Martin Luther King Jr., dos Estados Unidos; e Nelson Mandela, da África do Sul. Os três lutaram pela justiça nos respectivos países, opondo-se com firmeza e dignidade a governos autoritários, a ponto de perderem a liberdade (como no caso de Mandela, que foi preso) ou a própria vida (Gandhi e King foram assassinados). No entanto, eles nunca recorreram a meios violentos. Embora nenhum fosse católico, todos foram grandes admiradores de Jesus de Nazaré e, em consonância com o espírito pacifista dele, mantiveram relações cordiais e de mútua admiração com os Papas de sua época.

Martin Luther King, por exemplo, foi recebido pelo Papa Paulo VI no Vaticano em 18 de setembro de 1964, e o Santo Padre lamentou seu assassinato quase quatro anos depois. Posteriormente, durante sua visita aos Estados Unidos em 1987, João Paulo II destacou o papel de King na melhoria das condições de vida dos afro-americanos naquele país. Da mesma forma, quarenta anos após a morte do reverendo, Bento XVI ressaltou sua luta contra a segregação racial e sua atuação no movimento pelos direitos civis, chegando inclusive a encontrar-se com sua filha, Bernice Albertine King, assim como faria mais tarde o Papa Francisco. Este último, em sua mensagem para o 50º Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2017, intitulada “A não violência: estilo de uma política para a paz”, destacou a imensa contribuição de King para a doutrina da não violência e os extraordinários resultados alcançados por ela na busca pela paz mundial. Disse o Papa Francisco:



A não violência, praticada com decisão e coerência, produziu resultados impressionantes. Os sucessos alcançados por Mahatma Gandhi e Khan Abdul Ghaffar Khan, na libertação da Índia, e por Martin Luther King Jr. contra a discriminação racial nunca serão esquecidos. As mulheres, em particular, são muitas vezes líderes de não violência, como, por exemplo, Leymah Gbowee e milhares de mulheres liberianas, que organizaram encontros de oração e protesto não violento (*pray-ins*), obtendo negociações de alto nível para a conclusão da segunda guerra civil na Libéria.

Sem dúvida, Martin Luther King é um dos grandes símbolos da paz mundial do século passado, tanto por sua firme luta pacífica em favor dos direitos civis no país mais poderoso do mundo quanto por seu questionamento radical, porém sempre de acordo com o espírito da não violência herdado de Gandhi, da discriminação racial nos Estados Unidos e em todo o mundo. Para compreender o sentido da paz, nada melhor do que ouvir sua própria voz, especialmente em seu discurso mais famoso e inspirador, “Eu tenho um sonho”, pronunciado em 28 de agosto de 1963 no Lincoln Memorial, em Washington, D.C.

A atividade aqui proposta não deve limitar-se à leitura ou à audição do discurso do reverendo Martin Luther King Jr., mas também constituir uma oportunidade para refletir, com os alunos, sobre a paz como um valor capaz de enriquecer nossa vida pessoal e social. Vale a pena insistir neste ponto: o objetivo é refletir sobre o valor da paz e não apenas sobre a estratégia da paz. Mais do que reconhecer que os meios pacíficos podem ser eficazes na luta pela justiça — o que, sem dúvida, é muito importante —, é fundamental compreender que, para alguém que realmente entende a paz como um valor essencial da vida, é inconcebível e inaceitável recorrer à violência contra outro ser humano ou mesmo contra qualquer espécie animal e contra o próprio planeta. A não violência é uma forma de nos relacionarmos com o mundo e não só uma estratégia de luta política. Foi exatamente isso que nos ensinaram personalidades como Gandhi, King, Mandela e o próprio Jesus Cristo. Como certa vez afirmou o filósofo Baruch Spinoza: “A paz não é a ausência de guerra; é uma virtude, um estado de espírito, uma disposição para a benevolência, a confiança e a justiça”.



Apresentação da atividade

A atividade proposta nessa ocasião é conhecida como “folha de valores”, e seu significado e sua metodologia são explicados e ilustrados no livro *El sentido de los valores y la enseñanza. Cómo emplear los valores en el salón de clases* (México, UTEHA, 1967), de Louis E. Rath. Aqui adotamos esse conceito e adaptamos e aplicamos a metodologia descrita nessa obra.

O que é uma “folha de valores”? Trata-se de um breve texto escrito no qual *uma pessoa expressa sua percepção, sua vivência e sua compreensão sobre algo que considera valioso*. Mas o que pode ser “algo valioso”? Pode ser desde um conceito fundamental valorizado por todos, como felicidade, amor ou liberdade, um elevado ideal de vida, como justiça, igualdade e paz, uma atividade que, para alguns, representa algo importante em sua vida, como a música, o esporte, a ciência, o cinema ou a política, até objetos concretos, como computadores, celulares ou outros dispositivos tecnológicos. O mais importante na realização da atividade é que os estudantes possam perguntar a si mesmos por que aquilo tem valor para eles, por que o percebem, o vivenciam e o compreendem como algo dotado de valor, e que consigam expressar as razões e os sentimentos que acompanham essa valorização.



Dado que o texto inspirador dessa atividade é o famoso discurso “Eu tenho um sonho”, de Martin Luther King, do qual existem muitos registros em vídeo, recomenda-se utilizar algum desses materiais audiovisuais disponíveis na internet. Além disso, se os estudantes tiverem condições de compreendê-lo em seu idioma original, ampliam-se as possibilidades de perceber melhor o efeito que as palavras de King exercem sobre a multidão que o escuta, apreciar a cadência do discurso e o impacto provocado pelo uso de recursos retóricos. Mesmo que os alunos não dominem a língua inglesa, é possível captar grande parte desses efeitos ao ver, ouvir e ler o discurso com legendas em português. Caso não haja material audiovisual disponível, recomenda-se que o professor ou algum convidado especial faça uma representação ou uma leitura dramática capaz de recriar os efeitos, as emoções, o tom e o ritmo adequados, como se o próprio King estivesse pronunciando o discurso. Para facilitar esse trabalho, realizou-se uma tradução cuidadosa do texto original em inglês e acrescentaram-se notas de rodapé a fim de tornar o discurso compreensível para todos. Tanto a tradução quanto as notas foram feitas pelo professor Diego Antonio Pineda R. exclusivamente para esta obra em sua versão original em espanhol.



Orientações pedagógicas

Os três elementos a considerar em uma folha de valores — *percepção, vivência e compreensão* — são fundamentais para a elaboração do texto reflexivo, e cada um deles deve estar presente nas produções dos estudantes. Como, nesse caso, o valor sobre o qual se refletirá é a paz, recomenda-se enfatizar aos alunos que descrevam, com a maior clareza possível, como percebem que a paz é valiosa em sua vida, como vivenciam concretamente o valor da paz e, sobretudo, como compreendem a paz. É importante que especifiquem quais são os modelos de paz que mais os impactam. Para isso, devem questionar-se não apenas como e por que valorizam a paz, mas também de onde vêm essas valorizações e quais acontecimentos ou pessoas influenciaram a formação dessa maneira de pensar. É conveniente, inclusive, sugerir que relatem algum acontecimento que os tenha ensinado a valorizar a paz de maneira especial, pois um dos objetivos da atividade é que o texto tenha um caráter mais pessoal, revelando o compromisso do estudante com o tema e uma reflexão abstrata sobre a importância da paz.

Recomenda-se evitar, tanto quanto possível, que os textos dos alunos se transformem em discursos retóricos ou excessivamente eruditos, repletos de citações e exemplos. O essencial é que sejam textos pessoais e sinceros, nos quais cada estudante expresse as ideias que surgem de sua própria reflexão. Assim, não se espera que escrevam coisas extraordinárias sobre a paz, mas que cada um explique por que, em suas circunstâncias concretas, considera a paz valiosa. Como se trata de uma atividade de valorização, é essencial que, ao escrever, os estudantes vão além das informações de que dispõem e façam o esforço de apresentar razões, argumentos, testemunhos e até emoções que expliquem por que aquilo que valorizam é valioso para eles.



Outro objetivo básico da atividade é produzir um texto de reflexão pessoal de uma ou duas páginas ou de até oitocentas palavras. O importante é que o autor consiga apresentar uma visão de conjunto sobre por que acredita na paz como valor.

Como a meta principal é que os estudantes escrevam um texto próprio — curto, mas bem elaborado —, é necessário planejar com cuidado sua produção. Para isso, sugere-se partir de um texto-mo-
delo que sirva de inspiração (nesse caso, o discurso de Martin Luther King), o qual deve ser analisado como primeiro passo. Além de constituir o testemunho de uma personalidade importante do século XX, esse discurso oferece ao estudante uma estrutura para elaborar seu próprio texto, observando e compreendendo como ele está organizado, quais são suas partes, quais recursos literários utiliza etc. A seguir, apresentam-se alguns elementos inspirados ou presentes no discurso de King que podem ser levados em conta na elaboração do texto:

- 1. Imaginar que o texto será lido ou apresentado diante de um público, em um cenário no qual as pessoas esperam ouvir uma mensagem que as inspire e as convide a agir em favor da justiça por meios pacíficos.**
- 2. Pensar em acontecimentos históricos que sejam significativos tanto para o autor quanto para o público e que sirvam como referências comuns e compreensíveis para todos. No caso do discurso de Luther King, essas referências são importantes documentos fundadores dos Estados Unidos, como a Declaração de Independência, a Constituição e a Proclamação de Emancipação.**
- 3. Definir com clareza a causa que se pretende defender. Nesse caso, a paz como um valor fundamental em nossa vida, destacando tanto sua importância quanto sua urgência nos tempos atuais.**
- 4. Dedicar um trecho ou parágrafo para expressar as próprias convicções. Isso pode ser feito, por exemplo, na forma de um credo ("Eu acredito que..."), por meio de uma série de compromissos repetidos ("Eu me comprometo a...") ou seguindo uma fórmula semelhante à utilizada por Luther King: "Eu tenho um sonho..."; "Nós desejamos um mundo..."; "Todos nós sonhamos...".**
- 5. Dar especial atenção à conclusão do texto. É importante encerrá-lo com um convite a comprometer-se com algo, a agir de maneira correta, a rejeitar algo injusto etc. Também é possível citar ou fazer referência a algum texto significativo que provoque forte impacto emocional nos ouvintes, como um poema, um texto bíblico, um aforismo ou a letra de uma canção.**

Propõe-se desenvolver essa atividade em quatro sessões de trabalho.



Nesse primeiro momento da atividade, a principal recomendação é ler e, se possível, ouvir com muita atenção o discurso de Martin Luther King. Nesse sentido, sugere-se que o professor apresente aos alunos o contexto histórico do personagem e de seu discurso: quem foi King, qual foi a luta que liderou contra a discriminação racial nos Estados Unidos, qual foi seu papel na defesa dos direitos civis naquele país, em que ocasião e em que lugar pronunciou seu discurso etc. Visando uma melhor compreensão do texto, convém realizar uma leitura em voz alta para eles, com a entonação e o ritmo o mais precisos possível. Sugere-se, inclusive, fazer comentários com os estudantes à medida que a leitura avança. Uma vez fornecido o exemplo, pode-se prosseguir com uma leitura coletiva, da qual os estudantes possam participar. Para favorecer

essa atividade, recomenda-se acompanhar a leitura com um vídeo de King pronunciando seu discurso diante da multidão. Como forma de avaliar a compreensão inicial dos alunos sobre o conteúdo do discurso, sugere-se propor uma breve prova com base nas três primeiras perguntas apresentadas ao final do texto:

- Quando e em que lugar foi pronunciado o discurso “Eu tenho um sonho”, do reverendo Martin Luther King Jr.? Por que esse acontecimento foi tão importante?
- Indique os três eventos e documentos históricos dos Estados Unidos aos quais King faz referência em seu discurso. Por que ele os considera tão importantes?
- Por que King julgava inaceitável a condição em que viviam os negros nos Estados Unidos na década de 1960? Cite três fatos dessa época que demonstrem a discriminação racial.

2ª sessão

Nessa sessão, propõe-se concentrar os esforços didáticos em fazer com que os alunos compreendam a estrutura do texto. Para isso, o professor pode ajudá-los a identificar os elementos estruturais: quantas partes tem o texto, como elas estão organizadas, de que maneira se relacionam entre si etc., bem como suas principais fontes ou citações. O objetivo é ampliar de maneira gradual a compreensão leitora dos estudantes em relação ao texto e, com base nisso, aumentar o prazer que a leitura pode proporcionar. Depois de identificada e entendida em linhas gerais a estrutura do discurso, recomenda-se lê-lo e ouvi-lo outra vez, a fim de aprofundar ainda mais a compreensão de um discurso tão significativo.

3ª sessão

É importante dedicar toda essa sessão à preparação da folha de valores dos alunos, que constitui o produto final de sua reflexão. Sugere-se que o professor não apenas prepare um roteiro para orientar os estudantes na elaboração do texto, mas também que ele mesmo realize a atividade. Sua participação tem como objetivo demonstrar a abertura da proposta e enriquecer a experiência, compartilhando com a turma sua própria reflexão sobre o significado da paz e as razões pelas quais a considera tão valiosa para sua vida pessoal. Na elaboração das folhas de valores, podem servir de base as respostas às últimas perguntas propostas ao final da leitura:

- Em que consiste o que Martin Luther King chama de “justiça racial”? Explique por meio de três argumentos e três exemplos.
- Como King justifica que, em sua luta, é inaceitável recorrer à violência?
- Em que consiste o sonho de Martin Luther King? Você compartilha desse sonho?
- O que significa “liberdade” para Martin Luther King?
- Escolha a frase do discurso de Martin Luther King de que você mais gostou e compartilhe-a com seus colegas.

4ª sessão

Recomenda-se que a etapa final da atividade seja inteiramente dedicada ao compartilhamento dos textos produzidos pelos estudantes com seus colegas e com o professor, e também do texto do professor com seus alunos (de preferência, ao final de todas as demais apresentações). Essa sessão deve ocorrer em um ambiente que favoreça uma rica troca de ideias, a cooperação saudável e o máximo respeito. Caso a turma seja numerosa, podem ser reservadas uma ou duas sessões adicionais.



Atividades complementares

Histórias para lembrar

A Proclamação de Emancipação foi um dos mais importantes atos históricos em favor da paz e da liberdade de um povo. Ela foi assinada pelo presidente Abraham Lincoln em 1º de janeiro de 1863 nos Estados Unidos da América, país que, naquele momento, estava mergulhado em uma terrível guerra civil, a Guerra de Secessão, na qual os estados do norte, contrários à escravidão, enfrentavam os estados do sul, que defendiam a manutenção da escravidão das pessoas afro-americanas, cujo trabalho sustentava a produção das plantações sulistas. A seguir, reproduzem-se alguns trechos desse documento.

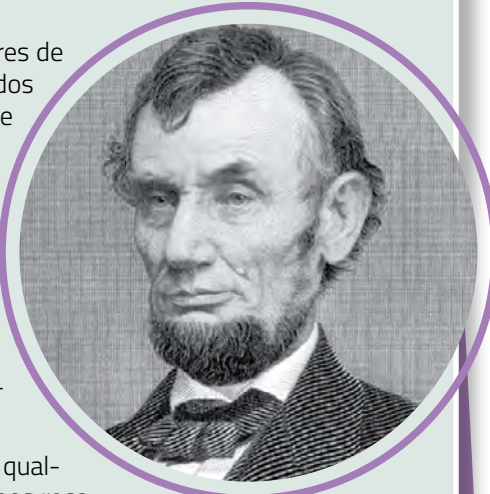
Proclamação de Emancipação (Abraham Lincoln, 1863)

Eu, **Abraham Lincoln**, presidente dos Estados Unidos, no uso dos poderes de que fui investido como comandante em chefe do Exército e da Marinha dos Estados Unidos, em tempo de rebelião armada efetiva contra a autoridade e o governo dos Estados Unidos, neste 1º de janeiro do ano do Senhor de 1863 [...] determino e declaro que os seguintes estados e partes de estados [seguem-se, no texto original, os nomes dos estados do sul onde a escravidão ainda era legal].

E, no exercício da autoridade e para os fins acima expostos, ordeno e declaro que todas as pessoas mantidas como escravas nos mencionados estados e partes de estados são, e doravante serão, livres, e que o Governo Executivo dos Estados Unidos, inclusive suas autoridades militares e navais, reconhecerá e protegerá a liberdade dessas pessoas.

E, pelo presente, exorto as pessoas assim declaradas livres a abster-se de qualquer ato de violência, salvo em legítima defesa quando necessária, e lhes recomendo que, em todos os casos em que lhes for permitido, trabalhem honestamente em troca de salários razoáveis. [...] E, por considerar sinceramente que este é um ato de justiça, autorizado pela Constituição [...], invoco o julgamento ponderado da humanidade e a misericordiosa ajuda de Deus Todo-Poderoso.

Em testemunho disso, coloco minha presente assinatura à qual se acrescenta o selo dos Estados Unidos.



■ Abraham Lincoln

BOORSTIN, D. J. (Ed.). *Compendio histórico de los Estados Unidos: un recorrido por sus documentos fundamentales*. Fondo de Cultura Económica, 1997. p. 335-336.

1. Você já conhecia essa parte da história dos Estados Unidos? Alguma vez lhe falaram sobre ela?
2. Em que medida esse acontecimento histórico mudou a história dos afro-americanos nos Estados Unidos?
3. Em seu país, quando a escravidão foi abolida? Quais foram as razões que levaram a essa decisão?
4. Você acredita que ainda existam formas de escravidão no mundo que devem ser eliminadas? Justifique sua resposta.

Não nos esqueçamos destes sábios conselhos do apóstolo Tiago sobre como tratar todas as pessoas em condições de igualdade

Meus irmãos, vocês que creem em nosso glorioso Senhor Jesus Cristo não façam distinção entre as pessoas. Suponham que, enquanto vocês estão reunidos, entre um homem com anéis de ouro e roupas elegantes e entre também um pobre vestido de farrapos. Se vocês derem atenção ao homem bem-vestido e lhe disserem: "Sente-se aqui, neste bom lugar", e ao pobre disserem: "Fique de pé" ou "Sente-se ali no chão", não estarão fazendo distinção entre as pessoas e agindo como juízes mal-intencionados?

Há entre vocês alguém sábio e prudente? Que demonstre, por meio de sua boa conduta, que age com a humildade própria da sabedoria. Mas, se vocês alimentam inveja amarga e pautam seus atos por rivalidades, não se enganem, nem zombem da verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto; pelo contrário, é terrena, humana e diabólica. Pois onde há inveja e rivalidade, aí existem desordem e toda espécie de maldades. A sabedoria que vem do alto é, antes de tudo, pura; depois, pacífica, compreensiva, dócil, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem discriminação ou fingimento. Os que promovem a paz semeiam a paz e colhem o fruto da justiça.

Tiago 2,1-4; 3,13-18.

Compreender os novos fenômenos que ameaçam a paz mundial (atividade de reflexão e pesquisa)

Não existe uma paz absoluta, nem uma paz que se conquiste de uma vez por todas de maneira definitiva e segura. A paz é construída dia a dia por todos nós, na medida em que combatemos aquilo que a ameaça. Como demonstra a luta de Martin Luther King, há momentos em que conseguimos superar as guerras e o ódio entre os seres humanos. No entanto, todos os dias surgem novos fenômenos que representam ameaças à paz no mundo inteiro.

- A primeira coluna do quadro lista dez fenômenos que ocorrem atualmente. Complete o restante das colunas com o que se pede.
- Uma vez completo, compartilhe o quadro com seus colegas.

Fenômeno da atualidade	Em que consiste? (descrição)	Manifestações mais recentes	Por que pode tornar-se uma ameaça à paz mundial?
Mudanças climáticas			
Conflitos territoriais			
Novas formas de racismo			
Terrorismo internacional			
Escassez de água			
Novas formas de escravidão			
Desertificação do solo			
Poluição dos mares			
Povos sem pátria			

Décima 8

*Y si es que ahora buscas
a la Irene proteger,
prepárate tú, mujer...
¡ya es hora de que luzcas!
Que no son personas bruscas
las que cuidan a la paz;
y tú eres muy capaz
de obrar con valentía,
amor, verdad y simpatía...
Y solo así... ¡eres eficaz!**



* Tradução livre: E, se agora buscas / a Irene amparar, / prepara-te, mulher... / já é hora de brilhar! / Pois não são pessoas rudes / as que cuidam da paz; / e tu és muito capaz / de agir com valentia, / amor, verdade e simpatia... / E só assim... serás eficaz!



PAZ 8

Planejar para a paz:

salvar a vida de Irene

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Leia com atenção o enigma a seguir e pense em como resolvê-lo.
Para isso, compartilhe ideias e estratégias com seus colegas.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Irene no País dos Centauros

No País dos Centauros, reinava um ditador cruel. Seu nome era Átila e, sob seu governo, praticavam-se torturas, grandes perseguições e numerosos massacres, nos quais não se fazia distinção entre homens, mulheres e crianças. Todos temiam tanto ele quanto seus soldados, pois eram capazes de qualquer coisa para castigar quem desobedecesse ou tentasse rebelar-se.

Assim, pouco a pouco, o país vinha se desintegrando: aos mortos somavam-se milhares de exilados, e não eram muitos os que permaneciam, resistindo ao ditador, a seus crimes e às contínuas violações dos direitos dos cidadãos. Alguns haviam optado pela violência e procuravam derrubá-lo por meio das armas, mas a força de Átila era sempre maior do que a de seus inimigos.

Apenas uma mulher, Irene, resistiu a todos os seus ataques, e fez isso sem jamais recorrer à força, sempre de maneira não violenta. Dizia o que pensava, e suas palavras eram publicadas pelos jornais dos países vizinhos. Falava nas ruas com os cidadãos, que a protegiam, de modo que os soldados nunca conseguiram prendê-la. Além disso, o ditador não se atrevia a fazer nada contra ela, por medo da reação de outros governos.

No entanto, Irene sabia que algum “acidente” poderia lhe acontecer e que poderia morrer em algum lugar escuro e solitário por causa de sua rebeldia. Por isso, procurava tomar extremo cuidado e sempre se fazia acompanhar por um grupo de mulheres que iam com ela a todos os lugares. Nenhuma delas usava armas, mas tampouco obedecia aos homens armados.

Certo dia do mês de outubro, muitos anos atrás, Irene recebeu um Prêmio Internacional da Paz por sua luta pacífica, e esse acontecimento provocou grande repercussão no mundo. Átila, o ditador, não suportava mais a situação e chegou à conclusão de que era necessário detê-la, levá-la para a prisão e até assassiná-la. E isso precisava ser feito o quanto antes... Ele confiou essa missão a seus soldados mais fiéis, que receberam ordens de segui-la por toda parte e nela atirar ao menor descuido.

Naquela época, a fim de proteger Irene e permitir que ela viajasse para receber o prêmio, um grupo de cidadãos, com a ajuda de algumas agências internacionais, elaborou um plano para tirá-la do país. Contudo, o outro plano, o de seu assassinato, também era sério...

Durante cinco dias ela precisaria permanecer bem protegida, de modo que não pudessem capturá-la. Por sorte, o ditador era um homem supersticioso e acreditava cegamente no poder mágico dos números, em especial no número nove, que considerava premonitório. Uma vidente lhe tinha dito que ele não deveria tentar prender ou matar Irene se ela estivesse protegida, em cada um dos lados a seu redor, por nove pessoas, nem uma a mais, nem uma a menos. Então, o ditador advertiu os atiradores de elite posicionados perto da casa onde ela se escondia de que não deveriam atirar se Irene tivesse diante de si nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos.



Irene se hospedou na capital do país em uma casa que tinha nove quartos, nem um a mais, nem um a menos, e planejou tudo para que, durante cinco dias, fosse acompanhada por vinte e quatro mulheres guardiãs, que deveriam se posicionar nos oito quartos voltados para a parte externa da casa, enquanto Irene permaneceria o tempo todo no quarto central. Entretanto, *deveria haver sempre nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada um dos lados da casa.*

Quando chegaram, em uma manhã de segunda-feira, a distribuição das mulheres era a seguinte:

3	3	3
3	IRENE	3
3	3	3

As vinte e quatro mulheres tinham de permanecer ali por cinco dias, cuidando de Irene. Perguntaram-lhe se poderiam entrar e sair, para fazer compras, e se poderiam, de vez em quando, convidar outras amigas para conversar, bordar e passar o tempo jogando jogos de tabuleiro. Irene lhes disse que tudo isso seria possível, desde que se cumprisse a condição básica: *deveria haver sempre nove mulheres em cada lado da casa, nem uma a mais, nem uma a menos.*

Durante o dia, não havia problema, pois as vinte e quatro mulheres que cuidavam de Irene bordavam, liam, dormiam, assistiam ao noticiário na televisão ou se entretinham com jogos de tabuleiro. Porém, ao cair da noite, as coisas mudavam.

Na primeira noite, a de segunda-feira, antes de se deitar, Irene contou as mulheres que havia em cada lado da casa, para verificar se as regras estabelecidas estavam sendo cumpridas. De fato, nove mulheres vigiavam cada lado, apesar de quatro delas terem saído para prestar assistência a uma pessoa gravemente enferma. Elas haviam se acomodado de tal maneira que conseguiram manter o número de nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada um dos quatro lados da casa. Como conseguiram?

Na segunda noite, a de terça-feira, aconteceu algo diferente. Dessa vez, estavam presentes as vinte e quatro guardiãs, mas a elas se juntaram outras quatro mulheres que tinham conhecido na noite anterior, na casa do doente. Novamente, antes de se deitar, Irene as contou e, sim, havia nove mulheres de cada lado. Como a regra básica estava sendo cumprida, Irene foi dormir tranquila. Apesar de haver quatro mulheres a mais do que no início, com a nova distribuição conseguiram manter sempre nove mulheres de cada lado, nem uma a mais, nem uma a menos. Como conseguiram?



No entanto, a noite de terça-feira foi tão alegre e animada, com as conversas e os jogos, que, na terceira noite, a de quarta-feira, chegaram mais quatro convidadas. Agora havia trinta e duas mulheres protegendo Irene. Como de costume, antes de se deitar, ela tornou a contar quantas havia de cada lado da casa e, outra vez, foi dormir tranquila, pois havia nove, nem uma a mais, nem uma a menos. Como nas ocasiões anteriores, elas conseguiram isso fazendo uma nova distribuição. Como foi essa distribuição?

Tudo indica que as mulheres que cuidavam de Irene estavam se divertindo muito, pois não se preocupavam demais e aproveitavam o tempo da vigilância para relaxar. Assim, na quarta noite, a de quinta-feira, chegaram mais quatro mulheres para se juntar à proteção de Irene. Agora, eram trinta e seis ao todo. Como sempre, ela quis certificar-se da situação, e sua contagem de novo estava correta: com a distribuição atualizada, nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, protegiam-na de cada lado da casa. Como foi essa nova distribuição?

A última noite, a de sexta-feira, foi muito diferente. Os habitantes da capital estavam muito agradecidos às guardiãs de Irene e as convidaram naquela noite para uma festa na cidade. O problema era que elas não podiam abandonar Irene. Contudo, encontraram uma solução: uma de cada quatro das guardiãs originais iria à festa na cidade com as mulheres que haviam se juntado a elas nos dias anteriores, enquanto três quartos do grupo original permaneceriam para se posicionar de acordo com uma nova distribuição que tinham elaborado. Antes de ir dormir, Irene tornou a contar suas guardiãs e, mais uma vez, havia nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, cuidando dela em cada um dos lados da casa. Como foi essa última distribuição?

Finalmente, na manhã de sábado, conseguiram tirar Irene de seu esconderijo e, em um voo secreto, ela viajou para um novo destino.

- Você consegue descobrir como as mulheres que cuidavam de Irene se organizaram para mantê-la sempre protegida por nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada um dos quatro lados da casa onde estava escondida?
- Tenha cuidado com seus cálculos, sobretudo porque um erro pode significar o fim da vida de Irene e, além disso, colocar em risco a paz de todo um país.
- Lembre-se: para construir a paz, não basta ter boa vontade; também é necessária uma boa estratégia!

3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 Como era o País dos Centauros, onde Irene vivia? Conte a seus colegas.
- 2 Como era Irene? Você sabe por que ela se chamava assim? Por que o ditador a temia?
- 3 Você considera admiráveis pessoas como Irene? Acha que ela era uma mulher corajosa? Justifique sua resposta.
- 4 Se você morasse no País dos Centauros, como ajudaria Irene? Faria parte de seu grupo de guardiãs?
- 5 Como você resolveria o problema apresentado na narrativa do enigma?



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	▪ Enigmas lógicos
Âmbito de trabalho	▪ Com os colegas
Textos inspiradores e de referência	▪ Biografia de Rigoberta Menchú (Guatemala) ▪ Biografia de Malala Yousafzai (Paquistão)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	▪ Compreender e valorizar o papel da diplomacia na condução dos assuntos internacionais
Atitudes geradoras de paz	▪ Não violência ▪ Segurança ▪ Bom senso
Relação com outras áreas do conhecimento	▪ Ética ▪ Política ▪ Lógica ▪ Matemática
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

A paz é construída dia após dia,

e, para isso, são necessários tanto uma boa disposição espiritual — compromisso permanente com a busca da paz, elevadas doses de fé e boa vontade, grande generosidade e empatia — quanto o uso constante da inteligência em todas as suas dimensões: procedimentos metódicos, reflexão cuidadosa, elaboração de estratégias criativas para a solução de problemas etc.

Entre as maiores expressões da inteligência humana estão a ciência e a tecnologia, ambas fundamentais no mundo moderno e contemporâneo. Não devemos, porém, permitir que elas nos governem; ao contrário, precisam estar sempre sob o controle da inteligência humana para que sejam de fato “inteligentes”. Isso significa que devem potencializar a inteligência humana natural, em vez de substituí-la. Hoje, observamos todos os dias os imensos avanços da inteligência artificial, mas não podemos perder de vista que essa tecnologia tem de permanecer sempre subordinada à inteligência humana e ser concebida como um instrumento auxiliar das pessoas.

Naturalmente, os novos avanços da inteligência não são alheios à busca da paz. É difícil compreender o avanço da tecnologia da guerra como um verdadeiro avanço da razão humana, pois não há nada de admirável no fato de sermos capazes de aperfeiçoar formas de destruição da natureza e de nossa própria espécie.



■ O Papa Francisco.

Os Papas Francisco e Leão XIV, ambos com formação científica (o primeiro era químico e o segundo é matemático), sempre tiveram consciência de que a busca da paz e de um futuro melhor depende, cada vez mais, das ferramentas científicas e tecnológicas que utilizamos. Nesse sentido, em sua mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2024, o Papa Francisco fez uma ampla e profunda reflexão sobre a relação entre a inteligência artificial e a paz, chamando a atenção tanto para as infinitas possibilidades que o desenvolvimento científico e tecnológico nos oferece quanto para os perigos que ele representa:



A Sagrada Escritura atesta que Deus deu aos homens o seu Espírito a fim de terem “sabedoria, inteligência e capacidade para toda a espécie de trabalho” (Ex 35,31). A inteligência é expressão da dignidade que nos foi dada pelo Criador, que nos fez à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26) e nos tornou capazes, através da liberdade e do conhecimento, de responder ao seu amor. Esta qualidade fundamentalmente relacional da inteligência humana manifesta-se de modo particular na ciência e na tecnologia, que são produtos extraordinários do seu potencial criativo.

[...] Quando os seres humanos, “recorrendo à técnica”, se esforçam por que a terra “se torne habitação digna para toda a humanidade”, agem segundo o desígnio divino e cooperam com a vontade que Deus tem de levar à perfeição a criação e difundir a paz entre os povos. Assim o próprio progresso da ciência e da técnica — na medida em que contribui para uma melhor organização da sociedade humana, para o aumento da liberdade e da comunhão fraterna — leva ao aperfeiçoamento do homem e à transformação do mundo.

Justamente nos alegramos e sentimos reconhecidos pelas extraordinárias conquistas da ciência e da tecnologia, graças às quais se pôs remédio a inúmeros males que afligiam a vida humana e causavam grandes sofrimentos. Ao mesmo tempo, os progressos técnico-científicos, que permitem exercer um controle — até agora inédito — sobre a realidade, colocam nas mãos do homem um vasto leque de possibilidades, algumas das quais podem constituir um risco para a sobrevivência humana e um perigo para a casa comum.

Deste modo os progressos notáveis das novas tecnologias da informação, sobretudo na esfera digital, apresentam oportunidades entusiasmantes mas também graves riscos, com sérias implicações na prossecução da justiça e da harmonia entre os povos. Por isso torna-se necessário interrogar-nos sobre algumas questões urgentes: quais serão as consequências, a médio e longo prazo, das novas tecnologias digitais? E que impacto terão elas sobre a vida dos indivíduos e da sociedade, sobre a estabilidade e a paz?

Trechos da mensagem do Papa Francisco para a celebração do 57º Dia Mundial da Paz, em 1º de janeiro de 2024.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/peace/documents/20231208-messaggio-57giornatamondiale-pace2024.html>

Acesso em: 19 ago. 2026.

Foi mencionada antes a importância da inteligência na busca e na construção da paz porque a atividade proposta nesta unidade constitui um desafio à inteligência, em especial a nossa inteligência lógico-matemática — que envolve raciocínio dedutivo e cálculo numérico —, uma vez que se trata de um enigma que só pode ser resolvido por meio de análise cuidadosa e raciocínio ordenado e rigorosamente lógico.

Apesar de seu caráter lógico-matemático, essa atividade visa, sobretudo, sensibilizar crianças e jovens para o significado de viver sob uma ditadura e para a ideia de que a conquista da paz pressupõe o respeito, pelos Estados e pelos governos, aos direitos fundamentais dos cidadãos. Embora essa proposta leve os estudantes a atuar como pesquisadores, reunindo dados e realizando cálculos e projeções com seus colegas, o tema central é como elaborar um plano para garantir a segurança de uma pessoa específica que está submetida a constantes ameaças e atos de violência.



Apresentação da atividade

Os enigmas lógicos são jogos que estimulam o raciocínio ordenado e a capacidade de resolver problemas por meio de deduções coerentes. Embora exijam certa dose de intuição e até uma imaginação bem desenvolvida, não podem ser resolvidos por adivinhação ou simples palpites. Requerem elaborar uma estratégia para chegar à solução do problema proposto e, sobretudo, fazer inferências corretas, ou seja, evitar suposições sem fundamento ou hipóteses sem sustentação. Assim, chega-se a uma solução possível por meio de um raciocínio rigoroso. O enigma parte de estabelecer de alguns dados concretos e da formulação de uma pergunta à qual se deve responder completando a informação com base nas inferências corretas que podem ser feitas com esses dados. É preciso, portanto, buscar um ponto de partida sólido (algo que se saiba com absoluta certeza), inferir dele outras proposições e, por fim, chegar a uma solução lógica para o problema apresentado, o que só é possível quando o raciocínio é desenvolvido sem incorrer em falácias, ambiguidades ou contradições.



Nesse caso, porém, o enigma lógico é apresentado no contexto de uma história de luta pela paz e pelos direitos dos cidadãos, com um componente de gênero que se torna evidente apenas para quem conhece suficientemente a narrativa. Em primeiro lugar, o enigma relata o que acontece em um regime ditatorial que não respeita os direitos individuais e coletivos e submete os cidadãos à censura e à perseguição. Assim, ao resolver o enigma, os alunos não apenas utilizam sua inteligência no raciocínio e nos cálculos, mas também assumem o papel de pessoas que protegem alguém que luta pela paz e lidera um movimento de resistência pacífica contra um regime autoritário.

Em segundo lugar, para conferir à narrativa a ênfase política pretendida, foram utilizados nomes carregados de significado histórico. O nome da protagonista, Irene, possui caráter simbólico, pois deriva do grego *eirēnē*, que significa “paz”. Ela é, portanto, uma personificação da paz, assim como Eirene ou Irene da mitologia grega. O nome do ditador, Átila, remete ao famoso “rei dos hunos”, um dos líderes políticos mais temidos da história, que, na cultura ocidental, simboliza a barbárie e a desumanidade. O “País dos Centauros” faz referência aos seres da mitologia grega formados por metade homem e metade cavalo, conhecidos por seu comportamento selvagem. Dessa forma, tanto os personagens quanto os acontecimentos retratam uma situação de dominação, opressão e discriminação contra as mulheres, característica das ditaduras de natureza patriarcal.

Naturalmente, trata-se de uma história fictícia, mas que deve ser percebida como verossímil, pois representa a experiência de numerosas mulheres corajosas que resistiram de maneira pacífica a terríveis ditaduras, mantendo-se firmes em seus princípios, como ocorreu com Rigoberta Menchú, na Guatemala, e Malala Yousafzai, no Paquistão, ambas agraciadas com o Prêmio Nobel da Paz. Além disso, nessa leitura é importante destacar que a narrativa apresenta diversas atitudes favoráveis à paz: a não violência de Irene e de suas guardiãs; a preocupação com a segurança daqueles que enfrentam um regime autoritário, assumida pelas pessoas que se solidarizam com eles; e, sem dúvida, o bom uso da inteligência e do raciocínio, que permite encontrar soluções sensatas em momentos de dificuldade.

A história e o enigma propostos na atividade foram elaborados pelo professor Diego Antonio Pineda R., com base em um modelo retirado do livro *El enigma de Sherezade* (Barcelona: Gedisa, 1988, p. 29-31), de Raymond Smullyan. Para essa adaptação, foram considerados os seguintes critérios:

- Que, como já vimos, a história pudesse ser contada como uma experiência de resistência diante de um poder injusto, violento e profundamente machista.
- Que o enigma fosse formulado de modo a poder ser resolvido por meio de um exercício simples de raciocínio lógico e cálculo numérico. Embora, à primeira vista, pareça complexo, à medida que sua compreensão avança, ele pode ser resolvido de maneira coerente, como se verá no esquema de solução apresentado mais adiante.
- Que sua resolução exigisse tanto raciocínio lógico correto quanto boa dose de imaginação. Para isso, criou-se uma situação repleta de detalhes específicos, muitos dos quais não são relevantes para a solução lógica do problema, justamente porque parte do exercício consiste em distinguir as informações que são de fato necessárias para chegar à resposta procurada.



“O enigma parte da apresentação de alguns dados concretos e da formulação de uma pergunta à qual se deve responder completando as informações com base nas inferências corretas que podem ser feitas com esses dados.”



Orientações pedagógicas

É importante destacar que grande parte das considerações pedagógicas dessa atividade foi incluída em um anexo localizado ao final desta unidade, no qual se apresenta a solução do enigma proposto. Por ora, vale ressaltar a importância do raciocínio lógico correto em todo processo de aprendizagem e na adequada resolução dos problemas que enfrentamos ao longo da vida. De fato, sugere-se que esse tipo de exercício seja proposto com maior frequência aos estudantes, a fim de que desenvolvam hábitos de raciocínio ordenado, coerente e aprofundado.

Como primeira recomendação, é necessário evitar que os alunos tentem resolver o exercício de maneira aleatória ou pelo simples método de “tentativa e erro”. O essencial é ajudá-los a compreender a fundo o problema apresentado e encontrar, com eles, a estratégia de resolução mais adequada. Para isso, é preciso ler com atenção a história e extrair dela as informações que permitam responder às perguntas propostas no texto. Convém que o professor faça com antecedência sua própria análise e procure encontrar uma solução fundamentada sem consultar, de início, a resposta fornecida no anexo. Da mesma forma, deve evitar recorrer de imediato a essa solução diante dos estudantes, apenas para apresentá-la e impô-la, sem lhes dar a oportunidade de chegar, individualmente ou em grupo, à resolução coerente do enigma.

Embora cada aluno possa realizar a atividade sozinho, o ideal é que o enigma lógico seja resolvido com alguns colegas, pois é importante que eles se reúnam, depois de apresentado o problema, e decidam qual estratégia utilizarão para encontrar a solução. O professor pode participar da resolução com toda a turma, mas vale também incentivar os estudantes a compartilhar a atividade, fora da sala de aula, com outros amigos — da escola, do bairro onde moram ou de outros lugares. Além disso, recomenda-se que o professor os motive a procurar outros enigmas para exercitarem o raciocínio lógico. Na internet e em livros especializados há vários enigmas desse tipo.



Para essa atividade estão previstas quatro sessões de 20 minutos.

1ª sessão

Como já é habitual nas atividades deste livro, recomenda-se dedicar a primeira sessão à leitura e à discussão, em grupo, do enigma. Sugere-se, de início, deixar que os estudantes o explorem livremente, a partir de uma pergunta geral como: “O que deveríamos fazer para resolver esse problema?”. O objetivo é levá-los a pensar em possíveis estratégias para encontrar a solução — por exemplo, realizar operações aritméticas ou até explorar alguma fórmula geométrica. Ainda que essas estratégias sejam, do ponto de vista matemático, incorretas ou inadequadas, é importante permitir que eles as experimentem e verifiquem seus resultados. Por mais curioso que pareça, uma forma de estimular o pensamento lógico é sugerir aos alunos que imaginem como seria Irene ou o País dos Centauros, pois isso os ajudará a familiarizar-se com a situação e a inserir-se com mais profundidade no contexto da narrativa. Esse processo acaba constituindo um exercício de reflexão que contribuirá para a resolução lógica do enigma. Para esse trabalho, são úteis as cinco perguntas que acompanham a apresentação do enigma aos estudantes.

- Como era o País dos Centauros, onde Irene vivia? Conte a seus colegas.
- Como era Irene? Você sabe por que ela se chamava assim? Por que o ditador a temia?
- Você considera admiráveis pessoas como Irene? Acha que ela era uma mulher corajosa? Justifique sua resposta.
- Se você morasse no País dos Centauros, como ajudaria Irene? Faria parte de seu grupo de guardiãs?
- Como você resolveria o problema apresentado na narrativa do enigma?

2ª sessão

Para esse momento, recomenda-se que a atividade se concentre na elaboração de uma estratégia para resolver o enigma e que isso seja feito depois que os estudantes tiverem realizado uma segunda leitura da história e aprofundado sua compreensão das circunstâncias do problema, sobretudo identificando corretamente os dados fornecidos e descartando as informações irrelevantes para sua solução. Esse procedimento é fundamental para começar a construir a solução.

3ª sessão

O melhor para essa sessão é construir a solução do problema, completando os dados que faltam na matriz, que, nesse caso, é a casa de nove quartos em que Irene está hospedada, sempre protegida por nove mulheres em cada um de seus quatro lados. Aqui entram habilidades matemáticas específicas e a solução deve envolver tanto raciocínio lógico correto quanto cálculo numérico adequado.

3	3	3
3	IRENE	3
3	3	3

4ª sessão

Para esse último momento, é necessário fazer um exercício metacognitivo com os estudantes, indagando a eles do que gostaram na atividade e por quê, que dificuldades tiveram para resolver o enigma e, especialmente, o que aprenderam ao solucioná-lo.



Atividades complementares

Histórias para lembrar



Há mulheres que, graças a sua coragem, tornaram-se símbolos de paz e resistência para seus povos, pois, embora tenham tentado silenciá-las por meio da violência, elas resistiram sem jamais renunciar a sua luta pela paz. Duas delas são a guatemalteca Rigoberta Menchú e a paquistanesa Malala Yousafzai.



■ Rigoberta Menchú.



■ Malala Yousafzai.

- 1. Elabore duas breves biografias: uma de Rigoberta e outra de Malala. Para isso, pesquise e responda às perguntas a seguir sobre cada uma delas, o que ajudará a reunir as informações necessárias.**
 - Quem é ela? Quando e onde nasceu?
 - Por que se tornou famosa? Como e quando lutou pela paz? Por quais razões o fez?
 - Em que ano lhe foi concedido o Prêmio Nobel da Paz?
- 2. Apresente as biografias a seus colegas e discuta com eles as seguintes questões:**
 - O que você mais admira nessas duas mulheres? Por quê?
 - Quais foram suas lutas pela paz? Você as considera legítimas? Por quê?
 - Você conhece outras mulheres como elas? Quais? Em que aspectos elas se parecem?
 - Você acha que, muitas vezes, as mulheres estão mais preparadas do que os homens para lutar pela paz de seus povos? Discuta essa questão com seus colegas.

Compreender e valorizar o papel da diplomacia na condução dos assuntos internacionais

(atividade de reflexão e apreciação)

Às vezes entendemos “ser diplomático” como adaptar-se às circunstâncias, evitar tomar posições claras ou mesmo “ficar em cima do muro”, querendo agradar a todos.

Na realidade, uma pessoa diplomática é aquela que está sempre disposta, por um lado, a impedir que os conflitos saiam do controle e, por outro, a buscar uma solução que, na medida do possível, satisfaça as partes em conflito. Um bom diplomata é, e sempre deve ser, *um agente da paz*, pois atua com tato, prudência e habilidade na resolução de conflitos e sabe manter boas relações com todas as partes, sem se deixar guiar por interesses pessoais, egoísmo, preconceitos ou ressentimentos.

Muitos de nós conhecemos pessoas com habilidades diplomáticas e recorremos a elas quando precisamos de um mediador para resolver conflitos com alguém. No entanto, existem pessoas que exercem a diplomacia como atividade profissional: normalmente são funcionários do Estado encarregados de manter boas relações com outros Estados, atuando com respeito e empatia. Por exemplo, eles representam o governo de um país em organismos internacionais — como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização dos Estados Americanos (OEA), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) etc. —, ocupando cargos de embaixadores, encarregados de negócios, adidos culturais ou cônsules. A todos eles se pode recorrer de maneira formal em caso de conflitos. Uma figura de destaque na diplomacia mundial foi o mexicano Alfonso García Robles, agraciado com o Prêmio Nobel da Paz em 1982.

A seguir, apresenta-se uma lista de conflitos que podem surgir entre países. Indique quem, em cada caso, seria responsável por buscar uma solução e explique por quê.

Conflito entre nações	Quem deve lidar com ele?	Como deve lidar com ele?	Por quê?
Há um terremoto em um país estrangeiro e várias vítimas são de outro país.			
Há uma divergência entre dois países vizinhos por limites geográficos.			
Um país quer reclamar a outro uma dívida que não foi paga.			
Há um desacordo entre dois países que devem organizar juntos um grande evento cultural ou desportivo.			
Em determinado país há um presidente que muitas pessoas de outros países consideram um ditador.			

- Você considera necessárias as pessoas especializadas e os mecanismos diplomáticos formais para administrar os conflitos entre nações? Por quê?
- Ou você acredita, como pensam algumas pessoas, que esses funcionários são desnecessários e representam um alto custo para o país? Justifique sua resposta.

ANEXO

Solução do enigma de “Irene no País dos Centauros”

A seguir apresenta-se um esquema de solução do enigma da atividade com o passo a passo para sua resolução lógica. Essa tarefa requer regras e condições específicas que devem ser cumpridas ao longo do processo. Para começar, vamos estabelecer os passos:

1. *Situar-se no contexto, construindo uma visão geral da situação que permita compreender o enigma e os acontecimentos narrados. Para isso, é importante concentrar a atenção nos dados fornecidos pelo texto, pois omitir algum deles ou considerar um número excessivo de informações pode dificultar ou mesmo inviabilizar o raciocínio lógico.*
2. *Saber selecionar os dados relevantes do problema, descartando as informações que, embora possam ser importantes para compreender o contexto, não contribuem para a solução do enigma.*
3. *Fazer as deduções necessárias com base em cada um dos dados selecionados, a fim de completar e tornar mais precisa a informação disponível e, posteriormente, construir um esquema numérico que facilite as deduções e os cálculos a fazer à medida que se avança na solução do problema.*
4. *Elaborar um diagrama que permita visualizar a distribuição do número de mulheres em cada um dos dias.*
5. *Verificar se não há nenhum erro de cálculo antes de concluir que a solução foi encontrada.*

PRIMEIRO PASSO: compreender o contexto

É preciso acompanhar com atenção a narrativa do enigma, observando bem cada detalhe. Isso é importante sobretudo quando a atividade é realizada com crianças e jovens, pois a solução lógica do problema depende de uma boa compreensão do contexto, o que exige identificar e interpretar corretamente os dados apresentados. Para isso, recomenda-se fazer a leitura do enigma em grupo e em voz alta e, depois, propor as seguintes perguntas:

- Onde essa situação acontece? Como é o lugar onde ela ocorre?
- Quem são os personagens principais da história? E os personagens secundários?
- Quantas mulheres acompanhavam Irene quando ela chegou à casa onde se hospedou? Quantos cômodos havia nessa casa?
- Qual era a condição básica para que Irene estivesse sempre protegida? De onde surgiu essa condição?
- Qual é o problema principal que deve ser resolvido nesse caso?

As perguntas anteriores são simples e visam apenas fazer com que os alunos se familiarizem com a situação e registrem, de maneira clara e precisa, os dados fundamentais.

SEGUNDO PASSO: selecionar os dados relevantes do problema

Diante da grande quantidade de informações do texto, é necessário filtrá-las e conservar apenas aquelas que realmente contribuirão para a solução lógica do enigma. Nesse momento, não importam, por exemplo, considerações de ordem moral ou estética, como o fato de Irene ser uma mulher corajosa e justa ou de o ditador Átila ser cruel e supersticioso. Como se trata de um problema de lógica, interessam apenas os dados que permitam realizar novas inferências. Assim, é possível reduzir os dados relevantes aos seguintes:

- Um ditador (Átila) planeja eliminar uma dissidente política e organizou um grupo de atiradores de elite para isso.

- A dissidente (Irene) elaborou um esquema de proteção que a obriga a permanecer no quarto central de uma casa com nove quartos, protegida por vinte e quatro mulheres.
- Irene deve permanecer nessa casa, protegida por suas guardiãs, durante cinco noites.
- Os atiradores de elite, posicionados do lado de fora da casa onde Irene está escondida, receberam a ordem de não atirar se houver nove pessoas entre eles e o alvo (Irene). Por isso, ela deve garantir que haja sempre nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada um dos quatro lados da casa.
- Enquanto Irene permanece no quarto central, as vinte e quatro guardiãs distribuem-se em grupos de três em cada um dos oito quartos que dão para o exterior e que circundam o de Irene.
- Essa distribuição é mantida durante o dia, mas, à noite, ocorrem mudanças.
- Na primeira noite (segunda-feira), quatro das vinte e quatro guardiãs saem da casa, porém as restantes conseguem distribuir-se de modo a manter nove mulheres em cada um dos lados da casa.
- Na segunda noite (terça-feira), chegam mais quatro mulheres. Agora há mais mulheres protegendo Irene, mas elas conseguem distribuir-se de maneira que haja sempre nove mulheres em cada lado da casa.
- Na terceira noite (quarta-feira), chegam outras quatro mulheres e, embora sejam ainda mais numerosas, também conseguem distribuir-se de modo que haja sempre nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada lado da casa.
- Na quarta noite (quinta-feira), chegam mais quatro mulheres e, de novo, elas conseguem distribuir-se de maneira que haja sempre nove mulheres em cada lado da casa.
- Na quinta e última noite (sexta-feira), no entanto, acontece algo muito diferente: todas as mulheres que haviam se juntado ao grupo entre a segunda e a quarta noite saem da casa com um quarto das vinte e quatro guardiãs originais de Irene. Ainda assim, as que permanecem voltam a distribuir-se de modo que haja nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada lado da casa.

O enigma a ser resolvido é: *como fizeram, em cada dia, para que, mesmo com a mudança no número de mulheres (às vezes, havia mais de vinte e quatro e, em outras, menos de vinte e quatro), fossem sempre mantidas nove mulheres protegendo Irene em cada um dos quatro lados da casa?*

TERCEIRO PASSO: fazer deduções com base nos dados que facilitem o raciocínio e os cálculos que nos levarão à solução do problema

Para resolver o enigma, começamos por algo muito simples, mas fundamental: determinar com precisão o número de mulheres que cercavam Irene em cada uma das cinco noites.

- Na segunda-feira, Irene dormiu cercada por 20 mulheres, pois 4 de suas guardiãs saíram naquela noite.
- Na terça-feira, dormiu cercada por 28 mulheres, pois as ausentes retornaram e 4 amigas se juntaram a elas.
- Na quarta-feira, ficou cercada por 32 mulheres, pois chegaram outras 4.
- Na quinta-feira, ficou cercada por 36 mulheres, pois naquela noite havia mais 4 convidadas.
- Na noite de sexta-feira, dormiu cercada por 18 mulheres, pois permaneceram na casa apenas três quartos das 24 guardiãs originais ($24 \div 4 = 6$; $24 - 6 = 18$).

Apesar de tudo, como já sabemos, sempre havia nove mulheres, nem uma a mais, nem uma a menos, em cada lado da casa.

A outra dedução que deve ser feita, embora talvez um pouco mais abstrata, é relativamente simples. Trata-se de examinar as diferentes maneiras pelas quais se pode dividir a quantidade 9 em três números cuja soma seja 9, uma vez que sempre deve haver nove mulheres entre Irene e os atiradores

de elite posicionados do lado de fora da casa. Antes de analisar essa distribuição, é importante considerar que há três quartos em cada lado da casa. Entretanto, nada determina que todos esses quartos devem estar ocupados; alguns podem permanecer vazios, ou seja, o número de guardiãs em alguns deles pode ser zero. Dessa maneira, aumentam as possibilidades de distribuição para manter sempre nove mulheres em cada um dos quatro lados da casa. Sem considerar a posição de cada número, mas apenas que a soma dos três números distribuídos entre os três quartos seja igual a 9, algumas dessas possibilidades são:

9-0-0 / 8-1-0 / 7-2-0 / 7-1-1 / 6-3-0 / 6-2-1 / 5-4-0 / 5-3-1 / 5-2-2 / 4-3-2 / 4-1-4 / 3-3-3

Essas são todas as combinações possíveis (um total de doze) em que se podem somar os números de 0 a 9 para obter o resultado 9. Esse dado é importante porque indica que a distribuição das mulheres em cada lado da casa sempre deverá ser feita de acordo com uma dessas doze combinações. Não esqueçamos que, nesse caso, não se considera a posição dos números, mas apenas que sua soma seja igual a 9. Assim, a distribuição 4-3-2 equivale tanto a 4-2-3 quanto a 2-3-4 e 3-2-4.

QUARTO PASSO: elaborar um diagrama que permita visualizar a distribuição do número de mulheres em cada um dos dias

Na leitura do texto, apresenta-se a possibilidade de elaborar um diagrama da distribuição feita no primeiro dia. Isso ajudará no raciocínio e nos cálculos a fazer com base na posição inicial das 24 guardiãs:

3	3	3
3	IRENE	3
3	3	3

Agora, utilizando as possíveis distribuições cuja soma é 9 e alterando os números desse primeiro diagrama, sempre cuidando para que a soma resulte em 9 em cada lado, poderemos construir mais facilmente as respostas do enigma. Para isso, é necessário fazer o seguinte raciocínio: se havia na primeira noite 20 mulheres, na segunda 28, na terceira 32, na quarta 36 e na última 18, devem existir cinco distribuições diferentes que, em cada caso, totalizem essas mesmas quantidades. Assim, por exemplo, na primeira noite havia um número menor de mulheres (20) do que o original (24); portanto, é necessário procurar uma combinação na qual haja alguns números baixos (correspondentes à quantidade de mulheres) em determinadas posições (os quartos) para que se consiga manter nove mulheres em cada lado da casa. Com isso em mente, podem-se experimentar as diversas combinações para descobrir a distribuição correspondente a cada uma das cinco noites.

Na noite de segunda-feira, é necessário distribuir 20 mulheres. O mais lógico seria começar tentando uma distribuição uniforme em cada lado da casa, isto é, dividir 20 por 4, o que daria 5 mulheres por lado. Entretanto, esse número não atende, em nenhuma disposição, às duas condições básicas: haver 9 mulheres em cada lado e o total de mulheres ser igual a 20. Assim, o raciocínio lógico a seguir busca a combinação mais adequada para esse caso, que é 4-1-4, pois, colocando 4 mulheres em cada quarto dos cantos, obtemos um total de 16, enquanto as 4 restantes podem ser distribuídas nos quartos centrais, 1 em cada um:

Noite de segunda-feira

4	1	4
1	IRENE	1
4	1	4

Para a noite de terça-feira, há 4 mulheres a mais, de modo que é preciso distribuir 28. Que distribuição permite cumprir a condição de haver nove mulheres em cada lado da casa? A mais adequada parece ser 2-5-2. Se forem colocadas 2 mulheres em cada quarto dos cantos, teremos 8 ao todo. As 20 restantes podem ser distribuídas em grupos de 5 em cada quarto central:

Noite de terça-feira

2	5	2
5	IRENE	5
2	5	2

Na noite de quarta-feira, o número de mulheres volta a aumentar e, dessa vez, são 32. Que distribuição funciona nesse caso? Ao que parece, é 1-7-1, pois se coloca apenas 1 mulher em cada quarto dos cantos e 7 mulheres em cada quarto central:

Noite de quarta-feira

1	7	1
7	IRENE	7
1	7	1

Na noite de quinta-feira, o número de mulheres aumenta novamente e às 32 que já estão na casa somam-se outras 4, totalizando 36 guardiãs. Assim, a distribuição ideal para essa situação é 0-9-0. Isso significa que os quartos dos cantos devem ficar vazios e que 9 mulheres devem ser colocadas em cada quarto central:

Noite de quinta-feira

0	9	0
9	IRENE	9
0	9	0

Na noite de sexta-feira, o número de mulheres diminui bastante e restam apenas 18. Dessa vez, a distribuição mais adequada é 5-0-4. Se os quartos centrais ficarem vazios e forem colocadas de maneira alternada 5 e 4 mulheres nos quartos dos cantos, Irene estará perfeitamente protegida de novo:

Noite de sexta-feira

5	0	4
0	IRENE	0
4	0	5

QUINTO PASSO: verificar se não há nenhum erro de cálculo antes de concluir que a solução foi encontrada

Por fim, é fundamental não esquecer uma regra essencial: cada uma das distribuições deve ser conferida por meio de operações aritméticas simples, somando os números (correspondentes à quantidade de mulheres) em cada posição (os quartos), de modo que o resultado seja sempre 9. Lembremos que um erro de cálculo pode significar a morte de Irene e, com isso, provocar o início de uma guerra civil no País dos Centauros.

ATIVIDADES

Jovens de 13 a 16 anos

- 9.** A atrocidade da guerra: a história de Anne Frank
- 10.** É covarde quem não se defende quando alguém o agride?
- 11.** O poder do silêncio e da meditação: a contemplação de um fenômeno natural
- 12.** Construir, em uma cidade violenta, uma casa para a paz





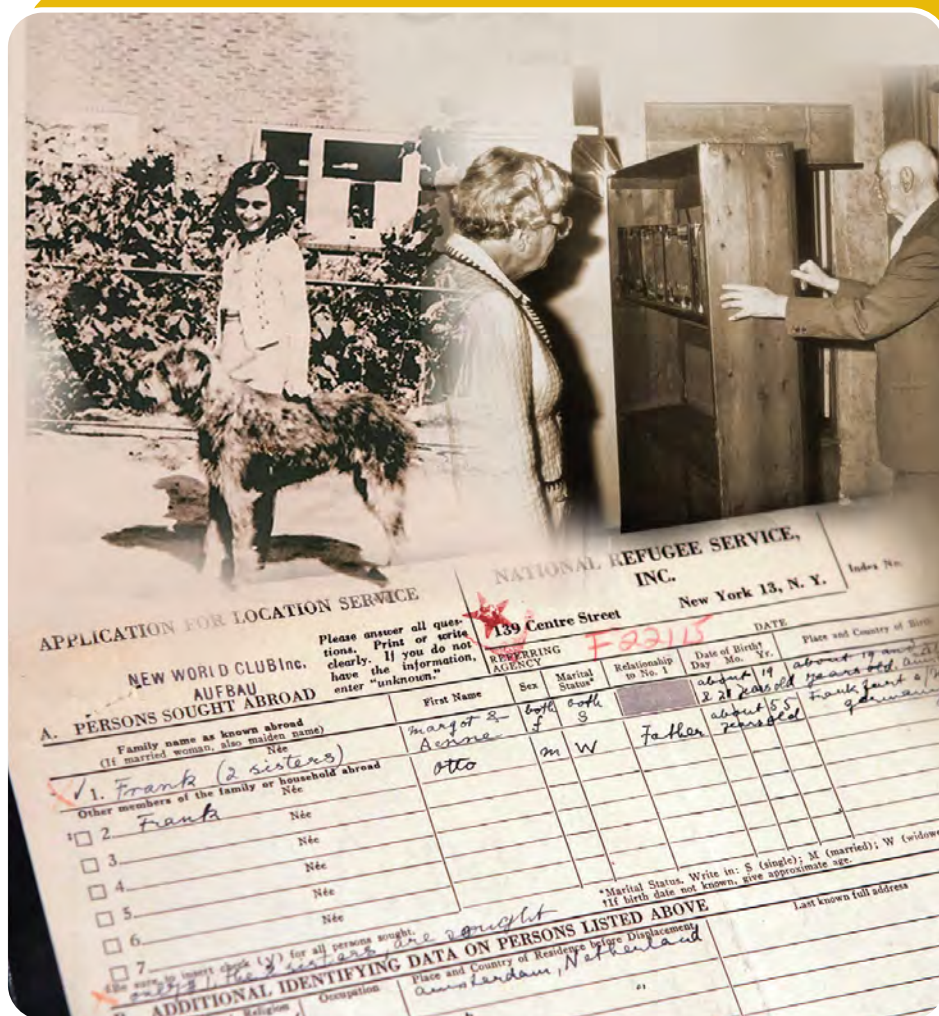
Décima 9

*De Ana Frank, su diario
vamos ahora a conocer...*

*Que no la dejaron ser,
sino todo lo contrario.*

*Por eso es necesario
que tú sepas esta historia,
la guardes en la memoria
y la recuerdes en las noches...
Y no hagas más reproches
ni te llenes ya de euforia.**

* Tradução livre: De Anne Frank, seu diário / vamos agora conhecer... / Não a deixaram ser, / muito pelo contrário. / Por isso, é necessário / que você saiba esta história, / que a guarde na memória / e dela se lembre à noite... / E não faça mais censuras, / nem se deixe levar pela euforia.



2

MÃOS À OBRA

Leitura

Alguns trechos selecionados do

Diário de Anne Frank



O texto a seguir é uma seleção de quatro trechos do diário pessoal de Anne Frank (escrito entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944), uma jovem de 13 a 14 anos de idade que permaneceu escondida por mais de dois anos com sua família no anexo secreto de uma empresa em Amsterdã, Holanda. Eles fugiam da perseguição dos nazistas às pessoas de origem judaica, em plena Segunda Guerra Mundial. Por fim, Anne e seus familiares foram denunciados, detidos, e vários deles, executados nos campos de concentração nazistas. Em 1947, o pai de Anne, Otto Frank, que sobreviveu à barbárie, encarregou-se de publicar os diários da filha, que estavam escritos em vários cadernos. O diário de Anne Frank, então, não só se tornou um dos livros mais lidos do século XX, como também um dos testemunhos mais fidedignos dos horrores da Segunda Guerra Mundial. Em 1959, foi produzido para o cinema um filme baseado no livro e, em 1967, outro para a televisão.

Quarta-feira, 3 de maio de 1944

Primeiro, as notícias da semana. A política está de férias: nada, absolutamente nada a assinalar. Começo a me convencer de que, afinal, haverá uma invasão. É impossível deixar que os russos se virem sozinhos; além disso, eles também não estão avançando neste momento. [...]

Desde sábado, almoçamos às onze e meia; por economia, o café da manhã consiste apenas em uma xícara de aveia. Ainda é difícil encontrar legumes: no almoço, tivemos salada cozida podre. Salada crua ou cozida, espinafre... esse é nosso cardápio. Não há mais nada, exceto batatas podres: uma delícia! Não é preciso muita imaginação para compreender esta eterna ladainha de desespero: "Para que serve essa guerra? Por que os homens não podem viver em paz? Por que essa devastação?"

Pergunta compreensível, mas ninguém encontrou a resposta definitiva. Na verdade, por que se constroem na Inglaterra aviões cada vez maiores, com bombas cada vez mais pesadas, e, ao mesmo tempo, casas pré-fabricadas para a reconstrução? Por que se gastam milhões todos os dias com a guerra e não há um centavo disponível para a medicina, os artistas e os pobres?



Por que há pessoas que passam fome, enquanto em outras partes do mundo os alimentos sobram e apodrecem? Por que os homens enlouqueceram dessa maneira? Jamais acreditarei que somente os poderosos, os governantes e os capitalistas sejam responsáveis pela guerra. Não. O homem comum também é responsável. Caso contrário, há muito tempo os povos teriam se rebelado. Os homens nasceram com o instinto de destruir, matar, assassinar e devorar: enquanto toda a humanidade, sem exceção, não passar por uma enorme transformação, a guerra prevalecerá; as construções e as terras cultivadas voltarão a ser destruídas, e não restará alternativa à humanidade senão recomeçar.

Muitas vezes me senti abatida, mas nunca me deixei levar pelo desespero; considero nossa permanência aqui uma aventura perigosa, que se torna romântica e interessante por causa do risco. Cada uma de nossas privações foi tratada com humor em meu diário. Decidi, de uma vez por todas, levar uma vida diferente da vida das simples donas de casa. Meus primeiros passos não são desprovidos de interesse, são bons, e é somente por isso que consigo rir de uma situação cômica nos momentos de maior perigo.

Sou jovem, muitas de minhas qualidades ainda estão adormecidas; sou jovem e forte o suficiente para viver essa grande aventura que faz parte de mim e me recuso a me queixar todo santo dia. Fui favorecida por uma natureza feliz, por minha alegria e minha força. A cada dia percebo que cresço interiormente, sinto que a liberdade se aproxima, que a natureza é bela, percebo a bondade de todos os que me rodeiam e sinto até que ponto essa aventura é interessante! Por que haveria de me desesperar?

Segunda-feira, 22 de maio de 1944

[...] A invasão ainda não aconteceu: posso dizer com absoluta certeza que toda Amsterdã, toda a Holanda, sim, toda a costa ocidental da Europa até a Espanha não faz outra coisa senão falar e discutir sobre esse assunto, fazer apostas e esperar...

A atmosfera de expectativa não poderia ser mais tensa. Boa parte daqueles que incluímos entre os “bons” holandeses deixou de acreditar nos ingleses; nem todos se contentam com o famoso blefe inglês — oh, não, longe disso! Há quem precise de provas, de ações grandiosas e heroicas. Ninguém enxerga além da ponta do próprio nariz, ninguém pensa nos ingleses como pessoas que se defendem e lutam por seu país: todos acreditam que eles têm a obrigação de salvar a Holanda da maneira mais rápida e eficaz possível.

Que obrigações os ingleses assumiram para conosco? De que maneira os holandeses mereceram essa ajuda generosa que esperam com tanta segurança? Por mais triste que seja, os holandeses podem se preparar para as decepções. Apesar de todo o seu blefe, não se pode censurar a Inglaterra mais do que os outros países, grandes e pequenos, que atualmente não estão ocupados. Sem dúvida, os ingleses não virão nos apresentar suas desculpas, pois, se podemos censurá-los por terem adormecido durante os anos em que a Alemanha se armava, não poderíamos negar que todos os demais países, em especial os que fazem fronteira com a Alemanha, adormeceram também. A política do avestruz de nada nos servirá. A Inglaterra e o mundo inteiro sabem disso muito bem. Por isso, os Aliados, todos e cada um deles, e particularmente a Inglaterra, serão obrigados a fazer dolorosos sacrifícios.

Nenhum país desejará sacrificar seus homens em benefício de outro país, e a Inglaterra não será exceção. A invasão, a libertação e a liberdade chegarão um dia, mas a hora será determinada pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, e não por um conjunto de territórios ocupados.

Com grande pesar e consternação, soubemos que muitas pessoas se voltaram contra os judeus. Ouvimos dizer que o antissemitismo tomou conta de certos círculos nos quais, antes, jamais se teria pensado nisso. Nós oito ficamos profundamente abalados com a notícia. A causa desse ódio contra os judeus é compreensível, às vezes até humana, mas inadmissível. Os cristãos censuram os judeus por falarem demais diante dos alemães, traindo seus protetores e fazendo com que, por culpa deles, os cristãos sofram o destino trágico e a terrível tortura de tantos de nós.

Tudo isso é verdade, mas é preciso ver o outro lado da moeda, como em qualquer outro caso. Os cristãos, em nosso lugar, agiriam de maneira diferente? Um homem, seja judeu ou cristão, consegue calar-se diante dos métodos empregados pelos alemães? Todos sabem que isso é quase impossível. Por que, então, exigir o impossível dos judeus?

Nos grupos da Resistência, circula um rumor relacionado aos judeus alemães que emigraram para a Holanda e que atualmente estão nos campos de concentração da Polônia: depois da derrota de Hitler, eles não poderiam voltar para a Holanda, onde tinham direito de asilo, e seriam obrigados a retornar à Alemanha.

Ao ouvir isso, não é lógico que nos perguntemos por que se trava essa guerra longa e penosa? Sempre nos repetiram que lutamos juntos pela liberdade, pela verdade e pelo direito! Se a divisão já se manifesta em plena luta, o judeu sairá dela, mais uma vez, em condição inferior à de qualquer outra pessoa? Oh! É triste ter de admitir o velho aforismo: "Pela má ação de um cristão, ele próprio é responsável, mas a má ação de um judeu recai sobre todos os judeus".

Francamente, não consigo conceber que os holandeses façam semelhante coisa, esse povo bom, honrado e leal que, ao julgá-los dessa maneira, julga o povo mais oprimido, o mais desafortunado e talvez o mais digno de compaixão do mundo inteiro.

Só me resta confiar que essa onda de ódio contra os judeus seja passageira, que os holandeses logo voltem a se mostrar como realmente são, mantendo intactos seu senso de justiça e sua integridade. Porque o antissemitismo é injusto.

E, se esse horror de fato acontecesse, o pobre punhado de judeus que resta na Holanda acabaria por deixá-la. Nós também arrumaríamos as malas e retomariamos nosso caminho, abandonando este belo país que nos acolheu tão cordialmente e que, no entanto, agora nos dá as costas.

Amo a Holanda. Cheguei até a confiar que ela me serviria de pátria, a mim, apátrida, e continuo esperando que assim seja.

Quinta-feira, 25 de maio de 1944

Todos os dias acontece algo. Esta manhã, nosso fornecedor de hortaliças foi preso: ele escondia dois judeus em sua casa. É um golpe terrível para nós, não apenas porque mais dois pobres judeus se encontram à beira do abismo, mas também porque o verdureiro está na mesma situação.

O mundo está transtornado; as pessoas decentes são enviadas para campos de concentração, para prisões, ou ainda tremem em celas solitárias, enquanto a escória que fica aqui governa jovens e velhos, ricos e pobres. Uns são apanhados por causa do mercado negro; outros, por terem abrigado judeus ou rebeldes. Quem não está em contato com os nazistas não tem como saber o que acontecerá amanhã.

Como sentiremos falta de nosso fornecedor de hortaliças! Miep e Elli não poderão carregar sacos de batatas desse tamanho sem chamar a atenção, então a única coisa que nos resta fazer é comer menos. Vou lhe contar, então, como vamos nos virar; não será nada divertido. Mamãe propôs que eliminemos o café da manhã, comamos a aveia no almoço e batatas salteadas à noite e, uma ou duas vezes por semana, no máximo, verduras ou salada. Isso significa passar fome, mas todas essas privações não são nada comparadas ao horror de sermos descobertos.

Quinta-feira, 15 de junho de 1944

Talvez seja a saudade do ar livre, depois de ficar privada dele por tanto tempo, mas sinto mais falta da natureza do que nunca. Ainda me lembro muito bem de que nunca havia me sentido tão fascinada por um céu azul deslumbrante, pelo canto dos pássaros, pelo luar, pelas plantas e pelas flores. Aqui, mudei.

No dia de Pentecostes, por exemplo, quando fazia muito calor, fiquei acordada até as onze e meia para, pelo menos uma vez, contemplar a lua completamente sozinha através da janela aberta. Ah! Esse sacrifício não serviu de nada, pois a lua brilhava com tanta intensidade que não ousei correr o risco de abrir a janela. Em outra ocasião, já faz vários meses, por acaso subi ao quarto dos Van Daan em uma noite em que a janela estava aberta. Não saí de lá até que a fechassem. Noite sombria e chuvosa, tempestade e nuvens fugidias. Pela primeira vez em um ano, frente a frente com a noite, eu me via sob o encanto de sua magia. Depois disso, meu desejo de reviver um momento semelhante tornou-se maior do que meu medo dos ladrões, dos ratos e da escuridão. Certa vez, desci sozinha para olhar pela janela do escritório particular e pela da cozinha. Muitas pessoas consideram a natureza bela; muitas passam a noite no campo; aqueles que estão em prisões e hospitais aguardam o dia em que poderão voltar a desfrutar do ar livre, mas são poucos os que se encontram como nós: confinados e isolados, com saudade daquilo que está ao alcance tanto dos pobres quanto dos ricos.

Ver o céu, as nuvens, a lua e as estrelas me acalma e me devolve a esperança. Não se trata, na verdade, de imaginação; é um remédio muito melhor do que a valeriana e o brometo. A natureza me torna humilde, e me preparo para suportar todos os golpes com coragem. Salvo em raras ocasiões, coube-me a infelicidade de olhar através de vidros sujos e cortinas carregadas de poeira. Minha alegria se desvanece, pois a natureza é a única coisa que não tolera ser deformada.

FRANK, Anne. *El diario de Ana Frank*. Chile: Pehuén Editores, 2001. p. 124-125; 132-133; 138-139. [Tradução livre.]

3

PARA LEVAR COMIGO

Com base nas perguntas, comente a leitura com seus colegas.
Então, faça o que se pede.

- 1 Qual era a situação de Anne Frank e de sua família quando ela escreveu seu diário? Como ela enfrenta a solidão, a fome e o medo?
 - Descreva.
- 2 O que mais preocupa Anne no confinamento em que vive?
 - Indique cinco preocupações.
- 3 Como Anne Frank luta contra o desespero? Você acha que ela faz isso de maneira adequada?
 - Justifique sua resposta.
- 4 A Alemanha nazista era um regime injusto? Em que consistiu a perseguição aos judeus?
 - Explique suas respostas.
- 5 O que Anne esperava dos países aliados durante a guerra? O que ela pensava dos judeus e de seu futuro?
 - Indique as razões que Anne tinha para pensar assim.
- 6 O que mais impressionou você nessa história? Por quê?
 - Escolha duas frases que chamaram sua atenção.
- 7 Por que esse diário se tornou tão importante?
 - Conte, com suas próprias palavras, quem era Anne Frank e por que ela escreveu seu diário.
- 8 Anne encontrou na escrita de seu diário a força para suportar sua situação. Se você vivesse algo semelhante, o que acha que faria?
 - Apresente e explique suas razões.



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	▪ Histórias inspiradoras
Âmbito de trabalho	▪ Sala de aula
Textos inspiradores e de referência	▪ <i>O diário de Anne Frank</i> ▪ "Para a guerra, nada" (canção de Marta Gómez) ▪ Arquitetas da paz: o papel essencial das mulheres na consolidação da paz
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	▪ Reconhecer as atrocidades provocadas pela guerra
Atitudes geradoras de paz	▪ Resistência pacífica ▪ O trabalho das mulheres na construção da paz ▪ Aceitação das diferenças étnicas e culturais
Relação com outras áreas do conhecimento	▪ Ética ▪ Política ▪ Ciências sociais (história e geografia) ▪ Educação para a paz
Duração aproximada	4 sessões de 20 minutos (total: 1 hora e 20 minutos)



Fundamentos

No dia 25 de novembro de cada ano, celebra-se o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, uma ocasião para que todos denunciemos os inúmeros abusos e atos de violência cometidos contra as mulheres em todo o mundo e, sobretudo, para que reconheçamos sua imensa importância na construção da paz em nível mundial.

É comum que, nesse dia, o Papa envie mensagens a esse respeito por meio de sua conta oficial no X (antigo Twitter): @Pontifex. Por exemplo, em 2020, o Papa Francisco escreveu: “Muitas vezes as mulheres são ofendidas, espancadas, violadas, induzidas a se prostituir... Se queremos um mundo melhor, que seja uma casa de paz e não um tribunal de guerra, devemos todos fazer muito mais pela dignidade de cada mulher” [tradução livre do perfil em espanhol]. Por sua vez, o Papa Leão XIV, em 2025, convidou os jovens a “formar uma mentalidade diferente”, completamente distinta daquela da violência machista, e disse a um grupo de jornalistas: “Devemos acabar com essa violência que muitas vezes afeta também os jovens e buscar uma maneira de educar e formar uma mentalidade diferente. Devemos ser pessoas de paz, que amam a todos”.



Em 2023, na Itália, o Papa Francisco enviou uma mensagem à Campanha Nacional contra a Violência contra as Mulheres:

[...] a violência contra as mulheres é uma erva daninha venenosa que aflige nossa sociedade e que deve ser eliminada pela raiz. E essas raízes são culturais e mentais, crescem no terreno do preconceito, da posse, da injustiça.

Em muitos lugares e em muitas situações, as mulheres são colocadas em segundo plano, são consideradas “inferiores”, como objetos: e, se uma pessoa é reduzida a uma coisa, então não se vê mais sua dignidade, ela é considerada apenas uma propriedade da qual se pode dispor de todas as maneiras, inclusive eliminá-la. Quantas mulheres são oprimidas pelo peso e pelo drama da violência! Quantas são maltratadas, abusadas, escravizadas, vítimas da prepotência de quem pensa que pode dispor de seu corpo e de sua vida, obrigadas a se render à cobiça dos homens.

[...]

É nosso dever, responsabilidade de cada um, dar voz a nossas irmãs sem voz: as mulheres vítimas de abuso, exploração, marginalização e pressões indevidas. Não permaneçamos indiferentes! É necessário agir imediatamente, em todos os níveis, com determinação, urgência e coragem.

Do coração e da carne de uma mulher veio ao mundo a salvação; pela maneira como tratamos a mulher, em todas as suas dimensões, revela-se nosso grau de humanidade.

Mensagem do Santo Padre Francisco para a Campanha Nacional contra a Violência contra as Mulheres. *L'Osservatore Romano*, edição semanal em língua espanhola, ano LX, n. 45, p. 6, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/es/messages/pont-messages/2023/documents/20231027-messaggio-controviolenza-sulledonno.html>. Acesso em: 26 nov. 2025. [Tradução livre.]

Quando as mulheres são violentadas desde muito pequenas, sem dúvida trata-se de um tipo de violência muito mais grave e intolerável. A guerra intensifica essa situação, pois eleva ao máximo os casos de violência contra mulheres, crianças, idosos e, de modo geral, contra os seres mais vulneráveis. Alguns conseguem resistir heroicamente a todos esses abusos, mas os danos são terríveis e inevitáveis. A guerra não apenas não resolve a violência, como, ao contrário, a exacerba.

Em muitas ocasiões, essa violência é vivida em meio ao silêncio, sem que ninguém tome conhecimento das atrocidades sofridas no cotidiano da guerra. Em outras, como é o caso de Anne Frank, podemos conhecer um testemunho impressionante: o diário que essa jovem escreveu entre os 13 e os 14 anos de idade (quase uma criança), no qual relata, dia após dia, como viveu a Segunda Guerra Mundial — escondida com sua família em um anexo secreto de um prédio em Amsterdã, tentando fugir dos horrores do nazismo.

O relato é comovente (na sequência didática do aluno, são reproduzidos apenas alguns trechos, mas recomenda-se que tanto os professores quanto os estudantes leiam o livro completo), pois nos apresenta não só o sofrimento de Anne e de seus familiares, vivendo em meio à fome, ao medo e ao silêncio, como também o enorme esforço que fazem, em especial Anne, para encontrar sentido e esperança em uma situação tão difícil. Apesar de sua idade e de ter morrido tão jovem, Anne Frank foi capaz de nos transmitir, com detalhes e profundidade, a complexa condição humana daqueles que são perseguidos durante as guerras, razão pela qual sua figura se tornou um dos símbolos mais marcantes da oposição aos conflitos bélicos e à violência em todo o mundo. Ler cuidadosamente com os jovens a história de Anne é uma maneira de nos sensibilizarmos contra os horrores da guerra e de mostrar-lhes um exemplo de resistência e otimismo em meio às situações mais atroz.



Apresentação da atividade



O texto inspirador que será trabalhado em sala de aula é composto de quatro trechos selecionados do diário que Anne Frank escreveu durante o período em que ela e sua família foram obrigados a se esconder, entre junho de 1942 e agosto de 1944, no anexo secreto de um prédio em Amsterdã, Holanda, fugindo da perseguição iniciada pela Alemanha nazista contra diversos grupos humanos e etnias, como judeus, opositores políticos, comunistas e ciganos, entre outros. O diário foi publicado em 1947 por seu pai, que conseguiu sobreviver à barbárie, e é um dos melhores testemunhos das atrocidades perpetradas durante a Segunda Guerra Mundial pelo regime liderado por Adolf Hitler. Na epígrafe, explica-se a origem do texto e, na parte final, cita-se a fonte.

Além das diversas edições de *O diário de Anne Frank* e das fotografias reproduzidas na internet, há muitos vídeos de acesso gratuito na web sobre esse famoso testemunho, bem como várias produções audiovisuais, que vão desde o filme clássico *O diário de Anne Frank* (1959) até versões recentes, como o documentário *#Anne Frank – Vidas paralelas* (2019) e a animação *À procura de Anne Frank* (2021). Algumas dessas produções estão disponíveis em plataformas como Netflix, Apple TV e Prime Video. Recomenda-se que o professor as conheça previamente, a fim de considerar a possibilidade de utilizá-las nessa atividade. No entanto, é importante destacar que nada substitui a leitura do texto original e, sobretudo, a experiência que o aluno pode ter ao ler e comentar a história de Anne com o professor e os colegas. Essa é a estratégia didática ideal para que os estudantes não apenas tomem conhecimento de um fato histórico ou saibam do ocorrido como se fosse apenas de uma “notícia de guerra”, mas também expressem os pensamentos, sentimentos, atitudes e emoções que a história desperta neles.



Orientações pedagógicas

Como se explica no texto introdutório, *O diário de Anne Frank* tem sido um dos livros mais lidos em todo o mundo desde sua publicação e deu origem a filmes para o cinema e para a televisão. Trata-se, portanto, de um texto amplamente difundido e reconhecido, que vale a pena ler e comentar em profundidade com os alunos, ajudando-os a compreendê-lo melhor. O desejável e recomendável é que o professor leia o livro inteiro ou, se isso não for possível, outros trechos do diário além dos selecionados para a atividade e que compartilhe as impressões decorrentes de sua experiência de leitura.



Para o desenvolvimento dessa atividade, pode-se contar tanto com o livro completo *O diário de Anne Frank* ou pelo menos com os quatro trechos selecionados quanto com os recursos gráficos e visuais já mencionados: vídeos, fotografias, artigos de imprensa, filmes etc. O importante é que o professor, além de se informar de maneira adequada, saiba utilizar todos esses recursos de maneira sóbria e coerente, para não sobrecarregar os alunos. O objetivo é que as crianças e os jovens se identifiquem com uma personagem como Anne, que se coloquem em seu lugar e que tentem imaginar como teriam se comportado em uma situação semelhante. Por essa mesma razão, é fundamental que leiam diretamente os trechos do diário da protagonista e possam expressar o que a leitura lhes provoca, tanto no âmbito cognitivo quanto no emocional.

“O objetivo de trabalhar com essa história é gerar empatia pelas vítimas da guerra, especialmente as mulheres e as crianças.”

O professor e os alunos devem prestar especial atenção a três aspectos essenciais para a análise, a reflexão e a discussão desse texto:



- **A brutalidade de um regime totalitário.** A ideologia nazista, assim como a de outros regimes fascistas e totalitários, exclui, intimida, persegue e assassina de modo brutal e sem a menor misericórdia todos aqueles que considera seus inimigos: judeus, ciganos, homossexuais, comunistas etc. A leitura do diário, além de ser uma oportunidade para que os leitores percebam fatos brutais próprios desse tipo de regime, pode representar uma ocasião para enxergar com toda a clareza as atrocidades da guerra e o fato de que a guerra se transforma, como ocorre em muitas ditaduras totalitárias, no principal meio de subjugar seu próprio povo e o de outros países e nações.
- **Os meios de dominação utilizados pelos regimes totalitários para manter os cidadãos subjugados.** Em seu diário, Anne menciona de maneira muito clara alguns desses meios: a fome e a solidão causadas pelo isolamento, a desconfiança em relação aos outros e o medo provocados pela perseguição etc. No entanto, é preciso deixar que os alunos identifiquem todas essas questões, em vez de o professor determiná-las previamente. Em grande medida, o objetivo dessa leitura é nos sensibilizar para esses meios de dominação e para a forma como são utilizados como “armas de guerra”.
- **A narrativa feita da perspectiva de uma vítima muito particular.** O diário é muito mais comovente porque a voz narrativa é a de alguém que está ali — uma mulher muito jovem, quase uma menina, que mal começa a se desenvolver e está descobrindo o mundo; alguém que, ainda muito nova, precisa enfrentar uma guerra injusta que a impede de decidir sobre a própria vida; uma adolescente a quem, de modo brutal, foi imposto um destino por pessoas totalmente alheias a ela: os dirigentes do nazismo. É isso que sempre acontece na guerra: quem mais sofre são os mais fracos.

É preciso destacar, no entanto, algumas características específicas da protagonista dessa história. Anne Frank era uma menina judia de origem holandesa, nascida na Alemanha, que possuía grande inteligência e perspicácia. Apesar de ser muito jovem e de ter vivido seus últimos anos em condições muito difíceis, foi capaz de narrar como ninguém a barbárie da guerra, com uma fina sensibilidade que, em vez de fazê-la se queixar, a levava a se esforçar para aproveitar tudo o que fosse possível em meio a sua dolorosa condição de perseguida.

Recomenda-se ao professor que destaque alguns aspectos da vida de Anne para que os alunos possam inferi-los com base no estilo empregado por ela em sua escrita, bem como em alguns dados biográficos básicos que podem ser consultados por meio de uma busca simples na internet. Tudo o que ajudar a situar a personagem em seu contexto será útil para compreender o sentido de um texto tão inspirador, embora extremamente duro e comovente, como *O diário de Anne Frank*.

Sugerimos trabalhar essa história em quatro sessões:

1ª sessão

Recomenda-se que o professor e os estudantes leiam juntos os trechos selecionados, seja em sala de aula, seja como atividade extracurricular, após a organização de um encontro ou momento de convivência. É muito importante que a leitura seja feita em voz alta e que os alunos tenham a oportunidade de manifestar suas impressões depois de cada um dos trechos selecionados e comentar o que considerarem pertinente. Da mesma forma, é conveniente que o professor prepare notas explicativas sobre os trechos de maior complexidade ou mais difíceis de compreender. É essencial, por outro lado, que ele faça todo o possível para que as crianças e os jovens entendam o perigoso contexto em que esse diário foi escrito: confinamento, fome, medo permanente de serem descobertos e denunciados, bem como os sentimentos e as emoções vivenciados pelos protagonistas, especialmente Anne. Para desenvolver essa primeira sessão, podem ser úteis as três primeiras perguntas da atividade:

- 1. Qual era a situação de Anne Frank e de sua família quando ela escreveu seu diário? Como ela enfrenta a solidão, a fome e o medo?**
 - Descreva.
- 2. O que mais preocupa Anne no confinamento em que vive?**
 - Indique cinco preocupações.
- 3. Como Anne Frank luta contra o desespero? Você acha que ela faz isso de maneira adequada?**
 - Justifique sua resposta.

2ª sessão

É conveniente que o professor aprofunde um pouco mais o contexto da história narrada no diário, fazendo, sobretudo, uma apresentação breve, porém bem organizada, dos crimes nazistas, para que os estudantes adquiram maior consciência da terrível barbárie que foi a Segunda Guerra Mundial e, em particular, o Holocausto. Isso, naturalmente, deve ser feito com sensibilidade e cautela. Sugere-se mostrar aos alunos, por exemplo, algumas imagens dos campos de concentração nazistas e explicar o que eram e qual era sua finalidade, mas sem apresentar cenas que, por sua violência visual, possam impressionar os jovens. Para isso, é possível utilizar fotografias, trechos de vídeos e outros recursos gráficos, que são abundantes nas plataformas sociais.

3ª sessão

Para esse momento, recomenda-se fazer uma leitura mais pessoal de *O diário de Anne Frank*. O objetivo é que o texto não seja percebido apenas como uma crônica que registra algo ocorrido há mais de oitenta anos em uma casa de Amsterdã, mas como um escrito que interpela a todos nós nos dias de hoje. Para alcançar esse objetivo, pode-se colocar à disposição dos alunos tanto o livro completo quanto algum dos filmes nele baseados, para consulta. O objetivo é fazer com que sintam que são os destinatários do diário, ou seja, que ele foi escrito para cada um de nós, como uma forma de mostrar à humanidade as atrocidades da guerra. Para isso, pode-se pedir-lhes que, depois de ler o livro ou assistir ao filme, pensem em algo que gostariam de dizer a Anne Frank e que possa ser expresso na forma de uma mensagem escrita para ela.

4ª sessão

Por fim, sugere-se dedicar essa sessão à escrita da mensagem dirigida a Anne Frank, para depois compartilhá-la. O conteúdo da mensagem pode abordar as reflexões despertadas pela leitura do diário ou contar a Anne como é o mundo atual e quais mudanças ocorreram; porém, sobretudo, os alunos podem oferecer algum tipo de consolo às meninas e mulheres que hoje são vítimas da guerra em diferentes partes do mundo. Caso seja necessário, é possível dedicar uma sessão adicional para que os alunos compartilhem e comentem seus textos.



Atividades complementares

Histórias para lembrar

A canção “*Para a guerra, nada*”, da cantora e compositora Marta Gómez, expressa a convicção de muitos colombianos que ansiavam pelo fim da guerra em seu país e aspiravam a uma paz estável e duradoura. Além disso, foi composta em 2014, ano em que a guerra entre Israel e Palestina atravessava um momento crítico.



■ A cantora e compositora Marta Gómez.

Para a guerra, nada

Para o vento, uma pipa
Para a tela, um pincel
Para a sesta, uma rede
Para a alma, um pastel
Para o silêncio, uma palavra
Para o ouvido, uma concha
Um balanço para a infância
E, ao ouvido, um acordeão
... Para a guerra, nada

Para o sol, um caleidoscópio
Um poema para o mar
Para o fogo, um violão
E minha voz para cantar
Para o verão, bicicleta
E bolhas de sabão
Um abraço para os risos
Para a vida, uma canção
... Para a guerra, nada
... Para a guerra, nada

Para o vento, um cata-vento
Para o esquecimento, um papel
Para te amar, um leito
Para a alma, um café
Para te aquecer, um poncho
E uma vela para esperar
Um pião para a infância
E uma corda para pular
... Para a guerra, nada

Para o pássaro, o voo
Para o frio, todo o sol
Para a sede, a água límpida
Para o orvalho, cada flor
Para a lembrança, a história
Para o tempo, uma espiral
A semente para a terra
E tua voz para cantar

... Para a guerra, nada
... Para a guerra, nada

Para o céu, um arco-íris
Para o bosque, um rouxinol
... Para a guerra, nada

Para o campo, uma papoula
Para o mar, o rubor do pôr do sol
... Para a guerra, nada

Para a brisa, uma pluma
Para o choro, uma canção
... Para a guerra, nada

Para a insônia, a lua
Para se aquecer, o sol
... Para a guerra, nada
... Para a guerra... nada

1. Ative a legenda em espanhol no link do YouTube para acompanhar a autora na versão que ela cantou no programa *Efecte Collins*, da RTVE Catalunha: <https://www.youtube.com/watch?v=ynrQRiF7cEc>. Acesso em: 6 jan. 2026.



As arquitetas silenciosas da paz: as mulheres na consolidação da paz mundial

Embora as mulheres também tenham participado de diversas guerras (por exemplo, das lutas pela independência de suas nações), seu papel de maior destaque sempre foi o de construtoras da paz. Um exemplo claro disso foi o que aconteceu depois das guerras mundiais em diferentes países: como muitos homens adultos e jovens morreram no conflito, a reconstrução das cidades durante o pós-guerra ficou a cargo de mulheres e crianças.

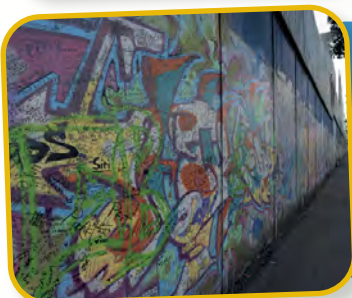
Porém, é importante dizer que o papel das mulheres no mundo atual vai além disso: em seu novo papel, muitas têm se destacado como construtoras da paz, e várias já receberam o Prêmio Nobel da Paz. No entanto, além das que alcançaram fama por suas lutas em favor da paz, há também aquelas que, sem fazer alarde, silenciosamente promovem a paz em suas casas, comunidades, bairros, cidades e países. Muitas não atuam em nome próprio, mas como integrantes de grupos de mulheres que trabalham pela paz em seus territórios.

1. Pesquise quem são as mulheres e organizações a seguir e anote o que fizeram.

- Para realizar essa atividade, consulte a página:
<https://gwmh.org/arquitectas-silenciosas-de-la-paz-el-papel-esencial-de-las-mujeres-en-la-consolidacion-de-la-paz/?lang=es>



**Leymah Gbowee
e o Movimento de
Mulheres pela Paz
na Libéria**



**A Coalizão de
Mulheres e o Acordo
da Sexta-Feira Santa
na Irlanda do Norte**



**Mulheres liderando a
reconciliação após o
genocídio em Ruanda**

Por que você a considera uma "arquiteta silenciosa da paz"?

[illegible]This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins or other markings visible.

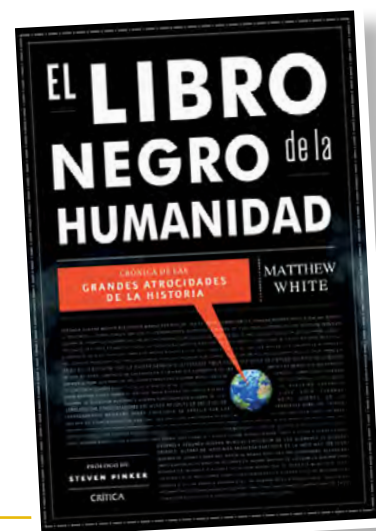
- 3. Por que você acredita que essa pessoa é uma “arquiteta silenciosa da paz”? Compartilhe sua resposta com o grupo.**

Reconhecer as atrocidades que são produto da guerra

(atividade de reflexão e pesquisa)

Todas as guerras deixam atrás de si uma onda de dor, destruição e morte: desde as pequenas guerras tribais entre comunidades que procuram aniquilar-se mutuamente, passando pelas guerras civis entre cidadãos de um mesmo povo ou nação, até as grandes guerras mundiais (como as duas do século XX). Em suma, resultam em milhões de mortos, órfãos e refugiados, na devastação das infraestruturas físicas que permitem melhores condições para a vida humana e na destruição das relações harmoniosas entre as pessoas e os povos.

O escritor Matthew White, em *El libro negro de la humanidad: crónica de las grandes atrocidades de la historia* (Barcelona: Crítica, 2012), fez um levantamento das principais guerras e atrocidades ocorridas ao longo da história, identificando em que data aconteceram, quem foram seus principais protagonistas, quais foram suas causas e, sobretudo, qual foi o número aproximado de mortos que cada uma delas deixou.



4. Apoie-se nessa obra para completar o quadro a seguir, que reúne dez das vinte guerras e atrocidades que provocaram o maior número de mortes na história.

Guerra	Data	Número aproximado de mortos	Causas e consequências
Conquistas de Gêngis Khan			
Queda da dinastia Ming			
Conquista da América			
Comércio de escravizados no Atlântico			
Guerra dos Trinta Anos			
Períodos de fome na Índia britânica			
Primeira Guerra Mundial			
Revolução de Mao Tsé-Tung			
Segunda Guerra Mundial			

Décima 10

*Que es acto de valentía
poner la otra mejilla
y no hincar la rodilla
ante la gran dinastía.
Y ya te lo advertía:
ni el ojo por el ojo,
con algo, sí, de enojo;
ni el diente por el diente...
Que yo soy independiente...
¡y, si me arrodillo, me encojo!**



* Tradução livre: Que é um ato de coragem / oferecer a outra face / e não dobrar os joelhos / diante da grande dinastia. / Eu já te advertia: / nem olho por olho, / ainda que com certa indignação; / nem dente por dente... / Pois eu sou independente... / e, se me ajoelho, encolho-me!



PAZ 10

É covarde aquele que não se defende quando alguém o agride?

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

Leia em grupo essa história, que contém um dilema ético. Depois, responda às perguntas que aparecem no final.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Felipe foi covarde por não se defender da agressão de Enrique?



Felipe é um homem de 35 anos, um profissional bem-sucedido e de profundas convicções cristãs. Vive com a esposa, Clara, e os dois filhos em uma pequena cidade situada nas montanhas de um país da América.

Na casa onde Felipe vive com a família foi trabalhar, ainda muito jovem, uma mulher do campo chamada Janeth, por quem ele e sua esposa passaram a ter imenso carinho. Janeth casou-se e teve uma filha com Enrique, um jovem de 25 anos muito estimado na comunidade por sua grande habilidade em realizar todo tipo de construção e reparo em casas e apartamentos. Enrique exerce diversos ofícios, trabalhando como encanador, eletricista, jardineiro e pedreiro. Como é muito pontual e eficiente, Felipe confia nele e o encarrega de muitos serviços.

A mãe de Enrique, recém-falecida, deixou-lhe como herança um pequeno terreno, onde ele pretende construir uma casa para morar com Janeth e a filha deles, Alícia. Felipe, então, prometeu emprestar-lhe dinheiro para que iniciasse a construção. No entanto, as coisas estão se complicando.

Por um lado, Enrique está passando por um momento difícil em sua vida. A recente morte de sua mãe o abalou bastante, deixando-o triste, irritado e preocupado. Embora sempre tenha sido um excelente trabalhador, passou a beber muita cerveja e a descumprir algumas de suas obrigações, algo incomum para ele. Em certas ocasiões, chega atrasado ao trabalho; em outras, não dá notícias durante todo o dia. Felizmente, graças a sua eficiência, nos dias seguintes consegue concluir o que deixou pendente. Além disso, envolveu-se em uma briga muito séria com um colega de trabalho, agredindo-o com extrema violência. Alguns vizinhos, que sempre tiveram grande apreço por ele, estranham seu novo comportamento; outros já o classificam como "irresponsável", "bêbado" e "briguento".

Por outro lado, houve um claro desentendimento entre Felipe e Enrique, que terminou de maneira muito desagradável. Felipe queria fazer alguns reparos em sua casa e propôs a Enrique que executasse o serviço. Enrique apresentou um orçamento e comprometeu-se a iniciar a obra na semana seguinte. Contudo, faltou na segunda e na terça-feira. Quando Felipe lhe pediu uma explicação, Enrique respondeu que o que havia sido combinado entre eles não significava que ele tivesse de trabalhar na segunda e na terça-feira e que, embora tivesse assumido o compromisso de realizar a obra, caberia a ele decidir quando começaria. Felipe afirmou então que estava disposto a honrar seus compromissos, mas que também exigia de Enrique o cumprimento do acordo, inclusive o início imediato dos trabalhos. Enrique ficou muito irritado, recolheu suas ferramentas, insultou Felipe e o ameaçou.



Felipe não deu importância às ameaças de Enrique e contratou outro trabalhador. No entanto, uma semana depois, passou em frente a um bar onde Enrique conversava com um amigo e entrou para cumprimentá-lo, na esperança de que as coisas já estivessem mais tranquilas. Porém, Enrique não apenas repetiu suas ameaças, como também esperou que Felipe fosse embora para alcançá-lo em uma esquina escura, onde o surpreendeu e o agrediu. Felipe não ofereceu resistência; suportou os golpes sem revidar. Felizmente, o amigo que acompanhava Enrique interveio para impedir que a agressão fosse ainda mais grave.

Naquela noite, Felipe voltou para casa e, para evitar maiores escândalos, não contou nada a Clara. Lavou o rosto, passou uma pomada para aliviar os inchaços provocados pelos golpes e foi se deitar. Só se levantou quando ela já havia saído para o trabalho.

Clara soube do ocorrido na tarde do dia seguinte, quando Janeth, muito envergonhada, lhe revelou o que havia acontecido. Janeth temia as consequências do que o marido havia feito: pensava que perderia o emprego na casa de Felipe e Clara. No entanto, eles renovaram a confiança nela.

Nos dias seguintes, Felipe tomou precauções para evitar outras agressões e, mais uma vez, não deu importância ao ocorrido. Além disso, em um desses mesmos dias, seu pai faleceu de repente, de modo que a agressão da qual havia sido vítima passou para segundo plano.

Poucos dias depois, porém, Felipe contou sua amarga experiência ao amigo Fernando, que, indignado, aconselhou-o a revidar para não ser agredido de novo. Fernando lhe relatou como enfrentou um vizinho com quem havia tido um desentendimento: foi procurá-lo em sua casa para lhe mostrar um revólver e adverti-lo sobre o que lhe aconteceria caso voltasse a se meter com ele ou com alguém de sua família. Fernando foi ainda mais longe: chamou Felipe de “covarde” por ter suportado a agressão sem se defender. Todavia, Felipe não é uma pessoa violenta e apenas respondeu ao amigo: “Se eu agredisse Enrique como ele fez comigo, estaria admitindo que o que ele fez é legítimo e que, portanto, tudo se resume a quem tem mais força. Prefiro suportar alguns golpes a fazer algo que vai contra minhas convicções. Prefiro sofrer uma injustiça a cometê-la”.

Já para Enrique, as coisas não correram muito bem. Tanto sua esposa quanto sua filha, que havia sido criada em parte na casa de Felipe, censuraram duramente sua agressão e, nos anos seguintes, reprovaram mais de uma vez o que ele havia feito. Alícia, então um pouco mais velha, até exigiu que ele fosse pedir desculpas a Felipe.





Três anos depois, Enrique aproximou-se de Felipe e estendeu-lhe a mão; este apertou-a e deu-lhe um abraço, sem dizer mais nada. A partir daí, nunca mais voltaram a brigar.

Poucos meses após esse reencontro, Enrique retomou a construção de sua casa, que havia permanecido abandonada por um tempo, graças a um empréstimo que Felipe o ajudou a conseguir.

Há alguns dias, Felipe compartilhou essa história com um grupo de amigos, e surgiu uma grande discussão em torno das seguintes dez perguntas:

1. Felipe tinha razão ao cobrar de Enrique o fato de não ter comparecido ao trabalho imediatamente, conforme haviam combinado?
2. Enrique tinha motivos para se irritar com a cobrança? A forma como reagiu foi adequada?
3. Enrique foi covarde por atacar Felipe na escuridão?
4. Felipe foi covarde por não se defender da agressão de Enrique?
5. Enrique é um mau amigo ou apenas alguém que cometeu um erro?
6. Felipe agiu corretamente ao esconder da esposa a agressão de que havia sido vítima?
7. Qual é sua opinião sobre o que Fernando disse a Felipe? É possível concordar com ele?
8. Qual é sua opinião sobre a resposta que Felipe deu a Fernando? Ela foi adequada? Foi convincente? Por quê?
9. Felipe e Enrique resolveram tudo com um aperto de mãos e um abraço, mas nunca houve um diálogo nem uma explicação. Será que isso fez falta?
10. Quem ganhou e quem perdeu nesse conflito? Por quê?

3

PARA LEVAR COMIGO

Resolva o que se pede.

- 1 Identifique os personagens desse dilema, faça uma breve descrição de como é cada um e explique as relações ou os vínculos que mantinham entre si.
- 2 Reconstrua brevemente os acontecimentos, resumindo-os em dez pontos.
- 3 Você conhece situações semelhantes ao conflito entre Felipe e Enrique? Em que elas eram parecidas?
- 4 Depois de analisar todas as circunstâncias, você acredita que Felipe agiu de maneira correta? Por quê?
- 5 O que você teria feito se fosse Felipe? O que teria feito se fosse Enrique?
- 6 Reúna-se com seus colegas e discutam, uma a uma, as perguntas que surgiram no grupo de amigos de Felipe. Justifiquem suas respostas.
- 7 Antes de ler a história, o que vocês pensavam sobre a covardia e o uso da violência para se defender? Depois de analisar as perguntas, sua forma de pensar mudou em algum aspecto? Em quê? Por quê?



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	Dilemas éticos
Âmbito de trabalho	Na sala de aula, na comunidade escolar ou na comunidade em geral
Textos inspiradores e de referência	- Dilema ético: "Felipe foi covarde por não se defender da agressão de Enrique?" "Oferecer a outra face" (Lucas 6,27-38) C. S. Lewis, <i>Ensaio sobre o perdão</i> - Dia Internacional da Paz: 30 de novembro - Dia Escolar da Não Violência e da Paz: 30 de janeiro - Frases de Gandhi sobre a paz e a não violência
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Compreender o sentido do perdão como atitude necessária para alcançar a paz
Atitudes geradoras de paz	- Não violência - Perdão - Reconciliação
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Política - Religião
Duração aproximada	4 sessões de 25 minutos (total: 1 hora e 40 minutos)

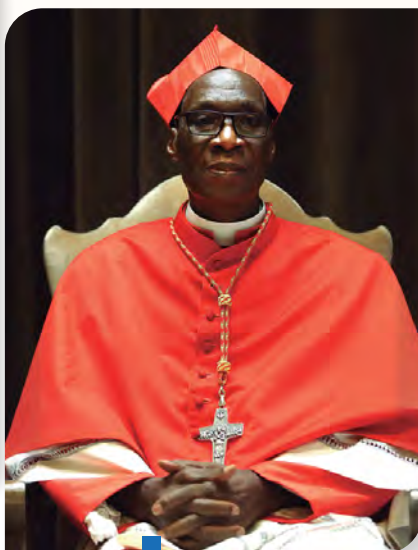


Fundamentos

Em sua carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança”, o Papa Leão XIV nos con-clama a educar para “uma paz desarmada e desarmante” e a aprender a comunicar-nos por meio de uma nova linguagem: uma linguagem não violenta, que busque sempre a reconciliação e que, de acordo com a bela imagem de que tanto gostava o Papa Francisco, nos leve a “construir pontes, e não erguer muros”. Trata-se, portanto, de um convite para que a paz seja sempre buscada por meios que evitem a violência. Essa posição segue a tradição iniciada por personagens como Mahatma Gandhi, Martin Luther King Jr. e Nelson Mandela e continuada por célebres católicos, como os bispos e cardeais latino-america-nos e africanos Hélder Câmara (no Brasil), Óscar Arnulfo Romero (em El Salvador), Jean Zerbo (no Mali) e Fridolin Ambongo (na República Democrática do Congo). Essa filosofia sustenta que à violência exercida pelos poderosos não se deve responder com mais vio-lência, e sim procurar romper o ciclo da violência e da vingança, para instaurar entre as partes em conflito uma nova relação baseada no respeito e no reconhecimento mútuos, bem como no diálogo fraterno.



■ Óscar Arnulfo Romero



Jean Zerbo



■ Fridolin Ambongo

Esse princípio da não violência é também uma regra essencial para a convivência demo-crática, pois pressupõe aceitar que nem sempre os fins justificam os meios e que, mui-tas vezes, são os meios que devem justificar os fins. Em uma sociedade autenticamente democrática, embora cada pessoa seja livre para pensar o que quiser, não pode fazer o que quiser, nem fazê-lo como bem entender, pois não é possível empregar um meio qualquer para alcançar os fins desejados. Não se pode, por exemplo, lutar pela justiça por meios violentos (como a insurreição, o vandalismo, o sequestro, a sabotagem dos



serviços públicos etc.), porque, muitas vezes, eles invalidam os fins, que, em alguns casos, são justos. Assim, por exemplo, embora eu tenha o direito de reivindicar melhores condições de vida, não posso fazê-lo bloqueando as vias pelas quais transitam os demais cidadãos, nem sabotando os meios de produção ou os serviços públicos estabelecidos para o benefício de todos. É evidente que, em uma democracia, o protesto é legítimo, mas não o vandalismo nem as ações terroristas, ainda que alguns se empenhem em justificá-los. É a legitimidade dos meios que utilizamos que serve de garantia para a legitimidade dos fins que buscamos.

A ideia da não violência é, além disso, essencial para a solução efetiva dos conflitos entre pessoas e povos, pois cada ato violento praticado pelas partes envolvidas torna cada vez mais difícil encontrar uma solução razoável e pacífica. Gera-se, assim, o que Hélder Câmara chamou de “espiral da violência”. Quando se pretende resolver um conflito recorrendo exclusivamente a meios violentos, cai-se em uma grande contradição, pois cada ato violento costuma desencadear uma nova série de injustiças e de outras ações e consequências violentas, de modo que se alcança a paz pelo esgotamento das forças combatentes. No entanto, essa paz é frágil e pouco duradoura, uma vez que não demorará muito para que o estopim do conflito volte a ser aceso. Assim, as guerras se reciclam e produzem apenas ódio, ressentimento e desejo de vingança.

Os conflitos entre as pessoas e os povos rompem a harmonia em que se deveria viver, e só é possível dizer que um conflito foi superado e resolvido quando uma nova harmonia volta a reinar entre as partes envolvidas. Pensemos, por exemplo, no que acontece quando temos uma briga ou uma discussão acalorada com um irmão ou uma irmã. O problema não se resolve quando a confrontação termina, pois permanecem desconfianças, mágoas e, com isso, a perda da própria paz interior. Assim, podemos afirmar que o conflito se resolve verdadeiramente quando nossa paz interior é restaurada, quando, após o reconhecimento mútuo dos erros e um ato de perdão e esquecimento, as partes envolvidas podem voltar a encarar-se com confiança.

Não é possível haver paz entre as pessoas e os povos sem um exercício permanente de perdão e reconciliação. Foi isso que o próprio Jesus de Nazaré nos ensinou quando, diante da pergunta de Pedro sobre quantas vezes deveria perdoar quem nos ofendeu e se bastaria fazê-lo “até sete vezes”, respondeu que devemos perdoar “até setenta vezes sete” (Mateus 18,21-22), indicando, com isso, que é preciso perdoar sem limites nem condições e, inclusive, que é necessário — como bem dizia o filósofo argelino Jacques Derrida — “perdoar o imperdoável”.



■ Hélder Câmara

“ *O conflito se resolve verdadeiramente quando nossa paz interior é restaurada, quando, após o reconhecimento mútuo dos erros e um ato de perdão e esquecimento, as partes envolvidas podem voltar a encarar-se com confiança.* ”



Apresentação da atividade

A história apresentada na atividade para análise dos estudantes aborda o caso de um conflito que é resolvido de modo favorável graças ao fato de serem seguidos os princípios da não violência. Não se trata de um conflito político, comercial, trabalhista ou ideológico, mas de um que, embora envolva outros componentes (éticos, sociais etc.), diz respeito às relações humanas pessoais. A narrativa descreve o desentendimento surgido entre duas pessoas que têm apreço uma pela outra, a forma como o problema se agrava em razão da atitude violenta de uma delas e como se consegue resolvê-lo favoravelmente, após algum tempo, porque a pessoa agredida conduz o conflito seguindo os princípios básicos da não violência como instrumento para uma solução razoável e pacífica.

A situação abordada na história possui uma característica particular: embora seja formulada como um dilema ético (se deve ser considerado covarde quem não se defende quando é agredido), que os estudantes têm de resolver, na realidade nenhum dos dois personagens centrais da história, Felipe e Enrique, enfrenta um dilema. Para Felipe, não há dilema porque ele tem uma convicção muito clara: não recorre à violência por princípio, pois não a julga legítima. Enrique também não enfrenta um dilema: se alguém deixa de cumprir um compromisso com ele ou lhe é desleal (como acredita que Felipe tenha sido), sente-se no direito de agredi-lo para “dar-lhe uma lição”. Na verdade, o dilema é levantado por alguém alheio ao conflito: Fernando, amigo de Felipe, que o chama de covarde por ter permitido a agressão sem se defender. Trata-se, portanto, de um caso de resolução de conflitos por meios pacíficos que inclui a análise de um dilema ético. É importante, contudo, que os aspectos propostos nas perguntas apresentadas ao final da leitura sejam discutidos um a um, para que os estudantes tomem consciência das dificuldades expostas pela situação e, dessa forma, percebam a complexidade que ela envolve.



Orientações pedagógicas



Vale ressaltar que o caso descrito na história é hipotético, mas não improvável nem impossível, visto que situações semelhantes ocorrem todos os dias nos ambientes de trabalho e na convivência entre vizinhos. O objetivo de analisar casos como esse é que os estudantes percebam que os princípios básicos da não violência (presentes nos Evangelhos e praticados por Gandhi) podem funcionar perfeitamente na gestão dos conflitos da vida cotidiana. Não se trata, portanto, de princípios teóricos e abstratos, e sim de regras muito úteis para buscar a melhor solução possível, razoável e pacífica para os conflitos que surgem, dia após dia, na convivência com os outros.

Para uma abordagem adequada do caso, recomendam-se as orientações apresentadas no livro *Herramientas pedagógicas para reconstruir el Pacto Educativo Global* (Bogotá:

CIEC-Santillana, 2022), para o tratamento de situações morais, em especial as das páginas 235 a 237. Trata-se de uma obra de livre distribuição, disponível no site da Confederação Interamericana de Educação Católica.

É importante que, ao analisar o caso com os alunos, eles consigam identificar os seguintes princípios e regras para a solução não violenta dos conflitos:

- **Reconhecer o outro como um igual, sem pretender colocar-se em posição de superioridade.** Em nenhum momento da narrativa Felipe trata Enrique como um empregado que lhe deve obediência, na condição de patrão, e sim como uma pessoa com quem firmou um acordo e que deixou de cumpri-lo. Por isso, exige o cumprimento do compromisso assumido, mas sem recorrer a argumentos de subordinação ou obrigação moral.
- **Não renunciar às próprias crenças e aos próprios princípios.** Em nenhum momento da narrativa surge alguma crítica aos personagens por aquilo em que acreditam; ao contrário, as crenças e os costumes de cada um são respeitados, evitando toda forma de exclusão ou discriminação. Embora sejam muito diferentes, com condições sociais distintas e crenças diversas, Felipe e Enrique tratam-se como iguais.
- **Reconhecer o conflito, mas não agravá-lo.** Felipe está convencido de que Enrique está irritado e de que, ao agredi-lo, cometeu uma injustiça, mas faz todo o possível para não ampliar o conflito, procurando reduzir a tensão: não responde com violência, oculta o ocorrido de sua esposa para evitar reações impulsivas, não prejudica Janeth (que é sua empregada doméstica e esposa de Enrique), evita novos encontros que possam complicar ainda mais a situação, mantém-se sereno em meio às dificuldades e nem sequer permite que a dor pela morte de seu pai influencie sua atitude. Felipe sabe que, enquanto o conflito não se agravar e não envolver mais pessoas, será possível encontrar uma solução no momento oportuno.
- **Deixar que o conflito esfrie, dando-lhe as dimensões adequadas.** Felipe sabe esperar e concede o tempo necessário para que o conflito siga seu curso, sem pretender resolvê-lo de imediato. Além de não ampliar o conflito, procura mantê-lo em suas devidas proporções. Sabe que, se ainda não existem as condições para solucioná-lo, o melhor é fazer o possível para impedir que ele cresça.
- **Ter princípios que permitam saber claramente qual é a forma correta de agir.** Felipe não age ao acaso: suas atitudes são inspiradas por princípios e convicções que constituem valores universais e decorrem de sua concepção cristã da vida. Não é apenas uma pessoa com formação acadêmica acima da média, mas alguém reflexivo que, antes de agir, analisa com cuidado as situações, compreende os princípios da não violência e os pratica em sua vida cotidiana. Isso lhe permite responder com clareza às sugestões e provocações de Fernando, manter-se firme diante da adversidade e não se deixar influenciar pelo que o amigo lhe propõe.
- **Fazer o necessário para esquecer a ofensa.** Sem dúvida, Felipe sente-se ofendido; no entanto, faz o possível para não encarar o episódio como uma afronta pessoal. De certo modo, compreende a difícil situação pela qual Enrique está passando (pois o conhece há muito tempo) e entende que, como ser humano, ele perdeu o controle da situação, errou e acabou tornando Felipe sua vítima. Assim, esforça-se para deixar que o tempo cure suas feridas e faz o necessário para não guardar ressentimentos em relação a seu agressor.
- **Perdoar de coração.** Felipe não pede desculpas a Enrique porque não acredita tê-lo ofendido, embora Enrique assim o perceba. Este, por sua vez, também não pede desculpas, ainda que, com o passar do tempo, venha a reconhecer seu erro. No entanto, ao final, há um ato de perdão sincero por parte de ambos, selado por um aperto de mãos e um abraço. Pode-se pensar que teria sido necessário um diálogo prévio, mas talvez não, pois o perdão de cada um foi genuíno e, por isso, perdura ao longo do tempo.
- **Compreender que se trata justamente de “perdoar o imperdoável”.** Perdoar não é fácil, porque quase sempre significa perdoar coisas que, de alguma forma, chegamos a considerar imperdoáveis. A agressão de Enrique era imperdoável, mas Felipe compreende que é por essa razão que deve perdoar. Se não fosse assim, onde estaria o mérito? Como bem diz Jesus: “Tratem os outros como vocês querem que eles os tratem. Se vocês amam os que os amam, que mérito têm? Também os pecadores amam os seus amigos. Se fazem o bem aos que lhes fazem o bem, que mérito têm? Também os pecadores fazem o mesmo. E, se emprestam àqueles de quem esperam receber de volta, que mérito têm? Também os pecadores emprestam aos pecadores para receberem outro tanto” (Lucas 6,31-34).

Sugere-se desenvolver a atividade em 4 sessões de 25 minutos:

**1ª
sessão**

Para iniciar o trabalho com os alunos, recomenda-se propor uma leitura coletiva do dilema, mas sem entrar ainda em sua discussão ou análise, ou seja, solicitar que evitem expressar de imediato as ideias ou posições pessoais que possam surgir durante a leitura e que façam um esforço para alcançar a melhor análise e compreensão possíveis da história, identificando com cuidado cada um dos personagens, quais papéis desempenham na situação exposta e quais são os principais acontecimentos. Nessa primeira sessão, também é possível procurar entender os motivos dos personagens ou examinar as circunstâncias concretas que os levam a agir. Trata-se de um primeiro exercício de atenção e compreensão leitora, que contribuirá para que os julgamentos feitos depois sejam mais ponderados e reflexivos. Para esse objetivo, são úteis as perguntas apresentadas nos quatro primeiros itens da atividade, que devem ser respondidas individualmente pelos estudantes:

- a) Identifique os personagens desse dilema, faça uma breve descrição de como é cada um e explique as relações ou os vínculos que mantinham entre si.
- b) Reconstrua os acontecimentos, resumindo-os em dez pontos.
- c) Você conhece situações semelhantes ao conflito entre Felipe e Enrique? Em que elas eram parecidas?
- d) Depois de analisar todas as circunstâncias, você acredita que Felipe agiu de maneira correta? Por quê?

**2ª
sessão**

Nesse momento da atividade, sugere-se trabalhar, também individualmente, a pergunta do quinto item:

- e) O que você teria feito se fosse Felipe? O que teria feito se fosse Enrique?

Em seguida, convém que os dois últimos exercícios propostos sejam realizados em grupos de três ou quatro estudantes, pois abordam a reflexão e a discussão das dez perguntas formuladas ao final da leitura:

- f) Reúna-se com seus colegas e discutam, uma a uma, as perguntas que surgiram no grupo de amigos de Felipe. Justifiquem suas respostas.
- g) Antes de ler a história, o que vocês pensavam sobre a covardia e o uso da violência para se defender? Depois de analisar as perguntas, sua forma de pensar mudou em algum aspecto? Em quê? Por quê?

**3ª
sessão**

Propõe-se dedicar essa sessão a uma discussão mais aberta do caso, por meio de uma reflexão coletiva, a fim de ampliar e aprofundar a análise das dez perguntas apresentadas pelo dilema na parte final do texto:

- Felipe tinha razão ao cobrar de Enrique o fato de não ter comparecido ao trabalho imediatamente, conforme haviam combinado?
- Enrique tinha motivos para se irritar com a cobrança? A forma como reagiu foi adequada?



- Enrique foi covarde por atacar Felipe na escuridão?
- Felipe foi covarde por não se defender da agressão de Enrique?
- Enrique é um mau amigo ou apenas alguém que cometeu um erro?
- Felipe agiu corretamente ao esconder da esposa a agressão de que havia sido vítima?
- Qual é sua opinião sobre o que Fernando disse a Felipe? É possível concordar com ele?
- Qual é sua opinião sobre a resposta que Felipe deu a Fernando? Ela foi adequada? Foi convincente? Por quê?
- Felipe e Enrique resolveram tudo com um aperto de mãos e um abraço, mas nunca houve um diálogo nem uma explicação. Será que isso fez falta?
- Quem ganhou e quem perdeu nesse conflito? Por quê?

Por fim, sugere-se que, após aprofundarem a reflexão, os alunos sejam convidados a tomar uma posição diante do dilema. A discussão pode ser iniciada com uma pergunta como: "O que você teria feito se fosse Felipe diante da agressão que sofreu de Enrique?". O objetivo é que os estudantes discutam livremente o que pensam sobre um caso como esse. O professor não deve intervir oferecendo uma "resposta oficial" ou "verdadeira", mas pedir, tantas vezes quanto for necessário, que eles esclareçam seus pontos de vista e procurem apresentar boas razões ou argumentos para sustentá-los.

O que é melhor: "olho por olho e dente por dente" ou "oferecer a outra face"?

A norma que parece mais comum entre as pessoas é que, quando alguém recebe de outra pessoa uma ofensa ou um mal, deve retribuir essa ofensa ou esse mal da mesma forma. Alguns chamam isso de "justiça", pois acreditam que esse conceito significa simplesmente devolver ao ofensor aquilo que dele se recebe. No entanto, será justo fazer o mal? É legítimo ofender outra pessoa, mesmo que ela nos tenha ofendido? O que aconteceria se todos praticássemos esse tipo de vingança direta, conhecido como lei de talião: "olho por olho e dente por dente"? Talvez tivéssemos um mundo de cegos e desdentados. Jesus nos ensinou algo muito diferente. Leiamos seus ensinamentos.

A vocês que me escutam, eu digo:

Amem os seus inimigos; façam o bem aos que os odeiam; abençoem os que os amaldiçoam; rezem pelos que os insultam. A quem lhe bater numa face, ofereça também a outra; a quem lhe tirar o manto, não negue também a túnica; dê a todo aquele que lhe pedir e, de quem lhe tirar alguma coisa, não a reclame de volta.

Tratem os outros como vocês querem que eles os tratem. Se vocês amam os que os amam, que mérito têm? Também os pecadores amam os seus amigos. Se fazem o bem aos que lhes fazem o bem, que mérito têm? Também os pecadores fazem o mesmo. E, se emprestam àqueles de quem esperam receber de volta, que mérito têm? Também os pecadores emprestam para receber outro tanto.

Pelo contrário, amem os seus inimigos, façam o bem e emprestem sem esperar nada em troca. Assim será grande a sua recompensa, e vocês serão filhos do Altíssimo, que é bondoso para com os ingratos e os maus.

Sejam misericordiosos, assim como misericordioso é o Pai de vocês.

Não julguem, e vocês não serão julgados; não condenem, e vocês não serão condenados. Perdoem, e serão perdoados. Deem, e lhes será dado: vocês receberão uma medida generosa, calcada, sacudida e transbordante. Porque a medida com que vocês medirem será usada para medir vocês.

Lucas 6,27-38

Ensaio sobre o perdão

(fragmento)



[...] Parece-me que muitas vezes nos equivocamos tanto a respeito do perdão de Deus por nossos pecados quanto a respeito do perdão que nos é dito que devemos conceder aos outros. Em primeiro lugar, a respeito do perdão de Deus, percebo que, quando penso que estou lhe pedindo perdão, [...] estou lhe pedindo algo muito diferente. Não estou lhe pedindo que me perdoe, mas que me desculpe. Há, porém, uma enorme diferença entre perdoar e desculpar. O perdão diz: "Sim, você fez isso, mas aceito suas desculpas; nunca o reprovarei por isso, e tudo entre nós dois voltará a ser exatamente como antes". Se alguém não tem culpa de fato, então não há nada a perdoar. Nesse sentido, perdoar e desculpar são quase opostos. É claro que, em dezenas de casos, seja entre Deus e o ser humano, seja entre uma pessoa e outra, pode haver uma combinação de ambos. Parte daquilo que, a princípio, parecia ser pecado revela-se, na verdade, não ser culpa de ninguém e é desculpada; o que resta é perdoado. Se você tivesse uma desculpa perfeita, não precisaria de perdão; se todas as suas ações precisassem de perdão, então não haveria desculpa. O problema, porém, é que o que chamamos de "pedir perdão a Deus" muitas vezes consiste

em pedir-lhe que aceite nossas desculpas. O que nos leva a esse erro é o fato de geralmente haver alguma desculpa, algumas "circunstâncias atenuantes". Ficamos tão ansiosos por apontar essas coisas a Deus (e a nós mesmos) que costumamos esquecer o mais importante, ou seja, o que resta, o que as desculpas não abrangem, o que é indesculpável, mas que, graças a Deus, não é imperdoável. E, se nos esquecermos disso, acabaremos imaginando que nos arrependemos e fomos perdoados, quando, na realidade, a única coisa que aconteceu foi que nos contentamos com nossas desculpas. Talvez sejam desculpas muito ruins; contentamo-nos com nós mesmos com demasiada facilidade.

LEWIS, C. S. *Essay on forgiveness*. Disponível em: <https://www.maitlandpres.org/post/cslewis>.

[Tradução livre da versão em espanhol.]

1. Discuta os dois textos anteriores com seus colegas com base nas perguntas a seguir. Apresente boas razões e exemplos concretos.

- Você gosta do que Jesus nos diz nessa passagem do Evangelho? Explique sua resposta.
- Você concorda com essas palavras ou elas lhe parecem insensatas? Justifique sua resposta.
- Você considera que o que Jesus nos propõe é viável?
- Alguns diriam que é tolo quem, ao levar um tapa em uma face, oferece a outra. O que você responderia a essas pessoas?
- Você acredita que é possível amar verdadeiramente nossos inimigos?



Atividades complementares

Histórias para lembrar

*“Em 30 de janeiro celebra-se em todo o mundo, particularmente nas escolas, o Dia Escolar da Não Violência e da Paz.” Trata-se de uma data significativa, pois nela se comemora a morte do principal defensor da causa da não violência em nível mundial: **Mahatma Gandhi**, assassinado nesse dia, em 1948. Para honrar sua memória e seus ensinamentos, sempre sábios, recordaremos algumas de suas frases mais famosas, organizadas em quatro grandes temas. Elas estão numeradas para facilitar a escolha daquelas de que você mais gostar.*

Sobre o caráter absurdo e inútil da violência

- Olho por olho, e o mundo inteiro acabará cego.
- A violência é o medo dos ideais dos outros.
- O que se obtém pela violência só pode ser mantido pela violência.
- Oponho-me à violência porque, quando ela parece fazer o bem, esse bem é apenas temporário; já o mal que produz é permanente.
- A vitória alcançada pela violência equivale a uma derrota, pois é passageira.
- Uma lei injusta é, em si mesma, uma forma de violência; a prisão por seu descumprimento é ainda mais violenta.
- O Estado representa a violência de maneira concentrada e organizada. O indivíduo tem alma, mas, como o Estado é uma máquina sem alma, jamais poderá libertar-se da violência, à qual deve a própria existência.
- A força não vem da capacidade física; vem de uma vontade indomável.
- Os grilhões de ouro são muito piores do que os de ferro.
- A humanidade só pode libertar-se da violência por meio da não violência.

Sobre o sentido da não violência

- Não há caminho para a paz; a paz é o caminho.
- A verdadeira paz não consiste apenas em estar livre da violência, mas também do ódio e da ira.
- A não violência é a arma dos fortes.
- A não violência é a mais alta expressão da coragem.
- Ninguém pode me fazer mal sem meu consentimento.
- Por sua própria natureza, a não violência não pode “tomar” o poder, nem pode ser esse seu objetivo. No entanto, a não violência pode fazer algo ainda maior: pode controlar e orientar eficazmente o poder sem se apoderar da máquina do governo. Essa é sua beleza.
- A não violência, em sua dimensão dinâmica, significa sofrimento consciente. Não significa submissão passiva à vontade do malfeitor, mas sim opor toda a alma à vontade do tirano.



■ Mahatma Gandhi

- A ira é a inimiga da não violência, e o orgulho é um monstro que a devora.
- De maneira pacífica, você pode transformar o mundo.
- Para uma pessoa não violenta, toda a humanidade é sua família.

Sobre como deve ser uma sociedade fundada nos princípios da não violência

- A verdadeira educação consiste em extrair o melhor de si mesmo.
- A Terra oferece o suficiente para satisfazer as necessidades de cada ser humano, mas não a ganância de cada um.
- Viva de maneira mais simples para que outros possam, simplesmente, viver.
- O verdadeiro progresso social não consiste em aumentar as necessidades, mas em reduzi-las.
- Se você quer mudar o mundo, mude a si mesmo.

Sobre o sentido da vida, da liberdade e da felicidade

- A alegria está na luta, no esforço e no sofrimento que ele implica, e não na própria vitória.
- Acreditar em algo e não vivê-lo é desonesto.
- Cada pessoa precisa encontrar a paz interior. E, para ser verdadeira, a paz não deve ser afetada pelas circunstâncias externas.
- A felicidade é quando o que você pensa, o que você diz e o que você faz estão em harmonia.
- Ninguém pode fazer o bem em uma área da vida enquanto faz o mal em outra. A vida é um todo indivisível.



1. Realize o que se pede.

- Escolha, entre as frases de Gandhi, aquela de que você mais gostou.
- Explique por que você gostou da frase escolhida.
- Escreva um comentário de 100 palavras sobre essa frase e compartilhe-o com seus colegas.

Por que perdoar e como fazê-lo?

(atividade de reflexão e discussão)

É evidente que o que mais contribui para a construção da paz são os atos sinceros de perdão e esquecimento. Sabemos que perdoar não é fácil, e não o é porque implica deixar de lado nosso orgulho e, sobretudo, porque muitas vezes somos obrigados a perdoar coisas que, a nosso ver, são “imperdoáveis”. Entretanto, também sabemos que sem perdão não há paz possível e, por isso, perdoamos até ofensas que nos ferem profundamente, porque temos consciência de que desejamos viver em paz com os outros e, acima de tudo, conosco mesmos.

No quadro a seguir, você encontrará algumas situações hipotéticas com as quais poderá se identificar. Você deve decidir se perdoaria ou não a pessoa que considera tê-lo ofendido ou prejudicado, refletir sobre o motivo dessa decisão e explicar como demonstraria isso ao ofensor (tanto no caso de tê-lo perdoado quanto no de não estar disposto a perdôá-lo).

Situação	Você perdoaria a pessoa?		Por quê?	Como o demonstraria?
	Sim	Não		
Seu pai abandonou você justamente no momento em que mais precisava dele.				
Seu melhor amigo (ou sua melhor amiga) apaixonou-se por sua namorada (ou seu namorado) e agora eles estão juntos.				
Um juiz mandou seu irmão (ou sua irmã) para a prisão por um crime que ele (ou ela) não cometeu.				
Um professor lhe deu uma nota baixa e o prejudicou gravemente.				
Você participou de uma entrevista de emprego e alguém o desqualificou de maneira injusta.				

Décima 11

*Que la paz que comunican
el árbol, río y la cascada
sea cien veces valorada
por lo que ellos significan.
Pues en Natura radican
mil motivos de concordia,
amor, fe, misericordia...
Entre la abeja y el gusano,
entre la montaña y el llano,
¡no habrá nunca discordia!**



* Tradução livre: Que a paz que transmitem / a árvore, o rio e a cascata / seja cem vezes valorizada / por tudo o que representam. / Pois na Natureza residem / mil motivos de concórdia, / amor, fé, misericórdia... / Entre a abelha e a lagarta, / entre a montanha e a planície, / jamais haverá discórdia!



PAZ 11

O poder do silêncio e da meditação:

a contemplação de um fenômeno natural

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

- Leia o texto em grupo.
- Pergunte a seus colegas ou ao professor sobre aquilo que tiver dificuldade em compreender.
- Realize o exercício de imaginação proposto na leitura e, em seguida, faça as atividades sugeridas no guia, sempre com a ajuda do professor.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Observar, descrever e contemplar um fenômeno natural que nos transmite uma paz profunda

Na natureza existem muitos fenômenos que nos deslumbram, nos maravilham e nos comovem, porque são belos, fazem-nos sentir parte integrante da natureza que todos admiramos e nos transmitem uma mensagem extraordinária de um Deus criador.

Um fenômeno natural é algo que se apresenta ou se revela para nós a qualquer momento e que encerra inúmeros mistérios. Por essa razão, fascina-nos, inquieta-nos e convida-nos a interpretá-lo: de onde vem? O que significa? Como pode existir algo tão belo como isto?

Os fenômenos naturais costumam instigar-nos a observá-los, descrevê-los e contemplá-los com atenção e verdadeiro interesse.

Por exemplo, façamos este exercício: de olhos fechados, escutemos alguém ler cada um dos quinze fenômenos naturais a seguir e os imaginemos, ou seja, os reproduzamos mentalmente.

- Noite fresca de lua cheia
- Voo de uma mosca
- Árvore carregada de sua fruta favorita
- Manada de elefantes
- Flor de belas cores
- Catarata imensa
- Filhote de tigre
- Brisa refrescante em um dia de calor
- Bosque de pinheiros exalando um aroma delicioso
- Trilha de formigas
- Rio em tons de azul, verde e turquesa
- Boto-cor-de-rosa
- Pôr do sol à beira-mar
- Árvore gigantesca e frondosa de cem anos
- Ondas do mar batendo à noite contra um rochedo



Gostaram desse exercício? Como se sentiram ao realizá-lo? Compartilhem suas sensações com os colegas.

Agora, individualmente, escolha um dos fenômenos anteriores. Concentre-se em imaginá-lo em detalhes para contemplá-lo com clareza em sua mente e, depois, poder descrevê-lo. Se preferir, escolha outro fenômeno natural que conheça bem ou que considere especial; o importante é saber por que o escolheu.

Uma vez escolhido o fenômeno da natureza de sua preferência, responda às seguintes perguntas:

- Por que esse fenômeno natural atrai você? Apresente três razões pelas quais o escolheu.
- Que sentimentos ele lhe desperta? Expresse-os em cinco palavras.
- O fenômeno transmite-lhe paz? Por quê? Se lhe transmite paz, como é essa paz?

Agora, observe, descreva e contemple esse fenômeno da natureza que tanto o atrai. Para isso, apresentamos o guia a seguir, que você deverá acompanhar passo a passo.

Guia para a observação, descrição e contemplação de um fenômeno da natureza

1 Observar o fenômeno escolhido

- Observe uma fotografia desse fenômeno que tanto o atrai. Você pode primeiro explorar várias imagens e escolher aquela que lhe parece mais interessante ou que mais lhe chama a atenção.
- Faça uma lista de dez elementos que observa na imagem e que lhe despertam a atenção.
- Escreva um parágrafo sobre aquilo que observa.
- Compare o que escreveu com algo que encontre na internet ou em um livro sobre o fenômeno que escolheu e observe as diferenças entre seu texto e o que pesquisou.
- Volte a observar a fotografia durante dois minutos. Sua forma de observar melhorou ou mudou? De que maneira? Registre o que sentiu nesse primeiro exercício.

2 Descrever o que foi observado

- Pesquise na internet e veja um vídeo curto sobre o fenômeno que escolheu. Preste atenção às cores, aos sons e às formas. Procure um vídeo que não tenha mais de dois minutos ou, então, evite vê-lo por mais tempo.
- Identifique os principais seres vivos que aparecem.
- Agora procure e leia uma descrição científica (objetiva) do fenômeno. Ela ajuda você a observá-lo melhor?
- Procure e leia uma descrição literária (subjetiva) do fenômeno. Ela ajuda você a observá-lo melhor?
- Escreva uma breve história (máximo de cem palavras) em que você seja o protagonista e na qual narre o que acontece nesse fenômeno natural.

3 Aprender a contemplar

- Identifique as coisas que distraem você e fazem com que perca a concentração. Anote-as e esforce-se por deixá-las de lado.
- Faça algo que ajude você a relaxar, acalmar-se e concentrar-se, por exemplo: esticar os braços, fazer exercícios de respiração profunda, mover a cabeça de um lado para o outro etc.

- Permaneça em silêncio, observe e escute o fenômeno natural, prestando atenção aos lugares, momentos e pessoas que estejam associados a ele.
- Agora convide ou imagine uma pessoa e compartilhe com ela (em um diálogo real ou imaginário) a contemplação do fenômeno.
- Redija um breve texto sobre as sensações, o diálogo ou a história que surgiram dessa contemplação compartilhada.
- Guarde seu texto para compartilhá-lo mais tarde com seus colegas.



4 Compartilhar a experiência

Reflita com base nas perguntas a seguir e, depois, compartilhe suas reflexões com o grupo.

- Que dificuldades você teve ao observar e descrever o fenômeno que escolheu? A que se deveram essas dificuldades? Como se sentiu ao contemplar o fenômeno e ao “dialogar” com ele? Por quê?
- Você observou diretamente o fenômeno que escolheu ou utilizou imagens? Que tipo de imagens eram? Essas imagens foram úteis para contemplar melhor o fenômeno e “dialogar” com ele? De que forma?
- O que conseguiu escrever em sua contemplação do fenômeno? O resultado lhe agradou? Gostaria de melhorá-lo? De que maneira?
- Você repetiria a experiência de observar e contemplar o fenômeno? Gostaria de fazer isso na companhia de outra pessoa? Se sim, quem convidaria e como o faria?

3

PARA LEVAR COMIGO

Recomendações

- 1 Depois de ler o guia, chegou o momento de realizar a atividade. Procure fazê-la com a maior seriedade possível, dedicando-lhe o tempo necessário.
- 2 Anote tudo o que vê, sente e pensa à medida que vai avançando no exercício.
- 3 Mesmo que você disponha de vários recursos audiovisuais (fotografias, vídeos, podcasts), nada substitui a experiência de estar diante do fenômeno natural que escolheu contemplar. É uma experiência bela, enriquecedora e profundamente espiritual.
- 4 Embora grande parte da atividade deva ser realizada só por você, não se esqueça de compartilhar sempre com seus colegas e com seu professor aquilo que for descobrindo.
- 5 Leia para seus colegas o que escreveu. Lembre-se de que suas sensações, experiências e pensamentos são valiosos não apenas para você, mas também para os outros, que se enriquecerão com aquilo que você compartilhar, tal como você se enriquecerá com aquilo que eles compartilharem.



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	Exercícios de observação e contemplação
Âmbito de trabalho	Em contato com a natureza
Textos inspiradores e de referência	"Cântico das criaturas", de Francisco de Assis "A inteligência das plantas (e das flores)", de Maurice Maeterlinck "Os ninhos das formigas", de Maurice Maeterlinck "Colibri", artigo da Wikipédia
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Construir uma relação pacífica com a natureza com base na encíclica <i>Laudato si'</i>, Parte I
Atitudes geradoras de paz	- Serenidade (silêncio, meditação, paz interior) - Beleza - Contemplação da ordem da natureza
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Artes - Ciências naturais (ciências da Terra, botânica, zoologia) - Ciências sociais (geografia)
Duração aproximada	4 sessões de 25 minutos (total: 1 hora e 40 minutos)



Fundamentos

Ao longo dos séculos, importantes líderes religiosos têm afirmado que a paz no mundo deve começar a ser construída no interior de cada pessoa. A paz não nasce das pedras, nem da água do mar, nem das copas das árvores. Tanto a paz como a guerra nascem e se desenvolvem na mente e no coração dos seres humanos. A paz é, antes de tudo, um estado da alma e, por isso, o primeiro passo para construir a paz é estar em paz com nós mesmos. No entanto, a paz interior não é uma questão de passividade, inação ou quietismo, mas o resultado de viver em harmonia com tudo o que nos rodeia: a natureza e nossos concidadãos, amigos e familiares.

A contemplação da natureza e de seus processos — em geral profundamente sábios — é essencial para cultivar nossa própria paz interior. Reconciliamo-nos com nós mesmos e com nossos irmãos à medida que nos deixamos impregnar pelo espírito da natureza, no qual reinam uma ordem e uma harmonia que nós poderíamos reproduzir. A natureza (as árvores, as montanhas, os lagos, as espécies animais e os elementos naturais, como a água e o fogo) ajuda-nos a encontrar a paz dentro de nós. Quantas vezes, para tranquilizar nosso espírito, olhamos para uma árvore, caminhamos pelas montanhas, tomamos um banho, acariciamos nossos animais de estimação ou acendemos uma vela? A natureza transmite-nos paz interior por meio da comunhão com ela.



Na carta apostólica “Traçar novos mapas de esperança” (10.3), o Papa Leão XIV convida-nos a pensar que, no futuro, uma das prioridades essenciais da educação deverá ser o cultivo da vida interior: “os jovens pedem profundidade; são necessários espaços de silêncio, discernimento, diálogo com a consciência e com Deus”. Esse cultivo da vida interior, fundamental para a construção da paz, implica uma nova relação com a natureza, não uma relação de domínio e exploração desenfreada dos recursos naturais, mas de comunhão permanente com ela, de contemplação das maravilhas de um Deus criador.

A própria natureza, como denunciou o Papa Leão XIV em sua mensagem para o X Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, em 1º de setembro de 2025, transforma-se, por vezes, em instrumento de troca, um bem negociado para obter vantagens econômicas ou políticas. Nessas dinâmicas, a criação converte-se em um campo de batalha pelo controle dos recursos vitais, como o demonstram as zonas agrícolas e as florestas que se tornaram perigosas por causa das minas, a política da “terra arrasada”, os conflitos em torno das fontes de água e a distribuição desigual das matérias-primas, que penaliza as populações mais vulneráveis e compromete sua estabilidade social.

Estas várias feridas devem-se ao pecado. Não era certamente isso que Deus tinha em mente quando confiou a Terra ao homem criado à sua imagem (cf. Gn 1,24-29). A Bíblia não promove “o domínio despótico do ser humano sobre a criação” (Carta enc. *Laudato si'*, 200). Pelo contrário, “[os textos bíblicos] nos convidam a ‘cultivar e guardar’ o jardim do mundo (cf. Gn 2,15). Enquanto ‘cultivar’ quer dizer lavrar ou trabalhar um terreno, ‘guardar’ significa proteger, cuidar, preservar, velar. Isto implica uma relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza” (*ibid.*, 67).

Em outra de suas mensagens, dirigida em novembro de 2025 à COP30 (30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática), o Papa convidou todos a construir a paz cuidando da criação. Isso implica, como já referido, cultivar uma nova relação com a natureza, na qual prevaleçam o diálogo e a comunhão com ela, entendendo-se esta última como uma atitude centrada em seu cuidado e orientada para a compreensão dos princípios que a regem. Para os cristãos, essa é uma das formas privilegiadas de se aproximarem de Deus, que se manifesta por meio de sua criação. A atividade proposta nesta unidade segue precisamente essa direção: cultivar a “espiritualidade ecológica” de que já nos falava o Papa Francisco e que é retomada pelo Papa Leão XIV.



Apresentação da atividade

Os exercícios de observação, descrição e contemplação devem ser realizados de maneira progressiva e cuidadosa, sob a atenta orientação do professor, uma vez que objetivo é levar os alunos a entrar em contato direto com a natureza de maneira ativa e contemplativa. O ideal é que a atividade seja realizada em contato direto com a natureza, mas, se isso não for possível, sugere-se utilizar recursos que facilitem o contato com espaços naturais. Os recursos podem ser visuais ou auditivos e, de preferência, acompanhados por odores, sabores ou texturas que evoquem esses ambientes. Por exemplo, o cheiro de pinheiro ou eucalipto pode evocar a montanha; o sabor do coco, a beira-mar; e a textura da madeira, um bosque.

Para compreender melhor o sentido desse tipo de atividades, o professor pode consultar os livros *Herramientas pedagógicas para reconstruir o Pacto Educativo Global* (Bogotá: CIEC-Santillana, 2022) e *Creo en el Pacto Educativo Global* (Buenos Aires: CIEC-Santillana, 2024), ambos com acesso gratuito no site da Confederação Interamericana de Educação Católica. Recomenda-se, em especial, a consulta à página 131 da segunda obra, onde se insiste na tripla dimensão (lúdica, estética e mística) que caracteriza esse tipo de exercícios.

Nesse caso particular, a atividade não exige um local específico para a contemplação, como acontece com alguns dos recursos anteriores, nos quais se necessitava de uma floresta, uma lagoa, um pôr do sol, uma queda-d'água etc. Em contrapartida, incentiva-se os alunos (jovens com mais de 13 anos) a escolher um fenômeno natural que, idealmente, os deslumbre ou fascine, mas, sobretudo, que os convide à *observação atenta, à descrição rigorosa e à contemplação prazerosa*.

É importante recordar a sequência da atividade: primeiro, observar; depois, descrever com base no que foi observado; e, por fim, contemplar a natureza. Para isso, recomenda-se que o professor fique atento ao cumprimento dessa sequência, seguindo o “Guia para a observação, descrição e contemplação de um fenômeno da natureza”.



Orientações pedagógicas

O objetivo desse exercício é *promover uma atitude contemplativa perante a natureza*, muito diferente da visão utilitária que, em geral, costumamos ter dela. Essa atitude não se desenvolve de um dia para o outro, nem basta realizar a atividade proposta apenas uma vez.

Para desenvolver uma atitude reflexiva e consciente, é preciso *cultivar hábitos* que a favoreçam — por exemplo, realizar regularmente atividades que envolvam observar, descrever e contemplar florestas, lagoas, rios, o entardecer, a Lua, quedas-d'água etc. — e fazê-lo com uma postura séria e comprometida, o que não será difícil se pensarmos que se trata de exercícios muito agradáveis: afinal, quem não gosta de apreciar um nascer do sol ou a água caindo de uma cascata? Por que não contemplar também o maravilhoso que existe em fenômenos naturais que parecem triviais, mas que são extraordinários, como o voo de uma mosca, o movimento da cauda de um cão ou a forma como se desloca um cardume de peixes?

Além disso, pretende-se que cada estudante desfrute da experiência e envolva-se nela ao escolher o fenômeno natural de acordo com seus interesses e preferências, embora a atividade comece apresentando quinze desses fenômenos. De fato, há uma variedade quase infinita de fenômenos próximos, cotidianos ou até especiais aos quais os alunos podem recorrer: um cardume de peixes, os movimentos de um gato ao espreguiçar-se, o salto das rãs, a queda das folhas das árvores no outono ou a da neve no inverno. Tudo isso é válido, desde que se cumpra a condição essencial: que se trate de um *fenômeno da natureza*.



O ponto principal, e segredo do sucesso da atividade, é precisamente que cada estudante escolha o fenômeno que mais desperte sua atenção e que o aproxime, de maneira sensível, da percepção de que a natureza, para além de ser ordenada e bela, é um verdadeiro presente de um Deus criador. Dada a importância desse aspecto, é fundamental que, na primeira sessão de trabalho, durante a leitura atenta do exercício de imaginação que introduz a atividade, se leve em consideração o seguinte:

- 1. Que a leitura do exercício seja feita pelo professor em voz alta, pausadamente, de modo que os estudantes tenham tempo suficiente para assimilar o que lhes é proposto e, sobretudo, que, ao ler cada um dos quinze fenômenos, se faça uma pausa de vinte a trinta segundos para permitir sua reprodução mental. É importante, além disso, manter os olhos fechados e ficar em silêncio durante cada pausa.**
- 2. Que seja concedido o tempo necessário para que cada aluno escolha o fenômeno natural que deseja observar, descrever e contemplar, garantindo assim uma escolha consciente e refletida. Para isso, devem ser consideradas as três perguntas propostas no final desse exercício introdutório:**
 - Por que esse fenômeno natural atrai você? Apresente três razões pelas quais o escolheu.
 - Que sentimentos ele lhe desperta? Expresse-os em cinco palavras.
 - O fenômeno transmite-lhe paz? Por quê? Se lhe transmite paz, como é essa paz?
- 3. Que se dedique, se necessário, um tempo adicional à escolha do fenômeno, pois uma parte significativa do sucesso da atividade depende disso.**



Além da recomendação de que a atividade seja realizada, se possível, em contato direto com a natureza, é importante salientar que se siga o guia com atenção, pois não se pode descrever bem aquilo que foi observado de maneira incompleta nem contemplar aquilo que não foi observado nem descrito corretamente. A observação e a descrição preparam o momento da contemplação, que constitui o objetivo mais importante da atividade.

Para apoiar os alunos nos momentos de observação e descrição, sugere-se realizar a leitura coletiva dos textos apresentados no anexo no final desta unidade: “A inteligência das plantas (e das flores)” e “Os ninhos das formigas”, ambos do escritor belga Maurice Maeterlinck, bem como o excerto de “Colibri”, um artigo da Wikipédia. Os dois primeiros conjugam o rigor científico com a beleza literária, enquanto o terceiro corresponde a um texto informativo de grande utilidade. A ideia é que os estudantes possam tomá-los como modelos de escrita (sobretudo os dois primeiros), pois, para além de apresentarem descrições baseadas em uma observação rigorosa e pormenorizada, estão repletos do fascínio e da emoção transmitidos pelos

maravilhosos espetáculos da natureza, por meio, por exemplo, da beleza das cores das flores, do bater das asas dos colibris ou da extraordinária obra de engenharia natural que são os ninhos das formigas. Em todo caso, se o professor considerar que esses textos são muito difíceis para os alunos, poderão servir-lhe de inspiração, pois constituem um belo exercício de observação, descrição e contemplação de um fenômeno da natureza.

Nunca se deve perder de vista que o objetivo é observar, descrever e contemplar fenômenos da natureza que nos transmitam uma mensagem de paz. Assim, é importante aplicar um critério de seleção para escolher os fenômenos mais adequados e evitar aqueles que, embora façam parte da ordem natural e sejam até interessantes e belos, não transmitem necessariamente paz, como a erupção de um vulcão, o incêndio de uma floresta provocado por um raio ou o combate entre dois animais selvagens. Os fenômenos naturais que aqui nos interessam são aqueles que favorecem o cultivo de nossa paz interior, que nos serenam, nos relaxam ou nos fazem sentir a harmonia da natureza e o amor de Deus.

Nesse sentido, recomenda-se a escolha de fenômenos relacionados com, pelo menos, três atitudes geradoras de harmonia e paz entre os seres humanos: *serenidade* (associada ao silêncio, à meditação e ao cultivo da paz interior), *beleza* (que, para os cristãos, representa uma manifestação do infinito amor de Deus) e *contemplação da ordem da natureza* (identificada com a ideia de um Deus criador do universo, que nos convida a conhecê-lo por meio de sua criação).

Recomenda-se que a atividade seja desenvolvida ao longo de quatro sessões.

1ª sessão

Essa sessão deve ser reservada para duas ações fundamentais: a leitura pausada do texto introdutório e a escolha de cada estudante do fenômeno natural que pretende observar, descrever e contemplar. A leitura tem de deixar espaço para que os alunos imaginem e reproduzam mentalmente cada um dos quinze fenômenos naturais ali apresentados e para que respondam às perguntas colocadas no final do exercício introdutório.

2ª sessão

Para esse segundo momento da atividade, sugere-se abordar os dois primeiros pontos do guia — observação e descrição —, seguindo os passos à risca. Também nessa sessão podem ser úteis os textos do anexo no final da unidade. É importante que o professor e os estudantes confirmem com antecedência que dispõem de todos os recursos necessários para a realização da atividade: fotografias, vídeos e, se necessário, binóculos, algum dispositivo de gravação ou até um microscópio, caso algum aluno pretenda descrever um fenômeno impossível de observar a olho nu. Nesses casos específicos, será de grande ajuda solicitar a colaboração dos professores de ciências naturais.

3ª sessão

Esse momento da atividade deve ser inteiramente dedicado à contemplação. Para isso, é preciso criar um ambiente apropriado: permanecer em silêncio, adotar uma atitude reflexiva, deixar-se fascinar por aquilo que se observa etc. É importante que o professor procure estabelecer um ambiente agradável, sério e relaxado.

4ª sessão

A última sessão, como já é habitual, deve ser dedicada ao compartilhamento do que foi aprendido ao longo da experiência. O ideal é que os estudantes apresentem um resumo de sua vivência nas diferentes etapas da atividade: as respostas às perguntas, as sensações experimentadas, os textos que escreveram e suas reflexões finais.





Atividades complementares

Histórias para lembrar

O **“Cântico das criaturas”** é uma das mais belas orações já escritas. Foi composto por São Francisco de Assis em úmbrio (uma das línguas faladas no território que hoje corresponde à Itália), há mais de oitocentos anos, uma vez que se estima que tenha sido escrito entre o final de 1224 e o início de 1225. Nessa época, São Francisco padecia de uma grave doença e encontrava-se praticamente cego. Longe de se lamentar, no cântico ele nos convoca a entrar em comunhão com todas as criaturas do universo — os astros, como o Sol, a Lua e as estrelas; os elementos da natureza, como o ar, a água, o fogo e a terra; os animais e as plantas — e até com a própria morte, que talvez já sentisse próxima. São Francisco chama “irmãos” a todas as criaturas e convida-as a louvar o Senhor o tempo todo. Também nos convida a contemplar a natureza como uma obra de Deus em que podemos encontrar a paz, porque nela reconhecemos sua bondade. Leia pausadamente essa bela oração com seus colegas e, em seguida, realize as atividades.



Cântico das criaturas



1 Altíssimo, onipotente, bom Senhor, a ti o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.

2 A ti só, Altíssimo, se hão-de prestar e nenhum homem é digno de te nomear.

3 Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o meu senhor irmão Sol, o qual faz o dia e por ele nos alumia.

4 E ele é belo e radiante, com grande esplendor: de ti, Altíssimo, nos dá ele a imagem.

5 Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e as estrelas: no céu as acendeste, claras, e preciosas, e belas.

6 Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo, por quem dás às tuas criaturas o sustento.

7 Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água, que é tão útil, e humilde, e preciosa e casta.

8 Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo, pelo qual alumias a noite, e ele é belo e jucundo e robusto e forte.

9 Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe terra, que nos sustenta e governa, e produz variados frutos, com flores coloridas, e verduras.

10 Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações.

11 Bem-aventurados aqueles que as suportam em paz, pois por ti, Altíssimo, serão coroados.

12 Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a morte corporal, à qual nenhum homem vivente pode escapar.

13 Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Bem-aventurados aqueles que cumpriram tua santíssima vontade, porque a segunda morte não lhes fará mal.

14 Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade.

Disponível em: <https://www.capuchinhos.org/franciscanismo/sao-francisco-de-assis/fontes-franciscanas/cantico-das-criaturas>. Acesso em: 27 ago. 2026.

1. Você gostou do “Cântico das criaturas”, de São Francisco de Assis? Por quê?
2. De que parte gostou mais? Por quê?
3. Faça uma lista de dez coisas que São Francisco considera suas “irmãs”. Por que as chama assim?
4. Você gostaria de acrescentar ao cântico alguma criatura da natureza (um animal, uma planta, um microrganismo etc.) a que também chamasse “irmã”? Se sim, complete o cântico. Pode ser assim:

Louvado sejas, meu Senhor, pelos irmãos gatos, que nos alegram todos os dias.

Louvado sejas, meu Senhor, pelos irmãos cães, que nos recebem todos os dias quando chegamos em casa.

Louvado sejas, meu Senhor, pelas irmãs árvores, que com sua sombra nos abrigam e com seus frutos nos alimentam.

5. Para terminar, acrescentem ao “Cântico das criaturas” os trechos que o grupo escolher e, depois, leiam-no todos em voz alta.

O que podemos fazer para cuidar da natureza?

(atividade de reflexão e pesquisa)

Na primeira parte da encíclica *Laudato si'*, inspirada no “Cântico das criaturas”, de São Francisco de Assis, o Papa Francisco chama a atenção para os graves problemas ecológicos que hoje afetam a humanidade (degradação ambiental, mudanças climáticas, extinção das espécies, escassez de água etc.) e que colocam em risco o planeta Terra, nossa casa comum.

Se verdadeiramente valorizamos a natureza como criação de Deus, devemos fazer algo para cuidar dela. Pensemos, então, no que poderíamos fazer.

- O quadro a seguir apresenta alguns problemas que a humanidade e o planeta enfrentam na atualidade. Complete-o de acordo com o que é solicitado no cabeçalho de cada coluna.

Problema	Em que consiste?	Três medidas que as autoridades de seu país deveriam adotar	Três ações que você poderia realizar para melhorar a situação
A poluição dos mares por plásticos			
A extinção de espécies animais			
A perda de fontes de água			
A poluição do ar			
As mudanças climáticas			

Histórias para lembrar

Por vezes, diz-se que a matéria é a fonte do mal e do pecado. No entanto, sabemos que o mundo material foi criado por Deus para nosso bem e que, na matéria, podemos encontrar a marca da sua presença. Um grande cientista e sacerdote cristão, Pierre Teilhard de Chardin, compôs, no início do século XX, esse belo “Hino à matéria”, no qual nos convida a observar a natureza material e a contemplá-la como expressão da criação divina.



■ Pierre Teilhard de Chardin

Hino à matéria

Bendita sejas, matéria áspera, solo estéril, rocha obstinada: tu, que apenas cedés perante a força; tu, que nos obrigas a trabalhar, se queremos comer.

Bendita sejas, matéria perigosa, mar revolto, paixão indomável: tu, que, se não te dominarmos, nos devorarás.

Bendita sejas, poderosa matéria, marcha irresistível da evolução, realidade sempre nascente: tu, que, rompendo continuamente nossas categorias mentais, nos obrigas a ir cada vez mais longe na busca da verdade.

Bendita sejas, matéria universal, tempo incomensurável, éter ilimitado, triplo abismo de estrelas, átomos e gerações: tu, que, ultrapassando e dissolvendo nossos estreitos padrões de medida, nos revelas as dimensões de Deus.

Bendita sejas, matéria impenetrável: tu, que, interpondo-te entre nossa mente e o mundo das essências, nos fazes definir no desejo de rasgar o véu sem costuras dos fenômenos.

Bendita sejas tu, matéria mortal: tu, que um dia sofrerás em nós o processo da dissolução e, assim, nos conduzirás, com firmeza, ao próprio âmago do que existe.

Sem ti, sem teus embates, sem teus desenraizamentos, permaneceríamos toda a vida inertes, estagnados, infantis, ignorantes tanto de nós mesmos como de Deus. Tu, que nos maltratas e depois curas nossas feridas; tu, que nos resistes e te rendes diante de nós; tu, que destrúístes e reconstruíste; tu, que aprisionaste e libertaste; seiva de nossas almas, mão de Deus, carne de Cristo: és tu, matéria, a quem bendigo.

Bendigo-te, matéria, e aclamo-te: não como te apresentam os pontífices da ciência ou os pregadores moralistas, aviltada, desfigurada, massa de forças brutas e de apetites inferiores, mas tal como hoje me és revelada, em tua plenitude e em tua verdadeira natureza.

Aclamo-te como a potencialidade inesgotável de existência e de transformação, na qual a substância predestinada germina e cresce.

Aclamo-te como o poder universal que reúne e une, pelo qual as inúmeras mônadas se unem e para o qual todas convergem no caminho do espírito.

Aclamo-te como a fonte melodiosa de água de onde brotam as almas dos seres humanos e como o cristal límpido do qual se forma a nova Jerusalém.

Aclamamos-te como meio divino, carregado de força criadora, como oceano agitado pelo Espírito, como argila moldada e animada pelo Verbo encarnado.

Por vezes, julgando responder a teu irresistível chamado, os seres humanos lançam-se, por amor a ti, no abismo exterior da busca egoísta do prazer: deixam-se enganar por um reflexo ou por um eco.

Agora compreendo isso. Se alguma vez quisermos chegar a ti, matéria, teremos de, depois de estabelecer con-

tato com a totalidade de tudo o que vive e se move aqui embaixo, chegar pouco a pouco a sentir que as formas individuais de tudo aquilo a que nos apegamos se desfazem em nossas mãos, até alcançarmos, por fim, a essência única de todas as existências e de todas as uniões.

Se alguma vez tivermos de possuir-te, depois de te termos estreitado impetuosamente em nossos braços, deveremos então proceder a tua sublimação por meio do sofrimento.

Teu reino abrange essas alturas serenas onde os santos julgam evitar-te, mas onde tua carne é tão transparente e ágil que já não se distingue do espírito.

Eleva-me, pois, matéria, a essas alturas, por meio da luta, da separação e da morte; eleva-me até que, finalmente, me seja possível, em perfeita castidade, abraçar o universo.

CHARDIN, Pierre Teilhard. Hino à matéria. Disponível em:

<https://christogenesis.org/hymn-to-matter-from-hymn-of-the-universe-by-pierre-teilhard-de-chardin/>.

Acesso em: 6 dez. 2025. [Tradução livre da versão em espanhol.]

ANEXO

Apresentam-se, a seguir, três textos que podem servir de inspiração para o trabalho proposto na atividade desta unidade. O primeiro descreve, de modo admirável, diversos aspectos que revelam a inteligência das plantas, especialmente das flores. O segundo faz uma descrição apaixonada dos ninhos onde vivem as formigas. O terceiro é um excerto de um artigo da Wikipédia sobre os colibris, que nos fala dessas aves de maneira objetiva e simples. Os dois primeiros textos, além de seu valor científico, possuem um elevado valor literário: foram escritos por Maurice Maeterlinck, escritor belga agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1911.

A inteligência das plantas (e das flores)

Quero apenas recordar aqui alguns fatos bem conhecidos de todos os botânicos. Não fiz nenhuma descoberta, e minha modesta contribuição limita-se a algumas observações elementares. Não tenho, nem é preciso dizer, a intenção de passar em revista todas as provas de inteligência que as plantas nos oferecem. Essas provas são inúmeras e constantes, sobretudo entre as flores, nas quais se concentra o esforço da vida vegetal em direção à luz e ao espírito.

Se existem plantas e flores desajeitadas ou desfavorecidas, não há nenhuma que esteja completamente desprovida de sabedoria e de engenhosidade. Todas se dedicam ao cumprimento de sua missão; todas possuem a magnífica ambição de ocupar e conquistar a superfície do globo, multiplicando nela, até o infinito, a forma de vida que representam.

Para alcançar esse objetivo, as plantas têm de vencer, em razão da lei que as prende ao solo, dificuldades muito maiores do que aquelas que se opõem à reprodução dos animais. Assim, a maior parte delas recorre a estratégias engenhosas, combinações e artifícios que, no domínio da balística, da aviação e da observação dos insetos, por exemplo, antecederam com frequência as invenções e os conhecimentos do ser humano. [...] Não é apenas na semente ou na flor, mas em toda a planta — caule, folhas e raízes — que se descobrem, se alguém se detiver por um instante a observar seu humilde trabalho, inúmeros sinais de uma inteligência perspicaz. Recordem-se dos magníficos esforços dos ramos contrariados para alcançar a luz ou da engenhosa e corajosa luta das árvores ameaçadas.



Nunca esquecerei o admirável exemplo de heroísmo que, há dias, me ofereceu, na Provença, nas agrestes e encantadoras gargantas do Loup, perfumadas de violetas, um enorme loureiro centenário. Lia-se facilmente em seu tronco atormentado e, por assim dizer, convulsivo todo o drama de sua vida tenaz e difícil. Um pássaro ou o vento, senhores do destino, haviam levado a semente para a encosta de um rochedo que tombava perpendicularmente como uma cortina de ferro; e foi ali que a árvore nasceu, a duzentos metros acima da torrente, inacessível e solitária, entre pedras ardentes e estéreis.

Desde os primeiros momentos, lançou suas raízes cegas na longa e penosa busca da escassa água e do húmus. No entanto, essa era apenas a preocupação hereditária de uma espécie habituada à aridez do meio do dia. O jovem tronco tinha de resolver um problema muito mais grave e inesperado: partia de um plano vertical, de modo que sua copa, em vez de crescer em direção ao céu, se inclinava sobre o abismo. Foi, por isso, necessário, apesar do peso crescente dos ramos, corrigir o impulso inicial, dobrar obstinadamente o tronco desconcertado junto à rocha e mantê-lo assim — como um nadador que lança a cabeça para trás —, com uma vontade, uma tensão e uma contração incessantes, direito e erguido no ar, sustentando a pesada e frondosa copa de folhas.

A partir desse momento, em torno desse nó vital concentraram-se todas as preocupações, toda a energia consciente e livre da planta. A monstruosa curvatura hipertrofiada revelava, uma após outra, as sucessivas inquietações de uma espécie de pensamento que sabia tirar partido dos avisos trazidos pelas chuvas e pelas tempestades. Ano após ano, a copa tornava-se mais pesada, preocupada apenas em desenvolver-se na luz e no calor, enquanto um cancro obscuro corroía profundamente o braço trágico que a sustentava no espaço. Então, obedecendo a não sei que ordem do instinto, duas raízes robustas, dois cabos fibrosos, que brotavam do tronco mais de sessenta centímetros acima da curvatura, prenderam-na à parede de granito. Teriam de fato surgido por necessidade ou estariam aguardando, talvez previdentes, desde os primeiros dias a hora crítica do perigo para redobram seu auxílio? Teria sido apenas uma feliz coincidência? Que olhar humano poderá alguma vez assistir a esses dramas silenciosos, demasiado longos para a brevidade de nossa vida? [...]

É nas orquídeas que encontramos as manifestações mais perfeitas e harmoniosas da inteligência vegetal. Nessas flores inquietantes e extraordinárias, o gênio da planta atinge seus pontos mais elevados e chega a atravessar, com uma chama invulgar, a fronteira que separa os reinos.

Importa que esse nome — orquídeas — não nos induza a erro, levando-nos a pensar que se trata apenas de flores raras e preciosas, essas rainhas das estufas, que parecem exigir mais os cuidados de um ourives do que os de um jardineiro. Nossa flora autóctone e silvestre, que inclui todas as nossas “ervas daninhas”, conta com mais de vinte e cinco espécies de orquídeas, entre as quais se encontram precisamente as mais engenhosas e complexas. Foram essas que Charles Darwin estudou em sua obra *Da fecundação das orquídeas pelos insetos*, uma extraordinária história dos heroicos esforços da alma da flor.

Não seria possível resumir aqui, em poucas linhas, essa vasta e fascinante biografia. Contudo, uma vez que nos ocupamos da inteligência das flores, é necessário dar uma ideia, ainda que breve, dos processos e dos hábitos de pensamento daquela que supera todas as outras na arte de obrigar a abelha ou a borboleta a fazer exatamente aquilo que deseja, na forma e no momento por ela determinados. [...] E o que observamos quando surpreendemos a natureza em seu trabalho, a inteligência geral, o gênio universal — o nome pouco importa — no mundo das flores? Muitas coisas, e, para mencioná-las apenas de passagem, pois o tema daria origem a um longo estudo, verificamos, antes de mais nada, que sua ideia de beleza e de alegria, seus meios de sedução e seus gostos estéticos se assemelham muito aos nossos. No entanto, talvez fosse mais rigoroso afirmar que os nossos se parecem com os dela. Porque não é certo que tenhamos inventado uma beleza verdadeiramente nossa.

Todos os nossos motivos arquitetônicos e musicais, todas as nossas harmonias de cor e de luz etc. foram inspirados na natureza. Sem sequer evocar o mar, a montanha, os céus, a noite ou os crepúsculos, quanto não haveria a dizer, por exemplo, sobre a beleza das árvores? Refiro-me não apenas à árvore considerada no conjunto da floresta, que constitui uma das grandes forças da Terra e talvez a principal fonte de nossos instintos e de nosso sentimento do universo, mas também à árvore em si mesma, à árvore solitária, cuja velhice verde transporta consigo o peso de mil estações.

Entre todas essas impressões que, sem nos apercebermos, moldam o espaço mais puro e talvez o próprio fundo de nossa felicidade e de nossa serenidade, quem de nós não guarda na memória algumas árvores maravilhosas? Quando já se passou metade da vida, quando se chegou ao fim do período do deslumbramento, quando se esgotaram quase todos os espetáculos que a arte, o gênio e o luxo dos séculos e das pessoas podiam oferecer, depois de muito experimentar e comparar, regressa-se às recordações mais simples. São elas que fazem surgir, no horizonte purificado da memória, duas ou três imagens inocentes, permanentes e frescas, que gostaríamos de levar conosco no último sono, se é verdade que uma imagem pode atravessar o limiar que separa nossos dois mundos.

Não consigo imaginar um paraíso, nem uma vida além da morte, por mais esplêndida que seja, onde não existam, em algum lugar, aquela magnífica faia de Sainte-Baume, aquele cipreste ou aquele pinheiro-manso de Florença ou ainda a humilde ermida junto de minha casa, que oferecem ao viajante o modelo de todos os grandes movimentos de resistência necessária, de coragem serena, de impulso, de gravidade, de vitória silenciosa e de perseverança.

MAETERLINCK, Maurice. *La inteligencia de las flores*. Bogotá: Taller de Edición Rocca, 2018. p. 21-22; 30-32; 66-67; 94-96. [Tradução livre da versão em espanhol.]



Os ninhos das formigas

As habitações das formigas não possuem o esplendor âmbar e perfumado dos palácios das abelhas, nem a solidez granítica e as dimensões impressionantes das cidades dos cupins. Para comparar essas arquiteturas e compreender o que acontece nessas extraordinárias habitações, seria necessário imaginá-las à mesma escala das construções humanas. Assim, veríamos que, na colmeia, domina uma geometria deslumbrante, suntuosa, decorativa e infinita, que nos pareceria muito mais lunar do que terrestre. No cupinzeiro, veríamos o triunfo colossal do concreto armado e da arquitetura vertical, em uma montanha de 600 metros de altura, perfurada como uma esponja. Por fim, no formigueiro

encontraríamos, antes de tudo, uma arquitetura horizontal, composta por meandros intermináveis, que prolongam até o infinito suas cidades subterrâneas, das quais nenhum de nós, se tivessem nossa escala, conseguiria sair com vida. A arquitetura das formigas é, tal como seu corpo e seus costumes, multiforme. Pode-se dizer que existem tantos tipos de formigueiros quantas são as espécies de formigas, embora todos se enquadrem em quatro ou cinco modelos principais.



Em nove de cada dez casos, a habitação é subterrânea, escavada na areia ou em solo argiloso, atravessada por numerosas galerias com incontáveis ramificações. Muitas vezes possui mais de 20 níveis na parte superior e, pelo menos, outros tantos abaixo da superfície. Cada nível tem uma função específica, determinada sobretudo pela temperatura, sendo os locais mais quentes reservados à criação. Entretanto, não vale a pena deter-se nesses pormenores, tão conhecidos de todos, pois não há quem nunca tenha aberto ou destruído um formigueiro. A entrada pode estar cuidadosamente escondida ou, ao contrário, completamente exposta, assumindo a forma de uma cratera ou sendo coroada por uma cúpula [...]. Registre-se que, no interior dessas cúpulas, a temperatura é cerca de dez graus superior à do ar ambiente.

A disposição das galerias, dos armazéns, das salas comuns, das câmaras de criação — às quais, em certas espécies, se acrescentam compartimentos destinados ao cultivo de fungos —, dos estábulos e das despensas varia bastante, e, mesmo entre duas colônias vizinhas, da mesma espécie e de dimensão semelhante, apenas se observa aproximadamente um plano geral, modificado o tempo todo pelas circunstâncias. [...] Os ninhos subterrâneos têm, em geral, uma profundidade de 30 a 40 centímetros, mas, por vezes, sobretudo os das formigas-ceifeiras, ultrapassam um metro e meio de profundidade na areia, onde se estendem os celeiros, enquanto na superfície se ergue um conjunto de sete ou oito crateras interligadas que formam uma única colônia, ocupando uma área entre 50 e 100 metros quadrados. [...]



Quanto às colônias claramente confederadas [...], podem chegar a ter 200 ninhos, cada um com 5.000 a 500.000 habitantes, ocupando uma área circular com cerca de 200 metros de diâmetro. Por sua vez, o reverendo Mac Cook, observador muito rigoroso e metucioso, descreve uma imensa cidade de *Formica exsectoides*, na Pensilvânia, que ocupava em torno de 20 hectares e era constituída por 1.600 ninhos, muitos dos quais mediam mais de um metro de altura e quatro de circunferência na base. Comparando seu volume com o tamanho do inseto, Mac Cook calculou que ele representava 84 vezes o volume da Grande Pirâmide do Egito. Isso significa que, reduzidas à escala das formigas, grandes aglomerações humanas como Londres ou Nova York não passariam de pequenas aldeias. Sua organização, aliás, continua a ser pouco conhecida.

Em suas habitações sem luz — as formigas, tal como as abelhas e os cupins, apreciam a escuridão —, transcorre toda a vida das rainhas e grande parte da vida das operárias. Assim, pelo menos durante o verão, não existem dias nem noites de descanso. O tempo é dedicado aos trabalhos, “aborrecidos e simples”, da habitação: à limpeza, à preparação dos alimentos, pois precisam transformar em substância líquida, em picadinho, em pedaços ou em papa os legumes, as sementes, os frutos e as presas recolhidas. Há ainda as constantes regurgitações, que lhes proporcionam prazeres recíprocos e inesgotáveis; a manutenção da ordem, tanto no interior como no exterior; o absorvente serviço prestado às rainhas, que é necessário acompanhar, orientar, vigiar, sobrealimentar, lavar, limpar e acariciar; e os cuidados de todo tipo dedicados aos ovos, que lambem incessantemente para alimentá-los por endosse, bem como às larvas e às pupas, que é necessário virar repetidas vezes,

mudar de lugar com frequência e expor nos locais mais favoráveis, de acordo com as diferentes horas do dia. Cuidam também de sua higiene pessoal e da dos companheiros, pois as formigas têm verdadeira obsessão pela limpeza e, ajudando-se mutuamente, penteiam-se, esfregam-se, arranjam-se e polem-se vinte vezes por dia. Têm ainda seus jogos, lutas amigáveis, combates desportivos e pacíficos. [...]

E, para terminar, por mais incrível que possa parecer, também descansam. Costumamos pensar que as formigas, cuja atividade nos parece frenética, que se agitam dia e noite como uma centelha em um feixe de palha, desconhecem o cansaço. No entanto, também elas estão sujeitas às leis fundamentais do mundo: precisam recolher-se, recuperar forças, esquecer-se da vida. Quando uma delas regressa ao formigueiro transportando um alimento que pesa três ou quatro vezes mais do que seu corpo, as companheiras que guardam as entradas aproximam-se diligentemente e, antes de tudo, pedem-lhe a regurgitação, com a qual começam e terminam todos os acontecimentos importantes de seu mundo. Depois retiram-lhe o pó que a cobre, limpam-na, acariciam-na e conduzem-na a uma espécie de dormitório reservado, longe do tumulto das restantes, destinado às viajantes exaustas. Aí mergulha em um sono tão profundo que nem mesmo um ataque ao formigueiro, capaz de sobresaltar até as formigas inválidas, consegue despertá-la por completo; e, em vez de combater, pensa apenas em fugir.



Passemos agora das cidadãs do subsolo para as formigas arborícolas. Algumas vivem no interior das árvores, cujos troncos perfuram à semelhança dos cupins, escavando-os com cuidado, de modo a preservar a casca. Esculpem sua habitação na própria madeira, tal como os habitantes de Les Baux faziam na pedra, construindo numerosos pisos sobrepostos, cujos tetos, segundo Huber, finos como uma carta de baralho, são sustentados ora por paredes verticais que formam uma infinidade de pequenas câmaras, ora por numerosas colunas delicadas, que permitem observar quase toda a extensão de cada piso, todo feito de madeira escurecida e defumada. Quando se retira um desses ninhos, tem-se a impressão de segurar nas mãos um indefinível objeto artístico, complexo, extravagante, minucioso e fascinante, do qual apenas alguns esqueletos pré-históricos, perfurados e moldados pela passagem de milhões de anos podem dar uma ideia aproximada. [...]

Nos trópicos existem formigas que constroem seus ninhos, em geral muito grandes, na axila de um ramo grosso, onde essa volumosa excrescência adquire mais ou menos a cor da casca da árvore. São construídos com uma espécie de pasta semelhante à utilizada pelas vespas. Registrem-se também os ninhos instalados quer em cavidades naturais adaptadas às necessidades do inseto, quer nos ramos ocos de determinadas plantas, onde, por vezes, pequenas colônias encontram ao mesmo tempo, como nos contos de fadas, abrigo e alimento. Existem ainda as formigas de vida nômade, que vivem, por assim dizer, em tendas de campanha e que, em seus incessantes deslocamentos, se contentam com qualquer abrigo provisório, onde recolhem, durante a noite, larvas e pupas. [...] Nem é preciso dizer que é quase impossível realizar observações proveitosas em todos esses ninhos escuros e cuidadosamente fechados. Por essa razão, os mirmecólogos, como antes os agricultores, conceberam diversos aparelhos que lhes permitem estudar, hora após hora, sem perturbar de maneira significativa, a vida familiar das colônias observadas. [...]



Esses ninhos de gesso, que reproduzem com grande fidelidade a disposição e os meandros de um formigueiro natural, permitem compreender, em especial, o espírito de organização e de adaptação que esses insetos demonstram em circunstâncias anormais e imprevistas e, sobretudo, a extrema

limpeza que mantêm em suas habitações. [...] Outros ninhos de maiores dimensões têm duas ou três latrinas; e, como os excrementos das formigas são sempre líquidos, o odor característico que o gesso adquire em um dos compartimentos revela claramente sua utilização exclusiva. Assim, mesmo em sua prisão, sem comunicação com o exterior, improvisam instalações sanitárias que, em circunstâncias igualmente difíceis, seria muito trabalhoso aperfeiçoar, até para nossos engenheiros.

O aparelho mais simples e mais prático para a observação continua a ser o de Lubbock. É constituído de duas placas de vidro, com vinte a trinta centímetros quadrados, colocadas a uma distância de três a seis milímetros uma da outra, consoante a espécie que se pretende estudar, ou seja, afastadas o bastante para que as formigas possam movimentar-se livremente. As placas são unidas por uma moldura de madeira, e o espaço entre elas é preenchido com terra fina, um pouco úmida. Todo o conjunto é depois coberto, pois os insetos sociais apreciam a escuridão. É possível sobrepor vários desses ninhos em um mesmo suporte, tendo o cuidado de colocar ao redor água ou, de preferência, gesso em pó, para evitar fugas.

Graças a esses dispositivos, foram desvendados os segredos do formigueiro, pelo menos a maior parte de seus segredos materiais. Os restantes — os segredos políticos, econômicos, psicológicos e morais — continuam muito longe de ser compreendidos.

MAETERLINCK, Maurice. *La vida de las formigas*. Edição digital, p. 46-55. [Tradução livre da versão em espanhol.]

Colibri



Os colibris são aves nativas da América e pertencem à família *Trochilidae*. Com aproximadamente 375 espécies distribuídas por 113 gêneros, encontram-se desde o Alasca até a Terra do Fogo, embora a maioria das espécies viva na América Central e na América do Sul. Em 2025, 21 espécies de colibris estavam classificadas como “em perigo” ou “em perigo crítico de extinção”, e cerca de 190 apresentavam declínio populacional.

Os colibris possuem diversas características específicas que lhes permitem um voo rápido e ágil: capacidade metabólica excepcional, adaptações a grandes altitudes, habilidades visuais e de comunicação muito desenvolvidas e, em algumas espécies, migrações de longa distância. Entre todas as aves, os machos dos colibris apresentam a maior diversidade de cores na plumagem, sobretudo em tons de azul, verde e púrpura. Os colibris são as menores aves adultas do mundo, medindo entre 7,5 e 13 cm de comprimento. A menor espécie é o colibri-abelha, com apenas 5 cm de comprimento e menos de 2 g de peso; a maior é o colibri-de-bico-largo. Os colibris estão especialmente adaptados para se alimentarem do néctar das flores, embora todas as espécies consumam também pequenos insetos.

Os colibris recebem o nome de “hummingbirds” em inglês em razão do som (“humming”) produzido pelo rápido bater de suas asas, cujas frequências são audíveis tanto para outras aves como para os seres humanos. As asas mantêm-se em movimento contínuo, batendo entre 12 vezes por segundo nas espécies maiores e 99 nos colibris menores.

Os colibris possuem a mais elevada taxa metabólica específica entre todos os animais homeotérmicos. Para conservar energia, quando o alimento escasseia e durante a noite, quando deixam de procurar alimento, podem entrar em torpor, um estado semelhante à hibernação, reduzindo sua taxa

metabólica para um décimo quinto da taxa normal. Embora a maioria das espécies não seja migratória, o colibri-ruivo realiza uma das mais longas migrações entre todas as aves, viajando duas vezes por ano entre o Alasca e o México, uma distância de cerca de 6.300 km.

Os colibris têm corpo compacto e asas relativamente longas, em forma de lâmina, cuja estrutura anatômica lhes permite voar como um helicóptero em qualquer direção, incluindo a capacidade de permanecer suspensos no ar. Em especial durante o voo estacionário, o bater das asas produz um zumbido que serve para alertar outras aves. Em algumas espécies, as penas da cauda produzem sons utilizados pelos machos no voo de cortejo. Uma dessas espécies, o colibri-abelhão, atinge uma frequência de 99 batimentos de asas por segundo ao voar. Essas extraordinárias exigências de voo são sustentadas por uma elevadíssima taxa metabólica, dependente dos açúcares obtidos no néctar das flores.

As patas dos colibris são curtas, com três dedos voltados para a frente e um para trás. Os dedos terminam em garras, cujas superfícies internas apresentam estrias que facilitam a fixação aos caules ou às pétalas das flores. Os colibris não caminham no solo nem saltam como a maioria das aves; deslocam-se lateralmente e utilizam as patas para se apoiar quando pousam, limpam a plumagem, constroem os ninhos (no caso das fêmeas) ou, durante os confrontos, para agarrar as penas dos adversários.

Os colibris utilizam as patas como verdadeiros pistões para gerar impulso no momento da decolagem, embora a reduzida dimensão de suas patas proporcione uma propulsão cerca de 20% menor do que a observada em outras aves. Durante o voo, as patas permanecem recolhidas sob o corpo, favorecendo uma aerodinâmica e uma capacidade de manobra ideais.

Entre as espécies estudadas em voo, a velocidade máxima dos colibris ultrapassa os 54 km/h. Durante o cortejo, os machos de algumas espécies mergulham de uma altura de uns 30 metros sobre uma fêmea, atingindo velocidade próxima dos 83 km/h.

Os sexos distinguem-se pela coloração da plumagem, sendo os machos dotados de brilho intenso e ornamentações características nas penas da cabeça, do pescoço, das asas e do peito. O ornamento mais típico é o gorjal, uma mancha iridescente em forma de peitilho, situada na garganta, cujo brilho varia conforme o ângulo de observação, servindo para atrair as fêmeas e advertir os machos rivais para se afastarem do território.

Os colibris distribuem-se exclusivamente pelas Américas, desde o centro-sul do Alasca até a Terra do Fogo, incluindo o Caribe. A maioria das espécies ocorre nas regiões tropicais e subtropicais da América Central e da América do Sul, embora várias se reproduzam também em climas temperados e algumas habitem as terras altas andinas, a altitudes que podem atingir 5.200 metros. A maior diversidade de espécies encontra-se nas florestas úmidas tropicais e subtropicais do norte dos Andes e nas regiões adjacentes. No entanto, o número de espécies presentes na Mata Atlântica, na América Central e no sul do México ultrapassa, de maneira significativa, o encontrado no sul da América do Sul, nas ilhas do Caribe, nos Estados Unidos e no Canadá. Embora tenham sido registradas menos de 25 espécies diferentes de colibris nos Estados Unidos e menos de 10 tanto no Canadá como no Chile, só a Colômbia abriga mais de 160 espécies, enquanto o relativamente pequeno Equador possui cerca de 130.

HUMMINGBIRD. Wikipedia. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Hummingbird>. Acesso em: 30 nov. 2025. [Tradução livre da versão em espanhol.]



Décima 12

*Que la paz busque su casa
siempre es buena noticia.
Que si Barbados o Leticia...
¡solo importa si ella pasa!
Pero, si la paz fracasa,
mucho será de lamentar,
porque todo puede acabar
con muerte... y en la guerra
que por siempre nos destierra
y deja a todos sin hogar.**



* Tradução livre: Que a paz encontre sempre / um lugar para morar. / Seja em Barbados ou em Letícia... / o importante é que passe por lá! / Mas, se a paz fracassar, / muito haverá a lamentar, / porque tudo pode terminar / em morte... e em guerra, / que para sempre nos desterra / e a todos deixa sem lar.



PAZ 12

Construir, em uma cidade violenta, uma casa para a paz

1

ENGAJE-SE

Instruções básicas

- Leia a história. Anote aquilo que tiver dificuldade em compreender e esclareça suas dúvidas com seus colegas e com o professor.
- Depois, realize as atividades propostas no final da leitura.
- Para terminar, comente suas impressões com seus colegas.

2

MÃOS À OBRA

Leitura

Construir, em uma cidade violenta, *uma casa para a paz*



Boafortuna é uma importante cidade portuária de um país sul-americano, situada nas margens do Oceano Pacífico, com mais de quinhentos mil habitantes. O clima é quente e muito úmido, pois está rodeada por uma floresta tropical que constitui, por sua vez, uma das regiões com maior índice pluviométrico do mundo.

Por se tratar de um dos mais importantes portos do continente americano, desenvolve uma intensa atividade comercial, pois recebe navios de todas as partes do mundo, ao mesmo tempo que dali saem mais de metade das exportações do país. Além disso, suas praias selvagens e o mar repleto de atrações para atividades de aventura fazem dela um destino com grande potencial turístico, embora ainda pouco explorado. A cidade possui zonas belas e muito coloridas, estando também rodeada por vários rios e córregos. Contudo, há também áreas marcadas por extrema pobreza e bairros onde se vive em um ambiente de violência muito perigoso.

Mais de oitenta por cento da população é de raça negra, que se distingue pela alegria e pelo gosto pela música tropical. Além daqueles que trabalham como estivadores no porto, grande parte dos habitantes sobrevive da pesca marítima e da produção e venda de artesanato. O nível de escolaridade da população é muito baixo, pois existem poucas escolas e pequenos polos universitários dependentes de universidades do interior do país. Alguns jovens vão estudar em outras cidades, mas a maioria permanece no porto, onde encontra escasas oportunidades de formação e de trabalho.

Essa última condição da cidade vem sendo aproveitada por grupos criminosos, que exploram diversas formas de crime recrutando jovens desempregados: contrabando, venda de drogas no varejo, tráfico de pessoas, assassinatos por encomenda e mineração ilegal. A taxa de homicídios tem sido muito elevada nos últimos anos: mais de trinta por cem mil habitantes.

Nesse contexto de violência, surgiram vários tipos de organizações criminosas ou "combos" (como os chama a população de Boafortuna), que dividem entre

si os negócios ilícitos e estabelecem fronteiras invisíveis as quais é proibido atravessar caso não seja “seu território”, pois, se o fizerem, os membros do combo invasor correm o risco de ser assassinados. Assim, a cidade encontra-se fragmentada pela ação dessas organizações criminosas.

O medo reina em toda a cidade e a população tem extremo cuidado com o que faz e com o que diz; por isso, vive em uma verdadeira “cultura do silêncio”. Todos temem os chefes dos combos, exceto um grupo de mães que viram seus filhos morrer e que não estão dispostas a suportar mais sofrimento. Um dia, decidiram organizar-se para frear a violência e constituíram grupos de resistência que se faziam presentes sempre que ocorria a morte de um jovem. Em vez de se esconderem, deslocavam-se ao local do crime, investigavam quem eram os assassinos... e iam à sua procura.

Pouco a pouco, começaram a descobrir um fenômeno terrível: as “casas de desmembramento”, assim chamadas porque, após os confrontos entre combos, os corpos dos jovens assassinados eram levados para esses locais para serem dissolvidos em ácido, de modo a eliminar qualquer vestígio.

As mães e as mulheres organizadas não só denunciaram algumas dessas casas às autoridades, como enfrentaram os chefes dos combos: não demonstraram medo diante deles e conquistaram seu respeito. Incrivelmente, esses perigosos criminosos nunca lhes fizeram mal, porque, ao que tudo indica, algumas delas eram mães de seus amigos mais próximos.

Esses corajosos grupos de mulheres não tinham reconhecimento legal; ainda assim, atuavam sempre sem recorrer a qualquer forma de violência e respeitando a lei e as autoridades. Um dia, organizaram-se em cooperativas e obtiveram apoio de organismos internacionais para criar várias microempresas, que lhes permitiram comercializar os produtos que produziam: alimentos, pão, bebidas e artesanato da região. Não enriqueceram, porém melhoraram significativamente suas condições de vida, pois aprenderam que a economia solidária não proporciona grandes lucros, mas promove maior bem-estar para todas e todos.

Então, uma das mulheres mais representativas desses grupos decidiu apresentar sua candidatura ao cargo de prefeita de Boafortuna. Chamava-se Yorely, mãe solteira de 40 anos com dois filhos (uma moça e um rapaz) e formação universitária em administração de empresas. Contra todas as previsões, foi eleita prefeita. Sua única promessa eleitoral foi fazer tudo o que estivesse a seu alcance para que os cidadãos de Boafortuna pudessem viver em paz.

Apesar de enfrentar forte oposição dos políticos tradicionais da região, Yorely venceu as eleições por uma ampla margem com relação aos demais candidatos, o que lhe permitiria governar procurando consensos, inclusive com membros de outros partidos. Alguns afirmavam que ela era apoiada pelos combos, mas nunca conseguiram provar isso. O certo é que ela falava diretamente com os chefes dessas organizações e jamais se deixou intimidar por eles.

Em seus primeiros dias como prefeita, Yorely constituiu uma comissão para ajudá-la a transformar a cidade em “uma casa de paz”. A comissão era composta de quatro pessoas: um representante dos combos sem antecedentes criminais, um representante dos comerciantes, um educador e o secretário do governo municipal. Para alcançar uma paz estável e duradoura em Boafortuna, a prefeita pediu à comissão que elaborasse dois planos: um de curto prazo e outro de médio prazo.

O plano deveria conter dez pontos fundamentais, ser apresentado no máximo em quarenta dias e ser executado em um período não superior a quatro anos, correspondente ao mandato de governo do município. Além disso, a prefeita exigiu dos membros da comissão que abandonassem quaisquer outras atividades profissionais e se dedicassem a essa missão em tempo integral. Para isso, garantiu-lhes uma remuneração justa pelo trabalho e deu-lhes liberdade para definirem as próprias regras de funcionamento da comissão.



Desde o primeiro dia de seu mandato, a prefeita reuniu-se com os quatro membros da comissão e pediu-lhes que elaborassem o “roteiro para a paz de Boafortuna”, definindo os dez pontos fundamentais do plano, o qual deveria cumprir as seguintes condições:

- Proposta para acabar com os combos criminosos da cidade.
- Plano para a criação de novas microempresas e de formas de economia solidária que deem oportunidades de trabalho aos jovens.
- Plano de médio prazo para melhorar a educação das crianças e dos jovens.
- Proposta para desenvolver o potencial cultural e turístico de Boafortuna, protegendo a biodiversidade da cidade e da região, tendo em conta que esta foi declarada “distrito cultural, turístico e biodiverso”.



- Objetivo de alcançar a paz sem pôr em risco a segurança, razão pela qual não serão feitas concessões a grupos à margem da lei cujas ações tenham resultado em penas superiores às que permitiriam sua reinserção social. Segundo Yorely, Boafortuna deve ser “um laboratório de paz com segurança”.
- Mecanismos alternativos de resolução de conflitos que garantam a reparação das vítimas da violência.
- Criação de um espaço de convivência pacífica entre membros de facções rivais que tenham pendências com a justiça, sem armas, sob a custódia das autoridades e com a obrigação de realizar trabalhos de reparação em benefício das vítimas.
- Apresentação de um projeto para construir uma “Casa para a Paz” no centro da cidade, no local onde funcionava o gabinete da Prefeitura.
- A comissão poderá propor outras tarefas e projetos, desde que todas essas condições sejam integralmente cumpridas.

3

PARA LEVAR COMIGO

Perguntas para comentar a história

- 1 Você achou essa história interessante? Por quê?
- 2 Você conhece alguma história semelhante? Comente com seus colegas.
- 3 Você acredita que é possível que um plano de paz funcione em uma comunidade onde tenha existido tanta violência? Justifique sua resposta.
- 4 Que oportunidades de desenvolvimento ou potenciais você acredita que uma cidade portuária como Boafortuna poderá ter? Identifique pelo menos cinco que possam ser aproveitadas.
- 5 Como você viu, a comissão não é muito numerosa (apenas quatro pessoas, representando diferentes interesses da cidade). Você acha que estão representados todos os que deveriam estar? Falta alguém? Quem?



Formar a comissão para o plano de paz

Agora, reúna-se com três colegas para formar uma equipe de quatro integrantes, de modo a representar cada um dos quatro membros da comissão. Para isso, sigam estes passos:

- 1. Decidam quem desempenhará cada função, tendo em conta o seguinte:**
 - O representante dos combos é uma pessoa que não tem pendências com a justiça.
 - O representante dos comerciantes deve defender os interesses do setor produtivo da cidade.
 - O educador deve pensar nas necessidades das famílias, das crianças e dos jovens da cidade.
 - O secretário ou a secretária do governo municipal representa diretamente a prefeita na comissão e deve presidi-la.
- 2. Analisem a situação em que a cidade se encontra e em que consiste a missão que a prefeita confiou à comissão.**
- 3. Examinem as condições estabelecidas pela prefeita para o plano de paz. Parecem adequadas? São suficientes? Justifiquem sua resposta. Lembrem-se de que não poderão alterá-las, pois as aceitaram ao integrarem a comissão.**
- 4. Cada membro da equipe (e representante da comissão) deve elaborar seis propostas para o plano de paz da cidade. Cada proposta tem de incluir um nome, uma descrição do que consiste, o tempo necessário para sua implementação, a pessoa responsável por sua execução e as fontes de financiamento que permitirão sua concretização. Para isso, utilizem a seguinte matriz:**

	Nome da proposta	Descrição da proposta	Tempo de implementação	Pessoa idônea para realizá-la	Fontes de financiamento
1					
2					
3					
4					
5					
6					

- 5. Cada um deve apresentar e justificar suas seis propostas para, em equipe, reunir as que forem semelhantes. Depois, selecionem as que receberam mais menções e reduzam as opções até restarem apenas dez.**
- 6. Estabeleçam as dez propostas básicas do plano de paz da cidade de Boafortuna. Apresentem-nas por escrito em uma única folha, em um quadro como a matriz acima e em ordem de prioridade, de 1 a 10.**
- 7. Elaborem e apresentem também um projeto de “Casa para a Paz”.**
- 8. Finalmente, com a ajuda do professor, todas as equipes devem definir e elaborar as dez propostas básicas do plano de paz solicitado pela prefeita.**



MANUAL para os professores

Recurso a utilizar	Formulação de desafios
Âmbito de trabalho	Com os colegas
Textos inspiradores e de referência	- A missão dos discípulos de Cristo: levar uma mensagem de paz (Lucas 10, 1-12) - Com a sabedoria constrói-se uma casa; com a prudência ela permanece firme (Provérbios 24, 1-22)
Compromisso com a paz entre pessoas e povos	Inventar uma “Casa para a Paz” no meio em que vivemos
Atitudes geradoras de paz	- Aceitação das diferenças - Perdão - Diálogo e busca de consensos
Relação com outras áreas do conhecimento	- Ética - Política - Ciências sociais (história e geografia) - Educação para a paz
Duração aproximada	4 sessões de 25 minutos (total: 1 hora e 40 minutos)



Fundamentos



Em quase todas as cidades do mundo, grandes ou pequenas, enfrentam-se graves problemas de violência. Em muitas delas, os problemas sociais alimentam-se mutuamente: a pobreza e a falta de oportunidades de trabalho e educação constituem um terreno fértil para a violência, pois o narcotráfico e outras atividades ilegais oferecem “soluções” de curto prazo aos habitantes. No entanto, isso acarreta outros fenômenos problemáticos, como a migração e a mineração ilegais ou a destruição do meio ambiente, o que, em última análise, reproduz e aumenta a pobreza e alimenta novas formas de violência e exclusão.

O problema da violência urbana é, hoje, um dos maiores desafios para a paz mundial. As cidades são, ao mesmo tempo, um símbolo da mais elevada civilização e um núcleo cada vez mais forte de barbárie e violência. Um caso paradigmático desse último aspecto é o centro nevralgico da guerra entre Israel e Palestina: a cidade de Gaza, onde os problemas sociais e políticos têm alimentado uma violência terrível, criando um cenário sombrio de morte, fome, guerra e destruição.

O Papa Leão XIV, consciente dessa situação, envia todo dia sua mensagem de paz para que cesse a violência entre os cidadãos desses dois países. No discurso de 30 de maio de 2025, dirigido aos membros dos movimentos populares e das associações que participaram das mesas de trabalho da “Arena da Paz”, em Verona, Itália, e na presença de dois cidadãos que agora são amigos e colaboradores, o israelense Maoz Inon (cujos pais foram assassinados pelo grupo político Hamas) e o palestino Aziz Sarah (cujo irmão foi assassinado pelo exército de Israel), o Papa afirmou:

O caminho para a paz exige corações e mentes treinados e formados na atenção ao outro e capazes de reconhecer o bem comum no contexto atual. O caminho que leva à paz é comunitário, passa pelo cuidado de relações de justiça entre todos os seres vivos. [...]

Numa época como a nossa, marcada pela velocidade e imediatismo, é preciso redescobrir aqueles longos tempos necessários para que estes processos se possam realizar. A história, a experiência, as muitas boas práticas que conhecemos fizeram-nos compreender que a paz autêntica é aquela que se concretiza a partir da realidade (territórios, comunidades, instituições locais etc.) e à sua escuta. É precisamente por isso que nos apercebemos que esta paz é possível quando as diferenças e a conflitualidade que elas implicam não são eliminadas, mas reconhecidas, assumidas e atravessadas.

Por isso, é particularmente precioso o vosso empenho de movimentos e associações populares, que concretamente e “a partir de baixo”, em diálogo com todos e com a criatividade e engenho que nascem da cultura da paz, leveis em frente projetos e ações ao serviço concreto das pessoas e do bem comum.

[...] há demasiada violência no mundo, há demasiada violência nas nossas sociedades. Perante as guerras, o terrorismo, o tráfico de seres humanos, a agressividade generalizada, as crianças e os jovens precisam de experiências que eduquem para a cultura da vida, do diálogo e do respeito mútuo. E, antes de mais, precisam de testemunhos de um estilo de vida diferente, não violento. Por isso, desde o nível local e quotidiano até ao da ordem mundial, quando os que sofreram injustiças e as vítimas da violência sabem resistir à tentação da vingança, tornam-se os protagonistas mais credíveis de processos não violentos de construção da paz. A não violência como método e como estilo deve diferenciar as nossas decisões, as nossas relações, as nossas ações.

Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/es/speeches/2025/may/documents/20250530-movimenti-pace.html>. Acesso em: 8 ago. 2026.

O Papa Leão XIV concluiu esse discurso com um convite: **“Se queres a paz, prepara instituições de paz”**. Posteriormente, em um documento de 4 de outubro de 2025 (exortação apostólica *Dilexi te*, nº 81), sobre o amor para com os pobres, ele retomou esse tema para destacar a importância dos movimentos e dos líderes populares na construção de uma paz estável e duradoura nas cidades e nos países. Disse o Papa.

Estes líderes populares sabem que a solidariedade consiste também em “lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, de terra e de casa, a negação dos direitos sociais e laborais. É fazer face aos efeitos destruidores do império do dinheiro [...]. A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem”. Por essa razão, quando as diferentes instituições pensam nas necessidades dos pobres, é necessário “que incluam os movimentos populares e animem as estruturas de governo locais, nacionais e internacionais com aquela torrente de energia moral que nasce da integração dos excluídos na construção do destino comum”. Com efeito, os movimentos populares convidam a superar “aquela ideia das políticas sociais concebidas como uma política para os pobres, mas nunca com os pobres, nunca dos pobres e muito menos inserida num projeto que reúna os povos”. Se os políticos e os profissionais não os ouvirem, “a democracia atrofia-se, torna-se um nominalismo, uma formalidade, perde representatividade, vai se desencantando porque deixa de fora o povo na sua luta diária pela dignidade, na construção do seu destino”.



Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html.

Acesso em: 8 ago. 2026.

A atividade proposta nesta unidade pretende ecoar uma experiência que, embora discreta, ganha força em muitos lugares do mundo, apesar das dificuldades de atuar em um ambiente marcado pela violência: o imenso e valioso trabalho realizado pelas comunidades populares para construir a paz em territórios e cidades com uma longa história de violência. Essas comunidades são frequentemente lideradas por alguns de seus membros mais vulneráveis (mulheres, jovens, indígenas, afrodescendentes) e, em grande parte dos casos, sua luta desenvolve-se por meios pacíficos, sem recorrer, em momento algum e por nenhum motivo, à violência. Ao não praticarem nem defenderem meios violentos, esses movimentos constituem um testemunho claro daquilo que o Papa Leão XIV chamou de “uma paz desarmada e desarmante”.



Apresentação da atividade



A atividade proposta inspira-se na metáfora “a sabedoria constrói para si uma casa”, retirada do capítulo 24 do Livro dos Provérbios, na Bíblia. Trata-se de uma bela sugestão, pois ter uma casa significa possuir um lugar no mundo, um espaço e um direito de nele existir que ninguém nos pode retirar. Transportemos, então, essa sugestiva metáfora da ideia de sabedoria para nosso desejo de construir um lugar onde a paz possa habitar para sempre.

Para reforçar essa ideia, apresenta-se um contraste: o de uma cidade onde a violência reina há muitos anos, mas onde já existem sinais do que poderá vir a ser, no futuro, uma paz estável e duradoura, graças à criação de instituições orientadas para esse fim. A metáfora também se aplica à cidade entendida como “a casa de todos os cidadãos”.

O recurso utilizado na atividade é a “formulação de desafios”, que implica uma metodologia ativa e participativa. Consiste em apresentar um problema a um grupo de estudantes, que deverá enfrentar o desafio de encontrar uma solução razoável por meio de um processo de deliberação e decisão coletiva. Essa metodologia exige que os alunos trabalhem juntos para analisar o problema, compreender suas causas, imaginar suas possíveis consequências e elaborar um plano de ação que permita responder à dificuldade em questão.

Nesse caso, o objetivo é elaborar um plano com dez pontos fundamentais para consolidar a paz na cidade de Boafortuna, respeitando as condições estabelecidas em um “roteiro para a paz” previamente definido. Devem ser propostas dez medidas concretas, cada uma delas com uma descrição clara, o prazo de execução, o respectivo responsável e a forma de obtenção dos recursos necessários. Trata-se de um exercício de reflexão e de planejamento, pois não basta encontrar uma solução para o problema apresentado; é necessário que ela seja a melhor possível, razoável, exequível em curto e médio prazos, com reais possibilidades de concretização e, sobretudo, que constitua uma solução integral e aceitável para as diferentes partes envolvidas no conflito.

O valor dessa atividade reside na oportunidade que oferece de encontrar alternativas sensatas e viáveis para o problema apresentado, além de promover o trabalho colaborativo na elaboração de um plano de ação. Por meio desse processo, os alunos não só desenvolvem competências de análise e resolução de problemas, como também aprendem a trabalhar em equipe e a comunicar suas ideias de modo eficaz. É fundamental que a solução encon-

“O objetivo é converter a violenta Boafortuna em um lugar onde resida a paz, que seja seguro e sempre aberto a todos os cheguem a ela.”

trada pelo grupo seja comunicada da maneira mais clara, precisa e direta possível, por meio de um documento escrito, pois a eficácia do plano depende, em grande medida, da forma como é apresentado e compreendido.

Para aprofundar a aplicação dessa metodologia, recomenda-se consultar a atividade semelhante incluída nas obras *Herramientas pedagógicas para reconstruir el Pacto Educativo Global* (Bogotá: Santillana, 2022, p. 299-337) e *Creo en el Pacto Educativo Global* (Buenos Aires: Santillana, 2024, p. 150-161), ambas disponíveis gratuitamente no site da CIEC. Embora os casos ali apresentados sejam diferentes do proposto nessa atividade, constituem uma valiosa fonte de ferramentas para a aplicação da metodologia.



Orientações pedagógicas

O caso descrito na leitura é, ao mesmo tempo, simples e complexo. É simples porque se situa em um espaço com características muito específicas: uma cidade portuária com abundantes recursos hídricos, intensa atividade econômica, potencial turístico ainda por desenvolver e uma população majoritariamente de afrodescendente, com traços culturais próprios. Esses aspectos são essenciais para que as soluções propostas sejam adequadas a essa realidade e diferentes, por exemplo, das que poderiam ser eficazes em cidades situadas nos vales e montanhas da América. É também um caso complexo porque a cidade vive há muito tempo uma grave situação de violência que não pode ser resolvida com medidas fáceis ou simplistas, ou seja, não adianta uma atitude muito tolerante em relação aos criminosos nem uma repressão severa. Isso exige a busca de alternativas mais complexas, que levem em consideração que a violência em Boafortuna resulta de múltiplos fatores que devem ser analisados com cuidado: a localização geográfica, a pobreza, as atividades econômicas ilegais, a degradação da educação e da cultura etc. Sendo uma comunidade onde a violência está profundamente enraizada, é necessário pensar em soluções que promovam verdadeiras mudanças nas condições de vida e nos hábitos dos cidadãos, e não em soluções de curto prazo que beneficiem apenas aqueles que detêm o poder, tanto no nível dos bairros (dominados pelos “combos”) como no de toda a cidade (políticos que não reconhecem o esforço das mulheres na luta pela paz ou que defendem políticas de repressão severa).

É importante compreender que não se pretende negociar um “acordo de paz”, pois isso, por um lado, só pode ser conduzido pelos governantes de âmbito nacional, e não pelas autoridades locais, e, por outro, implicaria um processo de diálogo que poderia prolongar-se por muito tempo. O objetivo é, antes, elaborar um plano de paz que possa ser posto em prática ao longo de quatro anos em uma cidade específica e que implique necessariamente a desarticulação, a desmobilização e o desarmamento dos “combos”, os quais, por meio de um representante na comissão de paz, manifestam sua vontade de participar nesse processo. Esse último aspecto torna-se compreensível porque as mulheres que lutavam pela paz já haviam conseguido, com suas ações, iniciar esse processo de desmobilização e desarmamento, e agora a prefeita, que fez parte desses movimentos de resistência, assume diretamente a condução dele.





Contudo, o plano de paz deve ser uma solução integral, redigida em dez pontos que respondam aos problemas de violência que afetam a cidade. Por isso, além da desmobilização e do desarmamento de todos os grupos criminosos armados, tem de promover novas oportunidades econômicas de produção para cidadãos organizados em microempresas e cooperativas, novas oportunidades de educação e emprego para os jovens e, de modo geral, um conjunto de transformações culturais compatíveis com um plano de desenvolvimento de curto e médio prazos. Por isso, é preciso insistir nesse aspecto fundamental: o que a prefeita pretende, e aquilo em que espera ser apoiada pelos membros da comissão, é descobrir como transformar a cidade em seus modos essenciais de produzir e de viver, *como transformar uma cultura de violência em uma cultura de paz e reconciliação*. Deve-se evitar, portanto, qualquer forma de vingança ou represália e, ao mesmo tempo, encontrar maneiras de reparar os danos por aqueles que cometeram injustiças contra outros cidadãos, por meio de atividades de trabalho que favoreçam sua integração na comunidade e a reconciliação com as vítimas. Assim, a reparação dos danos causados pelos agressores e o perdão concedido pelas vítimas devem constituir a pedra angular de todo esse processo.

Ao longo da atividade, é fundamental uma orientação criteriosa do professor. O docente deve manter uma atitude de escuta atenta em relação às propostas elaboradas pelos alunos, evitando classificá-las como boas ou más, corretas ou incorretas, convenientes ou inconvenientes. No entanto,

recomenda-se que coloque algumas questões e apresente objeções respeitosas às propostas dos alunos, de modo a levá-los a esclarecer aspectos que possam revelar-se vagos ou ambíguos. O professor deve também garantir um ambiente de máximo respeito entre todos os alunos, para que não haja nenhuma forma de zombaria, desvalorização ou ofensa. Sugere-se ainda que promova um ambiente de trabalho marcado pela seriedade e pela reflexão profunda. Para isso, pode ser útil seguir, tanto quanto possível, a metodologia proposta, não porque seja a única válida, mas porque confere ordem e coerência à atividade. Naturalmente, o professor pode introduzir as adaptações que considerar adequadas.

Para a realização dessa atividade, propõem-se quatro sessões de trabalho.

1ª sessão

Recomenda-se que essa primeira sessão seja dedicada à leitura atenta do texto, para que os alunos se familiarizem com o caso nele apresentado. Em seguida, é importante formar equipes de quatro participantes, uma vez que elas permanecerão assim constituídas para o trabalho nas sessões seguintes e porque cada integrante representará um dos membros da comissão de paz. Sugere-se ao professor que incentive os estudantes a compartilhar o que mais lhes chamou a atenção na história. Também é conveniente, após a leitura, lhes colocar algumas perguntas de compreensão, a fim de garantir que o conteúdo foi corretamente assimilado. É importante ressaltar que não percam de vista as condições estabelecidas pela prefeita para a comissão, uma vez que deverão ser consideradas no plano que cada equipe vai elaborar. Para orientar essa primeira sessão, podem ser úteis as cinco perguntas apresentadas no final da leitura:

- Você achou essa história interessante? Por quê?
- Você conhece alguma história semelhante? Comente com seus colegas.
- Você acredita que é possível que um plano de paz funcione em uma comunidade onde tenha existido tanta violência? Justifique sua resposta.
- Que oportunidades de desenvolvimento ou potenciais você acredita que uma cidade portuária como Boafortuna poderá ter? Identifique pelo menos cinco que possam ser aproveitadas.
- Como você viu, a comissão não é muito numerosa (apenas quatro pessoas, representando diferentes interesses da cidade). Você acha que estão representados todos os que deveriam estar? Falta alguém? Quem?

2ª sessão

Para esse segundo momento, recomenda-se que cada equipe entre em acordo sobre a distribuição dos papéis dos membros da comissão e reveja o caso, de modo a compreender plenamente o que a prefeita pretende. Também nessa sessão, cada membro da comissão deve apresentar e justificar, perante sua equipe, as seis propostas que elaborou para o plano de paz. É importante que o docente recorde aos alunos que utilizem a matriz disponibilizada para esse propósito.

3ª sessão

Nessa sessão, as equipes mantêm-se constituídas para discutir as propostas apresentadas e reduzi-las a dez. Para isso, sugere-se que, além de seguirem as recomendações gerais da atividade (para a identificação das propostas comuns), analisem cada uma delas para discernir quais são as mais adequadas, exequíveis no prazo previsto e viáveis de acordo com os recursos disponíveis. Nesse momento, é oportuno que as equipes apresentem seu projeto de “Casa para a Paz”, cuja elaboração pode ser repartida entre os quatro integrantes ou confiada a um deles (por exemplo, ao educador). É importante permitir que o projeto seja apresentado com total liberdade, indicando apenas que não se esqueçam de incluir elementos arquitetônicos e culturais: distribuição e finalidade dos espaços, nomes especiais para a casa e para cada um de seus espaços, símbolos que lhe confirmem identidade, eventos que nela se realizariam, tipo de usuários e regras de utilização etc. Em síntese, nessa sessão, as equipes deverão apresentar tanto as dez propostas para transformar Boafortuna em uma cidade de paz como o projeto de “Casa para a Paz”.

4ª sessão

Nesse último momento da atividade, é necessário analisar, com a turma, as propostas apresentadas pelas equipes para estabelecer, com base em todas as contribuições, os dez pontos definitivos de um plano de paz que atenda às expectativas da prefeita e dos diferentes cidadãos dessa localidade. Como já foi dito, deve ser um plano razoável, que mobilize toda a comunidade e seja exequível no prazo máximo de quatro anos.





Atividades complementares



A missão dos discípulos de Cristo: levar uma mensagem de paz

Um verdadeiro cristão é, e deve sempre ser, uma pessoa de paz; não apenas alguém que irradia paz em todos os seus pensamentos e ações, mas também alguém que leva a paz a toda parte. O reino de Deus é um reino de justiça e paz, e onde não há paz é impossível que esse reino se realize. Por isso, quando Jesus enviou seus discípulos por todo o mundo, enviou-os sempre como mensageiros da paz. Leia a passagem do Evangelho a seguir e comente-a com seus colegas com base nas perguntas propostas.

Depois disto, o Senhor designou outros setenta e dois e enviou-os, dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares onde Ele próprio havia de ir. Dizia-lhes:

— A colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores para a sua colheita. Ide! Eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos. Não leveis bolsa, nem alforge, nem sandálias. E não vos detenhai a saudar ninguém pelo caminho. Quando entrardes numa casa, dizei primeiro: “A paz esteja nesta casa.” Se lá houver alguém que seja digno da paz, a vossa paz repousará sobre ele; caso contrário, voltará para vós. Permanecei nessa mesma casa, comendo e bebendo do que houver, porque o trabalhador tem direito a seu salário. Não andeis de casa em casa. Quando entrardes numa cidade e vos receberem, comei do que vos servirem.

Curai os doentes que nela houver e dizei ao povo: “O Reino de Deus está próximo de vós.”

Mas, se entrardes numa cidade e não vos receberem, saí para as suas praças e dizei: “Até o pó da vossa cidade que se pegou aos nossos pés o sacudimos e devolvemos a vós.” Contudo, ficai a saber que o Reino de Deus está próximo. Digo-vos que, naquele dia, o castigo de Sodoma será menos severo do que o dessa cidade (Lucas 10,1-12).

1. De que você mais gosta daquilo que Jesus nos diz aqui? Por quê?
2. O que Jesus nos recomenda fazer quando não existe paz em um lugar? Isso lhe parece correto? Por quê?
3. Há pessoas que, como os soldados e os policiais, para defenderem a si mesmas e para defenderem os outros, têm de usar armas. Essas pessoas podem ser seguidoras de Cristo? Justifique sua resposta.

Inventar uma “Casa para a Paz” no meio em que vivemos

(atividade de reflexão e imaginação)

Também a paz precisa de uma casa, de um lugar onde viver, de um espaço para habitar. Esse espaço deve ser, antes de tudo, o coração e a mente das pessoas, porque, se a paz não habitar neles, será impossível que reine em nossa casa, em nosso bairro, em nossa escola, em nossa cidade, em nosso país, no mundo inteiro.

Começemos pelo que nos é mais próximo: as pessoas com quem compartilhamos a casa, o bairro, a escola e a comunidade. Por vezes, surgem conflitos com essas pessoas e não sabemos como resolvê-los de maneira sensata e pacífica. Por que não imaginar um lugar onde isso seja possível? Por que não criar um espaço dedicado ao diálogo, ao perdão e à reconciliação? Reflita com base nas seguintes perguntas:

- Onde e com quem você gostaria de construir uma Casa para a Paz? Por quê?
- Como seria essa casa? Imagine-a: como seria a entrada? Como você a decoraria? Quantos cômodos teria? Para que serviria cada um deles? Com quem você gostaria de compartilhar ou usar essa casa?
- Agora convide algumas pessoas para a inauguração. Uma possibilidade é fazer isso por meio de um pequeno texto, em forma de poema, que você poderá criar completando frases como estas:

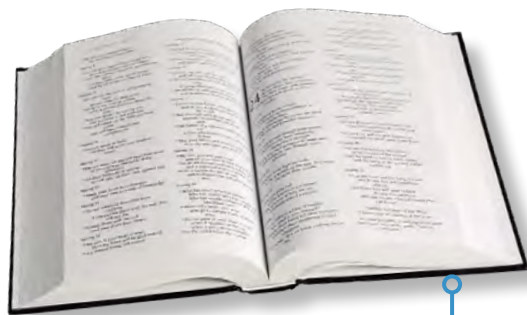
*Convido você a compartilhar minha nova casa...
É uma Casa para a Paz. Nela você poderá...
Sua porta é feita de...
Tem... cômodos. Neles você poderá...
Lá estarei à sua espera, juntamente com...*

- Compartilhe seu poema com os colegas.



Um texto para lembrar

O Livro dos Provérbios é um dos mais belos livros da Bíblia. Nele se reúnem ensinamentos de grandes sábios da Antiguidade que, ainda hoje, continuam a iluminar-nos. São frases breves, mas profundamente significativas, das quais todos podemos aprender e desfrutar, ainda mais quando lidas devagar e em voz alta. Convidamos você a ler alguns desses provérbios e a escolher um de que goste muito para comentar com um colega. Se apreciar esse pequeno exercício, consulte o Livro dos Provérbios para conhecer outros ensinamentos.



Não invejes os malvados,
nem desejes viver com eles,
porque o seu coração maquina violências
e os seus lábios falam de maldade.
Com a sabedoria constrói-se uma casa,
com a prudência ela permanece firme;
com o conhecimento enchem-se os seus aposentos
de bens, riquezas e conforto.
Mais vale a habilidade do que a força,
e a experiência do que o vigor.
Com bons planos vence-se a guerra,
e a vitória é fruto do bom conselho.
A sabedoria é demasiado elevada para o insensato;
ele não abrirá a boca em público.
Aquele que maquina o mal
será chamado mal-intencionado;
quem trama loucuras fracassará;
o insolente é detestado pelos homens.
Desanimaste no momento do perigo?
Então tua força é limitada.
Salva os que foram condenados à morte;
livra do perigo aqueles que estão prestes a morrer.
Mesmo que digas: "Não o sabia",
não o saberá Aquele que pesa os corações?

Não o saberá Aquele que vela pela tua vida
e retribui a cada um segundo as suas obras?
Meu filho, come mel, porque é bom;
o favo é doce ao paladar.
Assim sejam o conhecimento e a sabedoria para a tua alma;
se os alcançares, terás um futuro
e a tua esperança não será frustrada.
Não armes ciladas à casa do justo,
nem destruas a sua morada;
porque, ainda que caia sete vezes,
o justo tornar-se-á a levantar,
enquanto os malvados sucumbirão na desgraça.
Se o teu inimigo cair, não te alegres;
se tropeçar, não exultes,
para que o Senhor não veja isso
e desvie dele a sua ira.
Não te perturbes por causa dos malvados,
nem invejes os que praticam o mal;
porque o perverso não tem futuro;
a lâmpada dos malvados apagar-se-á.
Meu filho, teme o Senhor e o rei;
não provoques nenhum dos dois,
porque o seu castigo pode surgir de repente;
e quem conhece a força da sua indignação?

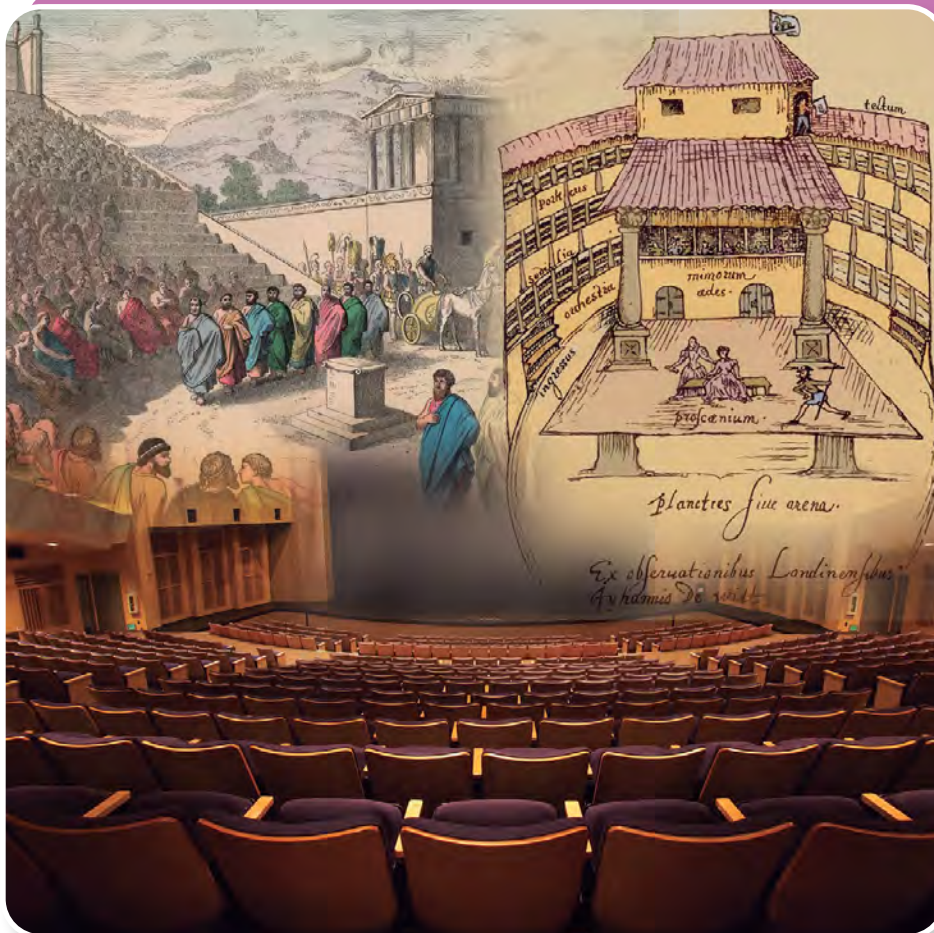
Provérbios 24,1-22.



Décima 13

*Que la paz que comunican
el árbol, río y la cascada
sea cien veces valorada
por lo que ellos significan.
Pues en Natura radican
mil motivos de concordia,
amor, fe, misericordia...
Entre la abeja y el gusano,
entre la montaña y el llano,
¡no habrá nunca discordia!**

* Tradução livre: Que a paz que transmitem / a árvore, o rio e a cascata / seja cem vezes valorizada / por tudo o que representam. / Pois na Natureza existem / mil motivos de concórdia, / amor, fé, misericórdia... / Entre a abelha e a lagarta, / entre a montanha e a planície, / jamais haverá discórdia!



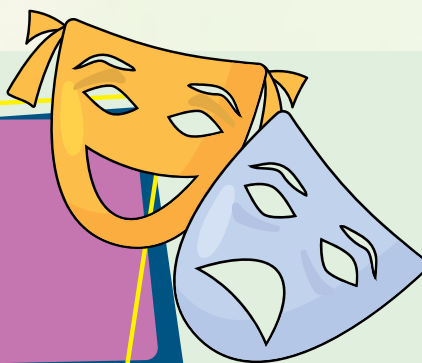
PAZ 13

**Montagem de uma obra teatral
sobre a paz:**

adaptação da comédia

A Paz, de Aristófanes

Atividade coletiva para alunos



A atividade proposta para esta penúltima unidade é a montagem de uma peça de teatro pelos estudantes, sob a coordenação de um ou mais de seus professores. O mais conveniente é que esses coordenadores tenham alguma experiência na montagem de peças teatrais.

Como arte cênica, o teatro costuma ser considerado uma “soma de todas as artes”, uma vez que reúne literatura (diálogo, poesia, narrativa), música (por vezes acompanhada de canto e dança), artes plásticas (na concepção do palco e da cenografia) e, naturalmente, a própria montagem teatral, que inclui a atuação e os aspectos técnicos (iluminação, som etc.). No âmbito escolar, podemos considerá-lo também um recurso com grande potencial pedagógico. Assim, a opção, nesta unidade, pela elaboração e montagem de uma obra dramática deve-se à enorme oportunidade que essa atividade oferece de aproximação com diferentes expressões artísticas e ao fato de permitir a participação de muitas pessoas com distintas habilidades, transformando-se em um exercício de aprendizagem coletiva.

A proposta, sobretudo para os alunos dos anos iniciais, é elaborar um roteiro teatral com base em qualquer uma das narrativas apresentadas nesta obra: os contos “Tiago de Cristal”, de Gianni Rodari, ou “O Gigante Egoísta”, de Oscar Wilde, as histórias de luta “Mandela, o rúgbi e o Papa” ou “Irene no País dos Centauros” etc. No entanto, sugerimos também uma alternativa para trabalhar com estudantes das séries mais avançadas (maiores de 13 anos): elaborar o roteiro teatral com base em uma comédia muito antiga, *A Paz*, do autor grego Aristófanes.

Trata-se de um *processo de criação coletiva*, pois todos os alunos de uma turma devem participar de alguma forma: alguns poderão trabalhar na elaboração do texto ou roteiro teatral; outros, atuar ou preparar a cenografia; e outros, colaborar com textos poéticos ou peças musicais que complementem o roteiro. Naturalmente, não nos esqueçamos daqueles que contribuirão com suas habilidades técnicas: iluminação, som, figurino, maquiagem etc. Tudo isso, claro, sob a direção de um professor.

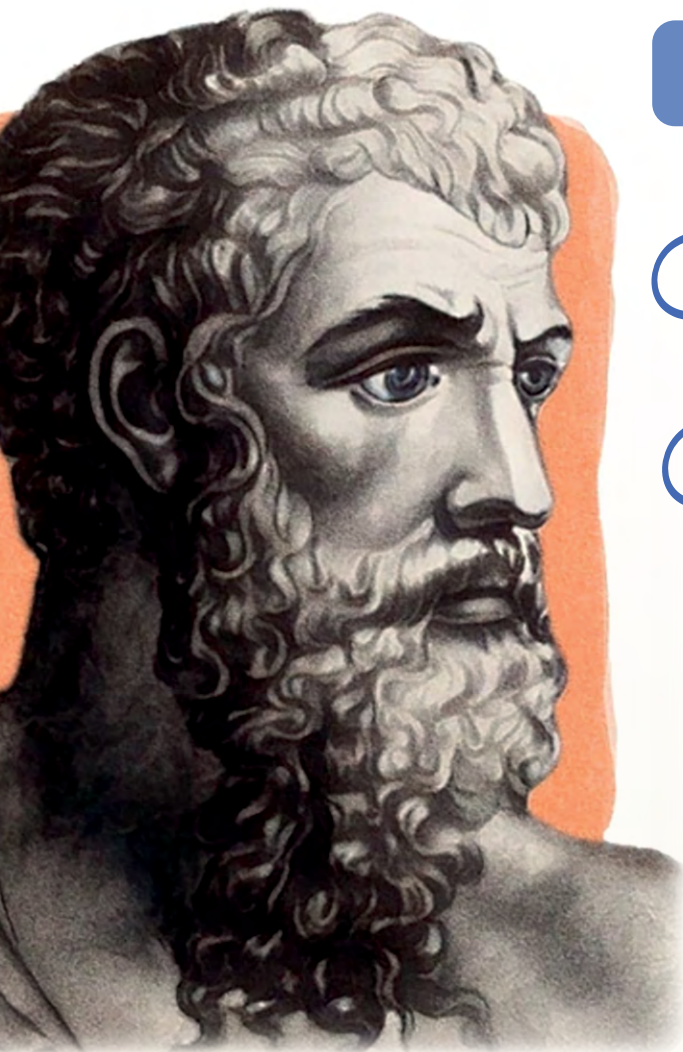
Recomenda-se que a encenação tenha duração máxima de meia hora (30 minutos) e seja realizada em um evento especial organizado pela instituição de ensino — por exemplo, uma Jornada da Paz, na qual se apresentem também outras peças teatrais, ou mesmo no âmbito de um Festival das Artes sobre a Paz, que reúna diferentes expressões artísticas, como música, poesia, pintura, escultura, dança, canto e arte digital. Nesse tipo de evento, é importante que participem tanto os estudantes quanto os professores e que ele ocorra ao final do ano letivo, depois, se possível, de os alunos terem realizado todas ou a maioria das atividades de reflexão sobre a paz propostas neste livro.



Um ponto de partida comum: **A Paz, de Aristófanes**

Embora alunos e professores devam se sentir livres para criar uma peça teatral sobre a paz, recorrendo às próprias experiências estéticas, gostos e interesses, é necessário que partam de um enredo comum, que cada turma interpretará e recriará após as reflexões, discussões e acordos estabelecidos internamente. Assim, propõe-se que esse enredo comum seja a comédia *A Paz*, do grande comediógrafo grego Aristófanes, escrita há quase 2.500 anos e cujo contexto e enredo serão apresentados adiante.

A vantagem de contar com um roteiro comum é que os demais elementos da peça podem ser adaptados ou modificados, desde que se preserve a estrutura básica do enredo da comédia de Aristófanes. Algumas dessas adaptações podem ser: situar a história em uma época distinta da Antiguidade (por exemplo, na Idade Média, na atualidade ou no futuro); ambientá-la em um lugar diferente da Grécia Antiga (por exemplo, em nosso país); mudar personagens ou criar outros; produzir novas cenografias; incluir poemas e canções sobre a paz. A ideia é que essas alterações se ajustem ao modelo dos personagens de *A Paz*.



■ Aristófanes

Contexto e argumento de

A Paz, de Aristófanes

Em 421 a.C., houve uma trégua na Guerra do Peloponeso (que durou quase trinta anos, entre 431 e 404 a.C.), na qual se enfrentaram as duas grandes potências da Grécia Antiga: Atenas e Esparta, cada uma com os respectivos aliados. Aristófanes, que era um crítico ferrenho da guerra e um pacifista convicto, escreveu e apresentou, naquele mesmo ano, sua comédia *A Paz*, que, de certo modo, apoiava essa breve trégua ou pequeno acordo de paz entre atenienses e espartanos, conhecido como Paz de Nícias. Nela, a guerra e a paz aparecem personificadas como duas deusas: Paz (Eirene ou Irene) e Guerra (Pólemos).

O personagem central da comédia é Trigeu, um camponês que decide viajar até o Olimpo, onde habitam os deuses, para resgatar Paz, que se encontra sequestrada por Guerra e seu servo, Estrago, que a mantêm enterrada em um buraco profundo, coberto por pedras muito pesadas, e planejam esmagá-la com um pilão gigante. Para conseguir seu objetivo, Trigeu precisa viajar até lá, e o veículo que escolhe para isso não é uma grande carruagem puxada por cavalos nem uma ave poderosa, mas um escaravelho gigante que se alimenta de bolas de esterco e é uma espécie de grande Pégaso, em cujo dorso o herói deverá chegar para resgatar Paz.

Na cena inicial da peça, dois servos de Trigeu alimentam o escaravelho com bolas de esterco e o preparam para levá-lo até o Olimpo. Depois dessa viagem fantástica pelos ares, Trigeu





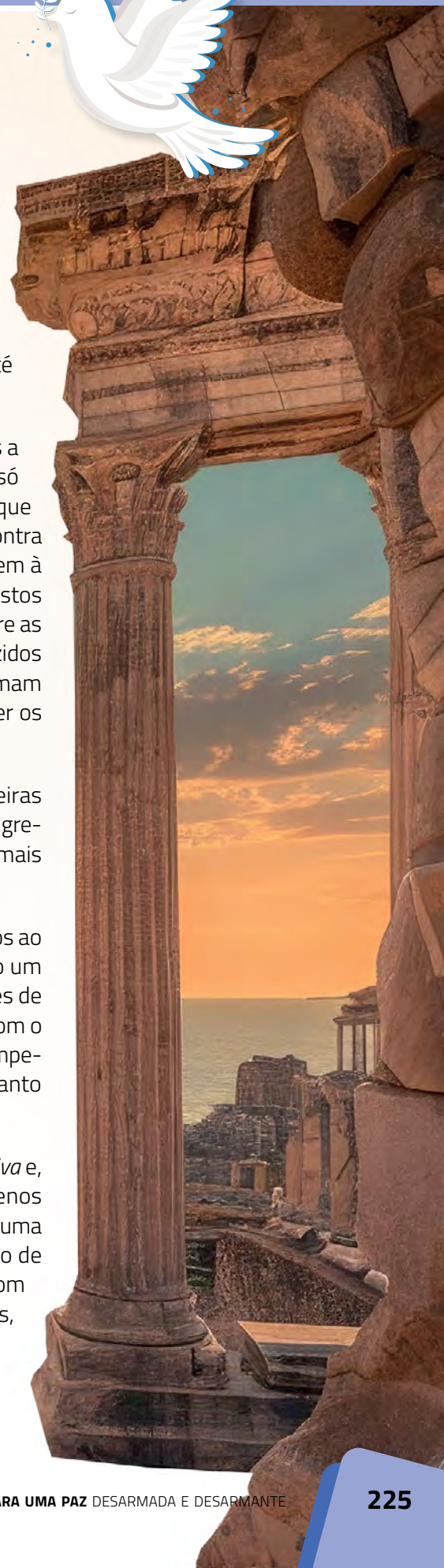
chega à morada dos deuses montado em seu escaravelho rola-bosta. Lá é recebido por Hermes, o mensageiro dos deuses, que está sozinho porque os outros deuses se mudaram para a parte mais alta do céu, horrorizados com a maneira como os gregos matam uns aos outros. No entanto, Guerra permaneceu ali e aprisionou Paz em uma caverna, cuja entrada cobriu com pedras. Pretende também colocar cada uma das cidades gregas em um pilão e triturá-las, com seus governantes, até que um dos dois lados alcance a vitória.

Trigeu aproveita um descuido de Guerra para convidar todos os gregos a resgatar Paz. Porém, essa primeira tentativa fracassa, porque alguns só querem se divertir, outros são preguiçosos e, sobretudo, há aqueles que se beneficiam do conflito bélico (como os traficantes de armas) e são contra o resgate da paz para os cidadãos. Trigeu, então, exclui os que se opõem à paz e começa a trabalhar apenas com os que a desejam e estão dispostos a trabalhar todo dia por ela, em especial as pessoas mais humildes, entre as quais os camponeses, assim como ele. Nessas passagens, são introduzidos os coros dos cidadãos, que cantam suas reflexões sobre a paz e declamam belos poemas para louvá-la e rejeitar a guerra como forma de resolver os conflitos entre os cidadãos e entre as cidades.

Por fim, Trigeu e seus aliados libertam Paz e duas de suas companheiras mais fiéis: Colheita e Festa. No entanto, Paz continua aborrecida com os gregos e, a princípio, só se entende com Trigeu, razão pela qual somente mais tarde retorna a Atenas.

Na parte final da peça, há três acontecimentos importantes relacionados ao retorno de Paz às cidades: 1) alguns querem comemorar sacrificando um animal, mas Paz se opõe, porque não gosta de sangue; 2) os traficantes de armas começam a vender armamentos a preços baixos à população, com o objetivo de reacender o espírito guerreiro, porém Trigeu e os demais os impedem; e 3) então, os traficantes de armas têm de deixar Atenas, enquanto Trigeu e Colheita se casam.

Como já assinalado, essa é uma atividade de *criação coletiva* e, por se tratar de uma representação teatral, há pelo menos duas tarefas básicas, cada uma com sua complexidade: uma delas é criar um roteiro próprio com base no enredo de Aristófanes; a outra, iniciar a montagem da peça, com todos os seus elementos fundamentais — textos, música, cenografia, iluminação etc.



Algumas considerações para a elaboração do roteiro

Para essa primeira tarefa, é conveniente que o professor ou os professores envolvidos tenham lido previamente a comédia original de Aristófanes. Entretanto, não se recomenda lê-la com os alunos, pois é difícil de acompanhar, tanto por alguns excessos de linguagem quanto pelo fato de o humor do autor ser próprio de sua época e, hoje, nos parecer distante. Por isso, o melhor é identificar dez elementos-chave que devem ser preservados no roteiro:



1. O objetivo é resgatar Paz, que foi sequestrada por Guerra. Ambas têm de manter sua condição de deusas, assim como Colheita e Festa. Também deve haver um mensageiro dos deuses.
2. Guerra pretende acabar com a vida das cidades (ou dos países) e de seus cidadãos.
3. O personagem central deve ser um cidadão comum, assim como Trigeu, que é camponês.
4. É feita uma viagem a uma esfera superior (o Olimpo, os céus), onde Paz se encontra aprisionada.
5. A viagem deve ser feita em um veículo fantástico (como o escaravelho rola-bosta gigante).
6. Deve haver um diálogo entre o mensageiro dos deuses (equivalente a Hermes) e o protagonista (equivalente a Trigeu).
7. Deve ser representada uma cena que mostre como o protagonista liberta Paz e derrota Guerra.

- 8.** Devem aparecer personagens que se opõem à paz, como os traficantes de armas, entre outros.
- 9.** É necessário incluir passagens em que participem cidadãos com seus cantos, poemas, pantomimas ou outras manifestações artísticas, desempenhando o papel dos coros no teatro antigo.
- 10.** Devem ser representados os três acontecimentos mencionados ao final do resumo do enredo.

Os demais elementos do roteiro, portanto, podem ser modificados na versão criada pela turma: personagens, diálogos ou falas, ambientes, atmosferas etc.

Para elaborar o roteiro, sugere-se que o professor organize uma reunião com seus alunos para que façam uma sessão de *brainstorming* (discussão de ideias). Para isso, recomenda-se realizar uma leitura coletiva tanto da proposta da atividade quanto do texto que apresenta o enredo da comédia de Aristófanes e suas possíveis adaptações. Vale enfatizar que os dez elementos-chave para a elaboração do roteiro não devem ser perdidos de vista. É importante deixar claro a todos os estudantes que eles podem e devem contribuir para o roteiro, mesmo que depois participem como atores ou técnicos na encenação.

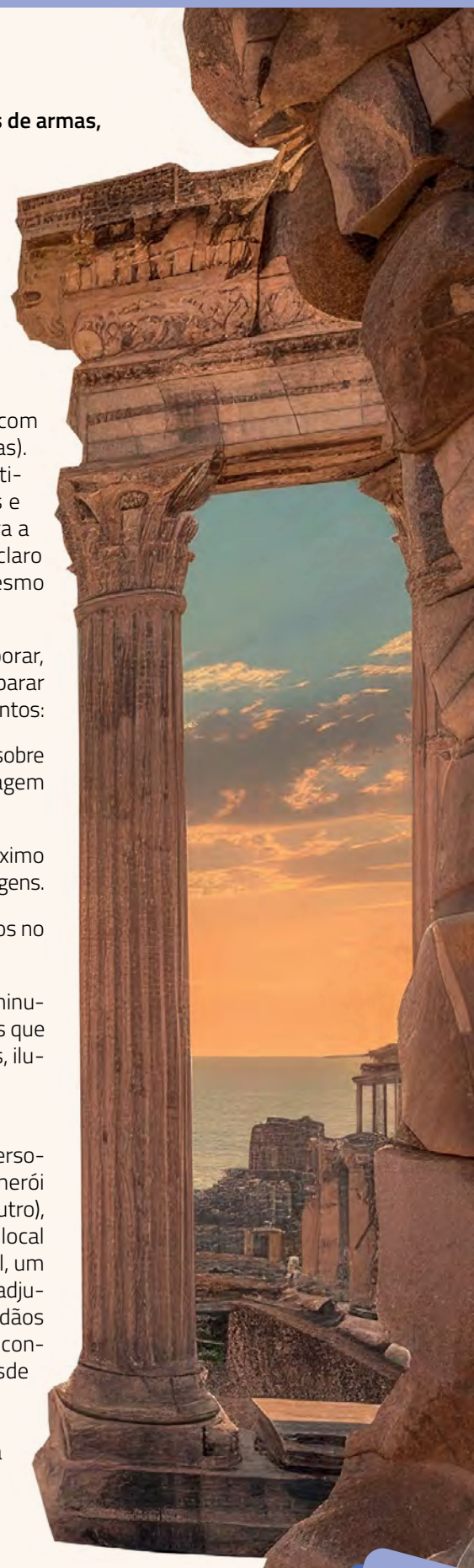
Uma vez alcançado um acordo sobre o tipo de peça que a turma deseja elaborar, sugere-se encarregar uma pequena equipe de alunos (três ou quatro) de preparar uma primeira versão do roteiro que contenha, pelo menos, os seguintes elementos:

- Um prólogo, no qual se apresente uma introdução à peça que leve à reflexão sobre o sentido da paz. Essa parte pode adotar um estilo literário próprio: linguagem poética, humorística ou irônica.
- Três atos, com aproximadamente sete minutos cada um, contendo no máximo três cenas nas quais se desenvolvam as ações e os diálogos entre os personagens.
- Alguns poemas e canções sobre a paz que possam ser recitados ou cantados no prólogo ou nos intervalos entre os atos 1 e 2 e entre os atos 2 e 3.

A leitura em voz alta do texto completo do roteiro não deve ultrapassar vinte minutos, pois é necessário reservar pelo menos dez minutos para outros elementos que complementam os diálogos entre os personagens: poemas, canções, silêncios, iluminação, cenografia etc.

Uma revisão básica consiste em certificar-se de que estejam representados personagens como Paz, Guerra, Colheita e Festa (deuses ou seres supremos), um herói (que deve ser um cidadão humilde), um mensageiro dos deuses (Hermes ou outro), bem como o meio de transporte utilizado pelo protagonista para viajar até o local onde Paz está aprisionada (o escaravelho ou outro animal, uma nave espacial, um balão, um avião etc.). Naturalmente, há também uma série de personagens coadjuvantes que deverão aparecer ao longo da peça: os escravos de Guerra, os cidadãos vítimas da guerra, os traficantes de armas e os cidadãos que cantam canções contra a guerra e a favor da paz. É fundamental que cada estudante assuma, desde o início, o papel ou a função que desempenhará na peça.

Para finalizar, é importante que toda a turma faça os ajustes necessários, defina e aprove o roteiro, para que se possa então proceder à montagem da peça.



Alguns pontos-chave para a montagem da peça

Entramos agora na parte mais técnica: a montagem da peça e sua encenação. Para que isso seja possível, os seguintes papéis devem estar claramente definidos:

Diretor

O mais recomendável é que seja um professor, preferencialmente com experiência em teatro.

Atores

Aqueles que interpretarão os personagens, tanto individuais quanto coletivos (integrantes dos coros, diferentes tipos de cidadãos etc.).

Criadores do roteiro

Equipe responsável pela redação da primeira versão, cujos integrantes também podem atuar ou colaborar em alguma das tarefas técnicas.

Técnicos

Responsáveis pela montagem da peça em seus aspectos materiais: figurino, iluminação, cenografia, música e som, adereços cênicos etc.

Assistentes de direção

Aqueles que devem elaborar propostas para o desenvolvimento e a execução dos aspectos teatrais e técnicos, por exemplo: o uso da iluminação para representar o dia e a noite; a confecção ou seleção das roupas de acordo com determinada época; a seleção ou definição da música, conforme seja música de fundo ou interpretada ao vivo; e a definição do projeto cenográfico. Todas essas propostas têm de ser aprovadas pelo diretor da peça.



O mais recomendável é que todas essas funções ou formas de participação sejam claramente definidas e atribuídas desde o início; no entanto, pode haver mudanças ao longo da montagem, desde que sejam justificadas.

É fundamental definir local e horário para os ensaios. Enquanto os atores ensaiam, sob a orientação do diretor, os demais participantes devem trabalhar nos outros aspectos da encenação.

Por fim, é preciso definir tanto a data da apresentação quanto a forma como a peça será divulgada.

Como apoio para a realização dessa atividade, os estudantes e os professores podem recorrer a algum vídeo tutorial no YouTube ou, se preferirem, contar com a ajuda de um especialista, como um dramaturgo ou ator profissional.

Décima 14

*Que la paz será una fiesta
del teatro y otras artes
que vendrán de muchas partes
a tocar en esta orquesta.
Esta es, pues, mi apuesta:
Que juego, danza, poesía,
música, humor y alegría
hoy poblarán este lugar
para hacerlo su hogar...
¡Un hogar de fantasía!**



* Tradução livre: Que a paz seja uma festa / do teatro/""""de outras artes, / que virão de muitas partes / para tocar nesta orquestra. / Esta é, pois, a minha aposta: / que brincadeira, dança, poesia, / música, humor e alegria / hoje povoem este lugar / para nele fazer seu lar... / Um lar de fantasia!



PAZ 14

**Montagem de uma atividade
artística compartilhada:**

*apresentação dos docentes para um
"Dia da Paz"*

Atividade para a comunidade escolar

A atividade desta última unidade consiste na organização de um *festival cultural de celebração da paz*, com a participação dos membros da instituição de ensino (estudantes, professores, gestores, ex-alunos, convidados especiais etc.), sob a coordenação dos docentes.

Recomenda-se que o evento tenha um nome que faça referência direta à busca pela paz e à ideia de que ela é algo que vale a pena sempre celebrar com alegria. Para isso, é essencial que um grupo de professores, responsável pela organização do festival, elabore uma proposta que inclua uma justificativa e objetivos claros. É conveniente que o nome inclua a ideia concreta da celebração da paz: pode chamar-se simplesmente “Dia da Paz” ou “Jornada pela Paz”, mas cabe aos docentes escolher um nome que seja mais sugestivo para seus contextos.

A intenção é que esse “Dia da Paz” constitua uma oportunidade para que diferentes pessoas e grupos da comunidade escolar possam mostrar como trabalham pela paz no dia a dia ou como celebram o fato de morarem em um país onde, apesar de tudo, é possível viver em paz. O ideal é que essas manifestações sejam o resultado do trabalho desenvolvido ao longo deste curso. Além disso, o festival pode ser uma ocasião propícia para manifestar a rejeição a todas as guerras e mesmo a um conflito bélico considerado profundamente injusto e nefasto. Recomenda-se, contudo, ter o cuidado de não transformar o festival em um comício político e mantê-lo como um evento cultural. Para isso, é importante concentrar-se nas artes e em suas formas de expressão.

Sugere-se que essa jornada seja realizada próximo ao final do ano letivo, para que se possa apresentar o trabalho que estudantes e professores desenvolveram ao longo do curso e que está estreitamente relacionado à reflexão sobre o sentido e as condições da “paz desarmada e desarmante”, proposta pelo Papa Leão XIV.

O festival deve ser um ato público do qual participe o maior número possível de pessoas. Por isso, é importante considerar a utilização de um auditório amplo, onde possam se reunir estudantes e professores dos diferentes níveis de ensino. No entanto, de acordo com as condições da escola, o evento pode ser realizado ao ar livre ou até abranger tanto espaços fechados quanto áreas ao ar livre.





Algumas propostas para um festival pela paz

Quanto às expressões artísticas, sugere-se que o festival ofereça uma mostra cultural abrangente, isto é, que inclua tanto as artes clássicas, como literatura, música, teatro, escultura, pintura e arquitetura, quanto aquelas que surgiram nas épocas moderna e contemporânea — fotografia, cinema, vídeo, histórias em quadrinhos e todas as manifestações da arte digital. A seguir, apresentam-se alguns exemplos dos tipos de atividades artísticas e lúdicas que podem ser desenvolvidas durante essa jornada. Vejamos algumas possibilidades:



Obras teatrais

O ideal é que, se possível, sejam apresentadas as encenações propostas na unidade 13, reunindo diversas opções desenvolvidas por diferentes turmas e níveis de ensino. Assim, por exemplo, as crianças dos anos iniciais da educação básica podem fazer uma breve apresentação teatral — inclusive um musical — dos contos "Tiago de Cristal" ou "O Gigante Egoísta", e os alunos das séries mais avançadas, encenar suas várias versões da peça *A Paz*, de Aristófanis.



Obras musicais

Podem ser apresentadas desde peças musicais clássicas, como a "Ode à alegria", de Beethoven, ou a *Música aquática*, de Händel, até canções populares, como "Noite feliz" ou "Para a guerra, nada", de Marta Gómez. Esses exemplos são mencionados neste livro, mas, sem dúvida, há muitas outras canções que transmitem uma mensagem de paz.



Obras poéticas

É possível utilizar os poemas sobre a paz presentes neste livro ou outros disponíveis na internet, de preferência de autores reconhecidos. Sugere-se que a leitura ou recitação dos poemas seja acompanhada de música, com a ajuda de um professor dessa área. Para esta obra, foram compostas algumas “décimas da paz” (décima é um tipo de composição poética muito característico do mundo hispano-americano), que se encontram na abertura de cada unidade e que também podem fazer parte do conjunto de poemas a serem recitados, musicados ou até acompanhados de imagens, de modo a transmitir uma mensagem de paz.



Exposições fotográficas

Aqui propomos a realização de exposições fotográficas que abordem temas relacionados à paz. Por exemplo, retomando a unidade 3, sobre as quedas-d'água, pode-se fazer uma pequena instalação com imagens de cascatas, cataratas, saltos, fontes etc., acompanhadas pelos respectivos sons. Naturalmente, esse é apenas um exemplo, e cabe aos estudantes e professores enriquecer as propostas. Uma possibilidade é uma coleção de fotografias das personalidades que mais contribuíram para a construção da paz mundial nos últimos séculos (sem deixar de incluir Mahatma Gandhi, Martin Luther King, Nelson Mandela e Rigoberta Menchú).



Vídeos

Podem ser utilizadas produções audiovisuais disponíveis na internet que mostrem momentos cruciais da paz nacional ou mundial dos últimos tempos, como o discurso mais famoso de Martin Luther King, "Eu tenho um sonho", cuja tradução completa é apresentada na unidade 8. Na plataforma YouTube, é possível encontrar vídeos desse acontecimento de enorme importância para a paz nos Estados Unidos e no mundo, além de registros de outros momentos importantes, como os Acordos de Camp David, em que Egito e Israel firmaram a paz, ou a queda do Muro de Berlim. Uma mostra dos vídeos selecionados pode ser muito significativa, desde que sejam devidamente contextualizados. Essas produções audiovisuais também servem para mostrar os horrores da guerra, como a devastação e o sofrimento causados pelas duas bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, a destruição de Varsóvia pela Alemanha nazista, que marcou o início da Segunda Guerra Mundial, ou os recentes bombardeios na Ucrânia e na cidade de Gaza. No entanto, o objetivo não deve se limitar à exibição dos vídeos; é importante que haja espaço para o diálogo ou o debate, a fim de ajudar crianças e jovens a compreender a origem e o significado desses conflitos.



Pinturas

São muitas as obras pictóricas que nos falam da paz e da guerra. Aprender a apreciá-las desenvolve nosso senso estético e nos ajuda a cultivar uma sensibilidade para a paz que nos leva a questionar o sentido da guerra. Para isso, é importante favorecer a compreensão do contexto específico em que surgiram obras como *Pomba da paz*, de Pablo Picasso; *Mural pela paz*, de Per Krohg; *Alegoria da paz e da justiça*, de Corrado Giaquinto; *Nenúfares*, de Claude Monet; *Céu azul*, de Wassily Kandinsky; e *Noite estrelada sobre o Ródano*, de Vincent van Gogh. Poderiam ser incluídas também obras que surgiram como denúncia das atrocidades e injustiças da guerra, como *Guernica*, de Pablo Picasso, ou *O navio negroiro*, de J. M. W. Turner.



Arte digital

Há também as alternativas de expressão e criatividade oferecidas pela tecnologia digital, com sua diversidade de ferramentas, variedade de formatos e ampla interatividade, que abrem novos caminhos para a criação de mensagens e significados em favor da paz mundial e contra a guerra entre as pessoas e os povos. Alguns exemplos são a arte generativa, a pintura digital e a modelagem 3D.

Esta é apenas uma mostra geral das muitas possibilidades que surgem quando a arte é utilizada como instrumento em favor da paz. Assim, cada organizador ou coordenador desse festival pela paz pode propor ou desenvolver outras opções, caso considere necessário.



Não se deve esquecer que uma comunidade educativa reúne inúmeros talentos individuais que, idealmente, deveriam ser aproveitados e incentivados: estudantes que cantam ou tocam um instrumento musical, professores que pertencem a um grupo musical ou que regem ou participam de uma orquestra, funcionários da escola com diferentes habilidades artísticas, como dança, prestidigitação, mímica ou criação de coreografias.

Como contribuição final para esta obra e, em especial, para o festival pela paz, o professor Diego Antonio Pineda R. (autor deste livro) apresenta as "**décimas da paz**" a seguir, algumas das quais, caso se considere pertinente, podem ser lidas, recitadas ou mesmo musicadas, na íntegra ou apenas em alguns trechos, conforme as necessidades do festival (como nas aberturas dos capítulos, foram mantidas em espanhol; a tradução livre de cada uma encontra-se na p. 240).

1

Que la paz es solo sueño
te dirán, una y otra vez,
esos otros que, tal vez,
solo saben fruncir ceño.
Es cuestión de empeño,
disciplina... y de constancia,
buen humor y tolerancia.
¡Que la paz no la regalan,
ni los grandes la exhalan
en sus toques de ignorancia!

4

Tal vez no sea paloma,
y no sea blanca ni torcaz;
tal vez sea solo la paz,
sin cetro y sin diploma.
Te propongo nuevo axioma:
que la paz sea un camello
y que todos, de su cuello,
nos colguemos algún día...
¡Y tengamos la osadía
de luchar siempre por ello!

7

Tal vez nos libren las armas
de un yugo prolongado...
Pero, si no hay tratado,
¡prendan pronto las alarmas!
Que rencores son fantasmas
y desatan ya los miedos
y anudan nuestros dedos
y desgarran las entrañas
y, como viejas telarañas,
nos atrapan en enredos.

2

No lo olvides, tú, Mauricio:
no se vence al más fuerte
provocando ya su muerte,
sino a punta de buen juicio.
No tomes ese precipicio
que termina en una tumba;
haz de la paz una rumba
llena de risas y alegría,
de tesón, verdad y de porfía...
Que, si no, ¡todo se derrumba!

5

Que una verdadera paz
no es aquella *Pax romana*
de la que solo emana
gente débil y rapaz.
Espero que seas capaz
de construirla con justicia,
verdad, perdón... y sin codicia,
de esa que rompe el saco
y nos deja, cual bellaco,
podridos de avaricia.

8

Ni poder de vencedores
ni la paz de los vencidos
ni disputas de partidos
ni conjuros de doctores.
La paz se hace, señores,
con hijos de la violencia;
y con algo, sí, de ciencia,
de perdón y de verdad...
¡y con esa humildad
que enseña la prudencia!

3

Y, si "Hakuna Matata"
te atreves tú a decir
es porque ya puedes sentir
que la sacaste barata.
Que viene la alpargata
que te golpea las nalgas...
y espero que no caigas
en gritar como una loca.
Ante una cosa tan poca...
¡vengan mujeres hidalgas!

6

Que hoy la paz no la construyen
con los muros y barreras,
que no son solo quimeras,
pues la vida allí la obstruyen.
Que las cosas se destruyen
si a los pueblos los separan;
y si algunos se declaran
superiores a los otros...
Y, peor aún, si a nosotros
nos excluyen y disparan.

9

Que no hay guerra justa
ni tampoco paz armada.
¡Verdad mil veces probada,
que a alguno no le gusta!
Y el fusil que nos asusta
está aún bien cargado,
de frente y preparado
para convocar a la muerte.
¡No dejaremos a su suerte
ni futuro ni pasado!



10

Que no se tienden las manos
con los puños ya cerrados,
ni se atraen los ganados
con los gritos de tiranos.
Si quieres hacer hermanos
procede de otra forma;
haz muy tuya esta norma:
habla bajo y con pausa;
y que nunca seas causa
que impide o que deforma.

13

"A la paz no hay camino,
que el camino es la paz".
Esta no es verdad fugaz;
es, más bien, precepto fino.
Y por eso te conmino
que la hagas tú conmigo;
pues, como eres mi amigo,
tomo tu mano tendida,
para, de ella prendida,
decir: "¡La paz sea contigo!"

16

Que la paz no la consiguen
a golpes y disparos de fusil,
ni con ese odio hostil
con que a veces te persiguen.
Nunca dejes te castiguen
el rencor, odio y rabia...
ni la que viene de Arabia
ni esa que tú cultivas.
No las dejes nunca vivas,
aquí o en Escandinavia.

11

Que luchar por la justicia
es una forma de buscar paz...
¡Espero que seas capaz
de comprender esta primicia!
Y te tengo esta noticia,
que no es jeroglífico:
que aquel que es pacífico
es también justo y amoroso,
valiente, sabio, hermoso...
¡Ese es hombre magnífico!

14

Que "no hay paz sin justicia,
ni justicia sin perdón"
vi que decía en un pendón...
No veo en ello la malicia.
Yo te lo juro, Patricia,
que perdono a mi verdugo;
y que no lo despechugo
por ser acto miserable;
y hacer muy notable
que con ello no me arrugo...

17

Y, cuando la paz no sientas
al entrar en una casa;
si no sabes lo que pasa,
¡no te muevas allí a tientas!
Nadie pide que tú mientas.
Sacude solo tus zapatos
y no aceptes ya mandatos
de quien sea el anfitrión...
Sal pronto desta región:
¡está llena de insensatos!

12

Y Gandhi era valiente...
¿Su arma? La no violencia
que, más que paciencia,
es firmeza contundente.
Pues es de hombre prudente
resistir al poderoso,
y salir siempre airoso
de embates del guerrero;
y poner siempre un "pero"
al soberbio y ostentoso.

15

Que se perpetúen las paces
entre todas las naciones;
y que suenen mil canciones...
¿No seremos ya capaces?
Que seamos más audaces,
que borremos ya fronteras
y arriemos las banderas
que tanto nos separan,
que tan poco nos reparan...
¡Que nos ponen mil barreras!

18

Que la paz nace del alma...
verdad vieja, muy sabida.
Dar a todo su medida
es secreto de la calma.
Me lo dijo una palma,
inclinándose al mal viento...
Y este fue mi pensamiento:
que se puede ser flexible
y se ha de ser sensible,
si todo es movimiento...



Tradução livre das décimas apresentadas em espanhol nas páginas 238 e 239.

- 1 Que a paz é apenas um sonho, / hão de dizer, uma e outra vez,
/ aqueles outros que, talvez, / só saibam franzir o cenho. / É
questão de empenho, / disciplina... e constância, / bom humor
e tolerância. / Pois a paz ninguém nos dá, / nem dos grandes
brotará / em seus gestos de ignorância!
- 2 Não te esqueças, ó Maurício: / não se vence o mais forte /
provocando a sua morte, / mas usando o bom juízo. / Não te
lances ao precipício / que termina numa tumba; / faz da paz
uma grande rumba, / cheia de risos e alegria, / de firmeza,
verdade e persistência... / Pois, senão, tudo desmorona!
- 3 E, se "Hakuna Matata" / te atreves tu a dizer, / é porque já
podes perceber / que escapaste por muito pouco. / Lá vem a
alpargata / para bater-te nas nádegas... / e espero que não te
ponhas / a gritar como uma louca. / Por uma coisa tão pouca...
/ que venham mulheres fidalgas!
- 4 Talvez não seja uma pomba, / nem seja branca nem torcaz; /
talvez seja apenas a paz, / sem cetro nem diploma. / Proponho-te
um novo axioma: / que a paz seja um camelo / e que todos,
em seu pescoço, / nos penduremos algum dia... / E tenhamos
a ousadia / de lutar sempre por isso!
- 5 Pois uma verdadeira paz / não é aquela *Pax romana* / da qual
apenas emana / gente fraca e voraz. / Espero que sejas capaz
/ de construí-la com justiça, / verdade, perdão... e sem cobiça,
/ daquela que rompe a bolsa / e nos deixa, como um velhaco,
/ apodrecidos de avaréza.
- 6 Pois hoje a paz não se constrói / com muros e barreiras, / que
não são apenas quimeras, / pois ali a vida se destrói. / Tudo se
desfaz / quando os povos são separados; / e quando alguns
se declaram / superiores aos demais... / E, pior ainda, quando
a nós / nos excluem e disparam.
- 7 Talvez as armas nos libertem / de um jugo prolongado... / Mas,
se não houver tratado, / soem depressa os alarmes! / Pois
rancores são fantasmas / que despertam nossos medos, /
atam nossos dedos, / dilaceram as entranhas / e, como velhas
teias de aranha, / nos prendem em seus enredos.
- 8 Nem poder dos vencedores, / nem a paz dos vencidos, / nem
disputas de partidos, / nem conjuros de doutores. / A paz se
faz, senhores, / com os filhos da violência; / e com um pouco,
sim, de ciência, / de perdão e de verdade... / e com aquela
humildade / que nos ensina a prudência!
- 9 Pois não há guerra justa, / nem tampouco paz armada. /
Verdade mil vezes provada, / que a alguns não lhes agrada! / E
o fuzil que nos assusta / ainda está bem carregado, / à nossa
frente, preparado / para convocar a morte. / Não deixaremos
à própria sorte / nem o futuro nem o passado!
- 10 Pois não se estendem as mãos / com os punhos já cerrados,
/ nem se atraem os rebanhos / com os gritos dos tiranos. /
Se queres fazer irmãos, / procede de outra forma; / faz bem
tua esta norma: / fala baixo e devagar; / e nunca venhas a
causar / o que impede ou deforma.
- 11 Pois lutar pela justiça / é uma forma de buscar a paz... / Espero
que sejas capaz / de compreender esta premissa! / E trago-te
esta notícia, / que não é hieróglifo: / aquele que é pacífico / é
também justo e amoroso, / valente, sábio, generoso... / Esse
é um homem magnífico!
- 12 E Gandhi era valente... / Sua arma? A não violência, / que, mais
do que paciência, / é firmeza contundente. / Pois é próprio
do prudente / resistir ao poderoso / e sair sempre vitorioso
/ dos ataques do guerreiro; / e fazer sempre um reparo / ao
soberbo e ostentoso.
- 13 "Não há caminho para a paz, / pois a paz é o caminho." / Esta
não é verdade fugaz; / é, antes, um sábio princípio. / E por
isso te convido / a percorrê-lo comigo; / pois, como és meu
amigo, / tomo tua mão estendida, / para, a ela unido, / dizer:
"A paz esteja contigo!"
- 14 Pois "não há paz sem justiça, / nem justiça sem perdão"; / vi
escrito em um pendão... / Não vejo nisso malícia. / Eu te juro,
Patrícia, / que perdoo ao meu algoz; / e não lhe rasgo o peito,
/ por ser um ato miserável; / e deixo bem evidente / que com
isso não me acovardo...
- 15 Que se perpetue a paz / entre todas as nações; / e que soem
mil canções... / Não seremos já capazes? / Que sejamos
mais audazes, / que apaguemos as fronteiras / e baixemos
as bandeiras / que tanto nos separam, / que tão pouco nos
reparam... / e que nos impõem mil barreiras!
- 16 Pois a paz não se consegue / a golpes e tiros de fuzil, / nem
com esse ódio hostil / com que às vezes te perseguem. /
Nunca deixes que te castiguem / o rancor, o ódio e a raiva... /
nem aquela que vem da Arábia, / nem aquela que tu cultivas. /
Nunca as deixes permanecer vivas, / aqui ou na Escandinávia.
- 17 E, quando não sentires paz / ao entrares em uma casa, / se
não souberes o que se passa, / não caminha ali às cegas! /
Ninguém pede que tu mintas. / Sacode apenas os sapatos /
e não aceites mais os mandatos / de quem quer que seja o
anfitrião... / Sai depressa desta região: / está cheia de insensatos!
- 18 Pois a paz nasce da alma... / verdade antiga, bem sabida. / Dar
a cada coisa sua medida / é o segredo da calma. / Disse-me
isso uma palmeira, / curvando-se ao vento adverso... / E este
foi meu pensamento: / que se pode ser flexível / e é preciso
ser sensível, / se tudo está em movimento...



Educar para uma paz desarmada e desarmante

O **Papa Leão XIV** propõe três novas prioridades que devem pautar o rumo educacional da Igreja: o cultivo da vida interior, a humanização do mundo digital e a formação dos seres humanos para viver uma paz desarmada e desarmante.

Este livro aborda a terceira dessas prioridades, apresentando um conjunto de experiências e ferramentas que contribuem para esse propósito e que podem ser utilizadas em diversos contextos educativos: a sala de aula, os momentos de descanso, a interação em família, com amigos, nos diferentes ambientes do país em que vivemos e nas situações de contato com a natureza.



Fundação **Santillana**

ISBN 978-85-63489-65-4



9 788563 489654